

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

JULIANA APARECIDA SILVA FARIAS DIAS

**CRUZ DE DEUS, CRUZ DO POVO. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE DEVOÇÃO À
CRUZ NA “CAMINHADA SANTA CRUZ”,
NORTE DE MINAS GERAIS**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2016

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

JULIANA APARECIDA SILVA FARIAS DIAS

**CRUZ DE DEUS, CRUZ DO POVO. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE DEVOÇÃO À
CRUZ NA “CAMINHADA SANTA CRUZ”,
NORTE DE MINAS GERAIS**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. João Edênio Reis Valle.

SÃO PAULO

2016

Banca Examinadora

*Aos devotos da Santa Cruz que humildemente
construíram comigo este texto.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Edênio Valle, que tratou sempre com muita candura e delicadeza, as minhas limitações. Obrigada pelo carinho, paciência, compreensão e pelas belas aulas.

À FUNDASP e FAPEMIG que abriram as portas e oportunizaram a realização deste trabalho.

Aos nossos queridos professores do programa, em especial ao Prof. Ênio Brito, de quem estive mais próxima. Obrigada, por todos os conselhos, pela dedicação e acolhimento.

Aos devotos da “Caminhada Santa Cruz”. Pessoas maravilhosas, com quem pude contar integralmente durante a pesquisa, e por quem nutri um grande respeito e muita admiração.

À Maria de Fátima Dias; não sei como retribuir sua prontidão em me ajudar e o incentivo constante. E não teria sequer começado tudo isso sem o seu apoio.

À Viviane e Valim pela excelente companhia na estrada, nos pomares, nas trilhas pra chegar até o Jequitinhonha e refrescar em suas águas! Êta vida boa!

Ao “Seminário Maior Arquidiocesano Imaculado Coração de Maria,” na pessoa do Padre Harlley Mourão, que concedeu acesso irrestrito à biblioteca e ofereceu sua ajuda pessoal. Obrigada pela sua generosidade!

Ao Monsenhor Geraldo Tolentino pela conversas, informações prestadas, pelo material enviado e todo apoio oferecido.

Ao Prof. Marcos Esdras Leite que prontamente me atendeu e não mediu esforços ao auxiliar na localização dos municípios em estudo. Obrigada pela paciência!

À Profª Genilda e Profª Silviane Gasparino pelo carinho e atenção com que trataram as minhas dificuldades na relação com a Geografia.

Ao Edinan, pelo socorro, paciência e profissionalismo! Obrigada mais uma vez!

Washington, Claudete e toda a comunidade Boanerges. Por tantas vezes terem emprestado ombro para meu choro e lamentação, por cuidarem de minha saúde, quando nem eu mesma o fiz, pelas visitas e orações, por me ligarem num dia qualquer só pra ter notícias... tão raro hoje... São como pais para mim... Obrigada.

Léo e Adriana... anjos, amigos, pais... sem palavras... amo vocês! Obrigada.

Cleusinha. Amou-me no silêncio “para me deixar estudar”; e como filha me acolheu... Obrigada minha eterna professora...

À Mariana, que nos acolheu em seu cantinho e tornou mais leves nossos dias em São Paulo!

A Jeaneth e Renato pela generosidade, acolhimento... obrigada pelas oportunidades que me deram, pelas dicas e material disponibilizado.

Meus colegas... foi ótimo! Nanda que na sua ira característica me proporcionou muitas risadas em meio às turbulências que vivenciamos! Muito bom! Sua companhia foi tudo!

Andréia, nosso anjo da guarda! Talvez eu já tenha dito todas as palavras possíveis durante esses anos, em agradecimento! Então, obrigada!

Aos meus alunos, amigos. Aline e Halyria especialmente.

Aos queridos amigos que me enviaram textos, livros, motivação...

Rejane e Susi minhas queridas amigas, por tudo que sempre fizeram gratuitamente por mim: Muito Obrigada! Deus possa retribuir devidamente...

E não poderia deixar de lembrar, neste momento da Profª Marta Sayago. Minha querida professora. A quem devo meu ingresso na carreira acadêmica, a luta por espaço no mercado de trabalho; sempre me defendeu e amparou.

Meus filhinhos, obrigada por respeitarem meu silêncio e compreenderem minha ausência; por me ajudarem com os equipamentos tecnológicos em todas as entrevistas, registros, e em nenhum momento reclamarem; nem mesmo na estrada seca e poeirenta, no frio, no escuro... enfim, vocês só me deram alegria nessa vida, porque são maravilhosos.

Meu esposo, companheiro, pelo seu apoio incondicional a todas as minhas loucuras e nessa não foi diferente. Anjo da minha vida, mesmo com muito esforço eu nunca conseguirei retribuir todo o bem que você me faz.

Aos meus cunhados e cunhadas, pela acolhida sempre renovada nos gestos de carinho, encorajamento, pelos almoços de domingo! Que beleza! Deus retribua o dobro em bênçãos!

À minha família, de quem só recebi amor e hoje podemos testemunhar porque somos singulares neste mundo tão perverso. Meus irmãos amados! Nossa! Sou certamente a fã numero um! Agradeço sem nem saber como... Peço perdão de novo pela ausência... Mãe você é maravilhosa! Dedico tudo o que sou a você pois, foi quem me ensinou tudo e hoje somos felizes e juntos podemos dizer: Deus é fiel e nos deu a oportunidade de construir uma linda história. Amo vocês. Obrigada! Meu amado irmão, querido Prof. Ms. Olden Hugo Silva Farias! obrigada pela leitura do trabalho em meio às inúmeras tarefas que lhe são devidas! Te amo!

Às minhas tias e tios, aos meus primos queridos, pessoas amadas com quem partilhei minha vida sempre e agora as angústias e alegrias do “caminho”! Luís! Me apresentou a Adélia Prado com sua “Bagagem”! Ganhei de presente, cuja dedicatória já é poesia: “[...] porque nem toda bagagem é um peso sobre os ombros.” E essa é a nossa vida! Maravilhosa!

E no meio do caminho tortuoso, cheio de pedras e espinhos, eis que surgem duas preciosidades: Hângelo e Bento! Meus amores e delícias, alívio de minhas dores! Amo vocês! Obrigada, mamãe e papai pelo presente de ser dindinha!

À Deus, que me deu o dom da Alegria, em meio à todas as dificuldades dessa vida! A elas a minha veemente recusa.

RESUMO

Este estudo buscou verificar as concepções e práticas de devoção à cruz na “Caminhada Santa Cruz”, nas comunidades rurais de Lages, Machados e Santa Rita de Santa Cruz, situadas no norte de Minas Gerais. A caminhada caracteriza-se por elementos que remetem a uma religiosidade praticada na região das minas, nos séculos XVII/XVIII, que foi retomada pelos moradores das referidas comunidades, sem a presença de membros da hierarquia eclesiástica. Estes dados configuraram problema deste estudo à medida em que despertou o desejo de descobrir como tal prática se mantém viva, nestes tempos em que a sociedade é mais urbana do que rural; como um fenômeno religioso característico de uma religiosidade dos tempos coloniais no Brasil, se estendeu ao século XXI. Um trabalho inicial junto às comunidades trouxeram as seguintes indagações: qual é a origem da devoção à cruz na “Caminhada Santa Cruz”? Por que motivo interrompe-se a rotina para a caminhada e o quanto se faz importante para o devoto? O que a cruz significa para o devoto? Em busca de respostas, este estudo objetivou construir a história desse fenômeno religioso — sobre o qual registros escritos são quase inexistentes — para que dela pudesse extrair não somente a origem, mas as práticas e suas características, os participantes, rupturas e continuidades no seu interior; e ainda delinear a concepção da cruz que permeia a prática dos devotos. Uma primeira hipótese era a de que a concepção que os atuais participantes tem da cruz, na Caminhada Santa Cruz, está ligada à cultura do cotidiano e da tradição; outra hipótese, a de que a devoção sofreu influência das mudanças em curso no campo religioso regional. A pesquisa bibliográfica inicial norteou a observação da caminhada comunitária *in loco*: sua organização e seus rituais em três cruzeiros da região, nos anos de 2013 e 2014. Esse acompanhamento foi registrado com fotografias e em diário de campo. Questionários e entrevistas foram utilizados para, através da metodologia da História Oral, construir a história da caminhada, tomando auxílio de referências com abordagens histórica e antropológica. A conclusão é que, além de a devoção ter surgido no contexto do catolicismo popular quanto à desvinculação da hierarquia eclesiástica — tal é o modo como este foi praticado no Brasil Colônia —, a prática nasceu há um século e se mantém naquele mesmo lugar. Foi interrompida por 13 anos até ser retomada e reconfigurada conforme necessidades e objetivos devocionais daquele povo, que deixa suas atividades diárias para se dedicarem ao evento. Orações de exorcismo e uso do sinal da cruz repetidas vezes na “defesa contra o inimigo” revelaram a dimensão mística da devoção à cruz no imaginário desse grupo devoto, o que o singulariza. Eis, então, a relevância deste estudo para as Ciências da Religião: a revisitação do tema clássico e o empírico investigado.

Palavras-chave: Caminhada Santa Cruz. Catolicismo popular. Devoção. Cruz.

ABSTRACT

This study aims to evaluate the devotional rituals to the cross in Santa Cruz Walking in rural communities of Machados, Lages and Santa Rita de Santa Cruz, north of Minas Gerais. The walking is a practice whose rituals date back to the seventeenth century in the region of mines and was taken up by residents without the presence of members of the ecclesiastical hierarchy. Here's this study's problem: how such a practice is kept alive in a time when society is more urban than rural; that is to say, how a distinctive religious phenomenon of a religiosity of colonial times reaches the XXI century. Such research problem is outlined in these questions: what is the origin of devotion to the holy walking? Why devotees interrupt their routine to dedicate their time to the walking? What does the cross mean to the devotees? In search of answers, this study tries to write a history of this holy walking — written records of which are too scarce— and to outline the imaginary cross permeating the practice of devoting. An initial hypothesis is that the representation of the cross among current participants of the walking was linked to their everyday culture and tradition, and that such representation was influenced by continuous changes in regional religious field. A study on specific bibliography guided the observation of the community walking — where it takes place and so that lean more of its organization and rituals — in three cruises during 2013 and 2014. Observations were recorded with photographs and field notes. Questionnaires and interviews were used in the light oral history methodology to build the history of the holy walking with the support from historical and anthropological approaches. The conclusion is that devotion have arisen in the context of a popular Catholicism as to an untying from ecclesiastical hierarchy — such is the way it was practiced in colonial Brazil — and that the practice on that same place was born a century ago. After an interruption of nearly 13 years, the holy walking practice took place again but this time accordingly with needs and devotional goals of current practitioners, that put aside their daily activities to devote themselves to the event. Exorcism prayers and use of the sign of the cross over and over again in “defense against the enemy” revealed the mystical dimension of devotion to the cross in the imagination of this devout group, where its singularity. That said, this study's relevance to the religious studies includes revisiting a classic theme and an empirical investigation.

Keywords: Walking Santa Cruz. Popular Catholicism. Devotion. Cross

SUMÁRIO

Introdução.....	09
1 Religiosidade Popular e Devoção À Cruz. Abordagem Histórica	14
1.1 Domínio e Devoção nas terras da Vera Cruz.....	28
1.2 Vera Cruz em Minas Gerais.....	30
1.2.1 Religiosidade popular no Norte de Minas.....	34
2 Fazer o caminho, a Caminhada.....	37
2.1 A caminho do monte: Caminhada Santa Cruz – 2013.....	42
2.2 A caminho do monte: Caminhada Santa Cruz – 2014.....	56
3 A Caminhada Santa Cruz no tempo e na história.....	67
3.1 O caminho das pedras.....	70
3.2 O caminho dos devotos.....	74
3.3 A Santa Cruz no caminho do devoto.....	82
3.3.1 O mal no caminho.....	84
3.3.1.1 A seca.....	85
3.3.1.2 A doença.....	87
3.3.1.3 A estrada, as viagens.....	88
3.3.1.4 O demônio.....	88
3.4 O caminho da cruz: os cruzeiros.....	96
3.5 Nossa Senhora no caminho dos devotos.....	100
3.5.1 O “Beijo de Nossa Senhora”.....	102
4 Fim do Caminho.....	104
Considerações finais.....	119
Referências.....	122
Apêndices.....	127
Anexo	205

INTRODUÇÃO

Com oito anos de idade fui batizada no Santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Sou a primeira de três filhos e na gestação minha mãe foi atingida por fogos de artifício numa festa popular, resultando em grande risco até o fim dos nove meses.

Meus pais contaram anos depois, que diante da incerteza do meu nascimento, fizeram promessa ao Bom Jesus de me batizar no Santuário da Lapa. Trinta anos depois, lembro com clareza a subida ao cruzeiro, as orações na gruta, à visita a sala dos milagres e todos os outros costumes de romeiros.

Memórias semelhantes devem compor histórias de outros devotos do Bom Jesus, nascidos e residentes no sertão norte-mineiro, onde práticas devocionais sofreram grande influência do contato com o santuário da Lapa-BA ¹.

Este momento significativo da história da minha infância foi evocado, quando iniciei os estudos sobre a devoção a cruz no Brasil, cuja espiritualidade faz memória de Jesus Cristo

¹ SILVA, Franscino Oliveira. *Sincretismo religioso nos festejos do catolicismo norte-mineiro: uma abordagem*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 27. Natal, 2013.

cultuado em muitas representações, dentre elas o “Bom Jesus Sofredor”². O “Cristo Sofredor”, que se solidariza com o ser humano, morrendo na cruz para expiação dos pecados e sinal de vitória sobre a morte. O centro da espiritualidade da cruz é a paixão de Cristo. Com este espírito a cruz foi devotada no interior da religiosidade popular, no Brasil colonial, apresentando características que remetem a uma continuidade do catolicismo tradicional lusitano, de raiz medieval trazido para a América (portuguesa) no bojo do projeto colonizador.

O empreendimento português significava adentrar o desconhecido, e confrontá-lo. O imaginário do Novo Mundo foi povoado pelo deslumbrante e belo, mas também por perigos de toda ordem: doenças, animais ferozes, intempéries. Dessa forma, trouxeram consigo o Bom Jesus como proteção, fincando cruzes, carregando e erguendo capelas pelo caminho, transformando espaços em locais de culto, dando origem aos santuários. Seguindo este curso, a cruz se torna objeto de piedade popular na América Portuguesa.

Este estudo buscou verificar as concepções e práticas de devoção à cruz na “Caminhada Santa Cruz”, nas comunidades rurais de Lages, Machados e Santa Rita de Santa Cruz, No norte de Minas Gerais. A caminhada caracteriza-se por elementos que remetem a uma religiosidade praticada na região das minas, nos séculos XVII/XVIII, que foi retomada pelos moradores das referidas comunidades, sem a presença de membros da hierarquia eclesiástica. Estes dados configuraram o problema deste estudo, à medida que despertou o desejo de descobrir como tal prática se mantém viva, nestes tempos em que a sociedade é mais urbana do que rural; como um fenômeno religioso característico de uma religiosidade dos tempos coloniais no Brasil, se estendeu ao século XXI.

Para tanto, se fez necessário construir a história desse fenômeno religioso — sobre o qual registros escritos são quase inexistentes — para que dela pudesse extrair não somente a origem, mas as práticas e suas características, os participantes, rupturas e continuidades no seu interior; e ainda delinear a concepção da cruz que permeia a prática dos devotos.

Uma hipótese é que a representação que os atuais participantes fazem da cruz está ligada à cultura do ponto de vista do cotidiano e da tradição, e que tal representação sofre já alguma influência devida às atuais mudanças em curso no campo religioso regional, com introdução de elementos por grupos religiosos da Renovação Carismática católica e uma breve intervenção eclesiástica para oferta de uma catequese com fim sacramental. Além disso, há outras devoções como à “Mãe Rainha Três Vezes Admirável”.

² AZZI, Riolando. *Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador*. Um aspecto da Evolução da Teologia e da Espiritualidade católica no Brasil. Perspectiva Teológica. Nº 18. 1986.

A cruz chegou às terras brasileiras com os descobridores, e difundiu-se pelo território adentro, delimitando espaços (do ponto de vista político) e sacralizando-os. O processo de ocupação do Brasil fez com que se desenvolvessem diversas formas de expressão da religiosidade. Grande fluxo de pessoas tendia à região das minas enquanto o sertão era vazio, despovoado, desconhecido. A imensidão assustou, mas não intimidou os desbravadores.

Em consonância com a dinâmica colonial portuguesa o Norte de Minas teve sua formação caracterizada pelo processo de deslocamento de populações do Nordeste brasileiro, que se estabeleceram às margens do Rio São Francisco, também no processo de expansão da atividade pecuária e do bandeirantismo. A localização geográfica lhe rendeu semelhanças com o nordeste brasileiro em clima e vegetação, vindo a integrar a área de municípios sob a atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, no combate às secas. Devido a sua grande extensão esta ocupação não se deu de forma homogênea, conferindo ao Norte de Minas, formas diferenciadas de desenvolvimento, econômico e populacional.

Quanto ao aspecto religioso, o povoamento dessa região, favoreceu a escassez de sacerdotes para a demanda de fiéis, que na sua maioria, era uma população rural. Pouco se via um padre na região para proceder com os ritos católicos oficiais. Uma vez recebida a catequese, o povo pôde se valer de algumas práticas que dessem conta de suas necessidades não supridas, pela rito oficial. O fator de ausência do clero, unido à diversidade étnica, com igual conjunto de elementos culturais próprios, presentes na composição da população, deu forma a uma religiosidade sincrética, pautada nas devoções. A realidade da seca no Norte de Minas motivou uma prática caracterizada pelas procissões rumo aos cruzeiros, rezando, cantando para pedir chuvas.

Na região das minas no século XVIII, as cruzes eram fincadas nos lugares mais altos, representando a presença divina, que afugentava o mal da doença, dos conflitos nos garimpos, das desavenças familiares e dos malfeitores. Some-se a estes, o perigo dos maus espíritos e assombrações. Os cruzeiros eram compostos, além da cruz, pelos instrumentos do martírio de Cristo. Como objeto de piedade a cruz era festejada no dia 03 de Maio, e de acordo com os costumes eram expostas nas portas das casas, cruzes enfeitadas, para receber o “Beijo da Virgem” que passaria para abençoá-las.³

³ CARVALHO, Meynardo Rocha de. *O culto à Santa Cruz em Minas do Ouro: religiosidade popular no Bispado de Mariana – 1745/1830*. Disponível: <http://www.descubraminas.com.br/upload/biblioteca/0000114.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2015.

Na Caminhada Santa Cruz estes aspectos podem ser percebidos muito fortemente, tanto nos gestos como nas orações, existe uma aproximação evidente. Destes pressupostos partem o problema gerador deste estudo, cuja construção está posta nos capítulos deste texto.

No primeiro capítulo, apresento uma breve abordagem histórica da devoção à cruz, retomando os seus primórdios no século IV e o surgimento dos atos de piedade; a uma breve incursão no universo da religiosidade popular em Portugal, segue uma leitura do percurso de introdução da cruz como objeto de devoção Brasil, e como se expandiu, especialmente no interior de Minas Gerais.

O segundo capítulo apresenta a etnografia da “Caminhada Santa Cruz”. É o resultado da observação *in loco* da Caminhada sua organização e seus rituais em três cruzeiros da região, nos anos de 2013 e 2014. Esse acompanhamento foi registrado com fotografias e em diário de campo. Orações de exorcismo e uso do sinal da cruz repetidas vezes na “defesa contra o inimigo” revelaram a dimensão mística da devoção à cruz no imaginário desse grupo devoto, o que o singulariza.

O capítulo seguinte traz a descrição dos procedimentos metodológicos para o estudo realizado, impulsionada pela busca de respostas para o problema de pesquisa: a manutenção de uma prática religiosa em comunidades rurais, do Norte de Minas, que preserva características de uma religiosidade praticada no Brasil colonial; como ainda pode estar presente no século XXI, em que a população vive mais na cidade do que no campo. As vozes dos sujeitos deram vida ao trabalho, uma vez que são a única fonte sobre a história da festa; vão aparecer em todo o texto. Contribuem ainda na elucidação das questões de pesquisa: Qual a origem da devoção a cruz na “Caminhada Santa Cruz”? Por que motivo interrompem a rotina para a “Caminhada”? O que a cruz significa para o devoto?

No quarto capítulo pretendi realizar a análise das informações coletadas através das vozes dos sujeitos, das observações realizadas e sob um viés antropológico, construir uma leitura da Caminhada, sempre com o foco no objeto da pesquisa: concepções e práticas de devoção à cruz. Quanto às hipóteses, neste capítulo tomei de empréstimo o conceito de tradição proposto por Raymond Williams. Roger Chartier contribui na compreensão do campo das representações. Outras referências tiveram grande importância para esclarecer as origens das práticas devocionais presentes no evento, uma vez que retratam a religiosidade portuguesa, da qual herdamos os traços.

A conclusão é que, além de a devoção ter surgido no contexto do catolicismo popular quanto à desvinculação da hierarquia eclesiástica foi interrompida, porém retomada e

reconfigurada conforme necessidades e objetivos devocionais daquela gente Eis, então, a relevância deste estudo para as Ciências da Religião: a revisitação do tema clássico e o empírico investigado.

Embora seja evidente que a devoção à cruz aconteceu em todo o território brasileiro, este estudo limita-se ao norte do estado de Minas, especificamente a uma manifestação de devoção a cruz, no contexto do catolicismo popular.

I

RELIGIOSIDADE POPULAR E DEVOÇÃO À CRUZ: ABORDAGEM HISTÓRICA

Neste capítulo, apresento uma breve abordagem histórica da devoção à cruz, retomando os seus primórdios no século IV e o surgimento dos atos de piedade; a uma breve incursão no universo da religiosidade popular em Portugal, segue uma leitura do percurso de introdução da cruz como objeto de devoção no Brasil - porque depositário da cultura religiosa portuguesa - e como se expandiu, especialmente no interior de Minas Gerais. Embora seja evidente que a devoção à cruz aconteceu em todo o território brasileiro, este estudo limita-se ao norte do estado de Minas, especificamente a uma manifestação de devoção a cruz, no contexto do catolicismo popular.

Uma espiritualidade da cruz, cujo significado baseia-se na Paixão de Cristo e na identificação com ele, se desenvolve a partir do século IV da era Cristã, atribuída a conversão do Imperador Constantino⁴. Ao se preparar para a Batalha da Ponte Mílvia, em 312 d.C sobre Maxêncio, Constantino teria indagado a quais deuses suplicaria proteção, quando teve uma visão da cruz acompanhada da inscrição: “Com este sinal

⁴ BROVETTO, Constante et al. *A Cruz: teologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1983. A conversão do Imperador Constantino foi contestada. “Foi genuíno o triunfo constantiniano da Cruz? (p. 31). O texto aponta para uma versão paradoxal sobre o Triunfo da Cruz por meio do Imperador; embora tenha contribuído para a expansão do cristianismo e de um culto à cruz, não abriu mão dos seus “comportamento e mentalidade pagãos”. “Iria sua fé no Deus Cristão além de uma crença oportunista de que havia aqui uma fonte de poder militar, político e metafísico?” HILL, Jonathan. *História do Cristianismo*. São Paulo: Rosari, 2008; VAN DER POEL, Francisco. *Dicionário da Religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa cultura, 2013.

vencerás!” Depois de vencer, tendo lutado sob o “Monograma de Cristo”⁵ em seus estandartes, interpretou sua vitória como uma intervenção divina e desde então o Império tornara-se cristão.⁶ Anos mais tarde, (326 d.C) sua mãe, Helena, encontra peças de madeira que seriam da cruz de Jesus Cristo, portanto uma relíquia⁷ do “Santo Lenho”. Proclamada Santa pela Igreja Católica, ela teria peregrinado a Jerusalém à procura do lugar da “Paixão do Senhor”. Gaetano Passarelli⁸ ilustra com as palavras de Santo Ambrósio:

Helena dirigiu-se para Jerusalém e com toda a diligência procurou encontrar ali o lugar da Paixão do Senhor [...] chega ao Gólgota [...] cava e remove a terra. E Encontra três patíbulo, colocados de forma desordenada, que os escombros haviam coberto e que o diabo havia escondido [...].

Simultaneamente foram achados Instrumentos da Paixão⁹, que junto com a cruz foram devotados. “Encontrou também a inscrição. Adora o Rei: não adora, é claro, materialmente o madeiro [...] mas aquele que fora suspenso nele, como a inscrição indicava claramente”.¹⁰ Estes eventos incentivaram e contribuíram para o aumento das peregrinações aos lugares santos da Palestina, como o Calvário e o Santo Sepulcro, e deram impulso ao surgimento de uma piedade popular à Santa Cruz que se desenvolve na Idade Média.

⁵ Abreviatura do nome Cristo com a junção das letras gregas *chi* e *rho*: *Χρῑστός*.

⁶ HILL, 2008; VAN DER POEL, 2013; BROVETTO, 1983.

⁷ “Objeto considerado sagrado. Normalmente, as relíquias constituem-se de partes dos corpos dos santos, mas podem ser também outros materiais, tais como o pedaço da “cruz de Cristo” encontrado por Helena mãe do Imperador Constantino no século IV. Na Antiguidade e na Idade Média, os cristãos acreditavam que estes objetos podiam canalizar o poder de Deus.” HILL, 2008, p. 28.

⁸ PASSARELLI, Gaetano. *O ícone da Crucificação*. São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 7.

⁹ São Instrumentos da Paixão, os objetos da Flagelação e da Crucificação de Jesus: os cravos da cruz, a inscrição da cruz, coroa de espinhos, a esponja com vinagre, a lança, o galo da negação, o lenço de Verônica, o martelo que pregou os cravos, as escadas e os panos para receber o corpo na descida da cruz, a bacia para a ablução de Pilatos, a túnica de Jesus, uma cabeça cuspidor, a lanterna de Malco, as trinta moedas de prata de Judas, a coluna da flagelação, a cana com que os soldados golpearam Jesus. HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário de símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 184 (Tradução João Rezende Costa)

¹⁰ PASSARELLI, 1996, p. 7.



FIGURA 1. Monograma de Cristo
Fonte: www.diretóriodearte.com

Na Antiguidade, a Cruz era instrumento de morte usada para penalizar malfeitores, determinando uma morte lenta e cruel; o objetivo era expor os criminosos e sobretudo traidores, aos outros de ambições semelhantes.

Gerd Heinz-Mohr diz que a cruz, antes mesmo de seu uso na linguagem simbólica cristã¹¹, era símbolo universal da mediação e do mediador. Antes da morte e ressurreição de Cristo, era elemento de várias culturas assumindo inúmeras interpretações:

6. (v. p. 127) cruz em forquilha, cruz dos ladrões, em muitas representações da crucificação usa-se somente para os ladroes, em outras (cruz em haste) também para Cristo, mas é de significado simbólico muito antigo: alude à árvore da vida (→árvore). Nesse sentido, foi a forma original do sopro da bênção da água do batismo, que foi entendida mais tarde como o psi (Ψ) grego. - 7. (v. p.127) cruz de asa (*crux ansata*), originalmente o hieróglifo egípcio *ankh*, vida; alusão à vivificação e fertilização da terra pelo disco do sol que se levanta. Pode-se encontrar com frequência em representações egípcias como sinal da água da vida; foi retomada pelos cristãos egípcios (coptas) como sinal da força dispensadora de vida da cruz de Cristo. - 8. (v. p. 127) cruz em ganchos, suástica (*crux gammata*, porque constituída de dois sinais alfabéticos gregos, *gamma*), sinal muito antigo do fogo e do sol, inicialmente na Ásia, e depois também entre os germanos (na Escandinávia = martelo de Thor)¹².

¹¹ HEINZ-MOHR, 1994, p. 123.

¹² HEINZ-MOHR, 1994, p. 125.

A “cruz de Cristo” é a Cruz Latina. Sua forma em haste vertical cortada por outra, perpendicular, sendo a primeira maior, possibilitou que, acima da sua cabeça de Jesus Cristo crucificado, fosse registrada a inscrição “INRI” - *Iesus Nazarenius Rex Iudeorum* - sob a ordem de Pilatos. Essa foi a forma definitivamente apropriada e difundida pelo cristianismo. Johannes Bauer diz que sua origem pode estar na letra hebraica **Tau**, “com a qual os membros da comunidade escatológica segundo Ez 9,4 serão assinalados na testa”.¹³ Dito de outra forma, Stefano Fiores e Tullo Goffi referem-se ao sinal da cruz, e dizem que o gesto origina-se da

[...] prática hebraica de assinalar uma pessoa ou de ungí-la com uma cruz “+” ou “x”, (a forma antiga da letra hebraica *Tau*) como sinal de arrependimento e distintivo espiritual que consagra o homem a Deus [...] “todo aquele que não é assinalado com esta + [...] não pode ser meu discípulo”.¹⁴

A Bíblia Sagrada, versão traduzida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, no livro de Ezequiel 9, 4, faz uso da palavra tau: “[...] o Senhor lhe disse: “Passa no meio da cidade, no meio de Jerusalém e marca com um tau na testa os homens que gemem e suspiram por tantas abominações que nela se pratica”¹⁵.” Outra tradução da Editora Ave-Maria o versículo foi escrito utilizando o termo cruz: “[...] e lhe disse: “Percorre a cidade, o centro de Jerusalém, e marca com uma cruz na fronte os que gemem e suspiram devido a tantas abominações que na cidade se cometem”.¹⁶ Ambos os textos trazem notas explicativas sobre o significado da marca, descrito na primeira da seguinte forma: “tau: letra final (t) do alfabeto páleo hebraico, em forma de cruz; sinal de preservação para o fim. No cristianismo tornar-se-á símbolo da cruz salvadora”. Na segunda: “Uma cruz: lit.: com um Tau, palavra que significa marca, sinal. A letra hebraica que traz esse nome tinha antigamente, a forma de uma cruz. Os inocentes, marcados com uma cruz, seriam pois poupados”.

¹³ BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1984, p. 240.

¹⁴ FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Org.). *Dicionário da Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 252.

¹⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. 12ª reedição. Edições CNBB.

¹⁶ EDITORA AVE MARIA. *Bíblia Sagrada*. Edição Claretiana. 176ª ed. São Paulo: 2007. p.1134.

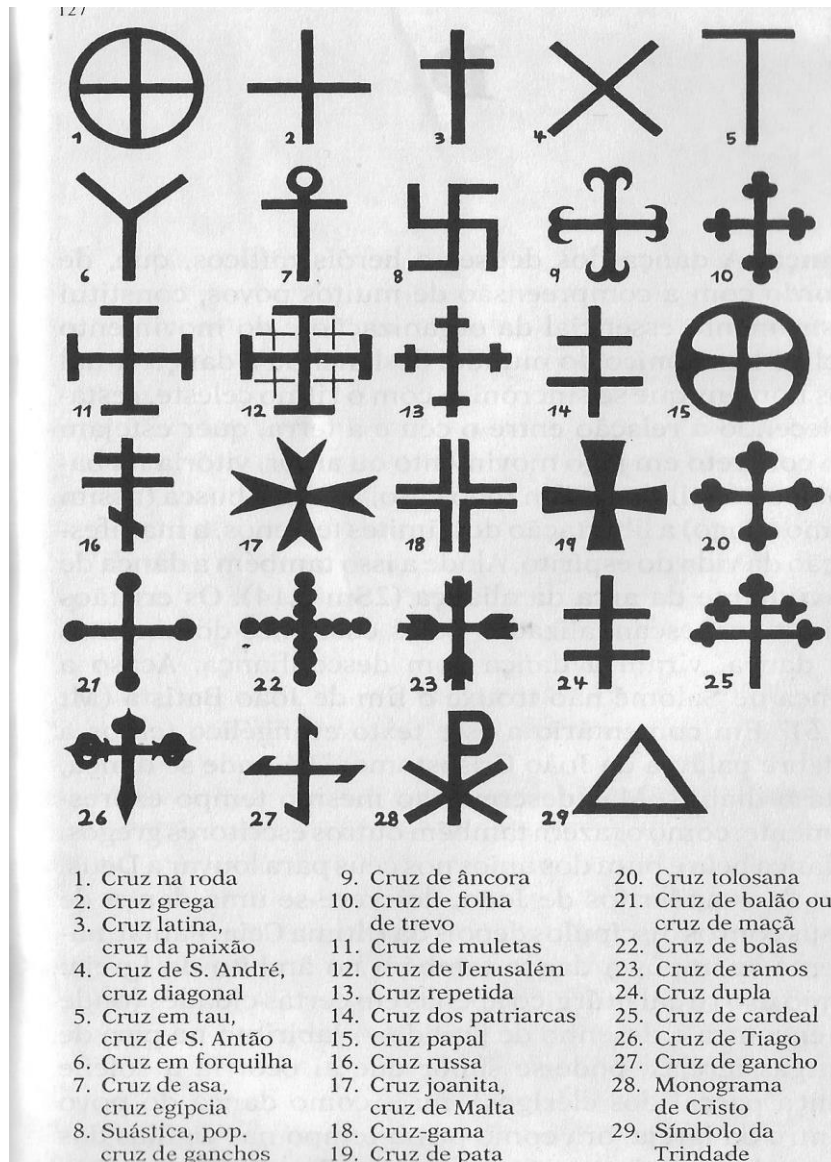


FIGURA 2. A cruz em variadas formas, foi utilizada em várias culturas.
Fonte: HEINZ-MOHR, 1994, p. 38.

Imagens com Cristo crucificado foram produzidas a partir do século V; Jesus crucificado não foi representado, anteriormente, com certo realismo, sendo substituído por outras figuras como o “Cordeiro”; não eram encontradas nas igrejas primitivas até o início do século VII, até que foi lentamente superada a mensagem paradoxal que a morte cruel de “Deus”, provocou; “[...] total escândalo e ignominia para o pensamento antigo”¹⁷.

Seria a redenção obtida para os judeus por um cadáver, essa impureza de que era preciso desfazer-se o quanto antes (Js 10,26 s; 2Sm 21,9ss; Jo 19,31) por um condenado suspenso ao patíbulo e que trazia sobre si a marca da maldição divina? (Dt. 21,22 s; Gl 3,13)¹⁸

¹⁷ HEINZ-MOHR, 1994, p. 123.

¹⁸ LÉON-DUFOUR, Xavier. (et al) *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013 (Tradução de Frei Simão Voigt).

Morte vergonhosa para seus seguidores e decepção para os que o esperavam. Não pudera salvar a si, depois de muito caminhar dizendo ser Deus, pregar o bem, a justiça e fazer milagres. Só seria compreendida num contexto transcendente, pois ultrapassa a ciência humana e a “crueldade” de todos os martírios que o precederam. “Su crucifixión supera todas las muertes mitológicas y todas las escenas de los héroes vencidos por su propio idealismo”.¹⁹ Morto o herói seus discípulos ficaram escondidos; os perseverantes reuniam-se secretamente. Não deixou um legado, de honras e glórias, atributos dos legados heróicos.

A Paixão de Cristo e uma Liturgia em sua honra já fazia parte dos ritos, carregadas de um teor dramático, que foram narradas no diário da peregrina Egéria, no século IV. Abaixo um trecho do texto encontrado no “*Peregrinação a Terra Santa*”; apresenta o rito da Sexta-feira Santa em Jerusalém, cujo centro era a veneração da relíquia da cruz:²⁰

Coloca-se sobre a mesa, o santo madeiro, com sua respectiva inscrição. Após tê-lo colocado sobre a mesa, o Bispo, que continua sentado, apóia as mãos nas extremidades do madeiro sagrado; e os diáconos que continuam de pé ao seu redor estão vigilantes. O motivo desta vigilância deve-se ao seguinte: é costume que, um a um, todos os que se aproximam, sejam fiéis ou catecúmenos, ao fazer uma reverência ao madeiro sagrado, o beijem e sigam adiante.

Nos túmulos dos mártires, podiam ser vistas representações como a entrada de Jesus em Jerusalém, o Beijo de Judas, A prisão de Jesus, A sentença de Pilatos, a Coroação de Espinhos e Jesus Carregando a cruz. A arte também foi lenta e cuidadosa no trato com as cenas da crucificação. Nas palavras de Carmem Gomez Garcia:

Jesucristo muere sin estética humana, aparentemente como una vulgar víctima de um error judicial. Muere sin el consuelo del heroísmo, en un deshonoroso lugar destinado a comunes maleantes. Muere clavado en la cruz, tal y como había previsto el profeta Isaías: como un gusano, pisoteado bajo las extremidades más innobles del hombre, bajo los hediondos pies de la calumnia, del soborno, de la verosímil acusación, de la piedad falsamente escandalizada.

Em seu texto afirma que a reprodução tardia do Cristo crucificado, tem como pano de fundo ocultar humilhação que tal fato causou. A memória da Paixão de Cristo evocada pela imagem do crucificado, se difunde a partir do século IX. As representações em forma poética eram presentes desde o século IV e perduraram até o século XIX. Os poemas visuais da literatura latina, denominados “*Carmina Figurata*” tinham uma função de comunicação e marcaram a transição de um “mundo pagão” para um “mundo cristão”. Inicialmente mesclavam elementos da cultura pagã vindo a ser posteriormente veículo apenas dos valores

¹⁹ GARCIA, Carmem Gomez. *Disposición del Páño de pureza em la escultura del Cristo Crucificado entre los siglos XII y XVII*. 2007. Tese de doutorado — Universidad Complutense de Madrid.

²⁰ BROVETTO, 1983; PASSARELLI, 1996, p. 08.

cristãos, uma vez que o cristianismo nascente se valera de simbologias para transmissão das suas idéias. Os *Carmina figurata* foram utilizados pela Dinastia Merovíngia (séc. VI e VII) com o objetivo de atrair e manter a devoção popular, por meio de uma literatura que exaltasse a vida dos Santos e eventos bíblicos.²¹ Se destacam nesse período as obras de Venâncio Fortunato (530-600) Bispo de Poitiers, na Abadia da Santa Cruz onde permaneceu até sua morte, sendo depois proclamado santo. Fortunato escreveu pelo menos seis poemas à Santa Cruz, desde a aquisição das relíquias da cruz para a Abadia de Poitiers.

Juliana Di Fiori observa entretanto, que mesmo se estabelecendo como religião oficial e combatendo o paganismo, alguns elementos foram aproveitados pelo cristianismo para composição de um imaginário cristão, como elementos da cultura grega. Não afirma que os poemas de Fortunato tivessem fim pedagógico/doutrinário, mas avança nos estudos identificando posteriormente esse sentido na obra de Rábano Mauro (780-856), na dinastia Carolíngia; teólogo, foi abade em Tours e arcebispo em Mainz, em 847. O imperador Carlos Magno realizou uma grande reforma educacional fazendo um retorno a Antiguidade Clássica na proposta de renovação da cultura e das artes (Renascimento Carolíngio). Identifica-se a utilização da arte, cujas obras têm fim religioso/doutrinário. Abaixo um poema de Rabano, *Liber de Laudibus Sanctae Crucis* que Juliana Di Fiori pontuou em seus estudos, é a obra que fidelizou a simbologia da cruz, em que “[...]condensa a história da Redenção de Cristo como salvador da humanidade, reunindo a imagem da Cruz e a de Jesus Cristo a ponto de não se poder distinguir mais uma da outra”²². Em seguida uma obra de Venâncio Fortunato, “*De Signaculo Sanctae Crucis*”.

²¹ PONDIAN, Juliana Di Fiori. *A forma da palavra: poesia visual sânscrita, grega e latina*. 2011. Dissertação (mestrado em Letras Clássicas) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

²² PONDIAN, 2011, p. 192.

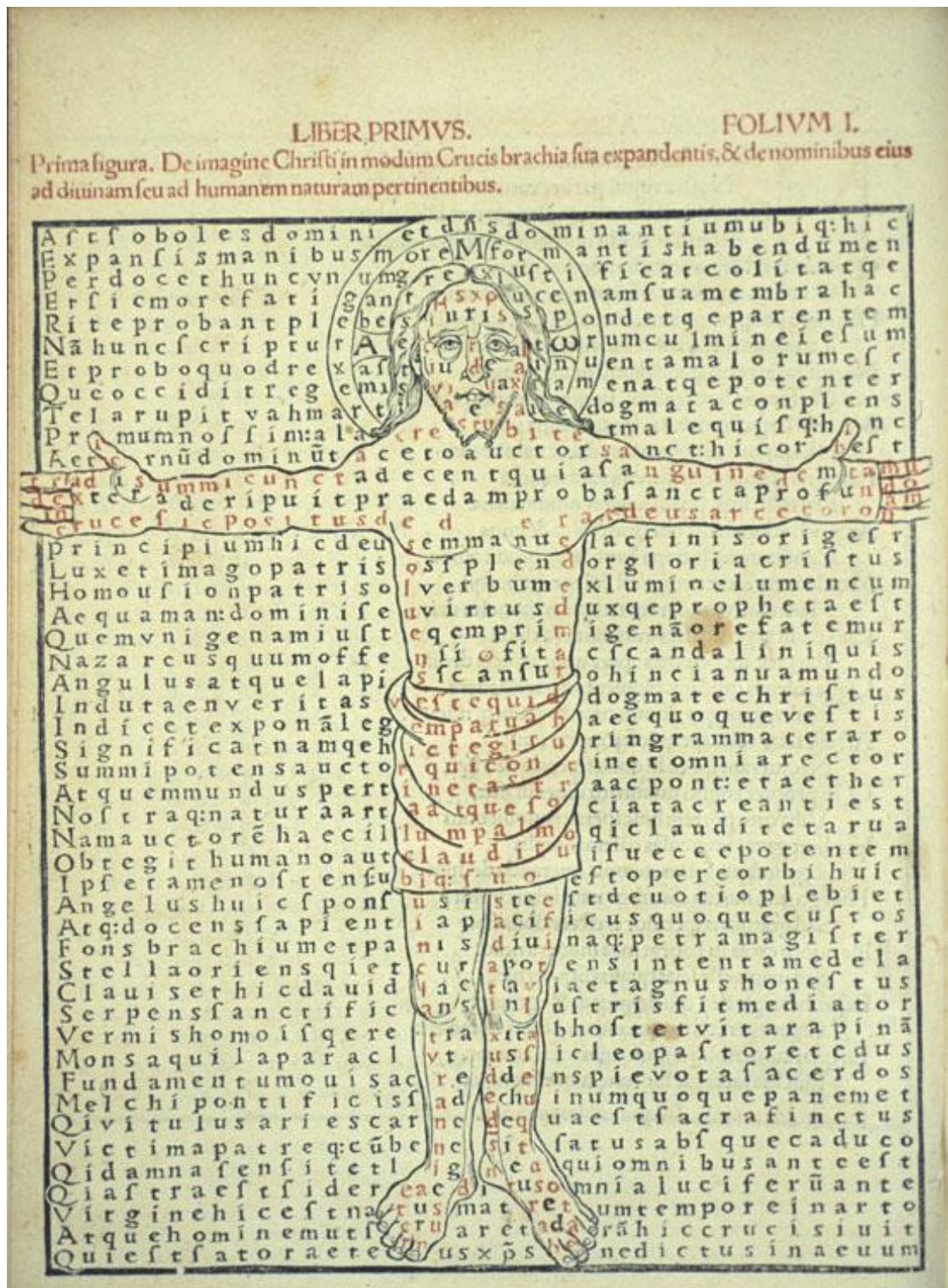


FIGURA 2 – “Liber de Laudibus Sanctae Crucis” – Rábano Mauro – Séc. “Este é poema de abertura de Rábano Mauro e a sua forma salta aos olhos sem impor nenhuma dúvida ao leitor. Vemos Cristo de braços abertos formando uma imagem de dupla função: de um lado representa o próprio Cristo, e de outro, o símbolo máximo do Cristianismo: a Cruz. A superposição acontece também no conteúdo do poema, de modo que não há distinção entre o elogio da Cruz e da figura de Jesus Cristo, os motes do texto”²³.

Fonte: ANSHELM, 2016, on-line.

²³ PONDIAN, 2011, p. 192



FIGURA 3. “De Signaculo Sanctae Crucis” Venance Fortunat. “A cruz que motiva a forma do poema, aparece no texto também em algumas metáforas. No verso 16, Cristo é *agnus* (o cordeiro) e a Cruz, o *lignus* (a madeira), ambas associações recorrentes na tradição cristã.”²⁴

Fonte: ANSHELM, 2016, *on-line*.

²⁴ PONDIAN, 2011, p. 170.

A iconografia tem importante papel no cristianismo e como fonte para historiadores se torna grande reveladora das mentalidades, grande fonte para a compreensão da experiência do sagrado vivenciado. Na tradição cristã, a produção de imagens com função doutrinária, originou um grande acervo, cabendo análise temática de várias séries de temas únicos, constituindo material para os estudos no âmbito da História Cultural, por exemplo.

Peter Burke enfatiza a preocupação com a “dor” na Idade Média, expressa por meio das imagens carregadas de conteúdo que desperta emoções. Momento em que os instrumentos da paixão foram cultuados. O Cristo sofredor estava em evidência, “atormentado e patético”.²⁵ Uma imagem do cristo com semblante piedoso, calmo e nas palavras do autor “digna de Cristo Rei nos crucifixos”, fora substituída.

Dessa forma expõe o modo como as imagens influenciavam o culto e fomentavam práticas tanto da Igreja como do povo. Burke demonstra como foram utilizadas para remissão dos pecados através da concessão de indulgências para aqueles que cultuavam determinadas imagens, no período da Alta Idade Média. Estava instituído o culto das imagens. A partir deste ato, segundo ele, longas peregrinações foram acontecendo, em direção às imagens e seus favores. Dentre elas, a imagem de Santa Maria dell’Impruneta, para quem devotos florentinos pediam proteção e carregava-a em procissão para pedir chuva.²⁶

De fato, os lugares sagrados adquiram caráter de Triunfo, com o Imperador Constantino e com a “Invenção da Santa Cruz” por Helena, sua mãe. Uma piedade popular se intensificou com a inserção de ritos específicos no cotidiano. Em Roma na Basílica da Santa Cruz uma relíquia (da cruz) doada por Helena era venerada como já acontecia em Jerusalém. Os instrumentos da paixão foram igualmente expostos. No século VIII, o Papa Sérgio I instituiu a festa da Exaltação da Cruz; também propaga-se a difusão de relíquias e a devoção nos santuários por meio de práticas de sacrifício e auto flagelação; a vivência de uma “espiritualidade da cruz” levou piedosos a erguer cruzes com objetivo de “atrair bênçãos e afastar malefícios”. Com características de superstição, estes atos contrastavam com uma vida monástica.

A paixão de Jesus era o centro da vida dos monges. Mas teria sido instituída a partir de uma “memória da paixão” associada ao martírio no século X com Inácio de Antioquia. Teria expressado o pensamento de que “[...] não havia modo mais sublime para fazer existencialmente memória da Paixão de Jesus do que ser associado à mesma pelo martírio”. Ainda que tenham os monges vivenciado a experiência da Paixão, sofreram críticas pelo

²⁵ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

²⁶ Peter Burke refere-se à TREXLER, Richard. *Forentine Religious Experience: The Sacred Image*. Studies in the Renaissance XIX, p. 7-41, 1972 como fonte da informação.

modo de vida isolado - que pouco representava uma vivência do evangelho e Imitação de Cristo - numa forma de vida ascética, com a qual pretendiam vencer o demônio e alcançar a perfeição.²⁷ As ordens mendicantes, Dominicanos e Franciscanos teriam se aproximado de fato das necessidades do povo. O Dominicano Jacopo, de Varazze, escreveu no século XIII a “*Legenda Áurea*”, que foi um importante mecanismo de ação em meio ao povo, com a divulgação da vida dos santos. A narrativa utilizada chamou-se “*exemplum*” modo pelo qual os ouvintes especialmente nos sermões fossem levados a “crer” e “se portar” tal como os personagens tendo garantia de também se santificarem. Serviria em primeiro lugar para os seus irmãos da ordem como formação de pregadores.

Nesta obra observa-se uma narrativa que retrata Jesus homem, vivendo o sofrimento do caminho para a morte desde os insultos em sua vida pública até a morte na cruz. No item “*A Paixão do Senhor*”, o autor destaca com detalhe, cada momento de escárnio e os sentimentos que tomaram o Jesus homem. Um traço marcante no texto: a perspectiva da Ressurreição, da esperança que emana da Cruz, da Paixão como fonte de bênção²⁸:

Nela encontramos a remissão dos pecados, a concessão da graça e a exibição da glória, todas as três indicadas no título colocado acima da cruz: “Jesus” referente à primeira, “nazareno” a segunda e “rei dos judeus” à terceira, porque através dela todos seremos reis.

Jacopo escreveu também sobre a “A descoberta da Santa Cruz”. Segundo ele a cruz fora achada por Helena, mãe de Constantino no dia 03 de Maio. Por isso a cruz é venerada neste dia: Festa da Santa Cruz. Narrou pelo menos três versões para a vitória do Imperador sob o signo da cruz e a descoberta da Cruz, com pausas para exemplos e ilustrações, de modo a não restar dúvidas ao leitor. Os milagres que diferiam a cruz verdadeira de outras, os diálogo de/com Satanás e suas facetas entre os homens, são um exemplo. Destaco a recomendação implícita do gesto de persignar-se sempre em frente ao perigo.

Sobre a Festa da Exaltação da Santa Cruz, ele escreve:

A exaltação da Santa Cruz é assim chamada porque neste dia a fé e a Santa Cruz foram especialmente exaltadas. Note-se que antes da paixão de Cristo a cruz era vulgar, por ser feita de madeira comum, infrutífera, plantada no monte Calvário onde nada frutificava: era ignóbil, por ser destinada ao suplício de ladrões; era tenebrosa, por ser feia e sem qualquer ornato; era mortífera, pois os homens eram colocados nela para morrer; era fétida, por ser plantada no meio de cadáveres. Depois da Paixão foi exaltada de diversas formas, passando de vulgar a preciosa, como diz André: “Salve Cruz preciosa”.

²⁷ BROVETTO, 1983.

²⁸ VARAZZE, 2003.

A *Legenda Áurea* sustentou o discurso que dava aos santos caráter de intercessores. Entre o homem e Deus, estavam os santos que foram então venerados neste período em dias oficialmente determinados para sua honra; foram intensificadas as peregrinações, a procura de relíquias dos santos por parte do povo, em busca de milagres de intercessão. Um culto à santidade estava instaurado; um culto dos santos como medida de orientação da fé, sobretudo nos espaços urbanos.

No século XV estas expressões eram muito vivas. As transformações que dariam corpo a Era Moderna²⁹ despontavam como um turbilhão no ocidente: o dismantelamento gradual do sistema de produção feudal abre espaço ao desenvolvimento do modo capitalista, o nascimento dos Estados Nacionais, o movimento Renascentista, a Reforma e Contra-Reforma, resultantes de conflitos e crises agravadas especialmente no contexto do Feudalismo no século XII. Nesse contexto, a Igreja Católica sofria os duros golpes da Reforma Protestante e suas ações se concentraram numa revisão da doutrina e da moral católica, que foram o mote para contestação. Contudo, com a imprensa já ativa, expande-se cada vez mais uma literatura *passiológica*, que evoca temas voltados para a Santa Cruz, o Sangue de Cristo, as Chagas de Cristo e os Instrumentos da Paixão como a Coroa de Espinhos, presente na espiritualidade da cruz no medievo.

O Concílio de Trento mudaria o cenário ao elaborar determinações no âmbito da doutrina da Igreja Católica como reação a Reforma Protestante, apesar de responder exatamente às mesmas questões levantadas tanto por um, quanto para outro grupo: católicos e protestantes reclamaram as mesmas controvérsias no interior da Igreja. Os resultados do Concílio estão num corpo doutrinário abrangente reafirmando pontos já existentes e criando outros, mas objetivando amplamente uma readequação de postura.

Não tenciono contar a história do Cristianismo nem entrar nos debates quanto as suas controvérsias, mas a tentativa de situar a origem de uma espiritualidade da cruz, a devoção popular sua estruturação e manifestação, a fim estabelecer um laço com as expressões que se desenvolveram no ocidente católico e se espalharam, no contexto das conquistas territoriais da Europa no mundo, de modo específico em terras brasileiras. A partir desse ponto, abordo como em Portugal as devoções populares aconteciam, suas formas e representações para identificar os elementos que herdamos da religiosidade lusitana.

²⁹ As expressões “*Antiguidade*”, “*Idade Média*”, “*Idade Moderna*” ou “*Era Moderna*” podem ser encontradas ao longo do texto, porém aludem a uma divisão periódica da História para fins didáticos e não correspondem a uma visão linear, positivista da História e Historiografia.

Portugal vivenciou uma religiosidade de devoções, manifesta em novenas, procissões, romarias, as santas missões, os círios. Tem raízes tanto na Antiguidade Clássica como nos inícios do cristianismo, mesmo nos projetos de expansão como as Cruzadas. Retomando a Antiguidade, identificamos o deslocamento dos fiéis para o culto das divindades em locais sagrados, onde acreditavam que as forças da natureza exerciam poderes sobrenaturais miraculosos. Zeus foi cultuado sob essa representação. O cristianismo transferiu, posteriormente, o foco para as relíquias que pode ser exemplificado pelas peregrinações aos lugares santos em busca de objetos sagrados, sobretudo depois da relíquia da Santa Cruz, e mais tarde para a vida dos santos. As divindades seriam “substituídas” por figuras humanas que viveram santamente cujos exemplos deveriam ser imitados.

Atribui-se a uma herança das Cruzadas as procissões, círios e romarias de Portugal. Das cruzadas, como entendido por José Ramos Tinhorão, herdara a disposição de acorrer em grupo aos locais de culto ou oráculo, e dos gregos o envio de embaixadas sagradas aos jogos de Olímpia, Delfos ou Delos. Daí a estrutura das procissões, círios e romarias assim denominados e devidamente “regulamentados”, pela Igreja³⁰.

Contudo, coexistiam entre as massas rurais especialmente, práticas que pendulavam entre o religioso e o supersticioso, como interpretado por Pierre Sanchis, sobre as romarias portuguesas; demonstrou com seus estudos, uma arena de conflito entre a Igreja e o cristianismo doutrinário com o povo em suas manifestações sincréticas, por meio da prática de promessas, por exemplo, tendo seus “excessos” posteriormente combatidos. A existência de um conflito entre a Igreja com desejo de se afirmar hegemônica e as formas populares “[...] portadoras de um dinamismo religioso que se apóia no passado para melhor alcançar autonomia”³¹. Este constitui-se num terreno fértil para uma ressignificação proposta pela Igreja Católica, a partir da concepção da “magia diabólica” presente nos cultos.

Seguiu-se então à institucionalização das romarias como manifestações populares oficiais, que precedem a um “abandono” gradativo das práticas anteriores. Claro, utilizo com cautela estes termos, porque a conclusão de Sanchis quanto aos conflitos entre povo e Igreja, dão vitória à manutenção “de um só credo”, cristão católico, mas não por isso, harmônicas, vivendo uma realidade conflituosa porém minimizada pela própria estrutura da *romaria* que permita a ocultação de uma reinterpretação programada. Nas palavras dele, concessão estratégica, negociação e surda rivalidade; marginalização religiosa, violência simbólica,

³⁰ TINHORÃO, José Ramos. *Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão ao teatro no círio*. São Paulo: ed. UNESP, 2012.

³¹ SANCHIS, Pierre. *Arraial festa de um povo: As romarias portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. (Tradução de Madalena Mendes de Matos), p. 64.

receptáculo obrigatório mas não totalmente passivo. Não deixaram de existir; tomaram outro corpo.

Detenho-me nas *romarias* como amostra do contexto de desenvolvimento da religiosidade popular em Portugal e das representações que permeiam as práticas. Em minhas leituras, verifiquei uma semelhança estrutural e de concepções nos eventos descritos por Pierre Sanchis com aquele que procuro através desta pesquisa; lancei mão de sua obra como auxílio em minhas análises. Mas, as semelhanças encontradas não são determinadas historicamente? Uma vez que a formação da sociedade brasileira traz na essência os elementos desta cultura religiosa portuguesa, é clara e se justifica a presença dos mesmos nas raízes da religiosidade no Brasil. O problema é a manutenção destas práticas por um período tão longo nas comunidades que sob a forma da “Caminhada Santa Cruz”, preservaram no sertão mineiro, rural, características do período colonial, herança do contexto cultural-religioso popular de Portugal a partir do século VI, VII. Compreendido até aqui, como se deram os primeiros entraves entre a Igreja normatizadora e a autonomia da religiosidade popular portuguesas, posso entender os mesmos embates no Brasil.

Portugal não ficou imune aos acontecimentos que abalaram a Europa no âmbito religioso, mas não vivera de forma significativa os efeitos da Reforma Protestante. Impulsionado pelos ideais mercantilistas e sob a bandeira católica, no século XV vai à conquista territórios. O caráter da religiosidade nas regiões de presença lusitana, era de um catolicismo popular com resquícios de práticas medievais que Portugal dos séculos XV e XVI conservava. Por essa razão a Contra-Reforma em Portugal não se concentrou no combate às novas religiões, mas na reformulação das práticas católicas impregnadas de costumes populares.

Contrariando as decisões tridentinas no interior da Igreja, no Brasil desenvolveu uma religiosidade sincrética, retrato da constituição da sociedade brasileira, que definira seu perfil religioso com elementos de três raízes religiosas distintas. Contudo, sigamos na leitura da instauração da religiosidade popular nas terras brasileiras com as lentes voltadas para a devoção à cruz, considerando que foi o símbolo por excelência, reverenciado.

1.1 Domínio e Devoção nas terras da Vera Cruz

E hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de maio, saímos pela manhã em terra com nossa bandeira. E fomos desembarcar rio acima, contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor colocar a cruz, para melhor ser vista. E ali marcou o Capitão o lugar onde haviam de fazer a cova para a plantar. E enquanto iam abrindo, ele com todos nós outros fomos recolher a cruz, rio abaixo, onde ela estava. E como os religiosos e sacerdotes que cantavam, à frente, fomos trazendo-a dali, a modo de procissão. Já se encontrava ali grande número deles, uns setenta ou oitenta; e quando assim nos viram chegar, alguns se foram meter debaixo dela para nos ajudar. [...] Plantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe haviam pregado, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o Padre Frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos³².

A cruz está ligada intimamente à história brasileira. O que se vê na narrativa de Pero Vaz de Caminha na “*Carta do descobrimento*” tem uma função catequética e inaugura a devoção à cruz no Brasil. Acrescente-se aí que, a cada nativo foram lançadas ao pescoço, “*cruzes de estanho com crucifixos*”. Os primeiros iniciados na devoção do símbolo central do cristianismo, na Terra de Vera Cruz.

Mas passaria do domínio oficial para a devoção popular, tão logo se tornara acessível, conhecida, por povos em todo o imenso território nacional, em razão do seu caráter de demarcação de territórios, não somente do ponto de vista geográfico, mas do domínio católico. Sinal de introdução do sagrado cristão, ocupação simbólica do território uma vez que era o símbolo inequívoco da presença de Deus³³.

A terra desconhecida suscitou inicialmente o deslumbramento com o imaginário do Novo Mundo que povoada a metrópole. Porém andava junto, o medo do desconhecido dos monstros, das doenças e toda espécie de perigos, inclusive a presença maligna do diabo. Por isso as cruzes, capelas, relíquias acompanhavam os desbravadores. Revelavam uma rotina de oração e os caminhos percorridos, territórios demarcados.

³² CAMINHA, P. Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha*: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear, de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 30–1.

³³ TORRES-LONDOÑO, Fernando. Introdução do sagrado cristão nas crônicas sobre a cristianização do Brasil. In: QUEIROZ, José J. et al. *Interfaces do Sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: PUC-SP, 1996.

O colonizar implicava propagar a fé e as missões entraram pelas matas portando ritos e mitos, protegidos pelos seus deuses em forma de símbolos e imagens. Tudo sob a sombra da contra-reforma com a ação da Companhia de Jesus, criada para a dura batalha de preservação do catolicismo diante do protestantismo nascente e crescente.

A Igreja representou a coroa na América Portuguesa, abrindo territórios exercendo poder temporal fixando limites com o fincar de cruzes. Representava a Deus iniciando os “pagãos nativos” no ritos católicos sob a forma tridentina: simbólica e sacramental. Não somente os Jesuítas (1549) mas Franciscanos (1584) e Carmelitas (1581), empoderavam o projeto colonial; o Padroado Régio conferiu base sólida para a ação conjunta Igreja/Estado, no processo de ocupação do Brasil, sem estabelecer claramente suas atribuições.

Em todo o Brasil, muitos municípios, distritos, comunidades, povoados, trazem o termo cruz no nome, plantando também um imaginário, que a transforma em patrimônio da religiosidade popular. A devoção assumiu formas variadas. Riolando Azzi³⁴ destaca duas expressões: primeiro, a posse da cruz pelo catolicismo oficial, como marco de conquista de território e local de culto litúrgico, quando os missionários fincavam cruzes, celebravam e catequizavam. Outra forma é a devoção popular que se manifesta na construção de capelas à Santa Cruz e os cruzeiros.

Estas manifestações revelam a diversidade de representações da cruz assumidas pela piedade popular. A cruz também era indicação de local de sepultura e de devoção às almas, que Azzi aponta para uma prática portuguesa de influência céltica, o que sustenta a idéia de que o catolicismo praticado no Brasil, tem fortes características medievais, tal como era praticado em Portugal³⁵.

A devoção à cruz se configurou no contexto da sociedade colonial brasileira como expiação dos pecados e a garantia de retorno ao céu, ao paraíso. O sofrimento, o “drama do calvário” era o foco da devoção a Jesus, o Bom Jesus, o “Senhor Morto”, por que “a cruz era a síntese da redenção da Humanidade”. Os Jesuítas foram grandes propagadores da devoção à Santa Cruz no Brasil. No século XVI havia no Brasil uma relíquia do “Santo Lenho”, no Colégio dos Jesuítas em Salvador³⁶.

Práticas penitenciais lembravam o sacrificado, Cristo, até o calvário. O hábito de se flagelar passou a compor, não somente teatral, mas genuinamente, o cenário da Semana Santa

³⁴ AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Aspectos Históricos. Petrópolis: Vozes, 1978.

³⁵ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Raízes medievais do Brasil. *Revista USP*, n. 78, p. 80-104.

³⁶ AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004

no Brasil, colonial. Também os negros foram incentivados a exemplo de Cristo, viverem sua situação de escravidão como nos sermões de Vieira. Para os negros - na visão de Vieira - resiliência, resignação. A memória da paixão como martírio alimenta uma espiritualidade *passiológica* de raízes medievais. O martírio como imitação de Cristo leva o indivíduo a ressurreição vitoriosa tal qual o seu Deus.

Teria sido no século XVII, que a devoção à *Via Sacra* ganhou corpo através dos Frades Carmelitas. Inicialmente em formato de uma procissão realizada uma sexta-feira antes da semana santa, a Sexta-feira do Triunfo. Os estudos de Riolando Azzi, situam no século XVIII, a generalização da prática da *Via Crucis*.

A devoção ao Jesus sacrificado foi também expressa pelos “Santuários do Bom Jesus” construídos durante o ciclo bandeirante. No século XVIII já se constituía lugar de romarias e muitos outros foram erguidos pelo país. Carlos Alberto Steil realizou um estudo sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia, que recebe romeiros há mais de três séculos. Demonstra entre outras questões, que a representação popular associa ao Santuário o tema do juízo final, relacionando elementos significantes do lugar às suas esperanças escatológicas; associa ainda à Semana Santa, ampliando a noção de tempo e espaço, e estendendo a relação com o Bom Jesus, para além da liturgia católica. O santuário se desenvolveu significativamente a partir de 1956, através dos missionários Redentoristas³⁷.

1.2 Vera Cruz em Minas Gerais

No Brasil colônia a Paixão de Cristo foi “revivida” sob as mais diferentes expressões. Monumentos também a retratavam: nos altares dos templos, nos sacrários, quadros e imagens e nos cruzeiros. Procurei dizer brevemente aqui como a cruz foi devotada em Minas Gerais e a prática de erguer cruzes e cruzeiros.

O Concílio de Trento havia “revogado” o receio de se produzir imagens, sobretudo do Cristo Crucificado, como já exposto. O que se temia realmente era a possibilidade de associações aos rituais “pagãos” greco-romanos³⁸. Contudo, revogados os temores, iniciou-se uma organização do culto católico, e no caso da América Portuguesa, foi realizado por meio das Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia:

Manda o Sagrado Concílio Tridentino, que nas Igrejas se ponham as Imagens de Cristo Senhor nosso, de sua sagrada Cruz, da Virgem Maria

³⁷ STEIL, Carlos Alberto. O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

³⁸ ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. Os Artífices do Sagrado e a Arte Religiosa nas Minas Setecentistas: Trabalho e vida cotidiana. São Paulo: Annablume, 2013.

Nossa Senhora, e dos outros Santos que estiverem Canonizados ou Beatificados, e se pintem retábulos, ou se ponham figuras dos mistérios que obrou Cristo, nosso Senhor em nossa Redenção por quanto com elas se confirma o povo fiel em os trazer à memória muitas vezes, e se lembram dos benefícios e mercês, que de sua mão recebeu, e continuamente recebe, e se incita também vendo as Imagens dos Santos, e seus milagres, a dar graças a Deus nosso Senhor, e aos imitar³⁹.

A imagem não só tinha força nas mãos do clero e do Estado, mas nas mãos do povo. A cruz, símbolo por excelência no Brasil, foi amplamente difundida. Certo que, na relação com o universo religioso indígena e depois com a cultura religiosa do negro africano, estabeleceu-se o conflito.

O processo de ocupação das Minas com o objetivo de explorar o ouro, favoreceu o desenvolvimento de uma religiosidade própria, independente do rito oficial católico e com muita liberdade e variedade de práticas. As capelas rurais eram administradas por leigos, que exerciam todo o serviço religioso em razão da ausência de uma hierarquia oficial; campo aberto para que, não a Igreja e o estado, mas o povo plantasse cruzeiros em vários espaços e para cultos diversos, quais fossem as necessidades espirituais e temporais⁴⁰.

Além de representar Jesus Cristo morto (e ressuscitado), a cruz era erguida como indicativo de local de culto. Os pontos mais altos das cidades bem como as pontes eram marcadas com a cruz e os instrumentos da Paixão, para a manutenção da ordem nas minas do ouro. O diabo já era uma figura conhecida em razão da teologia católica tê-lo desnudado e a cruz tornou-se instrumento de defesa. Essas representações orientaram práticas de devoção cotidianas à Santa Cruz, para combater a presença diabólica, as doenças conflitos familiares e seres humanos malfeitores⁴¹.

As festas foram uma forma de culto que garantia também a ordem temporal. Espalharam-se em Minas Gerais, observando ritos que se diferenciam conforme a região. Do âmbito da vida privada, as ladainhas eram rezadas e inauguraram novidades como o “rezar” utilizando bagos de milho. O dia 03 de Maio foi dedicado popularmente ao culto à Santa Cruz, que apresentou variações (como mostra quadro de padroeiros dos municípios mineiros) onde se venera a cruz e o Bom Jesus, ligados à Paixão. As datas das festas apresentam uma determinada autonomia, pois na liturgia oficial Católica, o dia 14 de setembro foi reservado

³⁹ CONSTITUIÇÕES primeiras do arcebispado da Bahia. Cf. Título XX, Das Santas Imagens: parágrafo 696. Extraído do texto de ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. *Os Artífices do Sagrado e a Arte Religiosa nas Minas Setecentistas: Trabalho e vida cotidiana*. São Paulo: Annablume, 2013.

⁴⁰ CARVALHO, Meynardo Rocha de. *O culto à Santa Cruz em Minas do Ouro: religiosidade popular no Bispo de Mariana – 1745/1830*. Disponível em: <<http://www.descubraminas.com.br/upload/biblioteca/0000114.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

⁴¹ CARVALHO, 2015.

para a “Exaltação da Santa Cruz” e a “Adoração da Cruz” se faz na sexta-feira santa em rito próprio.

As cruzes enfeitadas eram e são ainda hoje, tradicionais. No dia 03 de Maio as famílias mineiras enfeitam as cruzes ao próprio gosto e expõem nas portas das casas, esperando que Nossa Senhora venha beijá-las, conforme dita a tradição.

QUADRO 1. Devoção a Santa Cruz e ao Bom Jesus, expressa nos nomes dos municípios mineiros. O quadro aponta para uma autonomia da expressão religiosa e política em razão da desvinculação das datas festivas locais das correspondentes oficiais.

PADROEIRO	DATA DA FESTA						
	6 de Agosto	14 de Setembro	8 de agosto	15 de agosto	29 de Abril	3 de Maio	14 de Setembro
SENHOR BOM JESUS	Albertina	Campo Belo	Lagoa dos Patos	Varzelândia	Ipatinga		
	Bueno Brandão	Alpercata					
	Juramento	Catuti					
	Claro dos Poções	Fernandes Tourinho					
	Córrego do Bom Jesus	Itabirinha					
	Crisólita	Liberdade					
	Frei Lagoneiro	Manhumirim					
	Jesuânia	Mendes Pimentel					
	Pouso alegre	Pedra do Indaiá					
	Rio do Prado	Pote					
	Rubelita	Vieiras					
	Rubim						
	Santa Cruz de Salinas						
	Serra dos Aimorés						
Bom Jesus da Cana Verde		Tabuleiro					
Bom Jesus dos Perdões		Perdões					
Bom Jesus dos Passos	Passos						
Bom Jesus de Matozinhos		Matozinhos					
Jesus Cristo						Munhoz Douradoquara Crucilândia	Santa Cruz do Escalvado
Santa Cruz							

Fonte: DESCUBRA MINAS, 2016, *on-line*.

1.2.1 *Religiosidade popular no Norte de Minas*

A dinâmica colonial portuguesa no Brasil fez com que se desenvolvessem diversas formas de expressão da religiosidade. Em Minas Gerais, grande fluxo de pessoas tendiam à região das minas enquanto o sertão era vazio, despovoado, desconhecido. A imensidão assustou, mas não intimidou os desbravadores.

O Norte de Minas teve sua formação caracterizada pelo processo de deslocamento de populações do nordeste brasileiro, que se estabeleceram às margens do Rio São Francisco, como processo de expansão da atividade pecuária e do bandeirantismo. A localização geográfica lhe rendeu semelhanças com o Nordeste brasileiro em clima e vegetação, vindo a integrar a área de municípios sob atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, no combate às secas. Devido a sua grande extensão esta ocupação não se deu de forma homogênea, conferindo ao Norte de Minas formas diferenciadas de desenvolvimento, econômico e populacional.

E o sertão é também espaço para tipos culturais diversos. Quanto ao aspecto religioso, a história do seu povoamento favoreceu a escassez de padres para a demanda de fiéis, que na sua maioria, uma população rural. Pouco se via um sacerdote na região para proceder com os ritos católicos oficiais. Uma vez recebida a catequese, o povo pôde se valer de algumas práticas que dessem conta de suas necessidades não supridas, pela rito oficial. O fator de ausência do clero, unido à diversidade étnica, com igual conjunto de elementos culturais próprios, presentes na composição da população, deu forma a uma religiosidade sincrética.

Franscino Oliveira Silva, observando as festas populares ou manifestações religiosas no Norte de Minas, concluiu que se trata de uma forma de agradecer graças alcançadas expressa em promessas, de esperanças, convívio e fé⁴². E completa dizendo que fica entendido que estes comportamentos traduzem o significado de fé cristã para as pessoas. Edênio Valle nos remete a este pensamento, porque na sua perspectiva, a religião ocupa um lugar especial no conjunto da cultura, mas não é um sistema fechado; recebe a influência do meio exterior e transforma-se à medida que esse mesmo meio muda, advindo devidamente o comportamento religioso⁴³.

Desse modo a convivência entre elementos do catolicismo oficial e popular tende para a adaptação, naturalização dos ritos e acomodação das crenças. Por apresentarem

⁴² SILVA, Franscino Oliveira. Sincretismo religioso nos festejos do catolicismo norte-mineiro: uma abordagem. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 27. Natal, 2013.

⁴³ VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 2008.

manifestações como procissões, rezas, sermões, ladainhas e missas, os festejos religiosos do Norte de Minas, desnudam as raízes de uma religiosidade popular de tradição portuguesa, e também outros elementos como as danças e o espetáculo de fogos⁴⁴.

A religiosidade mineira prima pelo simbólico, pelo rito, pela pompa das festas santas, tal como se deu na metrópole; os portugueses se estabeleceram aqui trazendo consigo a riqueza ritualística religiosa que caracteriza o interior mineiro até os dias atuais.

Estes ritos são identificados nas festas portuguesas da atualidade. Sobre a *Confraria de Santa Cruz* em Portugal, Elsa Liliana apresentou a Universidade do Minho uma pesquisa onde descreve as celebrações que envolvem as devoções da confraria. Ela é quem diz que podemos encontrar esses traços cultural-religiosos na Portugal de hoje.

A Confraria de Santa Cruz de Braga nasceu no séc. XVI, da devoção que tinha à cruz o senhor Jeronimo de Portilho, religioso da Companhia de Jesus.

Era uma cruz que, à semelhança de outras existentes por toda a cidade, era objeto de adoração popular. São descritas como sendo decoradas com flores, papéis e ramos. A referida Cruz foi mandada erigir pelo arcebispo D. Diogo de Souza (1505-1532)⁴⁵.

As principais celebrações eram a *Festa da Santa Cruz* em 03 de Maio, a *Festa do Triunfo da Sagrada Cruz* em 26 Julho, *Nossa Senhora do Pilar*, os *Passos*, da *Quaresma* e o *Lausperene* com data flexível, e as *Celebrações da Sexta-feira Santa*. O corpo das festas era formado por música, procissões, missas cantadas, exposição do Santíssimo Sacramento e da relíquia do Santo Lenho. Alternavam atos no interior do templo, como a exposição do Santíssimo Sacramento e na rua com as procissões.

A festa de Santa Cruz em 03 de Maio começava no dia 02 de Maio ao meio-dia com os sinos; depois musica; o dia 03 estava reservado a confissão e comunhão e em seguida, missa cantada e sermão. A Relíquia do Santo Lenho era exposta para o beijo dos fiéis e o Santíssimo Sacramento fica exposto ao lado da imagem do Senhor Crucificado.

Já a Festa da Exaltação da Santa Cruz era realizada no templo, dia 14 de setembro, com missa cantada e exposição do Santo Lenho. E a Festa do Triunfo da Santa Cruz, dia 26 de Julho tem procissão com a relíquia do Santo Lenho.

As festas eram pomposas, compostas de muita luz através de luminárias, velas e fogos de artifício; Água nas fontes, chafarizes, água benta, presentes nas construções efêmeras, ou

⁴⁴ SILVA, 2013.

⁴⁵ SILVA, Elsa Liliana Antunes da. *As festas da confraria de Santa Cruz de Braga no século XVIII*. Universidade do Minho, Braga, 2013

seja, foram postas para a festa e tão logo termine, são retiradas. A questão de conflito, é a presença de figuras mitológicas, alegorias, pinturas e até sátiras, em meio aos ritos oficiais católicos.

A começar pelo povoamento, as cruzes foram compondo um universo de símbolos que os devotos se encarregam de incrementar, aqui no sertão. Estão nos nomes das comunidades rurais e povoados e nos lugares mais urbanizados, perpetuando o símbolo de demarcação de um espaço geográfico e de um território sagrado. São visitados dia 03 de Maio, dia 06 de Agosto, dia que for “o dia de começar a pedir chuva”. Prática inclusive muito antiga, dos interiores mais castigados pela seca, mas caiu nos noticiários em meados de 2015, confirmando a capacidade inventiva, criativa do povo ante suas necessidades.

No capítulo seguinte, apresento a etnografia da “Caminhada Santa Cruz”, prática de devoção à cruz, centenária conforme dados obtidos, que teria nascido no âmbito privado e hoje faz parte da vivência religiosa de devotos de três comunidades rurais norte-mineiras. Nasceu, conforme os relatos, das subidas ao monte “para pedir chuva”; são encontrados os traços da religiosidade popular, cujas raízes portuguesas são despontadas.

II

FAZER O CAMINHO, A CAMINHADA

[...] *fixa limites ao redor do monte, e declara-o sagrado.*
Êx. 19,23

Há muito o que conhecer sobre montanhas. Foram-lhe atribuídos vários “adjetivos” que pouco se comprometem com questões geográficas de paisagem e relevo, com o que “é” e o que “representa”, por que deixa de ser “espaço” e ganha status de “lugar”. Um lugar o é, porque foi assim determinado; antes, era só um espaço. Pode vir a ser ou não⁴⁶ significado e significante. Assim, muitos povos enxergavam nas montanhas uma morada do bem ou do mal, de Deus ou do diabo. O que há no monte?⁴⁷ Quando montanha virou cruzeiro? O que conecta o homem a um espaço natural, imóvel? Quando descobriu que seu deus mora lá... Quando o orante se sentou e orou... e chorou... E, pensando em Adélia Prado: “Eu sempre sonho que alguma coisa gera, nunca nada está morto. O que não parece vivo, aduba. O que parece estático, espera⁴⁸. Não é mais montanha, é morada. O que tem no monte faz parte das construções simbólicas do homem independente de cognição e racionalismos.

⁴⁶ “Para o campo da Geografia, *espaço* e *lugar* são termos muito comuns, especialmente no estudo da relação homem x meio. Para Tuan (1983) quando o *espaço* passa a ser intimamente conhecido pelo indivíduo, e recebe valores e significados, ele se transforma em *lugar*. Ao se relacionar com o meio, o indivíduo tende a criar uma identidade e um sentimento de pertencimento. Constrói, assim, laços afetivos. Dessa forma, o lugar é o resultado de sensações e experiências vividas por uma pessoa”. GUIMARÃES, Rose Lane et al. O Geoturismo em espaços sagrados de Minas Gerais. *Espeleo-Tema. Sociedade Brasileira de Espeleologia*, Campinas, v. 20, n. 1/2, p. 49–58, 2009.

⁴⁷ O emprego do termo não pretende discutir o conceito no âmbito da geografia, que difere *montanha* de *monte*.

⁴⁸ PRADO, Adélia. *Bagagem*. 33 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 17.

As sociedades atribuíram sentido ao mundo visível, e o fascínio pelas montanhas levou o homem a explorá-las, como quis o desejo de relacionar-se. Por isso, é ao mesmo tempo turismo, contemplação, aventura, esporte, ação⁴⁹. No livro sagrado dos cristãos, inúmeras referências no Antigo e no Novo Testamento, mostram o monte, a montanha, como um “lugar” de locuções, diálogos, sermões que marcaram momentos históricos importantes, na história (bíblica) da humanidade; estes renderam aos montes valor de sacralidade, cuja representação foi cantada pelo salmista: “[...] e o cume das montanhas lhe pertencem; Para os montes levanto os olhos: de onde me virá socorro”⁵⁰.

Povos do mundo inteiro e suas gerações em todos os tempos, prestaram cultos à natureza ou tomaram seus elementos como lugar de culto, herdando tais práticas de seus ancestrais. As montanhas sagradas ainda hoje povoam o imaginário do homem seja no campo ou na cidade, com significados e motivações diferentes. No Brasil, datam do período colonial práticas que transformaram os montes em cruzeiros. Chantar cruzeiros está intimamente ligado à história do descobrimento das terras brasileiras; como marco da presença do catolicismo (como religião oficial), uma cruz foi erguida e esse ato posteriormente se multiplicava à medida que o território era desbravado⁵¹. Em Minas Gerais muitos cruzeiros e cruzeiros ainda podem ser vistos na forma e lugares onde foram fincados⁵² no século XVIII. Este capítulo descreve a “Caminhada Santa Cruz”, que se caracteriza por uma devoção à cruz, plantada no alto do morro, em cinco cruzeiros na zona rural norte-mineira; conserva traços de um catolicismo tradicional praticado por trezentos anos na Colônia sendo marginalizado no Império e República para introdução do catolicismo renovado⁵³. O relato dos caminhantes sinaliza para aproximadamente cem anos de devoção.

Rodeados pela cadeia montanhosa da Serra do Espinhaço, os devotos da Santa Cruz de três comunidades rurais no norte de Minas, foram trilhando seus caminhos e plantando cruzeiros. O cenário de muita beleza e favorável à devoção constitui parte do diverso relevo e vegetação natural da região norte de Minas Gerais, composta em grande parte pelo cerrado e caatinga, sendo que esta última predomina no extremo norte do Estado. O cerrado, mais abrangente, ocupa o lado oeste em quase toda sua extensão e também a região central. Na cadeia do

⁴⁹ BRITO, Altair Gomes. As montanhas e suas representações através dos tempos: buscando significados. 2008. Dissertação (mestrado em Geografia) — setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

⁵⁰ Salmo 94,4; 120,1.

⁵¹ AZZI, 1978.

⁵² CRUZ, Luiz. *Cruzeiros e Cruzeiros*. Disponível em: <<http://saojoaodelreitransparente.com.br>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

⁵³ AZZI, 1978.

Espinhaço a ocorrência de vegetação Rupestre ou de Altitude, é constituída por gramíneas e presença pouco expressiva de árvores, o que favorece também o caminhar⁵⁴.



FIGURA 1. Vegetação na cadeia do Espinhaço.
Fonte: DIAS, 2014.



FIGURA 2: Vegetação na cadeia do Espinhaço.
Fonte: DIAS, 2014.

⁵⁴ “A Serra do Espinhaço é uma cordilheira que segue da região central de Minas Gerais até a Chapada Diamantina, no sertão do Estado da Bahia. Nessa área do Espinhaço, há ocorrência de grandes jazidas minerais.” LEITE, Marcos Esdras. Aspectos físicos e sociais de Minas Gerais. In. QUEIROZ, Antônia; PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; LEITE, Marcos Esdras. *Geografia de Minas*. Montes Claros: Unimontes, 2012.

Quanto ao território, Minas Gerais localiza-se na transição do nordeste com sudeste ao norte e com o centro-oeste a oeste, o que determina uma diversidade física e econômica presentes⁵⁵. Na região das comunidades rurais de Lages, Machados e Santa Rita de Santa Cruz, podemos perceber este aspecto. Apesar de situados ao Norte de Minas Gerais, a região é montanhosa, de clima ameno com manhãs mais frias em relação à outras cidades por exemplo, mais ao norte, se diferenciando da descrição habitual desta região, que mais tem semelhança com o nordeste do Brasil, com o sertão nordestino. Sendo cortada pela Serra do Espinhaço, onde são registradas altitudes elevadas entre 800 e 1200 metros, está na região de abrangência da Bacia do Rio Jequitinhonha.

Os habitantes dessa área praticam a agricultura e tem pequenas fazendas com criação de gado; não para comercialização, não configura uma atividade econômica expressiva do local. Muitos são funcionários públicos como professores, por exemplo; mas nas entrevistas vejo que são em grande parte lavradores. Em todas as casas que visitei, (nas comunidades de Lages, Machados, Santa Rita e na Fazenda Canastra), todas tinham plantações de verduras e legumes, frutas em abundância a despeito da sequeidão do sertão.

A incidência de jazidas minerais na Serra do Espinhaço despertou a exploração por empresas privadas e mudou significativamente a vida dos moradores, tendo registrado índices de violência, inclusive em função do tráfico de drogas. Isso porque traficantes teriam tomado algumas lavras e fazem fortuna na exploração mineral e na venda de entorpecentes⁵⁶. Isso seria um dos fatores de pouca participação de homens na caminhada nos últimos anos conforme os depoentes: “Mas eu participava da missa, igreja lotada... aí essa participação foi diminuindo; porque? O pessoal começou a trabalhar nas lavras. E aí eles tinham que dar conta do trabalho”⁵⁷.

Saindo de Montes Claros para as comunidades, o acesso se dá pelos municípios de Itacambira (MG 308) e Bocaiúva (BR 135). Pertencem, na divisão política, a este último, cujo início do povoamento data do século XVIII, (entre 1710 e 1720) a partir da

⁵⁵ LEITE, 2012.

⁵⁶ A informação sobre a exploração mineral por traficantes, foi colhida em visita ao Distrito de Terra Branca, (próximo às comunidade de Lages e Machados) por ocasião da realização dos trabalhos de reportagem para uma revista de Montes Claros, e que acompanhei.

⁵⁷ MARIA DE FÁTIMA DIAS. Montes Claros, MG, 26 de fevereiro 2014. Arquivo de mp3 (30m). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Farias Dias em sua residência.

passagem da bandeira de Fernão Dias.⁵⁸ Mas a distância é menor e as estradas mais tranquilas pelo município de Itacambira, que fica a 100 km de Montes Claros e a 40 km aproximadamente, do destino final. A produção de mapas para representar a região é um tanto trabalhosa, pois sendo comunidades rurais não constam em mapas regionais. As coordenadas foram levantadas pelo laboratório de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, para posteriormente elaboração de um mapa.

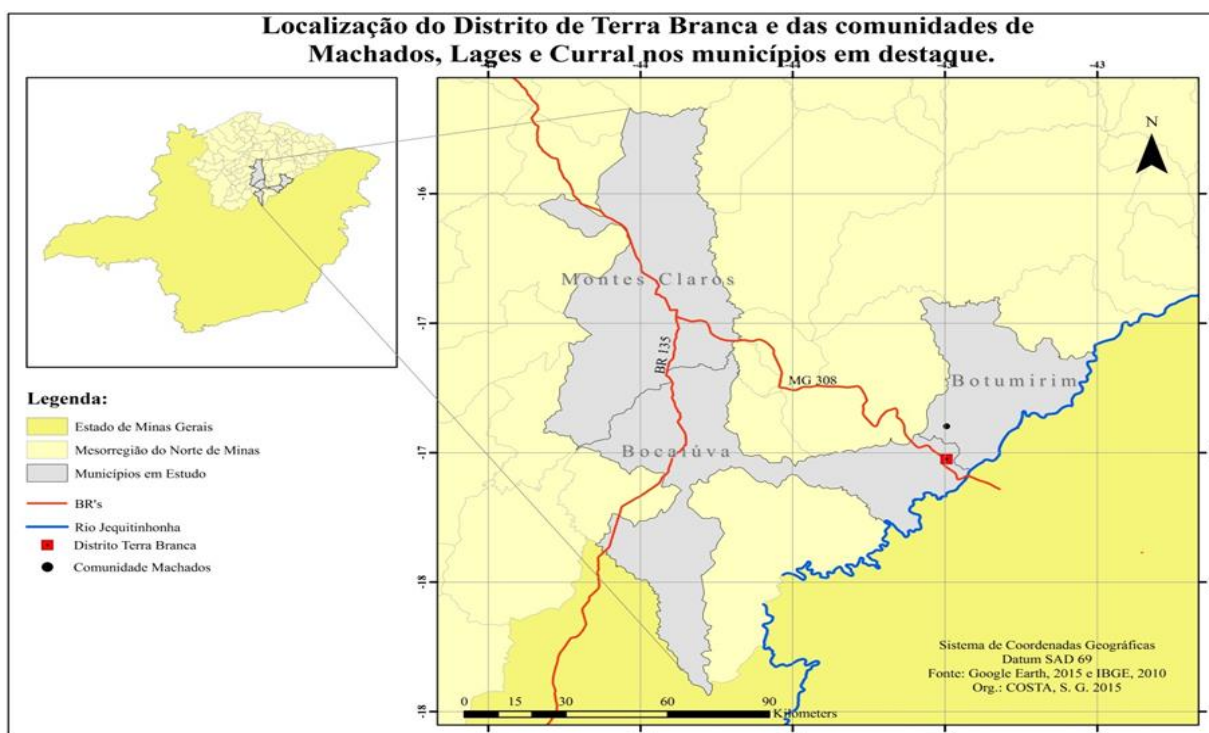


FIGURA 3. Localização das comunidades em estudo.

Fonte: dados da pesquisa — elaboração cartográfica: Silvine Gasparino Costa

Os participantes Caminhada Santa Cruz, moram nas comunidades (Lages, Machados, Santa Rita) e outros vêm de povoados próximos ou dos municípios de Montes Claros e Bocaiúva. Os relatos dão conta que, pelo anúncio numa rádio local, muitas pessoas têm sido atraídas. Os organizadores ou as famílias que anualmente estão na caminhada, mal sabem dizer de onde vêm realmente os desconhecidos. A maioria é de mesma família e moram próximos uns dos outros.

*Ô Edna, são parentes de vocês ou fica sabendo da festa e vem?
Agente coloca na Rádio.
E o povo vem porque escutou na rádio?*

⁵⁸ “A Bandeira de Fernão Dias teria passado no Norte de Minas no século XVII, seguindo para a região do Rio São Francisco.”

Comunica na rádio e muitas pessoas vem e fica aqui. No ano passado um pessoal de lá [Pedregulho] veio participar também⁵⁹.

Neste capítulo, além de uma breve descrição de localização e aspectos naturais e sociais da região da pesquisa, está descrito o evento “Caminhada de Santa Cruz”. O que o texto demonstra é fruto de uma observação realizada nos anos de 2013 e 2014 e põe atenção às práticas dos devotos durante o trajeto realizado em três cruzeiros: dois no alto da serra e um na porta da igreja. Outros dois são visitados depois do almoço, mas não acompanhei porque se estenderia para o fim do dia, e o retorno para Montes Claros se torna difícil pelas condições da estrada e da limitação de visibilidade.

2.1 A caminho do monte: “Caminhada Santa Cruz” – 2013

Em 2013 fui pela primeira vez na região. Para chegar à primeira comunidade, fomos orientados por Maria de Fátima Dias. Ela foi quem me “apresentou” a caminhada, por ter acompanhado o pároco da região, Dom Geraldo Magela, por aproximadamente 10 anos, realizando juntos, trabalhos de evangelização. Por volta das cinco horas da manhã, saímos de Montes Claros e percorremos aproximadamente 100 km até Itacambira, município escolhido por acesso.

Com mais 40 km não pavimentados chegamos até Lages, a primeira comunidade pelo caminho. Lá, fomos recebidos com mesa farta por Dona Helena, importante liderança religiosa na região, viúva e proprietária de grande parte das terras naquele lugar. Mora com o filho e uma nora e tem próximos dois outros filhos. Em frente à sua casa tem uma pequena igreja, que não conheci, por que nas minhas idas ela permanecia fechada. Mas é sabido que D. Helena é quem zela pelo templo. Ela não sobe mais o morro para os cruzeiros por problemas de saúde, mas acompanha a festa ouvindo os foguetes. Quando questionamos se estávamos atrasados, se o povo já havia seguido, ela diz que não, pois não ouviu o foguetório.

Seguimos então para a casa do Sr. Redelvino. Todo o percurso teve início bem cedo. Por volta de seis horas da manhã, na casa do Sr. Redelvino, uma mesa grande, estava arrumada com muitas garrafas de café e leite, biscoitos e pão caseiro. Ali tomamos café novamente conforme o “costume”: todos tomam café antes de começar a caminhar. Também nesse momento, foram distribuídas as camisas temáticas, confeccionadas especialmente para os participantes da caminhada.

⁵⁹ EDNA RODRIGUES SILVA. Comunidade Santa Rita, Bocaiúva, MG, 1º de março de 2014. Arquivo de mp3 (16m14). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Farias Dias em barracão comunitário.

Depois do café uma oração para iniciar a subida ao primeiro cruzeiro. O dia ensolarado não abrandou a temperatura baixa, sobretudo no alto do morro aos pés dos cruzeiros. Os devotos se protegiam do sol com chapéus e bonés na cabeça, com guarda-chuvas ou com o agasalho que usavam no início. Durante o caminho esquentava um pouco pelo próprio movimento ora subindo, ora em linha reta, descendo... Curioso foi perceber que alguns deles, entre homens e mulheres me acompanhavam mais de perto temendo que eu, - que vivo na cidade e nunca participei da festa - pudesse sofrer de algum mal durante o trajeto. Os homens eram a maioria na caminhada.

Conversavam muito, casos e risos; é momento de partilhar, conhecer, conversar e comer... Estes momentos foram lembrados com sentimento de alegria e/ou com euforia durante as entrevistas: “Aí chega lá na grama, igual cê viu lá, né. Aí desce todo mundo e aí agora eu grito: Ó gente, cês qué cumê, cês come que eu dô mesmo; pode cumê, pode cumê, aqui tem com fartura! Essas muié tudo chia, me grita, eu canto pandeiro e rezo, e nós aí come”⁶⁰.

O “Cruzeiro do Redelvino” fica no alto do morro de subida íngreme, difícil, com muitos buracos, pedras, plantas. Entoavam cantos e orações diversos: o Ofício de Nossa Senhora, o Credo, músicas à Santa Cruz. Os foguetes indicaram o início da caminhada e a chegada ao cruzeiro; aliás a cada cruzeiro um foguetório.

⁶⁰ ZÉ DE MARINHO. Comunidade Santa Rita, Bocaiúva, MG, 1º de março de 2014. Arquivo de mp3 (12m18). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Farias Dias em barracão comunitário.



FIGURA 4. Início da caminhada, saída da casa para o cruzeiro do Sr. Redelvino.
Fonte: acervo da pesquisa

O caminho é longo. Então conversar sobre os mais diversos assuntos também é válido. Observar a paisagem, retirar um raminho das plantas... Comentavam eventos da vida cotidiana deles mesmos e de outros. E para mim contavam histórias, por que eu estava ali pela primeira vez. Foi quando comecei a desvendar a “Caminhada Santa Cruz”.

Os devotos cantavam e um deles cantava e tocava um pandeiro. Os cantos piedosos, vários e variados, de devoção à Virgem Maria, Nossa Senhora: “Maria de Nazaré, Maria me cativou...”, “Neste dia, ó Maria nós te damos nosso amor”; expressão de louvor e amor a Deus: “Te amarei Senhor, te amarei Senhor, eu só encontro a paz e alegria bem perto de ti...”, “Senhor, quem entrará no santuário pra te louvar...”; adoração ao Jesus Eucarístico: “Nós te adoramos na eucaristia...” e cantos de adoração à cruz, entoados quando estão no cruzeiro, mais próximos das cruzes: “Bendita e louvada seja...” inclusive de adoração a Bom Jesus: “a Igreja da Lapa foi feita de pedra e luz...” que sinaliza para uma referência à romaria de Bom Jesus da Lapa na Bahia, que é alvo de alguns estudos no Brasil. “Na Lapa eu fui. Esse ano eu vou, se Deus quiser!”⁶¹

⁶¹ EDNA, 2014, entrevista.

O Bom Jesus foi reverenciado pelas comunidades rurais, com um cruzeiro fincado pelo Sr. José Clóvis e outros amigos, como ele mesmo disse:

[...] esse aí foi nós mesmo que colocou. Se você chegar em Lages, ocê olha naquela pedra láaaaaa no topinho da pedra lá ó, na casa de Dona Helena, ocê chega, pergunta, eles vai mostrar ocê onde é que eu coloquei um. [...] É. Aquele lá foi eu que coloquei ele lá. Foi eu, Redelvino, Teodomiro, Vicente⁶².

O “Cruzeiro do Bom Jesus”, não é visitado constantemente:

*Eu ouvi dizer que tem outro do lado de lá também, que não visita mais né. Tem. Esse é do Senhor Bom Jesus, e foi nós que colocamo também. Esse a gente vai também no dia 06 de agosto, e aí depois... lá é muito pesado também e a turma começou a esmorecer e não tá indo. [...] É muito alto*⁶³.

Ele não faz parte do trajeto da Caminhada em 03 de Maio, mas alguns devotos vão até o cruzeiro no dia 06 de Agosto.

É. Eles fizeram assim. Então quando dá 06 de agosto nós vamos lá também.
E por que dia 06 de agosto?
 É por que assim: eles falam que celebra na Lapa, né. Então nós vamos lá.
A celebração da lapa?
 É.
Que é do Bom Jesus também.
 É. cê tá entendendo?
Lá que o cruzeiro chama “Cruzeiro do Bom Jesus”...
 É⁶⁴.

A chegada ao cruzeiro é anunciada por foguetes, como já me referi. Nem todos têm o mesmo ritmo, portanto foram iniciadas as orações com pequena parte dos devotos.

O solo é seco e ao longo do caminho a terra toma os pés, os sapatos, as sandálias abertas, pedras soltas no chão como uma espécie de cascalho, dificultando o andar e exigindo cuidado dobrado de quem não conhece o terreno. Quem já subiu “montado”, não estranha mas também tem medo:

Só assim, uma época que tinha menino pequeninho, né, aí agente colocava eles no animal né, pra num ficar muito difícil de carregar né. Mas só que

⁶² JOSÉ CLÓVIS. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (13m22). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

⁶³ REDELVINO. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (12m54). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

⁶⁴ GUIOMAR. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (14m53). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

agora... muito ruim né, ai já vai todo mundo a pé. O pequenino carrega no colo. [...] Tem lugarzim lá que era ruim. Principalmente naquela descidinha naquela barroquinha, ali é perigoso demais. Mas uma caminhada assim nossa! É bom demais... todo mundo reunido...

Apesar de todo o risco aparente, um casal subiu com a filha de quatro meses de idade. Outro casal já idoso e muitas crianças e adolescentes se arriscam também. Para aquela gente parece natural, caminham normalmente.

Chegaram todos, reuniram-se ao redor do cruzeiro e cantaram. Sentaram pelo chão onde é possível, e retiraram máquinas fotográficas, terços dos bolsos e das bolsas. Começam a rezar entoando um canto e traçando sobre si o sinal da cruz: “Em nome do Pai, em nome do Filho, em nome do Espírito Santo estamos aqui...”. Enquanto isso outros que ficaram pelo caminho, foram se juntando ao grupo.

A oração nas linhas abaixo caracteriza a Caminhada Santa Cruz. As frases são seguidas pelos gestos indicados:

Alma minha, põe teu gênio forte/ Agüentarei o golpe da morte/ Que no dia de santa cruz/ Que no campo onde achar os inimigos da Santa Cruz/ Encontrarás e tu dirás/ Vade retro satanás!/ Parte em mim tu não terás./ Por que no dia de santa cruz/ Cem vezes me ajoelhei [todos se ajoelham]/ Cem vezes me persignei [traçam sobre si o sinal da cruz: Pelo sinal da Santa Cruz livrai-nos Deus Nosso senhor dos nossos inimigos]/ Cem vezes o chão beijei [fazem o gesto de beijar o chão]/ Cem vezes te reneguei e renego [traçam novamente o sinal da cruz]/ Cem ave-marias rezei [rezam a ave-maria, ainda ajoelhados]/Cem vezes me levantei [todos se levantam].

E repetem por cinco vezes, de modo que ao fim da caminhada, passando pelos cinco cruzeiros, tenham rezado as 100 ave-marias. Nas mãos dos devotos, pedaços de papel traziam um lembrete para acompanhar a oração.

Outra oração recitada no início da caminhada, é conhecida e já publicada em livros de oração católicos⁶⁵. Segue abaixo:

“Levante-se Deus, por intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria, de São Miguel Arcanjo, de todas as milícias celestes e sejam dispersos seus inimigos e fujam de sua face todos os que O odeiam, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém!”

⁶⁵ “Orações Seleccionadas: por Cura, Libertação e Intercessão” (pág. 17, 47ª edição publicada). O texto de apresentação do livro, diz que este é uma compilação de orações já existentes e se destina aos católicos da Renovação Carismática. A forma rezada na Caminhada Santa Cruz se difere do livro em algumas palavras mas tem o mesmo fundamento. Organizado por Reinalda Delgado dos Reis, Coordenadora Nacional da Secretaria Rafael, Arquidiocese de Sorocaba.

As orações no cruzeiro são bem interessantes. Remetem o ouvinte a uma batalha travada com o diabo, por meio daquelas palavras e gestos em posição de defesa, como por exemplo, erguer a mão espalmada à frente do corpo. O tom de voz também é outro; mais forte com impressão de autoridade e repreensão.

Muitos são os gestos que se pode ver. Tirar o chapéu quando começam a rezar é uma prática entre eles, sendo que os homens o fazem e as mulheres não. Elas usam bonés, chapéus mas não repetem o gesto dos homens. Um deles chama atenção: um senhor tira o chapéu da cabeça, joga aos pés da cruz e reza as ave-marias lançando pedras dentro dele. Pergunto por que faz isso: “não sei acompanhar no rosário”.

Caminhar para o segundo cruzeiro foi menos difícil por ser um trajeto em terreno plano, em meio a uma vegetação diferente que nos chamava atenção. De acordo com uma das devotas, as flores são orquídeas selvagens. Ela até retirou uma delas para plantar em casa. Uma senhora me oferece laranja-lima e diz que ajuda a não desidratar e nos permite chegar bem até o fim. Não levam nada para tirar a casca da laranja, uma faca como se costuma fazer; tirou com a mão mesmo. Bolsas, mochilas nas costas, traziam laranja em boa quantidade e, portanto, um peso muito grande, mas não reclamavam.

Como é um trajeto longo, muitos ficaram dispersos. Conversavam e riam alto, e não ouvíamos mais os cantos, as rezas. Foi possível aproximar, quebrar a estranheza da minha presença falando com as pessoas, entrando no meio da prosa. Falavam de tudo! Apontavam algumas plantas no meio da mata e os efeitos medicinais de cada uma. Comentavam o quanto era bom participar da festa, relatando as doenças que as impediam, mas com a insistência em participar foram curadas. A devota Ana de Fátima conta da doença, da dor que tinha num dos pés, que a fez pensar: “Não vou conseguir caminhar mais”. Mas enfrentou a doença e foi pra festa, conseguindo concluir a caminhada. “Fui curada”.

Outro assunto: aquele lugar onde passávamos era região de exploração de mineradoras. De acordo com Ana Lúcia, que participa também da organização da caminhada, o local foi invadido e pertence à sua família que não foi indenizada. Processos judiciais foram abertos, mas não teve uma solução favorável aos proprietários. Relatou que muitos moradores ganharam bastante dinheiro trabalhando nas lavras.

Chegamos ao segundo cruzeiro. Ele fica na Fazenda Canastra, nas terras do senhor Zé de Marinho, um dos organizadores da festa. Embora o caminho para subir seja menos difícil

até o cruzeiro, este está ainda mais alto que o primeiro. Tivemos muita dificuldade para descer no final, em meio a tanta terra solta e nenhum apoio. Os foguetes e os cantos nos chamam atenção por estarmos atrasadas em relação ao grupo. As pessoas pareciam cansadas, rezando baixo e, sentadas não acompanhavam os gestos por completo. As crianças conversavam muito, andavam de um lado para outro. Mas num certo momento recuperaram a força e rezaram mais alto; terminaram cantando. Ao sair do cruzeiro, depois de ter rezado, se ajoelhado, cantado, os devotos tocaram a cruz e traçaram o sinal da cruz sobre si.



FIGURA 5. Devotos ao redor do cruzeiro nas terras do Sr. Zé de Marinho, Fazenda da Canastra
Fonte: arquivo pessoal de Juliana Aparecida Silva Farias Dias

Ana Lúcia mostrou, apontando, o trajeto que fizemos sobre o terreno montanhoso, o quanto subimos e agora a descida, que exige cuidado: este trajeto nos leva de Lages à outra comunidade, a de Santa Rita de Curral. Ou seja, atravessamos a montanha de Lages para Santa Rita de Curral caminhando e rezando. Ela avisa que acabando a “pirambeira” passamos dentro de um rio. Pergunto se é muita água, se molhamos muito. Ela diz que não. E de fato a água estava bem baixa, muito limpa correndo sobre uma areia branca bem fina. Um cenário

muito bonito e surpreendente depois de caminhar numa terra muito seca. Aí já pertence às terras da Fazenda Canastra que dá nome ao cruzeiro: Cruzeiro da Canastra.

Na fazenda, um lanche foi preparado no quintal de casa para todos se servirem. Um grande número de pessoas se aproximou da mesa, mas próximo dali tinha um pé de tangerina “carregado” da fruta, que atraiu muita gente. Então nos sentamos num gramado por ali e saboreamos a fruta. Enquanto isso, os anfitriões passavam por nós servindo biscoitos pães, tanto da mesa, como os que foram trazidos nas bolsas. É um momento de partilha, de solidariedade. Todos comem à vontade. “Então chega lá em casa um leva um bolo, outro leva um requeijão, outro leva bolacha, um leva uma garrafa de leite, eu tenho um gado graças a deus faço uma [...] de requeijão. Meu quintal tem laranja demais, muito bonito graças a deus”⁶⁶.

Aproveitei aquele momento para perguntar o casal que trouxe no colo um bebê de quatro meses de idade, por que motivo teriam submetido a criança a um sol forte por tanto tempo; sua pele estava vermelha pelos raios de sol. “Foi promessa”; Contaram que ao nascer, a criança contraiu uma doença e quase foi morta. Então fizeram uma promessa e hoje cumprem levando a criança e levarão sempre.

Ana Lúcia, entendendo a minha presença na Caminhada, uma vez ou outra trazia informações. Disse que a festa é tradição e por isso a localidade (as comunidades envolvidas diretamente na festa) pára todas as atividades naquele dia. Não tem aula por exemplo, por que as famílias estão na caminhada.

Havia muitos carros que levariam os devotos de volta a Lages, de onde começa a caminhada, para outro evento agendado: a chegada da “Imagem Peregrina da Mãe Rainha de Schoenstatt”, cuja réplica percorre de casa em casa, em grupos de 30 famílias no mundo inteiro.⁶⁷ A imagem deveria sair de Lages em carreata e seguir até a Igreja de Santa Rita onde ficaria exposta. E assim foi feito.

⁶⁶ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

⁶⁷ O “Movimento de Schoenstatt” surgiu na Alemanha em 18 de Outubro de 1914, fundado pelo Padre José Kentenich, tendo chegado ao Brasil em 1950, por meio do Diácono Luiz Pozzobn, membro da Liga dos Homens, no Movimento Apostólico de Schenstatt, de Santa Maria, Rio Grande do Sul. INSTITUTO SECULAR DAS IRMÃS DE MARIA DE SCHOENSTATT. *Mãe rainha e vencedora três vezes admirável de Schoenstatt*. Atibaia: O Instituto, 2011. De acordo com os relatos, este movimento está presente há aproximadamente cinco anos nas comunidades de Lages e Santa Rita.



FIGURA 6. Carreata em direção à igreja de Santa Rita na comunidade de mesmo nome, no dia 03 de maio dentro da programação da Caminhada Santa Cruz.
Fonte: acervo da pesquisa

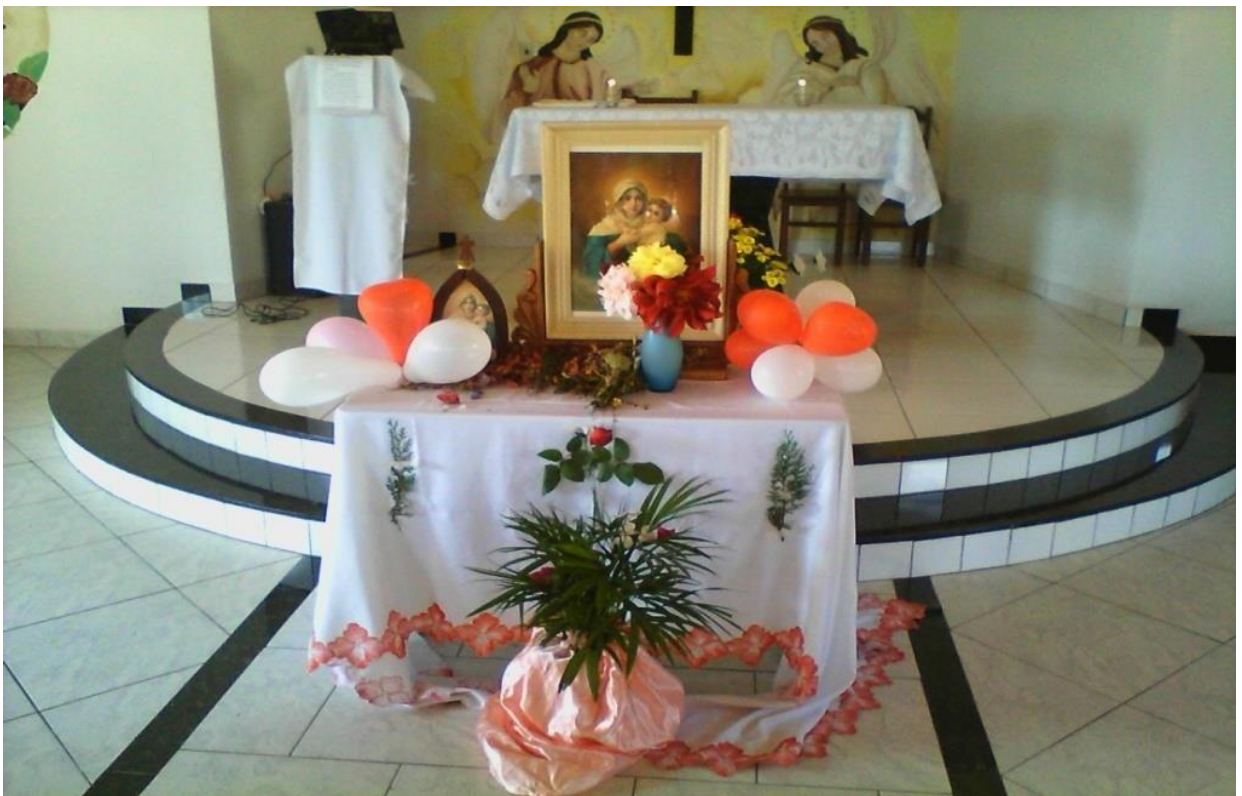


FIGURA 7. Imagem da Mãe Rainha de Schoenstadt na Igreja de Santa Rita.
Fonte: acervo da pesquisa

Este ato é uma evidência de que devoção à Nossa Senhora é muito forte na localidade, presente no caminho aos cruzeiros, nas músicas que cantam (“Maria de Nazaré”), nas orações que fazem (“Ofício de Nossa Senhora”) e depois confirmado através dos relatos dos próprios devotos:

[...] Não deito sem fazer o sinal da cruz, sem fazer minhas orações, rezo o ofício de nossa senhora todo dia. [...] Nossa Senhora é a mãe de Jesus que morreu na cruz, ela tava do lado da cruz, estendeu ele o braço, né. [...] É triste. Ver Nossa Senhora vendo ele sofrer, aquela caminhada toda, aquelas chicotadas, aquele sangue saindo e ela firme ali calada, né. Qual é a mãe que agüenta isso? Mãe nenhuma hoje em dia. Se der um tapa num filho a mãe ta explodindo, né⁶⁸

Neste dia, de acordo com a programação, um padre viria celebrar a missa ao meio dia. Depois fomos informados que não viria mais nesse horário, e só chegaria às cinco horas da tarde. Ou seja, o evento ocorreu o dia inteiro e nenhuma autoridade eclesiástica esteve presente. Os próprios devotos organizaram, abriram a igreja, ornamentaram o altar que receberia a imagem, enfim tudo fizeram por conta própria.

Chegando a imagem os presentes se reuniram dentro da igreja, fizeram um momento de oração com cantos, fizeram também fotografias... porém, logo em seguida todos deixaram a Igreja e foram para o 3º Cruzeiro, que fica em frente à igreja, do lado de fora. No final da manhã, com o sol já bem forte, as orações tiveram a mesma força do início da caminhada completando a programação antes do almoço, com 60 ave-marias; ou seja, faltam ainda dois cruzeiros, 40 ave-marias.

⁶⁸ DEOLINA. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (12min). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.



FIGURA 8 – Devotos no 3º Cruzeiro em frente à Igreja.
Fonte: acervo da pesquisa

Deixar o interior da igreja, e se juntar ao redor do cruzeiro, pareceu mais significativo para eles. A impressão é de que se identificavam mais com o “espaço de fora” do que com o “espaço de dentro”. Estavam à vontade e foram mais fervorosos. Aliás, durante todo o trajeto não se ouve nenhuma queixa de cansaço, fome ou sede. Não se ouve murmuração.

Eu acho que a fé. É assim, vamos supor: se você não tem fé numa reza pra que ir... é a fé que a pessoa tem de ir lá, de chegar aquele dia e acompanhar. E ce ver todo mundo rezando, todo mundo ajoelhando, todo mundo levantando, né. Jovens crianças, [...] ninguém reclama... então⁶⁹ ...

O almoço também acontece ali, fora. Acima do cruzeiro um cômodo foi organizado para a preparação dos alimentos e para servir os participantes. Um barracão, que tem nos fundos uma área coberta, com várias panelas em fogareiros feitos no chão: as “trempes” como

⁶⁹ JOSÉ CLÓVIS, 2014, entrevista.

dizem. Colocaram cerca de cinco delas, com panelas bem grandes, de modo que todos puderam comer com fartura: arroz, feijão e carne. A sobra da carne é distribuída no fim da tarde, quando se encerra a festividade; fazem farofa e comem na mão mesmo.

Chega aqui nós faz do mesmo jeito e aí almoça. E aí nós vai lá em cima. Quando termina vem a palma da mão: a farofa; o que sobra, farinha dentro e põe na mão; um pega um pedaço de osso, outro pega uma sopa e é essa farra. Aí dá saudade⁷⁰.



FIGURA 9. Trempe construídas no chão, nos fundos do barracão para preparar o almoço.

Fonte: acervo da pesquisa

Do lado de dentro do barracão, voluntários servem a comida – pela janela - enquanto do lado de fora, outros servem refrigerante para os devotos que estão em duas filas aguardando a sua vez. É um outro momento de partilha, de doação, todos comem, bebem, conversam...

Quem faz a comida?

Essas muié tudo aí. Nesse fogão. Os tacho era adotado. Nós fazia primeiro na casa de Ana Lucia ali; ela recebia nós na casa. Depois cumpade [...] aí nós inteirô: gente, vamo fazer um negócio? Fica sujando a casa da mulher, casa de cerâmica. Vamo fazer um comodozinho pra nós? Vamo. Juntemo e

⁷⁰ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

fizemo essa casinha aqui. Agora nós... um tem um tacho outro tem outro. Trás os tacho pra nós cozinhar. No dia firme vem nós, o zelador, os responsáveis, vem todo mundo ariar os tacho. Ai nos aria tudo bem ariadim, põe no carro vai de casa em casa e entrega pra quem nós tomô emprestado. Quando foi agora, tem uns 15 dias, nós foi em Montes Claros, numa D20, entramo lá na casa compramos 1300 conto de vasilha.



FIGURA 10. Devotos em fila aguardando o almoço que estava sendo servido pelas janelas do barracão.

Fonte: acervo da pesquisa

Qualquer lugar serve para sentar. No chão, no alto do barranco, na porta da igreja, nos fundos do barracão, ou em pé mesmo no sol.



FIGURA 11. Devotos em fila aguardando o almoço que estava sendo servido.
Fonte: acervo da pesquisa

Embora tenham demonstrado a importância do evento para eles, não há nenhum registro escrito sobre o mesmo. Ao me despedir de alguns deles – não estive nos últimos cruzeiros – o Sr. Redelvino, um dos organizadores, me pediu os vídeos e fotos que fiz durante a festa.

Este foi o primeiro contato com a Caminhada de Santa Cruz (03 de Maio de 2013). Foi um momento fecundo por que muitas perguntas foram se formando a cada acontecimento, através dos gestos, nas orações e músicas que recitavam, nas conversas enquanto andávamos.

2.2 A caminho do monte: “Caminhada Santa Cruz” – 2014

Em 2014, voltei à região no dia 03 de maio para a Caminhada⁷¹ acompanhada de Maria de Fátima Dias. O maior objetivo era falar com devotos, que não participariam ativamente da festa, subindo para os cruzeiros. Como vi acontecer em 2013, estes devotos que não tem condições de caminhar, ou não podem deixar as casas por um tempo mais longo, vão para a Igreja de Santa Rita e rezam no cruzeiro. Almoçam junto aos outros e voltam.

Ao chegar em Lages segui para a casa de Dona Helena, que estava em Montes Claros, para tratamento de saúde. Sua nora, também devota Nilma Mony nos recebeu, serviu café de acordo com o costume. Em seguida nos convidou para os fundos da casa, pois tinha muita fruta “que poderia perder” por não ter quem as consuma. A casa não tem crianças e Nilma, casada, não pode ter filhos por questão de saúde. De acordo com ela, se contenta com as crianças da família, que moram na cidade e às vezes vem para a comunidade.



FIGURA 12. Comunidade de Lages

Fonte: acervo da pesquisa

⁷¹ No dia 1º de Março de 2014, estive na região, pela primeira vez naquele ano para realização de entrevistas e distribuir questionários, quantos fosse possível.

A casa vizinha, há alguns metros de distância, pertence à Maria Nilza. Estava sozinha e os filhos participavam da caminhada. Nos levou até os fundos da casa para mostrar o terreno da família; uma grande extensão de terra, um rio em cujas margens plantam verduras, legumes e frutas e criam um pequeno rebanho. De forma muito simples, a vida segue naquele lugar, porém as mulheres nos dizem que é preciso ficar em casa para evitar arrombamentos, tipo de crime que começou acontecer recentemente na região. Seria um outro fator de ausência na caminhada, quebrando para alguns a tradição de participar anualmente dos festejos de 03 de maio.

Enquanto conversávamos, falei sobre a entrevista. As devotas então concordaram apenas em responder os questionários e indicar outros para também respondê-los. Assim encaminhei mais três questionários diante da boa vontade em me ajudar, mas não recebi de volta. De posse dos formulários sentaram-se embaixo de uma árvore, responderam as perguntas devolvendo logo em seguida. Fiquei por perto para sanar dúvidas caso necessário.

Depois de ter passado uma parte da manhã em Lages, seguimos com Nilza para Santa Rita de Santa Cruz, onde o grupo de devotos chegaria a qualquer momento. Muitas pessoas, idosos e crianças principalmente, aguardavam ao lado da igreja⁷² em bancos enfileirados na sombra, para esse fim, uma vez que nem todos podiam participar do trajeto nas montanhas por exigir muito esforço. Outros teriam ficado para cuidar dos lanches e almoço que aconteceria em seguida.

Completavam aproximadamente quatro horas de caminhada, quando chegaram à porta da igreja onde fica o 3º cruzeiro. Em muitos carros, motos ou em cavalos, vindos da Fazenda da Canastra, cumpriram o trajeto que no ano anterior pude acompanhar; de fato é bem longo. Mas o Sr. Zé de Marinho disse:

Quando termina... já entra no carro e vem esquentar a comida aqui e nós vem todo mundo caminhando. Nunca montei numa bicicleta nessa caminhada. Tem quatro anos que nós vem a pé e rezando, batendo pandeiro e cantando.

Mesmo tendo caminhado por 4 horas não pararam de rezar. Seguiram para o interior da igreja, ocuparam todos os bancos e cantando, rezando permaneceram lá por uma hora aproximadamente. Sem se dispersarem ouviram Ana Lúcia, que se pronunciou com postura de liderança.

⁷² O termo igreja foi utilizado para designar o templo. Este será grafado em letra minúscula e poderá ser mencionado em letra maiúscula ao longo do texto como referência à Igreja Católica, instituição.



FIGURA 13. Devotos reunidos na comunidade de Santa Rita de Santa Cruz
Fonte: acervo da pesquisa

Em seu discurso enfatizou a importância da Caminhada para eles. Lembrou que a presença de um pesquisador é bem vinda, pelos objetivos que eu, Juliana já havia apresentado antes de iniciar os trabalhos na Caminhada. Então me deu um momento para que eu falasse sobre o desenvolvimento da pesquisa (porque muitos ainda não sabiam o que estava sendo feito) ressaltando a necessidade do registro de um evento tão importante para todos. Nesse momento percebi uma preocupação com a memória da tradição que receberam por herança dos seus antepassados.

Os devotos se lembraram e perguntaram por Dom Geraldo Magela de Castro. Nos últimos anos que ele participou da caminhada - 2010 e 2011- já adoentado, chegava ao meio dia, celebrava a missa – chegou a fazê-lo na cadeira de rodas - e logo voltava para Montes Claros. Na ocasião, falamos (Maria de Fátima e eu) sobre a saúde de Dom Geraldo, as perspectivas quanto ao seu futuro e principalmente dizer que ele estava lúcido, que acompanhava, através da própria Fátima e dos amigos que o visitam frequentemente, os acontecimentos nas comunidades onde foi pároco depois de bispo emérito. Naqueles dias estava hospitalizado, e já havia 4 anos; não movimentava os membros superiores e inferiores, mas continuava lúcido se comunicando por meio de leitura labial ou tecnologia via

computador por comando visual. contei aos devotos que havia visitado no hospital e falado com ele sobre a pesquisa, levei as fotografias para que tivesse conhecimento, porque ainda era pároco da região. Os devotos choraram.



FIGURA 14. Ana Lúcia ao lado da mãe discursando aos devotos na igreja.

Fonte: acervo da pesquisa

Maria de Fátima Dias, é secretária da cúria diocesana atualmente. Percorreu com Dom Geraldo durante mais de 10 anos a zona rural, e hoje ainda visita aquelas comunidades ajudando quando possível, com doação de bíblias e material litúrgico em geral, ornamentos e toalhas para o altar.

Este momento de reflexão foi concluído por Ana Lúcia que leu e comentou um trecho bíblico⁷³, do qual ela não deu as referências, mas pode ser encontrado no capítulo 19 do livro de João a partir do versículo 17 até o 42. O texto escolhido se refere à crucificação de Jesus Cristo, e segundo a devota, a “Paixão de Cristo” deve ser lembrada sempre, pois foi um ato de amor pelo ser humano e o que estão fazendo ali é para lembrar este fato. Em seguida rezaram e cantaram, e deixaram o interior da igreja para o cruzeiro do lado de fora.

⁷³ Tradução da Editora Ave-maria.



FIGURA 15. Devotos em oração no 3º cruzeiro visitado; fica em frente à igreja
Fonte: acervo da pesquisa



FIGURA 16. As crianças participam vestidas com a “camisa da caminhada” tal como os adultos
Fonte: acervo da pesquisa



FIGURA 17. Devotos beijam ou apenas fazem o gesto, de beijar o chão, quando recitam a oração à Santa Cruz;

Fonte: acervo da pesquisa

A camisa esse ano é verde, mas mantém a ilustração, com uma cruz estampada no alto do lado esquerdo e abaixo a inscrição: “Caminhada Santa Cruz – 03 de maio de 2014”. As crianças também se vestem. Algumas fizeram o trajeto que durou mais de quatro horas debaixo do sol, mas brincavam, corriam ficavam nos braços dos pais... estavam sempre envolvidas nos acontecimentos.

Já passava do meio-dia quando encerraram as orações. Uma fila então se formou em frente á janela do barracão, que pode ser visto ao fundo imagem seguinte



FIGURA 18. Devotos reunidos para o almoço
Fonte: acervo da pesquisa

Importante salientar que no momento da chegada dos devotos à porta da igreja, Ana Lucia fez circular uma ata redigida por ela, para assinatura daqueles que não haviam caminhado e esperavam ao lado, ao abrigo da sombra. Pela primeira vez esse registro era feito; talvez esta pesquisa teria incentivado a produção do documento, que embora eu tenha visto, não tive acesso.



FIGURA 17. Devotos reunidos ao lado da Igreja
Fonte: acervo da pesquisa

Terminado o almoço, há uma pequena distância do local, os devotos pararam, para um lanche. O chá feito de ervas colhidas lá mesmo, e os biscoitos assados no forno, são consumidos por todos e aos poucos a cozinha se torna pequena pra abrigar a quem chega. Fomos saindo aos poucos e dando lugar a quem não tinha lanchado ainda.

Estas reuniões são muito interessantes, porque todos, independente de quem sejam e de onde tenham vindo, se juntam aos moradores e participam de tudo que é praticado sem cerimônia.

Seguiram o caminho em direção aos últimos cruzeiros, depois de uma longa pausa. Já bastante tarde, seguimos viagem de volta pois a estrada se torna difícil para o trânsito a noite, como já havia dito.

Nenhuma autoridade eclesiástica participou ativamente das atividades, seja na organização ou do evento em si.

Dom Geraldo Magela de Castro, influenciou sobremaneira o processo de evangelização no Norte de Minas. Além de atender as determinações do Concílio Vaticano II, pertencia à Ordem Premonstratense que, segundo Borborema (2012) “a influência da Ordem Premonstratense, no sentido de valorizar as pequenas comunidades no que diz respeito à participação ativa e à partilha”.

Valéria Borborema, que escreveu a biografia de Dom Geraldo⁷⁴, diz que no início do seu bispado, ele procurou ouvir o laicato e “aproximou-os” da Igreja, traçando o perfil de uma “Igreja Missionária”, nos domínios da diocese. Foi com este espírito que ele estabeleceu relação com as comunidades da Caminhada Santa Cruz, sendo mencionado em muitas entrevistas, como encontraremos ao longo deste texto. Os premonstratenses foram uma das primeiras ordens a exercer trabalhos missionários no sertão norte-mineiro.

Um dado importante reforça o fundamento da ação missionária praticada na região no século XIX pelos premonstratenses. Em entrevista à secretária da cúria diocesana, Maria de Fátima Dias, afirmou que ao chegar àquelas comunidades e conhecer a Caminhada Santa Cruz, Dom Geraldo “teria achado ali uma oportunidade de evangelizar.” O termo – evangelizar – traz em si o significado das ações da Igreja ante as devoções populares daqueles que habitavam aqui no sertão, quando houve a expansão do seu povoamento, com uma contribuição significativa das missões. Pretendiam acompanhar a prática dos fiéis preconizadas por devoções populares, já que não poderiam “transformá-la”.

⁷⁴ BORBOREMA, Valéria. Episcopado de Dom Geraldo Magela de Castro. In: SILVA, Franscino Oliveira; JÚNIOR, Dorival Souza Barreto (Org.) *História e Memória: aspectos sociais, políticos e religiosos do catolicismo norte-mineiro*. Belo Horizonte, Fumarc, 2012. p. 135-153.

Os devotos dizem que Dom Geraldo “abençoou” a caminhada. Lembrando o depoimento de Maria de Fátima Dias, ela conta que numa conversa com o Bispo de um município próximo, ele teria afirmado que em prática semelhante em sua diocese, nenhum dos padres da cidade teria participado, “dado assistência” àqueles devotos, e ela então disse:

Aí eu falei com ele: pois é. Dom Geraldo, aqui nas comunidades dele tem essa devoção, mas só depois que ele deixou de ser bispo, que era paróquia dele também, é que ele foi dar assistência, participar igual o senhor está falando. Ele disse que era um momento de evangelização que não podia perder⁷⁵.

Ela disse que Dom Geraldo ministrou uma catequese sobre a cruz, e isso teria conferido mais fervor à devoção. Então evangelizar seria acompanhar de perto, e ao mesmo tempo exercer de certo modo, um controle sobre algo que, independente da presença de clérigos, acontecia com tanta força e a cada ano atraindo mais fiéis.

Os devotos por sua vez confirmam a atuação de Dom Geraldo Magela de Castro, sobretudo a atitude de aceitar, ou como eles dizem “abençoar” a prática da caminhada.

É uma coisa muito maravilhosa a caminhada e Dom Geraldo abençoou nós, ficou louco com nós nessa caminhada e pediu: Oh, gente não deixa acabar não. E nós quer sua força pro cê ajudar nós também, para num acabar⁷⁶.

E mais depois também que a gente não pode deixar de agradecer o esforço de Dom Geraldo que ele fez mais Fátima né... e hoje o nome da caminhada tá mais longe gente tem que agradecer ele também. Porque foi quem um dia teve a boa vontade de vim... Dom Geraldo nunca deixou de vir trazer a eucaristia, né. A gente sempre teve e nunca vai esquecer por que eu acho que ele faz parte hoje da caminhada, dela hoje tá onde tá, tem muito que agradecer a presença dele também⁷⁷.

E através, depois que Dom Geraldo celebrou a missa o padre entrou e continuou celebrando, né aqui. No ano passado foi o encerramento aqui na igreja. Dom Geraldo vinha assim, no meio e nós seguia, né. E o padre pediu que nós fosse e terminasse aqui⁷⁸.

Como pároco fez muito mais, como por exemplo, influenciar a mudança de nome do povoado, como conta o senhor Sebastião:

[...] por que aqui, que é a comunidade de Curral que é a nossa aqui, hoje... chamava aqui curral II, né, mas hoje, por honra e respeito a Dom Geraldo, a

⁷⁵ MARIA DE FÁTIMA, 2014, entrevista

⁷⁶ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

⁷⁷ TEODOMIRO. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (15m58). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

⁷⁸ GUIOMAR, 2014, entrevista.

gente... Dom Geraldo pediu quem sabe nós colocava é...Santa Rita de Santa Cruz. E Dom Geraldo foi uma pessoa especial na nossa vida, que viveu conosco muitos anos, 20 ou 21 anos aqui, né, aí a gente foi e mudou, adotou. Não é curral II mais⁷⁹.

Também foi apontado como diretor espiritual, conselheiro da comunidade:

Mas sou muito apegada com Nossa Senhora da Boa viagem e Santa Rita de Cássia. Por que dom Geraldo falou que naquela hora que for de mais precisão, aquelas coisas mais impossíveis pede santa Rita de cássia. Então santa Rita é santa Rita dos impossíveis⁸⁰.

Embora os devotos guardarem esta memória de uma boa relação com o bispo, o depoimento de Ana Lúcia sobre Dom Geraldo, indica que no início foi bem diferente. Até então o padre que “dava assistência” na região tinha laços fortes com o grupo, atendendo-os em todas as necessidades, espirituais e temporais. Sendo bispo Dom Geraldo foi recebido com estranheza. Ela não usou esta expressão, mas é o que se percebe pela sua fala:

E aí padre Silvano era assim, aquele padre que era pai. Ele chegava assim na sua casa queria saber se você tinha água se você não tinha, entendeu? ele queria resolver seu problema de água, de dinheiro... [...] vou levar ocês pra aprender os cantos, vou levar vocês para organizar, pra reunir as mulheres pra resolver os problemas das mulheres, reunir os homens, se tinha alguém sabe? Ele era muito dinâmico. Aí nisso, quando Dom Geraldo chegou ele chegou assim... com panca de Bispo. Ele celebrava a missa e carro. E o povo ficou...⁸¹

Ana Lúcia demonstrou ter sentido falta de uma “direção espiritual”. Segundo ela, junto com outras pessoas, começou a ter visões, ouvir Nossa Senhora e ficou “sem saber o que era”. Ou seja, o padre poderia orientar na lida com este evento novo em suas vidas:

E aí nossa senhora começou a passar mensagem pra gente. Ficou assim muito difícil pra gente por que Dom Geraldo morava longe sabe, a gente ficou assim sabe, muito longe sem ter contato... nós teria que ter uma pessoa pra ajudar a gente né, pra saber o que era e o que não era, e a gente... foi tudo muito novo...

Mesmo diante da controvérsia verificada, Dom Geraldo passou vários anos na comunidade, mas teria participado pouco ativamente da Caminhada Santa Cruz, limitando-se

⁷⁹ SEBASTIÃO. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (15m26). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

⁸⁰ GUIOMAR, 2014, entrevista.

⁸¹ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

a apenas celebrar a missa, conforme os depoentes. Dom Geraldo faleceu no dia 14 de Maio de 2015.

Prometi e cumpri a promessa feita ao senhor Redelvino em 2014. Quando voltei para as entrevistas, montei um álbum e dei de presente para a comunidade dos participantes, entregando nas mãos de Ana Lúcia. Ela teria editado fotos e gravações em vídeo e produzido dois DVD's anteriormente. Provavelmente nem todos tenham tido acesso ou até mesmo nunca souberam que existiam esses arquivos.

Depois de ter relatado, ilustrado a “Caminhada Santa Cruz” neste capítulo, nas páginas seguintes, os relatos dos devotos enriquecem e fundamentam o que vimos nas imagens: as práticas, gestos e orações. Definir um caminho para coleta de material foi de grande importância e segue detalhado também no próximo capítulo.

III

A CAMINHADA SANTA CRUZ NO TEMPO E NA HISTÓRIA

Neste capítulo faço a descrição dos procedimentos metodológicos para o estudo realizado, impulsionada pela busca de respostas sobre a manutenção de uma prática religiosa em comunidades rurais, do Norte de Minas, que preserva características de uma religiosidade praticada no Brasil colonial; como ainda pode estar presente no século XXI, em que a população vive mais na cidade do que no campo; Tendo como objeto as representações e práticas que definem o perfil deste fenômeno, restava então, investigar a devoção à cruz na “*Caminhada Santa Cruz*”, sua construção e reconstrução histórica, e ainda delinear o imaginário da cruz que permeia as práticas da devoção entre os moradores de três comunidades rurais no Norte de Minas Gerais, Lages, Machados e Santa Rita de Santa Cruz, antigo “Curral”.

As vozes dos sujeitos deram vida ao trabalho, uma vez que são a única fonte sobre a história da festa; vão aparecer em todo o texto. Contribuem ainda na elucidação das questões de pesquisa: Qual a origem da devoção a cruz na “*Caminhada Santa Cruz*”? Por que motivo interrompem a rotina para a “*Caminhada*”? O que a cruz significa para o devoto? Uma hipótese é que a representação que os atuais participantes fazem da cruz está ligada à cultura do ponto de vista do cotidiano e da tradição, e que tal representação sofre já alguma influência devida às atuais mudanças em curso no campo religioso regional, com introdução de elementos por grupos religiosos da Renovação Carismática e uma breve intervenção

eclesiástica que percebe-se, provocou pouquíssima alteração. Além disso, há outras devoções como à “Mãe Rainha Três vezes Admirável”, que de acordo com os devotos acontece há aproximadamente quatro anos na localidade. Mas não há relação nenhuma de outras devoções ou eventos católicos oficiais com os períodos de interrupção da Caminhada Santa Cruz ou seu esvaziamento marcado pela ausência de devotos. Anualmente participa, uma grande parte da população das três comunidades rurais. Nem todos sobem aos cruzeiros mais íngremes, por problemas de saúde e aqueles que ficam preparando a comida a ser servida e só acompanham a caminhada uma parte pela manhã e outra após o almoço. Outros ficam em casa para evitar arrombamentos, como havia dito anteriormente.

Em sua maioria os sujeitos da pesquisa são lavradores ativos e aposentados, tendo ainda uma professora, estudantes e donas de casa. Casados, os mais velhos têm famílias numerosas – até doze filhos – e os mais jovens têm até quatro filhos. Duas devotas são viúvas e tem 75 e 77 anos. Apesar de haver professoras e estudantes com curso superior em andamento entre eles, uma grande parte tem baixa escolaridade, porque a realidade de vida e as condições do local onde moravam, não possibilitava ficar muito tempo na escola, logo cedo começavam a trabalhar, de acordo com os relatos. Todos os entrevistados afirmaram ter crescido em famílias católicas tendo recebido catequese católica. Nos depoimentos deixaram entender que receberam uma catequese na família: “Sempre fui católica, recebi catequese dos meus pais. Nunca pratiquei outra religião”⁸²; “Católica. Avó contribuiu muito”⁸³.

Outros relatos citam a catequese e ritos sacramentais católicos oficiais como o Batismo e a Crisma.

Fale sobre sua formação religiosa; você sempre foi católico? Recebeu catequese na Igreja Católica? Praticou outra religião?

Sim. Sim. Não. Sempre fui católica⁸⁴.

Sou católica, fui batizada na igreja católica e tenho um amor enorme com a minha igreja. Viver na igreja católica é viver em cristo⁸⁵.

Meus avós eram católico, meus pais e eu nasci católica. Sim. Recebi a catequese⁸⁶.

Eu sou batizada, eu sou crismada, eu tenho o sinal⁸⁷.

⁸² MARIA NILZA. Comunidade Lages, Bocaiúva, MG, 3 de maio de 2015. Arquivo de mp3. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Faria

⁸³ MARIA INÊS. Comunidade de Machados, Bocaiúva, MG, 28 de março de 2015. Arquivo de mp3 (10m). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria na residência dela.

⁸⁴ LAIANE. Comunidade Lages, Bocaiúva, MG, 28 de março de 2015. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Faria.

⁸⁵ RAMONE. Comunidade Lages, Bocaiúva, MG, 28 de março de 2015. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Faria.

⁸⁶ NILMA MONY. Comunidade Lages, Bocaiúva, MG, 3 de maio de 2015. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Farias.

Isso confirma uma presença da Igreja Católica na região, para ministrar os sacramentos referidos e sinaliza para uma catequese transmitida pela tradição oral, no seio familiar, pois este é um traço forte revelado nas entrevistas.

Quatro devotos da Santa Cruz tem evangélicos na família. Ana de Fátima disse que um irmão evangélico participa da caminhada. No ano de 2014 procurei para falar com ele sobre sua presença no evento, mas não compareceu. Outros três também revelaram ter evangélicos na família:

A Senhora sempre foi católica?

Graças a Deus!

Todo mundo?

Hoje em dia não. Hoje em dia eu tenho uma filha que mora em Montes Claros que é crente, da Assembléia, minha filha mais velha que mora em Terra Branca, é crente, e tem ela lá. A família todinha só tem uma fia mais véia dela que num segue nada, nem crente nem católico⁸⁸.

Agora o senhor sempre foi católico, sua família também, o senhor fez catequese, 1ª comunhão...

Já fiz.

Mas sempre todo mundo era católico?

Sempre. Meus irmãos todos são católicos meu pai minha mãe tudo católico. Eu só tenho minha vó que era católica [...] pouco tempo, passou a crente. É minha vó ela assistia uma missa lá no vale, ela chorava assistindo uma missa quando foi agora passou a crente.

São todos católicos?

Católicos, né. Agora, Belo Horizonte tem uns dois lá que são evangélicos. Passou a evangélico há pouco⁸⁹.

Todos os participantes pertencem às comunidades que são vizinhas: Lages, Machados, Santa Rita de Santa Cruz, pertencentes ao município de Bocaiúva, Norte de Minas Gerais. A região de Bocaiúva foi povoada na primeira metade do século XVIII, e possui 11 povoados e 203 comunidades rurais, conforme dados do IBGE.⁹⁰ A atividade econômica tem um elemento com crescimento significativo recente que é a mineração, mas tradicionalmente se concentra na agropecuária, na extração vegetal e pesca. Indústria, comércio e serviços em menor intensidade.

Além dos devotos de Lages, Machados, Santa Rita de Santa Cruz, também participam pessoas de cidades vizinhas como Bocaiúva, Itacambira e Montes Claros. São pessoas que

⁸⁷ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

⁸⁸ DEOLINA. 2014, entrevista.

⁸⁹ TIÃO. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (13m22). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

⁹⁰ Cf. <<http://ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/bocaiuva.pdf>>.

moravam no campo, mas se mudaram para a cidade, e voltam só para a “festa”, mas não regularmente.

O início da pesquisa se deu pelo levantamento de material bibliográfico reunindo referências sobre a religiosidade norte-mineira, com foco no catolicismo popular, na devoção a cruz no Brasil e sua origem e como aconteceu no território mineiro. Para tanto, tive que recorrer a uma abordagem que abarca contribuições da História e da Antropologia, para poder orientar as primeiras observações em visita ao local do evento e em seguida a produção de questionários e roteiro de entrevistas.

Realizada uma observação primeira e entendendo que a prática da investigação com sujeitos humanos tem de se assentar no “[...] consentimento informado e [n]a proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos”⁹¹, foram realizadas as entrevistas e questionários sempre com termo de consentimento e carta de cessão (apêndices) assinadas por todos. Embora tivesse esse cuidado de manter garantido o direito de anonimato, muitos reforçaram que autorizavam a publicação dos nomes e do conteúdo das falas.

Com o registro das entrevistas, foi possível construir e um quadro cronológico com datas (aproximadas) de início da prática de devoção a cruz na “Caminhada Santa Cruz”, na região de cruzeiros, os intervalos entre as fases que compõem a história, totalizando cem anos aproximadamente.

A partir deste ponto do texto, estão contidos o que disseram os devotos quando questionados sobre a origem da Caminhada, a importância para cada um e para o grupo, o significado da cruz, a motivação para abandono da rotina para passar um dia inteiro “no caminho”, dentre outras questões com o foco nos objetivos de pesquisa.

3.1 O caminho das pedras...

O depoimento dos devotos foi um caminho para tentar construir um registro da história Caminhada, mas um grande desafio de fazer de uma colcha de retalhos um todo coerente⁹². Inicialmente tencionava trabalhar através de fontes escritas, mas ficou constatada e inexistência de um registro⁹³, sendo necessário recorrer aos indivíduos e suas memórias no trabalhoso, porém delicioso exercício da escuta, paciente e atenciosa, no intuito de não perder

⁹¹ BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e métodos*. Porto: editora do Porto, 2010.

⁹² PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História*, São Paulo: EDUC, n. 10, 1997, p. 23–32.

⁹³ Em 2014, Ana Lúcia fez uma ata da festa; enquanto estávamos na Igreja de Santa Rita, aguardando o grupo chegar para o último cruzeiro antes do almoço, os que estavam por perto assinaram e os outros o fariam depois. Um dos arquivos em DVD foi disponibilizado e se encontra anexo. A ata permanece em poder de Ana Lucia. São os únicos registros existentes ou que se conhece, esgotadas todas as possibilidades de busca.

nada, em nenhum “causo” e partir das narrativas, da memória, interpretar como começou e se transformou ao longo do tempo. A maior dificuldade foi estabelecer o tempo de origem da festa aos dias atuais e o período de interrupção e seu motivo, porque os relatos se divergiam, fazendo-me montar um quebra-cabeça que resultou num quadro com estas informações.

Ao lançar mão da metodologia da História oral, ouve-se a voz de uma população rural e seu modo de ver e viver o mundo, que estabeleceu um modo de vida que outrora foi negligenciado pela historiografia tradicional⁹⁴. A memória do devoto contribuiu para refazer um trajeto reconstruindo experiências do passado, trazendo vários olhares sobre ele, e que no fim demonstra que a “Caminhada Santa Cruz” é um fenômeno religioso vivido diferentemente por cada um (no que se refere aos objetivos, motivos pessoais), mas que construiu um sentimento coletivo. Todos diziam que a “festa” era algo importante para a comunidade e deve ser preservado, perpetuado, trazendo junto as novas representações que surgiram a partir das relações que se deram: entre eles, deles com o mundo, de todos com outras devoções e manifestações religiosas presentes. Célia Lucena entende que “[...] rememorar não é mesmo que viver o passado, mas sim a leitura do sujeito que a produz, numa sociedade que se diferencia daquela à qual se refere à lembrança”⁹⁵. Os sujeitos fizeram à sua maneira, a perpetuação da prática de fé dos seus pais. A fonte oral permite uma relação passado presente uma vez que se entende memória nessa relação em que se evoca o passado e dá significado ao presente. De fato, encontra-se na memória dos devotos um passado a ser preservado, mas uma mudança na prática da devoção à Cruz baseada nas necessidades cotidianas do presente.

Ao adentrar as subjetividades foi possível encontrar elementos que conectam a vida do devoto à prática, à primeira vista absurda, de percorrer quilômetros em um só dia sob o sol. Falam de suas vidas, colaborando para o registro delas, dos elementos que constituem o viver humano, das condições que se desenrolam na vida cotidiana, e a compreensão que se tem é de que “a vida cotidiana é a vida do indivíduo”⁹⁶. As construções cotidianas forjadas nos grupos sociais “menores” como a família.

Segui caminho ouvindo os participantes divididos em organizadores e devotos. Inicialmente com o foco nos organizadores, fui à localidade aproximadamente dois meses antes da festa, momento considerado ideal, já que estaria em andamento a preparação para a

⁹⁴ AMADO, Janaína; FERRERO, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da Historia Oral*. 7 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

⁹⁵ LUCENA, Célia Toledo. Memórias de Famílias migrantes: imagens do lugar de origem. *Projeto História*, São Paulo: EDUC, n. 17, nov. 1998.

⁹⁶ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Caminhada do ano 2014. Pude presenciar um trabalho coletivo, colaborativo, solidário em que, aqueles que desejam, de onde quer que venham, acabam ajudando como é o caso da cozinha, por exemplo, onde estão reunidos tanto organizadores como os demais devotos atuando nas atividades.

Entre os dias 26 de fevereiro e 01 de março de 2014, foram realizadas algumas entrevistas nas comunidades de Lages e Santa Rita de Santa Cruz. Em Montes Claros, entrevistei Maria de Fátima Dias, secretária da Cúria Diocesana que por mais de 10 anos acompanhou as comunidades em questão; Em 2015 estive no dia 28 de Março na comunidade de Machados, de onde recolhi dois questionários e mais dois em Lages.

Elaborei questionário especificamente para os devotos e a intenção era aplicá-los a um número maior deles, em lugares diferentes, com pessoas de várias idades, uma vez que pode ser observado durante participação na caminhada, a presença de crianças, jovens, adultos e idosos. Comuniquei a minha ida à comunidade de Santa Rita, justamente para localizar as pessoas e falar com elas, agendar encontros posteriores, ou coletar informações, se fosse possível no mesmo dia. Mas ao chegar à comunidade de Santa Rita, os organizadores da Caminhada estavam no “barracão da festa”, acompanhados de outros devotos que também queriam contar a história, falar do significado da cruz e do evento para eles. Vieram todos que puderam, o que causou uma mudança de planos para poder falar com todos que ali estavam. Foi muito importante esse momento, por que me encheu de gratidão a disponibilidade daquelas pessoas que, com simplicidade, vieram colaborar comigo na feitura do trabalho. Revelaram que estavam felizes e gratos por que alguém se interessou por parte importante da história deles e que agora teriam um registro; o que ninguém fez antes. Disseram que é uma tradição que vem de pelo menos duas gerações e que não pode se perder. Ao final, obtive um total de 11 entrevistas (06 organizadores e 05 devotos) e recolhi 06 questionários (02 em Machados, 04 em Lages).

No caderno de campo, o perfil dos sujeitos e as fotografias (totalizam 140) me auxiliaram na escrita do texto, sobretudo de detalhes que não poderiam aparecer com clareza, como a descrição dos cruzeiros, a vegetação e relevo predominantes, os gestos dos devotos, a realidade da vida simples do campo. Digitei e arqueei todos os dados do caderno de campo, organizei em pastas específicas os arquivos de fotografias e áudio das entrevistas e outros que foram feitos durante o trajeto da Caminhada, nos cruzeiros em 2013 e 2014.

Transcrever as entrevistas foi difícil por que certas palavras fazem parte de um dialeto próprio, regional; então tomou bastante tempo para identificá-las. A transcrição das entrevistas e as respostas de questionários constam nos apêndices. Uma das ações foi

decorrente das observações que fiz durante a Caminhada em 2013. Alguns dos devotos traziam nas mãos pedaços de papéis com uma oração escrita para acompanharem, porque não a conheciam. Convidei uma acadêmica do curso de História para produzir a ilustração de um “santinho” para a “Caminhada Santa Cruz”. A intenção foi levar para o grupo, não só um papel com a oração para uso durante o evento, mas algo concreto que pudesse identificar a “festa”⁹⁷. A oração impressa materializa um momento de grande importância, e se constitui como uma referência da “Caminhada Santa Cruz”, por ser a oração que fazem aos pés da cruz, nos cruzeiros. Os visitantes o levariam certamente consigo, e fazê-lo um meio de divulgação, o que entendi ser o desejo dos organizadores e demais participantes.

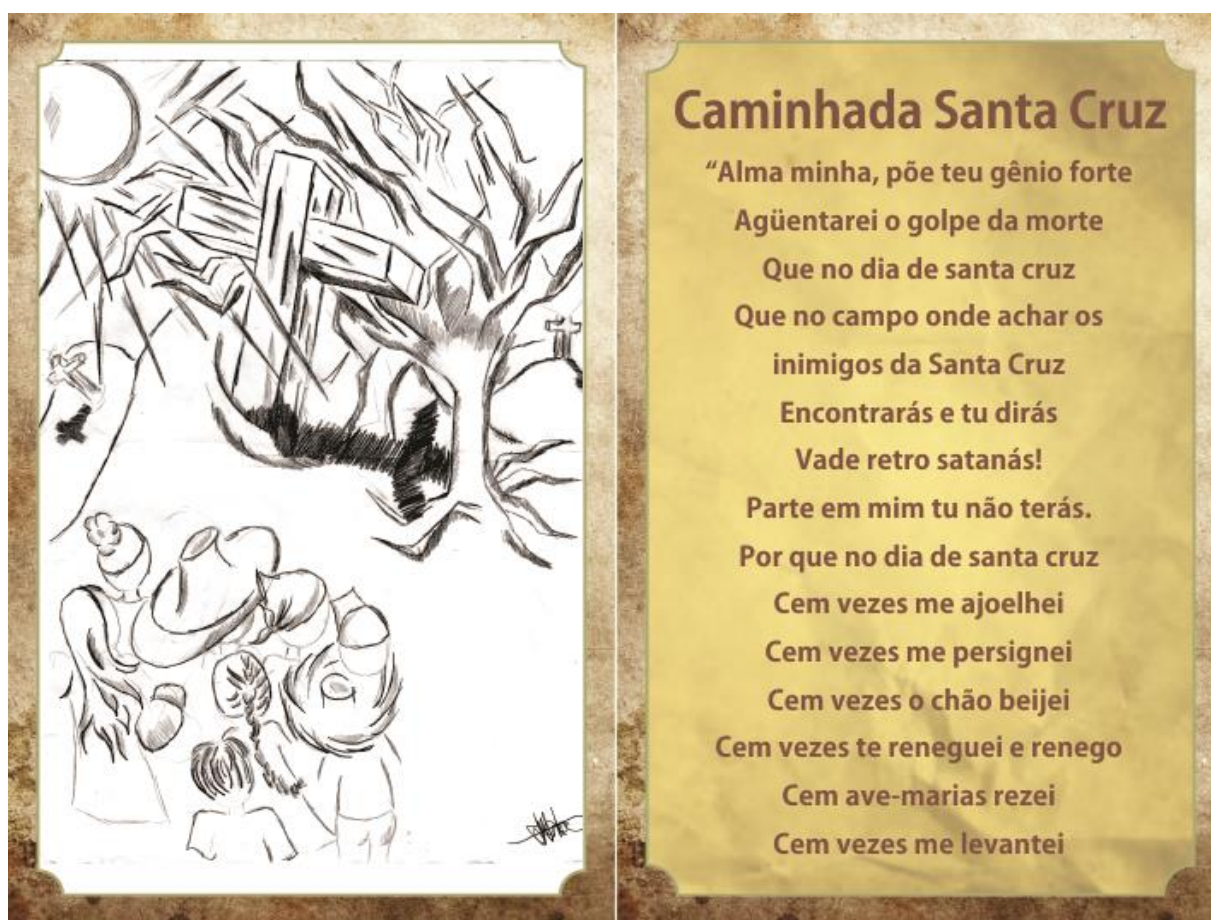


FIGURA 19. Santinho da festa;

Fonte: acervo de HALYRIA MARIA VENTURA OLIVEIRA

Na figura acima, o primeiro esboço do *santinho*. A arte gráfica ficou pronta em outubro de 2014, para ser apresentada no início de 2015, um mês antes da Caminhada.

⁹⁷ Ao longo do texto o termo “festa” poderá ser utilizado para se referir à “Caminhada Santa Cruz”.

Tudo o que foi até aqui detalhado, posso dizer que a atividade do pesquisador, que se atreva a trabalhar com a fonte oral, constitui num momento de grande aprendizado tanto da metodologia em si: ouvir, transcrever, digitar, analisar, como dos desafios que isso representa. O manejo com todo o material fruto da memória dos entrevistados, exige uma atenção com questões que surgiram no meio do processo; de repente as falas suscitaram outros caminhos que aumentaram a dificuldade, mas são próprios da liberdade que o método oferece e acabam enriquecendo o texto. Porém os obstáculos não superaram o gozo diante da gratuidade do carinho, do contato com a simplicidade de vida vivida, do reconhecimento do outro e suas necessidades. De acordo com os relatos a segunda fase da Caminhada Santa Cruz, teve início a partir de um problema de um só devoto, que foi acolhido por todos; foi também uma grande lição de solidariedade. Talvez o maior obstáculo foi encontrar a medida: ser fiel entre o rigor científico e o encantamento do pesquisador, que reconhece que caminho não foi feito somente de pedras.

3.2 O caminho dos devotos

Ao construir o caminho que os devotos de todas as gerações percorreram até hoje, vivendo a devoção a cruz na “Caminhada Santa Cruz”, uma colaboração importante seria de Dom Geraldo Magela de Castro, falecido no ano de 2015. Mas ele estava hospitalizado desde 2011, vitimado por uma doença degenerativa. Nos anos seguintes cheguei a falar com ele, mas as visitas tinham tempo reduzido, então falei um pouco da pesquisa, da qual ele já tinha conhecimento e mostrei as fotografias.

As intempéries, no entanto, não impediram o andamento da pesquisa. Foi um trabalho bastante prazeroso, falar com as pessoas, ver as crianças fazendo poeira no quintal fazendo “suas casinhas”, enfrentando a “pedradas” os bichos peçonhentos sem o menor temor... muito curioso e inusitado.

Segundo alguns relatos, a caminhada teve início há aproximadamente 100 anos, tendo sido interrompida com a morte de um dos pioneiros na prática de subir o monte para rezar aos pés da cruz: o senhor Sebastião Cardoso. Os filhos teriam adquirido o mesmo hábito de “construir cruzeiros” e subir para oração nos pés da cruz, passando às gerações futuras e criando uma tradição, no seio das famílias daquele local.

Através das informações que pude obter, decorre um tempo aproximado de 13 anos entre o fim da primeira e o início da segunda fase da prática da caminhada. Então temos duas fases com protagonistas, um cenário e um texto diferentes. As diferenças foram sempre

ressaltadas pelos devotos antes mesmo que fossem indagados, aparecendo em vários momentos durante a entrevista:

Isso vem de véio. Meu tio, irmão, tio do meu pai já rezava a Santa Cruz. É uma coisa que evem de muitos anos, né. Mas só que o povo não introduzia assim⁹⁸.

Nós... a caminhada é tradição. Só que nós mudamos⁹⁹.

A caminhada pra nós hoje, a caminhada sempre foi tradicional né... foi dos nossos pais... A caminhada pra nós hoje representa a fé em primeiro lugar né...e mais união das pessoas porque... nós resolvemos modificar por que antes rezava a Santa Cruz, um terço, né. Aí saía procurando uma pessoa pra ver se ela dava uma casa, por exemplo pra fazer o terço... desistia de rezar parava com o terço da Santa Cruz. Aí resolvemos fazer essa modificação pra que as pessoas tivessem mais oportunidade de encontrar um amigo, tá caminhando, tá rezando... em cada cruz nós reza 20 ave-maria... Outra pessoa agente bate um papo, distrai, outro faz uma caminhada, né... então por tudo isso é que a Santa Cruz... por isso nós tem lucro sobre isso, né¹⁰⁰.

Tinha antigamente, mas eu não lembro, né; mas não era assim não, era diferente, né¹⁰¹.

O que mudou foi só isso que eu lembro que na época, naquela data não tinha assim, o pessoal não tinha assim o amor. Hoje tem.

E o que mudou, que naquela época só rezava uma cruz. E hoje reza a todas¹⁰².

Um traço forte da festa: a maior parte dos devotos é de familiares, o que pode ter facilitado a manutenção desta prática, conferindo uma identidade que não foi perdida e agora se quer afirmada. Para eles é a maior herança de seus antepassados e que demonstraram uma grande preocupação em preservar. Nos relatos falam em “tradição” e “como tradição piedosamente conservada pelo grupo doméstico, na família extensa, ou em redes de vizinhança integradas por conterrâneos, podendo se constituir, por isso mesmo, em poderosos instrumentos de afirmação coletiva de identidade¹⁰³.

Eu sinto. Eu como vou dizer... gosto muito da caminhada, acho que como vou dizer... é uma devoção e uma tradição, né. É duas coisas uma devoção e uma tradição; uma tradição que, vamos supor, que veio dos antigo e parou, né. Agora o povo já de idade e como vou dizer, ensinando os mais novos também...¹⁰⁴

⁹⁸ DEOLINA, 2014, entrevista.

⁹⁹ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

¹⁰⁰ TEODOMIRO, 2014, entrevista.

¹⁰¹ GUIOMAR, 2014, entrevista.

¹⁰² JOSÉ CLÓVIS, 2014, entrevista.

¹⁰³ MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: HISTÓRIA da vida privada no Brasil. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁰⁴ JOSÉ CLÓVIS, 2014, entrevista.

No convívio com o grupo de devotos é possível perceber uma presença marcante do senso de identidade. Maria Lucia Montes faz um retorno ao período colonial para confirmar as bases que estruturam esta religiosidade com forte caráter identitário, demonstrado nessas práticas devocionais. Uma vez que o catolicismo romano teria validado práticas culturais religiosas¹⁰⁵ dos colonizadores para obter sucesso em seu projeto de catequização, possibilitou uma relação estreita entre o público e o privado manifesto nas devoções populares, nas festas precisamente. Mesmo na vigência do Concílio Vaticano II, o catolicismo oficial não eliminou as raízes dessa religiosidade, que lutando para sobreviver se fortalece sendo transmitida de geração em geração pela tradição oral por exemplo.

No dia da “Caminhada Santa Cruz” os devotos não realizam nenhuma atividade: não tem aula nas escolas da região, não trabalham, não se ausentam da comunidade e todas as famílias estão envolvidas, reforçando a compreensão de que “[...] nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade”.¹⁰⁶ Durkheim em sua abordagem sobre as formas elementares da vida religiosa, diz que “[...] o caráter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões conhecidas, à pausa no trabalho, suspensão da vida pública e privada à medida que estas não apresentam objetivo religioso”.¹⁰⁷ Tomo de empréstimo para confirmar o que se vê entre os devotos da caminhada, quão importante se faz este momento para eles. Afirmaram encontrar resistência em certos momentos, mas logo houve adesão total, sofrendo alterações nos últimos quatro anos pelo menos, após o crescimento da atividade mineradora nas proximidades, abarcando um grande número de homens, antes presentes na festa como relatado.

Até pouco tempo a programação não era veiculada na região, mas o número de participantes foi crescendo consideravelmente, trazidos por amigos, familiares, quando começaram a anunciar numa rádio local.

Mas o que se pode apreender dos relatos, são memórias de dois tempos passados diferentes, sobre a origem da festa. Uma fase teria iniciado há aproximadamente 100 anos, o que chamarei de primeira fase, sendo marcada pela prática devocional do Senhor Sebastião Cardoso que levava para o alto da serra, pedras na mão e garrafas d’água para pedir chuva, quando em períodos de seca prolongada, e depositava no cruzeiro que ele mesmo fincou. A memória recente da história da caminhada foi expressa por maioria dos devotos entrevistados

¹⁰⁵ A religiosidade popular é um campo de expressão da cultura popular, pois manifesta aí também o modo de vida de um povo, ligando-se as experiências cotidianas,

¹⁰⁶ DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 63.

¹⁰⁷ DURKHEIM, 1989, p. 61.

e tem como marco um fato particular: o testemunho de uma cura física, alcançada por meio da promessa de visitar os cruzeiros em caminhada. O senhor José Clóvis sofreu um grave acidente de trânsito e ficou sobre uma cama, imobilizado e com suspeitas de ficar paralisado. Tendo alcançado a cura, ele mesmo se pôs em serviço para refazer os cruzeiros, fincando novas cruzes sobre os montes ou trocando cruzeiros velhos nos locais já estabelecidos, para o retorno da prática que data de 03 de maio de 2002.

Quanto à primeira fase, três entrevistados fizeram uma referência com mais segurança, porque são de parentesco muito próximos do senhor Sebastião Cardoso. Várias versões foram relatadas, e uma delas por Dona Deolina:

Isso vem de véio. Meu tio, irmão, tio do meu pai já rezava a Santa Cruz. É uma coisa que vem de muitos anos, né. Mas só que o povo não introduzia assim. [...] O meu tio, irmão do meu pai ele rezava a Santa Cruz né, e depois eu nem conheci, ele morreu, acabou. Meu esposo [José Cardoso, filho do Sr. Sebastião Cardoso] foi que continuou a Santa Cruz. Ele punha uma pessoa com caroço de milho, contando, contando... com caroço de milho.

Neste trecho da fala de dona Deolina, a referência ao tio e ao pai, remete a uma prática familiar desde a sua infância:

Pai, quando não tava chovendo, quando tava sol, pai ia fazer a penitência; panhava água aqui e levava pra jogar lá e a pedra. Se a gente levava uma pedra de cá, punha no pé do cruzeiro e trazia a outra e jogava dentro d'água. E se ninguém fosse com ele ia sozinho. [...] Ele ia se ninguém fosse com ele ia sozinho. Um dia eu tava pra Bocaiúva e ele foi, tava trabalhando e sol tava muito quente, muitos dias sem chover, não era um mês, dois como tá agora não né, e ele largou o serviço e foi. Chegou lá, antes dele chegar em casa a chuva choveu. Antes de terminar a novena... é a novena. [...] Nove dias, um litro d'água e se ninguém fosse mais ele, ele ia sozinho.

Mas em outro momento traz uma memória ligada à primeira esposa do José Cardoso que teria motivado a criação do cruzeiro na Fazenda Canastra:

Esse que eu casei com ele, ele era viúvo, a primeira mulher dele, com o solão que tava ela fez um voto: se São Sebastião ajudasse que chovesse, ele mandava assentar um cruzeiro lá. Ele sentou o cruzeiro. Até o cruzeiro que ele assentou, da promessa que ela fez, até hoje tá o pedaço dele lá, ele foi e pôs outro. Aquele outro apodreceu, ele mais meu filho, Antonio Augusto pôs outro lá, simples, né. Depois Clovis juntaram aí, fizeram outro cruzeiro e botaram lá¹⁰⁸.

¹⁰⁸ DEOLINA, 2014, entrevista.

Uma evidência é de que são práticas antigas, tanto “rezar a Santa Cruz” como visitar o cruzeiro para pedir chuva em tempos de seca prolongada. Foi confirmada pelo senhor José Cardoso, o Zé de Marinho como é chamado na comunidade, afirmando que seu avô, Sebastião Cardoso, já rezava em sua casa. “Meu avô chamava Tião Cardoso. Morava nessa fazenda que eu moro nela até hoje. Canastra, neste município. E ele rezava a santa cruz todo ano, mas rezava só na casa dele. Chamava e vinha todo mundo, rezava”¹⁰⁹. E subia no cruzeiro pra pedir chuva; quando pergunto por que levavam água também para o cruzeiro ele respondeu:

Pra pedir a chuva. Quando chegava, rezava e molhava o cruzeiro. Antes dos nove dias, eles terminava a penitência - chamava penitência - terminava, cuspiam uma chuva. Agora hoje nós tem 4, 5 meses de seca torrando tudo e ninguém quer subir no cruzeiro. Mas quando nos tá na caminhada, um leva um pedrinha, um leva uma flor, planta flor... a cumadre Ana Lúcia plantou umas planta lá, pegou. Nós que plantá aqui, no meu lá...

Ana Lúcia é neta de Sebastião Cardoso e afirma: “A Santa Cruz, como cê já sabe aí, o povo já falaram, ela é antiga nossa, né. Foi nosso bisavô, fizeram uma reza, uma oração que é uma crença nossa não sei nem de onde, então ela é antiga. Meu vô pai de meu pai, né ele fazia na canastra todo ano”¹¹⁰. De fato o que se tem revelado é a prática da devoção foi iniciada pelo Sebastião Cardoso, rezando em casa e depois falecido, o seu filho José Cardoso teria continuado, vindo a finalizar ou adormecer por vários anos até a segunda fase. O Sr. Zé de Marinho sinalizou num momento da entrevista que teria acabado em razão da idade avançada dos antigos devotos. “Aí esse povo já véio, de idade, já num guentava mais andar...”¹¹¹

Porém, Ana Lúcia conta um fato que dá “outro final” para a história, sobre o rumo que tomou a devoção, quando da morte de seu avô, Sebastião Cardoso:

Aí sim, com a morte dele, meu pai continuou. Aí meu pai começou fazer essa oração em Machados. [...] Machados era povoado né. É tanto que eu sabia assim: ele ia quando ele era pequeno ele ia. Aí rezava lá na cruz. Na frente da igreja muitos, muitos anos. Com o tempo, meu cunhado chamado Catarino, colocou essa cruz aqui ó. (apontou para uma foto) foi colocada por Catarino e começou a fazer a Santa Cruz. Já na casa dele e começou a rezar lá, então deixou Machados e começou aqui. Aí pra lá quietou e ficou só aqui. Com o tempo, meu cunhado morreu. Não, morreu não. Ele deu derrame e foi embora. Aí a Santa Cruz quietou. Meu pai tava muito idoso, né. Rezava mas quase que morto. Ai meu irmão ficou rezando, Zé João. Ele ia lá em Machados e rezava, mas assim a devoção ficou quase que morta¹¹².

¹⁰⁹ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

¹¹⁰ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

¹¹¹ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

¹¹² ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

O senhor Sebastião tem outra versão:

Ó, quem colocou a primeira cruz lá eu não lembro, né a gente vê falar. Quem colocou aquela ali, a 2ª cruz foi Zé Cardoso. A terceira eu já pus minha mão para ajudar, foi o Catarino Veloso era genro de Zé Cardoso ali, ele rezava ali, né. Depois que Zé Cardoso começou, aí os filhos tiveram assim meio desentendimento, né e ficou assim já meio sem graça, já parou uns dias, uns tempos de rezar¹¹³.

Ditos estes fatos, pode-se dizer que a primeira fase teria finalizado e a prática adormecida até o início da segunda fase no ano de 2002.

Assim, passamos a analisar a segunda fase da devoção, que se caracteriza pelo retorno da prática de subir aos cruzeiros, no restaurar os que foram destruídos pela ação do tempo, ou substituí-los. Conforme os relatos foi marcado por outras motivações. O senhor José Clóvis foi citado nas entrevistas como o caso que motivou o retorno da prática de devoção à cruz na região, da “reza da Santa Cruz”, iniciando a segunda fase. Ele mesmo conta como teria sido:

Aí eu tive um acidente muito sério fiquei três anos e seis meses andando de muleta; esse Delvino fez uma promessa que se eu caminhasse, nós ia pôr um cruzeiro lá em cima do morro. Aí eu melhorei, agüentei caminhar ele falou assim: Ó Clóvis, fiz uma promessa pro’cê, pra nós pôr um cruzeiro lá em cima do morro. Aí eu falei: tá bom. Um dia nos fechô 32 ou 33 pessoas, nos foi colocar o cruzeiro lá, colocou, rezô... aí quando nos viemos de lá pra cá... nós: ó gente sabe, vamo todo ano fazer a Santa Cruz? Vamos todo mundo continuar com a Santa Cruz? Vamo uai. Aí começou mais pouca gente e foi aumentando e nós... naquele ano nós fez, foi nós só num fez almoço pra ninguém, ninguém mais fez, né. Aí no próximo ano nos já fez. Já comprou uma vaca, nós era 12 de frente aí essa vaca era assim: nós foi obrigado a pagar a vaca.¹¹⁴

O senhor Teodomiro aponta o ano de 2002 em que teria realmente começado a caminhada por decisão de um grupo de homens:

Que eu participo assim... antes claro, já participei de terço assim da Santa Cruz, mas que eu participei assim seguidamente foi a partir de 2002, que foi onde nos resolveu criar a caminhada então teve mais participação não só a gente como as pessoas da comunidade... o ano passado mesmo nós chegamo vender mais de 250 camiseta da caminhada... então as pessoa mesmo que não pode participar da caminhada no dia não pode, mas pode levar a lembrança da caminhada, pelo menos a camiseta...¹¹⁵

O grupo seria inicialmente só de homens; três relatos trouxeram essa informação, que foram dos senhores Teodomiro, José Clóvis e Zé de Marinho que segue: “E aí matemo um

¹¹³ SEBASTIÃO, 2014, entrevista.

¹¹⁴ JOSÉ CLÓVIS, 2014, entrevista.

¹¹⁵ TEODOMIRO, 2014, entrevista.

boi; fizemo. Aí falei assim: vamo fazer... vamo partir a caminhada? Trocamos idéia apenas, os homem. Só homem não teve muie no meio não”.

Os depoimentos foram confirmados pela Guiomar que acabou convidada para rezar o terço, o que aceitou como ela conta:

Foi através deles né. Nós...Esse moço que tava aqui, que é o José Clovis, ele teve um acidente, e meu irmão fez uma promessa e fez nós todos pagarmos. O cruzeiro tinha caído, e aí nós foi, eles pediu eu para eu ir rezar o terço. Nós fomos seguindo aos poucos, lá no Zé de marinho. Chegou lá eles falaram: gente vamos continuar fazendo a Santa Cruz?¹¹⁶

Inclusive o depoimento de Guiomar também se refere ao ano de 2002 para o início da caminhada: “Eu nunca falhei. Desde 2002 eu nunca falhei”.

Uma informação importante apareceu na entrevista com a senhora Ana de Fátima. Tendo nascido em outro estado, se mudou para o Norte de Minas em 1985. De acordo com ela nessa época a devoção já era praticada e chegou a participar com a mãe algumas vezes. Não soube precisar, mas afirma que após um tempo a caminhada encerrou contando apenas o motivo:

Aí depois quando nós chegamos, quando eu cheguei, eu mudei pra cá em 85, eu vim com ela né, eu era solteira na época. Ai a gente começou, foi várias vezes, que era lá em cima só na casa de Catarino. Aí depois o Catarino morreu, a família dele mudou, a esposa dele mudou, ficou só um filho casado aqui e os outros foram morar em Montes Claros, aí ficou um tempo sem celebrar, sem rezar. Aí depois que começou de novo; e foi quando começou e aí não parou mais, tá aí até hoje¹¹⁷.

Ao dizer que no ano de 1985 acontecia a caminhada, e houve um intervalo de tempo e “depois começou de novo” e “não parou mais”, Ana de Fátima conheceu duas fases da caminhada: o final da primeira fase e o início da segunda, acompanhando até os dias atuais. Não afirmou a data de interrupção, mas se aconteceu no final da década de 1980 ou início da década de 1990, e o retorno da prática em 2002, pode-se dizer que o tempo ocioso foi de aproximadamente 13 anos e a segunda fase acontece há 13 anos.

¹¹⁶ GUIOMAR, 2014, entrevista.

¹¹⁷ ANA DE FÁTIMA. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (16min). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

QUADRO 2. Caminhada Santa Cruz

PRIMEIRA FASE, 1914–89*	SEGUNDA FASE, 2002...	1914–89 = 75 anos 1989–2002 = 13 anos (intervalo) 2002–2015 = 13 anos Aproximadamente 100 anos de história foram levantados na pesquisa
Sebastião Cardoso	Redelvino Maria da Silva e amigos	
1914 (100 anos aproximadamente)	2002 (13 anos)	
Foi o primeiro a fincar uma cruz e fez o “Cruzeiro da Canastra”, Fazenda Canastra.	Conforme os relatos, eles substituíram as cruzes da igreja de Santa Rita de Curral, da Fazenda Canastra e fizeram um cruzeiro nas terras do Senhor Redelvino.	
Subia para pedir chuva em tempos de seca prolongada	Pediu em oração a recuperação da saúde de um amigo (José Clóvis) que se acidentou gravemente. Foi atendido e subiu para pagar promessa.	
Levava pedras e garrafas de água e depositava aos pés da cruz.	Não costumam levar objetos ou ofertas; levam pedras que utilizam para contar as ave-marias recitadas, simulando as contas do rosário.	

Fonte: dados da pesquisa

Já está bem claro que este se tornou evento importante na localidade. Para a caminhada acontecer, as atividades são suspensas em todos os postos de trabalho, como já foi aqui mencionado. Porém um fato novo para eles vem acontecendo: os homens, que geralmente são maioria na caminhada, (a segunda fase teria se iniciado apenas com os homens) foram afastados pelo fato de trabalhar nas lavras, o que foi confirmado no depoimento de Maria de Fátima:

Mas eu participava da missa, igreja lotada... aí essa participação até foi diminuindo. Porque? O pessoal começou a trabalhar nas lavras. E aí eles tinham que dar conta do trabalho. E a lavra, é “se achar uma pedra” não importa o dia ou a hora, mas se achar uma pedra. Se achar uma pedra, tinha dinheiro para comer no fim do mês, se não achasse não tinha. Então eles valorizavam todos os dias mesmo os dias de Santa Cruz, como eles falavam, dia 03 de maio, não importava o dia que era, eles vão trabalhar, muitos vão trabalhar. Principalmente os homens, e esta devoção o que mais chamou a atenção de Dom Geraldo foi a participação dos homens, por que era muito homem. Cê percebeu aquele dia que cê foi, a participação dos homens. E daí com esse trabalho na lavra, essa participação caiu um pouco; caiu mas continuou e a participação das mulheres, mas os homens era muito mais, isso chamou a atenção de Dom Geraldo¹¹⁸.

A mineração é uma atividade econômica na região, mas segundo os devotos, nos últimos anos (03 ou 04) tem se intensificado. Enquanto caminhávamos sobre a serra, Ana Lúcia apontou para os “limites invadidos” e o quanto suas terras foram avançadas, tendo começado pelo município de divisa, mas os limites não são muito claros. Certo é que a

¹¹⁸ MARIA DE FÁTIMA, 2014, entrevista.

comunidade estaria sendo oprimida pelos mineradores, que exploravam terras dentro das fazendas dos moradores. Nas conversas informais, durante os intervalos para o café, os devotos comentavam que pessoas teriam morrido, contraído doenças com o trabalho duro nas lavras. Apesar de tudo o que foi dito, as lavras teriam melhorado as condições financeiras. Algumas casas onde entramos, podíamos ver melhorias na estrutura: piso em cerâmica, cozinhas reformadas, fruto do trabalho nas lavras. Os moradores confirmavam.

Enfim este é um fator de mudança, uma vez que nem todos participam atualmente da maneira como foi no passado.

3.3 A Santa Cruz no caminho do devoto

Dentre as questões de pesquisa, uma se fez fundamental: o que significa cruz para os devotos; outra que adquiriu importância no processo foi: o que teria impulsionado a retomada da prática de devoção nos dias atuais, marcada pelas mudanças pertinentes, observado o modo de vida que levam nas comunidades atualmente. Coube então nas entrevistas perguntar: como, quando e por que participavam da caminhada, e para levantar as representações da cruz, questionar como os devotos se relacionam com a cruz no dia-a-dia.

Foram vários os motivos pelos quais os devotos foram aderindo à caminhada. Desde fatos marcantes na vida, como por exemplo a memória dos entes queridos, que teriam deixando por herança: “Eu participo da caminhada e quanto vida eu tiver agradecer a deus o bem que meu avô deixou pra mim. Foi o dote que meu avô deixou na família.[...]”¹¹⁹

Ou porque essa é uma das poucas oportunidades de reunir a família para rezar, destacando o “rezar em grupo grande” como algo bom em termos de “força da oração”; conversar, trabalhar estar junto, são importantes também.

Por causa que... duas coisas: uma que é um grupo grande rezando, né. Muito bom. E vem muita gente de fora, vem os amigos, ali a gente reza, a gente bate papo, conversa e tudo... e aquela turma reunida... nós mesmo reuni aqui é três dias antes. É pra apanhar lenha, esse ano nós apanhou lenha, nós fez isso aqui tudo (apontou para as melhorias que fizeram nos fundos do local onde fazem e servem a comida no dia da festa), esse ano. Isso aqui não era feito não; e reuniu a turma toda fez a casinha. Então a gente fica com saudade... é a devoção e essa união. E cada ano que passa, mais gente tá indo¹²⁰.

Ou pelos mais simples motivos: “Por que já começou lá em casa, né. Começou lá e a gente vai... vem pras casa pra cá...”¹²¹

¹¹⁹ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

¹²⁰ JOSÉ CLÓVIS, 2014, entrevista.

¹²¹ EDNA, 2014, entrevista.

Entendi, inicialmente, que existia uma relação com a cruz, direta e mais fortemente, restrita ao espaço-tempo da festa sendo que no dia-a-dia outras devoções são praticadas, outros santos invocados. Disseram que levam consigo as cruzes, às têm no “rosário”, em casa, mas não recitam orações de reverência à cruz, com frequência ou da mesma natureza daquela que fazem na festa.

Nas casas a cruz está nas paredes por diversos motivos. Pouco aparece nos altares onde os devotos guardam imagens de vários santos. Quando questionados sobre o motivo de darem determinados lugares para a cruz ou quanto à importância da devoção à cruz, acabaram por expressar a concepção da cruz, para eles.

Dona Deolina diz que o seu falecido esposo teria colocado lá na parede do quarto do casal e ela então não tirou. Mas não falou em um sentimento que a fizesse manter a cruz no lugar, seja por fé ou pela memória de um ato do esposo. Mas depois aponta a cruz como memória de cristo, expressando uma representação da cruz do Cristo morto para dar vida, salvação pela morte; É onde que Deus morreu na cruz, né. Pra nos salvar, né. Deus ajuda e aumenta a fé de cada um¹²². E assim também outros relatos revelam o mesmo: “A Cruz foi que Jesus morreu na cruz né, então a gente tem devoção na cruz por que foi Jesus”.

A cruz que é representada pelo sofrimento cotidiano, situações e relações comuns inerentes ao viver humano:

Então a cruz pra nós não é a cruz de pau, a cruz pra nós ela representa o próprio cristo, é a nossa vida. E a vida é o sofrimento, a cruz é sofrimento né, o dia-a-dia que a gente tem que superar. [...] Lembro. Quem diz: cada um de nós tem uma cruz, né. Cruz pra carregar assim, né. Aí Jesus carregou uma cruz e nós todos temos uma cruz pra carregar também, né¹²³.

Um sofrimento e alegria, né¹²⁴.

A gente tem assim como exemplo, da cruz por que foi aonde Jesus morreu pra nos salvar, e representa assim muito respeito a cruz. No dia que a gente casa, o sacerdote vira e fala toma sua cruz e siga-me. Jesus falou toma sua cruz e siga-me. Então o dia que agente casa, eu acho que a gente recebeu também uma cruz, que é a mulher e os filhos. E a mulher recebeu uma cruz os filhos e o marido. Agora eu acho que e uma coisa que a gente tem que levar muito em consideração assim¹²⁵.

Tem-se uma memória da cruz ligada à uma fonte de bênçãos e graças, num paradoxo; o mal que traz o bem:

¹²² DEOLINA, 2014, entrevista.

¹²³ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

¹²⁴ EDNA, 2014, entrevista.

¹²⁵ SEBASTIÃO, 2014, entrevista.

É, Isso. Graça sim. Porque tem certeza, graças mesmo. A gente consegue graças mesmo. Quando eu vou na cruz, a gente vai na cruz, realmente, a gente tem certeza que tudo o que cê pede a Jesus na cruz, pelo poder de sua cruz, né, porque a cruz a gente sabe que é uma coisa que pode ser adorada, né, como o próprio Dom Geraldo falou a única coisa que pode ser adorado é Jesus e a cruz dele; a cruz dele pode ser adorada porque caiu sangue dele neles¹²⁶.

A crença de que a cruz tem o poder de defesa contra o mal, aparece também nas falas: “[...] é uma proteção. Eu, qualquer cruz que eu passo, que sei que é de Deus, eu faço o nome do pai ali perto dela”.

Edna Rodrigues diz ainda que mantém uma cruz na parede da área “onde o povo se reúne no dia da festa”, no intervalo para lanches, e por isso o local escolhido para a cruz seria este como referência à Caminhada e ao momento de partilha, da comida e das experiências.

Lá tem uma cruz na área, assim onde que recebe o pessoal né. Tem uma cruz com o Bom Jesus na área.[...]É porque é o lugar que mais movimenta, né. Aí quando chega o pessoal né, o café reparte naquele lugar, sabe. Aí a gente faz, que a devoção da gente é naquele lugarzinho ali né. Então já fica exposta ali, né¹²⁷.

Para Guiomar a cruz na sala tem uma razão especial: o mal não pode entrar.

Eu tenho; coloquei na porta da sala. Todo mundo que entra... Ela tá com o crucifixo.[...] Eu pus assim, por que ali na porta da sala vai passar todo mundo então eu acho que todo mundo que passar ali... coisa ruim não entra dentro de minha casa. E tem o anjo da guarda também. Tem do lado, e aqui no meiozinho tá o crucifixo com a cruz e o anjo da guarda¹²⁸.

“As faces do mal” foram reveladas nas entrevistas. Os devotos atribuíam à cruz o caráter de defesa; o que pode conferir vários sentidos para a adesão à Caminhada Santa Cruz.

3.3.1 O mal no caminho

A “Caminhada” não objetiva fazer penitência para pedir chuva e esse é um aspecto de mudança que marca a devoção. Muitos relatos citaram o mal como algo a combater na vida cotidiana, através da cruz, seja na “Caminhada” ou nas práticas diárias como de persignar-se, levar a cruz consigo em várias formas, no “rosário”, na carteira, porque na vida do devoto, o mal foi identificado, como demonstro nas linhas abaixo.

¹²⁶ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

¹²⁷ EDNA, 2014, entrevista.

¹²⁸ GUIOMAR, 2014, entrevista.

3.3.1.1 A seca

A Caminhada teve início em razão do longos períodos de seca. Reforço o que já é sabido, que a seca “castiga” o Norte de Minas como o Nordeste do Brasil, sendo por isso o primeiro incluído nos projetos de ação da SUDENE, que nomeou o sertão norte-mineiro de Área Mineira da SUDENE, e o inseriu no “Polígono da Seca”. Então, a prática de erguer cruzeiros e em cruzeiros, suplicar pela chuva é comum no norte de Minas¹²⁹.

O Senhor Sebastião Cardoso subia o morro fazendo penitência, levando pedras e água para pedir chuva aos céus:

A pedra é penitência né. É penitência levar a pedra ao pé do cruzeiro. De carregar a pedra. Como por exemplo: numa crise dessa meu avô Bastião, esse cruzeiro do meu avô, Juliana se você chegar lá... o Delvino não carrega aquelas pedras na cabeça, uai¹³⁰.

Nos depoimentos o senhor Zé de Marinho lamenta que hoje não se faça o mesmo, já que a seca continua ameaçando a vida daquela gente. A penitência era “garantia” de chuva para os crentes:

¹²⁹ “Essa relação religiosa ocorre também com a terra e com os fenômenos da natureza, sendo comum rezar pedindo chuva na época da seca intensa. Para isto, há o ritual de carregar água em vasilhame na cabeça para molhar o cruzeiro, que é o lugar considerado sagrado por eles; normalmente, essa penitência é feita por volta do meio dia, horário de maior insolação, o que torna seu feito mais valoroso. Durante todo o percurso, são cantadas músicas religiosas e é rezado o terço; por fim, a água é derramada no cruzeiro. O cruzeiro tem toda uma simbologia; segundo os moradores lá, é um lugar sagrado, o qual liga a terra com o céu; essa manifestação ainda é mantida, principalmente na comunidade do Rabelo, município de Bocaiuva; normalmente, o cruzeiro se encontra na área mais alta, simbolizando, ali, a igreja e a presença de Deus. Essa manifestação é mantida principalmente pelos mais velhos [...]; percebemos também que o recipiente de levar a água mudou: o que, no passado, foi uma cabaça, um pote [...] ou utensílios feitos pelas mãos dos moradores, hoje, também se utiliza a garrafa pet. Dona Tereza ressalta a simbologia da cruz, que serve de ligação entre o céu e a terra; dessa forma, seus pedidos seriam levados ao céu. Esse relato ganha importância a partir do momento em que muitas comunidades do Norte de Minas têm seu plantio por época das chuvas, e, se ela não vem na época certa, isto vai prejudicar a safra que irá sustentar as famílias. [...] Um relato que caracteriza a importância da chuva na região foi feito por dona Didi, da comunidade de Vereda Funda. Chegamos lá dias depois de uma chuva, segundo eles, fora de tempo, pois já era mês de maio e, normalmente, nessa época, não chove na região; encontramos a família trabalhando no seu cotidiano e, no meio da conversa, perguntamos sobre a importância da chuva na época, ao que dona Didi respondeu: “a chuva é melhor que dinheiro”. (Relato obtido na comunidade de Tapera, Riacho dos Machados, em 10/05/2012). Percebemos que a religiosidade faz parte intensamente do cotidiano dessas famílias, e que, na concepção delas, a fé interfere nos fenômenos.” FONSECA, Ana Ivânia Alves. *Agricultura Familiar como sustentabilidade: estudo de caso do Planalto Rural de Montes Claros/MG*. Tese (Doutorado em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista – Campus Rio Claro/São Paulo-SP. 2012. p.107-108

¹³⁰ SEBASTIÃO, 2014, entrevista.

Quando dá uma soleira dessa, o que o povo antigo fazia?

Hoje ninguém quer fazer mais. Meu avô apanhava a família dele, e apanhava a pedra, minha mãe, punha na cabeça e o litro de água ia lá, molhar o cruzeiro e rezar. [...] Pra pedir a chuva. Quando chegava rezava e molhava o cruzeiro. Antes dos nove dias, eles terminava a penitência - chamava penitência- terminava, cuspiam uma chuva. Agora hoje nos tem 4, 5 meses de seca torrando tudo e ninguém quer subir no cruzeiro.

O senhor já levou alguma coisa para o pé do cruzeiro e deixou lá?

Já levei quando era pequeno. É que agente fazia penitência para chover. A gente levava água, levava pedrinha, né, colocava lá no pé da cruz, molhava a cruz, que era para chover. Hoje nos fala assim, agente fazia, chovia, parece que a fé acabou ninguém faz uma penitência mais¹³¹...

O senhor sempre foi devoto da cruz ou só começou...

Não, sempre eu fui. A gente sempre fazia, minha mãe, “menino vamo lá na cruz fazer uma penitência”, levava uma pedra na cabeça. Isso aí eu fiz muito. Levava uma garrafinha d’água jogava na cruz e sempre recebia as graças¹³².

Em minhas anotações, havia um registro feito de conversas informais, em que Ana de Fátima disse que se recordou de uma oração recitada por eles “antigamente”: “São Barnabé/ Que mora lá na serra/ Rogai a Jesus Cristo/ Pra mandar chuva na terra”. Não sei quanto tempo antigamente, mas o senhor Sebastião, diz que aos seis anos de idade subia com seus pais para o cruzeiro para fazer penitência, pedindo chuva:

Agora o senhor falou que quando o senhor tinha seis anos, seus pais iam...

Ia. E fazia, levava alguma coisa?

Não. Não levava nada não.

Ia só rezar o terço?

Rezava o terço, rezava numa cruz, né.

Seus pais faziam alguma promessa, alguma penitência?

Fazia penitência sim. Num tava chovendo, tava aquele solão, aquele sol que tremia, aí fazia penitência, levava água pra cruz, levava pedra, colocava nos pezinhos da cruz... todo cruzeiro tem um tanto de pedra, aí era a penitência; a gente levava, eles levavam uma pedra na mão, levava um vidrinho d’água, um litro que seja, já rezava e despejava e cantava, né...

Quais eram as músicas, o senhor lembra?

[...] que morou lá na serra

[...] bom Jesus manda chuva cá na terra...

Cantava isso aí...

Enquanto um devoto guardava a oração o outro lembrou-se da música, mas o conteúdo é o mesmo. Confirma uma memória sobre a penitência de subir o cruzeiro pra pedir chuva e curiosamente, sob a intercessão de São Barnabé e do Bom Jesus.

Embora já adaptados, a seca é um problema para os norte-mineiros. Se havia cessado a prática de ir ao cruzeiro jogar água, rezar e pedir chuva, recentemente os noticiários

¹³¹ JOSÉ CLÓVIS, 2014, entrevista.

¹³² SEBASTIÃO, 2014, entrevista.

televisivos mostraram comunidades rurais recorrendo a ela, de modo diferente, como penitência, que se encerra tão logo cai a chuva.

3.3.1.2 A doença

A cruz é pra o devoto defesa contra a doença. De que forma? Tendo Deus representado na cruz.

Eu acho assim, que ela representa uma coisa muito importante. Por que eu acho que através da cruz, a cruz pra mim é tudo; ela defende de todos os males, de mim de minha família toda. [...] só de Deus dá nós saúde né... Graças a Deus eu tenho muita saúde. Eu tenho muito que agradecer a Deus. Meus filhos nunca deu problema nenhum... minhas netinhas... eu acho que eu tinha que agradecer não é só no dia 03 de maio e todo dia do ano eu agradeço , mas eu acho que ainda falta...¹³³

O acesso a unidades de saúde pela população residente na zona rural no Norte de Minas tem sido complicado na atualidade e foi ainda pior há décadas atrás. Apenas nos municípios próximos é possível encontrar hospitais e programas de atendimento à saúde como Montes Claros, Bocaiúva e Itacambira, cujo deslocamento se torna outro problema.

Ana Lúcia reporta-se ao um tempo em que o avô se livrava das enfermidades ou das “eventuais presenças do mal”, por meio da oração. Mas enfatiza a devoção à cruz na caminhada. A garantia era participar da caminhada; atribuía a essa fidelidade os dons que o pai tinha, advindos da “fé na cruz”.

A cruz sempre foi o nosso principal, o que faltava mesmo era a cruz. Então assim: a devoção com a cruz aqui é muito séria. [...] Você tinha a cruz na sua casa, seu pai tinha e ajoelhava, rezava... Ia, rezava com a cruz. Nós íamos, levava um crucifixo... toda casa tinha que ter esse crucifixo. Nós levava o crucifixo na frente, era maior carinho com a cruz. É porque Deus tem que estar na frente, né. Deus tem que tá na frente. Então assim, o respeito que as pessoas tinham né. Então assim, meu pai, ele... cobra mordida, ele dava o remédio... - eu mesmo a fé recebida dele - nós era muito menino, médico aqui... deus me livre, não existia. Tudo que tinha com nós minha mãe falava assim: “vai lá que seu pai benze”. “Oh, pai meu dente tá doendo, benze?” “não é eu que curo não menina é Deus. Que cê tá sentindo no dente? E colocava a mão sabe...rezava baixinho, mandava rezar o Pai-Nosso: “Deus te cura”; sabe? E era cobra, era tiro. Tio Alvino que teve aqui mesmo ele foi atirado, foi caçar e a espingarda disparou... então assim, era a fé do povo. Aí o que eu quero comparar é isso, que hoje em dia esse povo não tem essa fé. Quero dizer assim: cê não vê essa fé mais. Mas na caminhada... Eu to falando assim: em lugar nenhum mais cê vê esta fé mais na caminhada a gente sente essa fé ainda¹³⁴.

¹³³ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

¹³⁴ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

Colocando atenção nas falas percebi que fazem referência a Caminhada como um canal de graça. Relataram milagres recebidos por meio da devoção. É o Deus que está na cruz, que será invocado na Caminhada Santa Cruz para esses devotos, ou seja a caminhada é fonte de bênçãos, e por isso a fidelidade à devoção à cruz no evento; é que garante o cotidiano em paz.

3.3.1.3 *A estrada, as viagens*

Uma das situações que durante as entrevistas foi mencionada como indispensável o uso da cruz como proteção, foi o viajar, as viagens.

Sobre isso, Guiomar conta que estão sempre se movimentando, sempre na estrada, deslocando de moto e carro com frequência, sem ter sofrido acidente e por esse motivo, menciona outros santos de devoção:

Eu tenho vários. Mas sou muito apegada com Nossa Senhora da Boa Viagem e Santa Rita de Cássia. Por que Dom Geraldo falou que naquela hora que for de mais precisão, aquelas coisas mais impossíveis pede Santa Rita de Cássia. Então Santa Rita é Santa Rita dos impossíveis. E Nossa Senhora da Boa Viagem... é que nós anda muito, a família nossa anda, ela livra nos de todos os mal... é Nossa Senhora da Boa Viagem...¹³⁵

De fato deslocar nas estradas da região exige muito cuidado, destreza por serem estreitas, sem pavimentação e bastante sinuosas.

O senhor já alcançou algum milagre indo pra caminhada de Santa Cruz?
Assim; só da gente viajar, fazendo essas curva, né, morro, a cavalo, a gente nunca vê uma pessoa desmaiada, nunca vê uma pessoa caída ali, né. Quer dizer, o acidente ele acontece com todo mundo, né. E nós nunca viu isso, então pra mim é um milagre da Santa Cruz, né. E todo mundo vai com aquela fé, aquela força e Deus ajuda que retorna em casa sem problema nenhum¹³⁶.

Mas adolescentes são vistos pilotando sem segurança de uma comunidade para outra.

3.3.1.4 *O demônio*

Nos depoimentos, os devotos falam sobre o demônio. É apontado como um dos males que afligem a comunidade, desde tempos remotos como conta o senhor Zé de Marinho; na região, o demônio era uma figura que ameaçava o sossego das famílias. Seu avô, “sendo um homem de muita fé” e conhecido por todos em razão do seu dom, era requisitado para enfrentar o perturbador:

¹³⁵ GUIOMAR, 2014, entrevista.

¹³⁶ GUIOMAR, 2014, entrevista.

Quando de primeiro, eles contava aí, o pai contava, minha mãe contava... O capeta vinha aprontar na casa dos casal, ele era o benzedor. Ele vinha e tirava, igual o padre hoje faz, meu avô Bastião Cardoso. [...] Muito religioso. Ele entrou numa casa lá, quando ele entrou o capetinha sentou nele um adobe na coluna dele, quase quebrou ele. É minha filha... eles contava esse caso pra nós... Mas a arma poderosa contra ele era a oração da Santa Cruz: Ela tem. O demônio... muita coisa...¹³⁷

E aí nós sabemos que o maior inimigo da cruz é o inimigo mesmo, né o satanás que não ama a cruz e quer que a gente fica na boa. [...] Então, quando rezava aquilo ali pra mim, sabe, eu tinha certeza que o satanás tinha ido embora! [risos]¹³⁸.

Guiomar compara a oração da Santa Cruz, que se faz no cruzeiro, ao “Ofício de Nossa Senhora”, ao qual atribui poder na defesa contra o mal:

Mas assim lembra que ela é muito importante, aquela oração é igual o ofício. O ofício é sábado. Nós porém gostamos de fazer o terço da Mãe Rainha todo sábado na casa da família nos reza o terço. Porque é uma oração de Nossa Senhora, é uma oração que ele defende o mal. Então é igual aquela também da Santa Cruz¹³⁹.

Orações dirigidas à Santa Cruz não estão presentes na vida diária da maioria dos devotos. Apenas dois devotos disseram conhecer e recitar diariamente uma oração pelo menos, dessa natureza. Outras feitas à Nossa Senhora e o Pai-Nosso foram citadas como preferidas e recitadas por eles como o Ofício de Nossa Senhora, por exemplo.

A oração recitada no cruzeiro não é conhecida de todos. Durante as entrevistas revelaram não saber de sua origem, terem conhecido recentemente (embora tenham afirmado participar desde criança, com os pais e também dizer que a oração é antiga) e apenas acompanhar durante a caminhada, sabendo pronunciar apenas algumas frases da mesma. Um devoto menciona “que foi deixada por Deus”, demonstrando imaginar que foi inspirada por Deus. Conversando com o Sr. Zé de Marinho, ele afirma não saber da origem da oração, mas é um dos devotos que conheceu e esteve próximo do Sr. Sebastião Cardoso, pioneiro na prática devocional: “A da Santa Cruz? Oh, minha filha aquela ali eu vou te falar pro’ce isso aí eu já não sei quem foi que inventou”¹⁴⁰.

Tanto Ana Lúcia como a sua mãe, Dona Deolina, recitaram a oração por completo. Ana, porém, limita o ato ao dia da caminhada, tendo deixado de fazer diariamente: “Não. É com a cruz. Eu se eu fosse trabalhar e não rezasse o tempo todo, eu tinha que rezar né... hoje na minha cabeça eu sei que não precisa sempre, pra Deus... né, que é mais assim a tradição”.

Ana Lúcia continua:

¹³⁷ GUIOMAR, 2014, entrevista.

¹³⁸ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

¹³⁹ GUIOMAR, 2014, entrevista.

¹⁴⁰ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

Mas eu rezo:/ Alma minha, põe teu gênio forte/ Agüentarei o golpe da morte...
 Mais é pesada né?/ Alma minha, põe teu gênio forte/ Agüentarei o golpe da morte/Que no dia de Santa Cruz/ Que no campo onde achar os inimigos da Santa Cruz/ Encontrarás e tu dirás/ Foge, arreda Satanás/ Parte em mim tu não terás/ Por que no dia de Santa Cruz/ Cem vezes me ajoelhei/ Cem vezes me persignei/ Cem vezes o chão beijei/ Cem ave- marias rezei/ Cem vezes te reneguei e renego¹⁴¹.

Pergunto a Dona Deolina sobre a oração:

A que reza no pé da cruz? É assim ó:/ Alma minha põe teu gênio forte/ Agüentarei o golpe da morte/ Que no campo Jesus achasse... / Os inimigos da santa cruz/ Encontrarás e tu dirás:/ Foge a redá, Satanás!/ Que parte de mim cê não terás/ Que no dia da Santa Cruz/ Cem vezes me ajoelhei/ Cem vezes eu persignei/ Cem vezes o chão beijei/ Cem vezes eu levantei/ Cem ave-marias rezei./ [...] Por isso, olha, de primeiro só meu esposo sabia, hoje todo mundo sabe. Hora que tá rezando a Santa Cruz, cada um tá com o rosário rezando, contando, outro tá contando nas pedras pondo dentro do chapéu.¹⁴²

Sobre a origem ela responde com insegurança:

Acho do antigo né, que já tinha. Meu tio, ele rezava ainda era cantada. Quem que ia agüentar?
 Meu pai — eu não conhecia não, meu pai que falava — que ele falava: [e ela cantou] “Foge arreda, Satanás! Que parte de mim cê não terás/ Que no dia da Santa Cruz/ Cem vezes me ajoelhei...”¹⁴³

O senhor Sebastião disse não lembrar a oração completa, pois o hábito de só acompanhar durante a festa com a maioria das pessoas rezando, não se preocupa em aprender:

A gente sabe assim... eu não vou dizer tudo ok, por que ninguém, a gente nunca aprende tudo né, eu já esqueci... Eu não lembro da oração, algumas partes se eu lembrar... por que ela é difícil...Ela é um pouquinho longa e a gente confia muito nas pessoas que estão na frente, e num faz um pouquinho mais de atenção, de aprender sozinho, né? Eu não me lembro assim, sei que ela é grande e tinha umas palavras assim é...eu não sei a sequência...Eu aprendi na sequência que fala assim: “Alma minha... forte, agüentarei o golpe da morte. Que num campo Jesus achasse os inimigos de Santa Cruz/ Cem vezes eu joelhei/ Cem vezes eu me persignei/ Cem vezes eu o chão beijei/ Cem vezes eu me reneguei e renego/ Cem ave-maria rezei. Reza a Ave-Maria, né, Santa Maria.../ Cem vezes eu levantei”¹⁴⁴.

O texto da oração destaca um combate contra o demônio. Lembra orações de exorcismo e observando os devotos diante do cruzeiro, percebi que rezam com força e fervor

¹⁴¹ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

¹⁴² DEOLINA, 2014, entrevista.

¹⁴³ DEOLINA, 2014, entrevista.

¹⁴⁴ SEBASTIÃO, 2014, entrevista.

como se de fato estivessem em batalha. Alguns gesticulam, erguendo a mão espalmada em posição de defesa. Ana Lúcia a reconhece como uma oração de renúncia:

Então ela é muito forte. Porque exatamente cê tá renunciando a Satanás, cê num tá... Porque nós sabemos que Deus deu um presente pra gente: a liberdade. E nem Deus nem o demônio pode entrar na gente, na vida da gente se a gente não querer. Só que Deus respeita, Satanás não; ele vai nos induzindo. Quantas vezes cê vai e cai na dele, né. E nós sabemos que a cruz, quando eu ponho a cruz em mim, quando eu visto a cruz, eu quero dizer: eu sou de Jesus, eu tô assumindo ele, é o meu sinal, tá lá na bíblia, né. Eu sou batizada, eu sou crismada, eu tenho o sinal. Mesmo que às vezes eu nem carrego a cruz; às vezes mas quando eu não tô com ela que eu sempre gosto de tá com ela, ou o padre não tá com ela, eu sou devota da cruz, quando eu não tô com ela eu falo: Satanás, afasta de mim porque a cruz está em mim. É porque ela tá gravada em mim, porque Eu sou batizada e crismada. E a cruz é a luz né. Então quando cê fala da cruz, cê não precisa ter medo de nada, né. Tudo cai por terra, com certeza por que essa é nossa fé.

Esta não é a única oração desta natureza feita pelos devotos na caminhada. Pelo menos uma vez foi possível ouvir a que se segue: “Levanta-se Deus intercedendo a Bem-aventurada Virgem Maria, São Miguel Arcanjo e toda a milícia celeste, Que sejam dispersos seus inimigos e fujam de sua face todos os que vos odeiam. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”. A referência a São Miguel Arcanjo, aos inimigos e uso dos termos no imperativo, conferem a esta, a natureza de “combate” da primeira oração. Então, a defesa contra o demônio é parte do universo da representação que permeia a prática da devoção na caminhada. Ao contrário do que sabe sobre a origem da primeira, a segunda oração não é antiga para os devotos, pelo que se ouve nos depoimentos. Ana Lúcia disse que esta é nova entre eles: “É a da Santa Cruz... “levanta-se deus, pela intercessão da Bem Aventurada Virgem Maria... já foi bem nova, né” ela não é tradição velha não, nós aprendemos com o grupo de Emaús”¹⁴⁵

Outras orações e práticas teriam entrado para o universo religioso das comunidades por meio de seguimentos da Igreja Católica como já mencionado. O Grupo Emaús, é um “grupo de oração” da Renovação Carismática Católica – RCC, com sede em Montes Claros na Paróquia São Norberto, comunidade de Nossa Senhora Aparecida – Bairro Major Prates. Os membros visitam sempre a localidade e realiza eventos ou senão convida os moradores para outros em Montes Claros, como o “Caminho de Damasco”, realizado em 2011. Na ocasião estive presente e participei do “Encontro”, e Ana Lúcia estava presente. Foi presidido por Dom Geraldo Magela de Castro, já em cadeira de rodas. Esse contato da devota, pode sinalizar para a introdução de práticas religiosas diversas na comunidade. Identifiquei uma coexistência aparentemente harmônica entre atividades do catolicismo popular rural, local, e

¹⁴⁵ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

outras do catolicismo romano oficial, com a incorporação de orações, por exemplo, e outras pertencentes à Renovação Carismática Católica.

Durante a entrevista Ana de Fátima recitou uma oração que ela se acostumou a fazer diante da cruz:

Tem uma oração específica que faz em devoção a Cruz no seu dia-a-dia?

Tem uma, ela é bem pequenininha, mas quando eu passo por uma cruz eu falo assim: “Deus te salve, cruz bendita! Por ti me salve quem em ti me redimiui!”. Essa oração que eu faço no meu dia-a-dia!

Quem te ensinou essa oração?

Minha mãe já falava nela e eu aprendi num livro também né, o livro “Abra a porta” tem ela. E quando passo perto duma igreja também: “Deus te salve casa santa, onde Deus fez a morada, onde mora o cálice bento e a hóstia consagrada¹⁴⁶”.

No dia 28 de março de 2015, voltando à região fui até a comunidade de Lages, onde aproximadamente cinco devotas aguardavam e dentre elas Ana de Fátima. O objetivo do retorno era apresentar a arte do *santinho* e colher a opinião “dos donos da festa.” O desenho colorido foi apresentado, mas não foi aceito! Todos os presentes opinaram e optaram pelo desenho em preto e branco, com fundo todo branco para o texto da oração e sem margens.

¹⁴⁶ ANA DE FÁTIMA, 2014, entrevista.

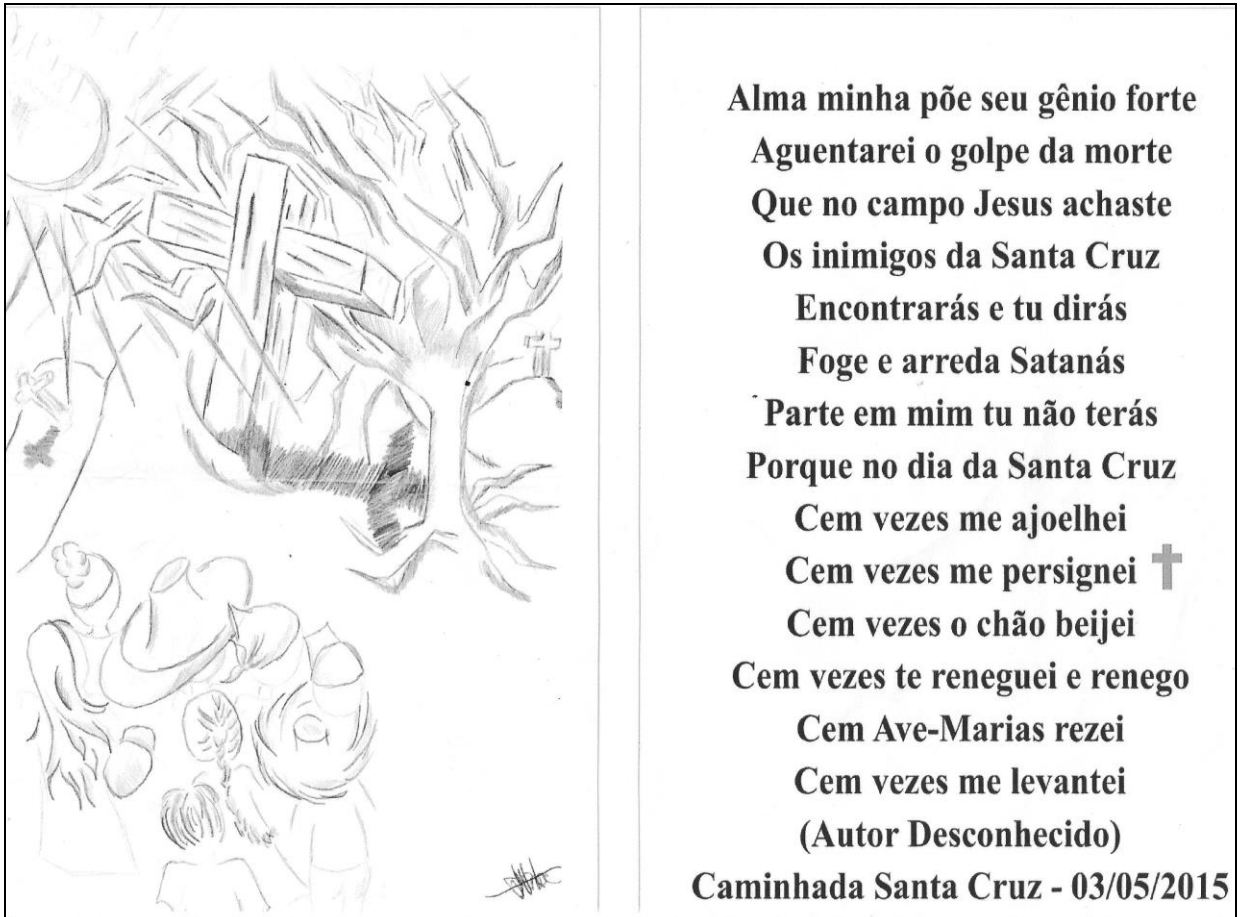


FIGURA 20. Santinho da festa com desenho aprovado
 Fonte:

O texto da oração foi alterado. De acordo com Ana de Fátima, ele contém erros e ela os corrigiu a próprio punho, reescrevendo integralmente para correção, abaixo da digitação que havia feito.

Alma minha põe teu gênio forte
 Agüentarei o golpe da morte
 Que no campo Jesus achasse ...
 Os inimigos da santa cruz
 Encontrarás e tu dirás:
 Foge a redá, Satanás!
 Que parte de mim cê não terás
 Que no dia da Santa Cruz
 Cem vezes me ajoelhei
 Cem vezes eu persignei
 Cem vezes o chão beijei
 Cem vezes eu levantei
 Cem ave-marias rezei.

Am
 Alma minha põe teu gênio forte
 Agüentarei o golpe da morte
 Que no campo Jesus achasse
 Os inimigos da Santa Cruz
 Encontrarás e tu dirás
 Foge e arre da Santanás
 Parte de mim tu não terás
 Porque no dia da Santa Cruz
 Cem vezes me ajoelhei;
 Cem vezes me persignei;
 Cem vezes o chão beijei;
 Cem te reneguei e te renego
 Cem ave-marias rezei
 (rezae Ave-maria)
 Cem vez me levantei.

FIGURA 21. Texto de oração reescrito a mão com correções
 Fonte: dados da pesquisa.

O impresso foi utilizado na Caminhada em 2015.

Se a festa é “fonte do bem” que se renova a cada ano, o tempo ordinário é ignorado para viver outro tempo; o tempo que lhes garante proteção permanente contra o mal e esta mentalidade se forma com valores “que enraízam-se no interesse de garantir a permanência e bem-estar de coisas exteriores consideradas necessárias e básicas: a roça, a família, a saúde, a reprodução dos animais”¹⁴⁷. “Coisas” que o devoto da Santa Cruz identificou como a seca, demônio, estrada/viagens, doença, acrescida esta lista, com os “bens interiores” que cada devoto leva para o cruzeiro, aquilo que faz parte do seu universo particular.

Quanto ao demônio, me lembro ter perguntado ao Senhor Zé de Marinho se continua a perturbar a ordem ainda hoje: “Hoje não, hoje não tem isso não. Graças a Deus tem não”.

3.4 O caminho da cruz: os cruzeiros

Em Minas Gerais ainda podem ser vistos cruzeiros e cruzes que foram plantadas em várias cidades¹⁴⁸. No artigo de Luiz Cruz temos informações de cruzeiros em São João Del Rei, Tiradentes, Ouro Preto, Diamantina, Belo Horizonte. Nesta última um cruzeiro construído recentemente em metal, mas nas cidades mais antigas podem ser encontrados ainda hoje cruzeiros do século XVIII, com instrumentos da Paixão de Cristo, esculpidos aos pés da cruz em pedra ou madeira conforme a matéria da cruz, como no *Museu da Inconfidência* se pode ver um cruzeiro de madeira com os instrumentos da crucificação. Outro no *Panteão da Inconfidência* uma pintura com o corpo de Cristo pintado em dois pedaços de madeira que Luiz Cruz observou, “lembrando a arte medieval”.

Antônio Gaio Sobrinho¹⁴⁹, sobre este tema, difere *Cruz de Cruzeiro*:

Normalmente se entende por *cruz*, a *latina*, composta de apenas duas peças de madeira, sem mais detalhes; já o *cruzeiro* é carregado com alguns ou todos os emblemas da paixão de Jesus, tais como: toalha formando um M, escada, esponja, lança, martelo, torquesa, coroa de espinho, tabuleta, túnica, cálice, dados, cravos, e até o galo. Sobrevivem ainda em São João del-Rei, quase todos desde o século XIX, embora já substituídos ou modificados, algumas cruzes e cruzeiros [...].

Durante a caminhada, os enfeites caracterizam todas as cruzes. O cruzeiro tem a cruz ornamentada, coberta com papel prateado, duas cruzes de papel em cada ponta e uma fita

¹⁴⁷ XIDIEH, Osvaldo Elias. *Narrativas populares*. Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo. São Paulo: Itatiaia, 1993.

¹⁴⁸ CRUZ, 2015.

¹⁴⁹ GAIO SOBRINHO, Antônio. [Distinção entre cruz e cruzeiro]. Disponível em: <<http://saojoaodelreitransparente.com.br>>, logo abaixo do texto de Luiz Cruz, com indicação da fonte: *Jornal da Associação dos Aposentados e Pensionistas de São João Del Rei*.

verde no meio balançando ao forte vento. Ao redor pedras e plantas, algumas delas que parecem ter sido colocadas ali, por não possuir características da vegetação local, de modo que se misturam samambaias, flores, de espécies diferentes. Mas em nenhum deles encontrei referências à Paixão de Cristo que não fosse somente a cruz. Há muitas pedras; depois de falar com o senhor Zé de Marinho, entendi que estavam lá no há muitos anos, e como ele disse ninguém retira de lá, por causa do peso. Quando falávamos sobre isso, deixou entender, que ficou admirado de tamanho esforço que deve ter feito quem as carregou. De fato tem muitas pedras nos cruzeiros, especialmente no cruzeiro do senhor Redelvino.

Nas entrevistas pedi que nomeassem os cruzeiros:

O senhor sabe me dizer o nome que foi dado para os cruzeiros?

O primeiro agente sabe que é de São Sebastião, usava o nome de santo. O segundo é de Bom Jesus. O primeiro é da Patrona.

E o segundo Bom Jesus? Por que deram esses nomes?

É porque a gente faz uma promessa, né.

Faz a promessa e dá o nome do santo?

Pro santo, São Sebastião, faz a penitência e põe o nome daquele santo ali¹⁵⁰.

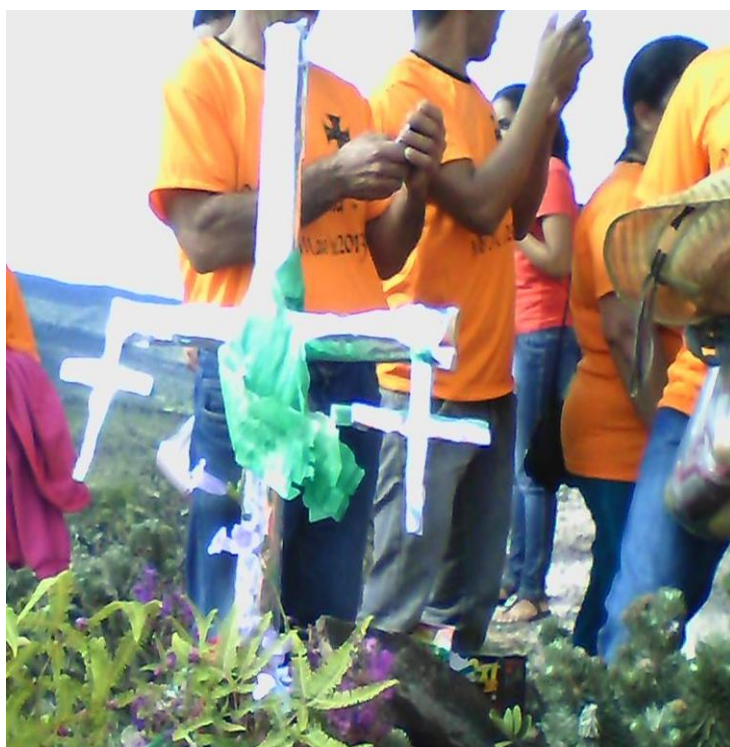


FIGURA 22. Devotos ao redor do primeiro cruzeiro nas terras do Sr. Redelvino
Fonte: acervo da pesquisa

¹⁵⁰ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

Além dessa relação com nome do santo de devoção, os nomes dos cruzeiros estão ligados ao local onde foram construídos ou o nome do proprietário do terreno, e também foi muito expressiva a referência aos dias santos no calendário romano da Semana Santa:

Onde que era o cruzeiro da canastra?

É esse aqui. [aponta para uma fotografia] Então era lá que ele fazia.

Eu fui nele.

Foi. Chega naquela casa que sobe lá “em cimão”, perto daquela casa que tem o rio, tem aquela grama...

O mais alto... [da casa de Zé de marinho e Edna]

É. Aquele lá que é o da canastra. Era lá que meu vô morava. Meu pai morava lá...

Porque chama cruzeiro da canastra?

Porque lá é a canastra.

A serra?

A Fazenda Canastra. [...] ¹⁵¹

Quem veio ficando os outros quatro?

Foram eles também. Uns já tinham, né, e os outros nós... dia de domingo, da quaresma, aquele da entrada...

Domingo de ramos...

Domingo de ramos, aquele ali que nos colocamos ele. Dia de domingo de ramos. Pegou La no Zé de marinho e... viemos e colocamos ele lá.

Os outros já tinham e só trocava a madeira....

Os outros já tinha. Ai só colocava, né assim, já tava muitos anos né, já tava muito estragado né, aí renovava. O de lá foi colocado dia de são Sebastião. O da casa de Delvino.

Aquele lá não tinha?

La foi colocado dia de são Sebastião. E o de Zé de marinho foi dia de Sr. Bom Jesus da lapa.

Esse aqui do Bom Jesus é qual?

De Zé de marinho, lá no alto da casa de Zé de marinho, Zé Cardoso, que eles falam, né.

Então esses dois é que não tinham.

É. Os que não tinham. O daqui também não tinha não. Foi colocado dia Domingo de Ramos.

Na serra lá em cima?

Na serra lá em cima... [...]

Ele já existia lá?

Não. Aquele lá foi colocado. Aquele foi colocado numa quinta-feira de Agosto. Primeira quinta-feira de Agosto, é dia da celebração de Corpo de Cristo não... dia de Adoração do Santíssimo, na quinta-feira eles colocaram ele, foi meu irmão, meu filho e Clóvis que é sobrinho dele.

Eles colocaram lá porque? Para adoração da cruz?

E. Eles fizeram assim. Então quando dá 06 de agosto nos vamos lá também.

E por que dia 06 de agosto?

É por que assim: eles falam que celebra na Lapa, né. Então nos vamos lá.

A celebração da lapa?

É.

Que é do Bom Jesus também.

É. cê ta entendendo? Lá que o cruzeiro chama “Cruzeiro do Bom Jesus”... ¹⁵²

¹⁵¹ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

¹⁵² GUIOMAR, 2014, entrevista.

Observando o segundo cruzeiro, suas características, percebe-se que esta cruz é mais alta, e ao redor não tem “ladeira” como no primeiro, facilitando a acomodação das pessoas. Não tem tantos ornamentos, só algumas flores pequenas no centro e no pé; pedras também tem ali. Enquanto estava observando, outras pessoas ficaram também, como se estivessem rezando um pouco mais; uma senhora, jovem, me disse que tem um irmão enterrado no cruzeiro. Morreu ainda bebê e os pais o levaram para lá.

Conversando com os devotos, falaram sobre esta prática:

É os anjinho, né.

Eu já ouvi falar que aquela cruz de lá, quando passa muito tempo sem chover se a gente for lá jogar e jogar um aguinha... Diz que lá tem sete anjos enterrados. Mas não é do meu tempo eu não lembro. Já vi falando. Muito menino morria antigamente levava as crianças e enterrava lá.

E não explicavam porquê que enterrava lá não?

Por que não tinha cemitério, minha filha. Há muito tempo atrás.



FIGURA 23. Devotos ao redor do segundo, cruzeiro na Fazenda Canastra
Fonte: acervo da pesquisa

O terceiro cruzeiro está bem em frente à igreja de Santa Rita. Os devotos dizem que ele já existia ali e a igreja foi construída depois. Também este cruzeiro é ornamentado. Algumas flores; a madeira parece nova e os sinais no chão indicam que fora fincada recentemente. Na fala de Ana Lúcia, percebe-se que é antigo sim, do tempo em seu avô ainda fazia a Caminhada:

Como meu vô morava lá, ele começou lá, que a gente sabe, né. Depois ele fez um aqui, meu vô. Fez um no curral, curral que agora não é curral mais né. Agora é santa Rita e Santa Cruz. Meu vô que fez aquele lá. Aí eles vinham... rezar aqui¹⁵³.



FIGURA 24. Cruzeiro na Igreja de Santa Rita, comunidade de Santa Rita
Fonte: acervo da pesquisa

¹⁵³ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

O senhor José Cardoso falou o nome do cruzeiro: “Tem esse aqui que é o de Santa Rita, né. Da igreja¹⁵⁴; e Guiomar disse: “Esse aqui é de José Cardoso né, na porta da igreja”¹⁵⁵. Além destes cruzeiros descritos, existem ainda mais dois que eu não conheci, mas fazem parte do trajeto percorrido pelos devotos na Caminhada. Esta foi uma limitação durante o processo.

3.5 Nossa Senhora no caminho dos devotos

Na narrativa bíblica, Nossa Senhora, a mãe de Jesus esteve aos pés da cruz até que Cristo morto fosse entregue em seus braços¹⁵⁶. Essa imagem foi reforçada em muitos filmes, peças de teatro e nos discursos mais fervorosos sobre as dores de Nossa Senhora. Sem contar nas diversas imagens esculpidas e pintadas.

Durante as entrevistas, a Virgem Maria foi citada nas respostas, nesse mesmo tom: a Mãe que estava na cruz com o Filho morto:

Mas reza sempre na caminhada? E porque que reza o ofício e o credo?

Por que assim: o credo por que a gente reza o terço. E canta o ofício a gente reza justamente por isso, por que a gente vem cantando; a gente canta a estrada toda. Cantos de Maria...

E quando chega na cruz de Delvino, aquela descida a gente aproveita pra cantar o ofício de Nossa Senhora, porque nos pés da cruz tem Nossa Senhora. A gente só consegue carregar nossa cruz com Nossa Senhora¹⁵⁷.

No dia-a-dia a senhora lembra da cruz, traça o sinal da cruz, beija a cruz, a senhora tem alguma...

Tenho. Não deito sem fazer o sinal da cruz, sem fazer minhas orações, rezo o ofício de Nossa Senhora todo dia.

Então também a senhora tem a devoção a Nossa Senhora?

Tenho, graças a Deus.

E quando vai pro cruzeiro a senhora também clama por Nossa Senhora?

Nossa Senhora, rezamos o terço, né...

Por que a senhora também lembra de Nossa Senhora no cruzeiro e não só de Jesus?

Nossa Senhora é a mãe de Jesus que morreu na cruz, ela tava do lado da cruz, estendeu ele o braço, né.

É bonito, né? É bonito, mas a gente sabe que é dor...

É triste. Ver Nossa Senhora vendo ele sofrer, aquela caminhada toda, aquelas chicotadas, aquele sangue saindo e ela firme ali calada, né. Qual é a mãe que agüenta isso? Mãe nenhuma hoje em dia. Se der um tapa num filho a mãe tá explodindo, né...¹⁵⁸

¹⁵⁴ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

¹⁵⁵ GUIOMAR, 2014, entrevista.

¹⁵⁶ Jo 19, 25-27

¹⁵⁷ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

¹⁵⁸ DEOLINA, 2014, entrevista.

Quando pergunto sobre os santos de devoção ou em outros momentos, os devotos fazem referências aos vários títulos que ela recebe:

O que a caminhada significa para o senhor?

Aquela fé, né. Aquela fé que Deus e Nossa Senhora vai proteger a gente, muitos e muitos anos de vida e saúde e mais reunião com os amigos, um dia de festa pra nós...¹⁵⁹

Você aderiu pela fé mesmo?

Pela fé mesmo. Eu acredito assim que a pessoa se sente muito bem mesmo participando. Eu tenho muita devoção a todos os santos, mas aqui agora a Santa Cruz. Confio muito em Nossa Senhora Aparecida, Mãe Rainha, aqui a gente faz o movimento Mãe Rainha... [...]

Você carrega a cruz com você?

Eu sempre troco, ponho o escapulário... outra hora eu tiro isso aqui e ponho Nossa Senhora das Graças¹⁶⁰.

Você tem devoção a outro santo?

Eu tenho. São Sebastião [...]

E nossa senhora, tem na sua casa?

Tem.

Você tem devoção a Nossa Senhora?

Tenho. Eu tenho Nossa Senhora de Fátima, tenho Nossa Senhora de Lourdes. É... Santa Rita de Cassia, Nossa Senhora Aparecida... eu tenho em casa¹⁶¹.

O senhor tem outro santo de devoção?

Tenho. Nossa Senhora Aparecida minha apaixonada, é Nossa Senhora Aparecida minha padroeira. Mas todos os santos eu tenho fé né, mas Nossa Senhora Aparecida é minha protetora. [...]

O senhor tem imagens de outros santos em casa? Quais?

Tenho. Tenho. Tem Nossa Senhora Aparecida, tem Santo Antonio, Nossa Senhora das Graças, o Senhor Bom Jesus, tem um quadro de Santos Reis¹⁶².

Nossa Senhora está presente, em associação a Deus e Jesus Cristo, no imaginário dos devotos, que direta ou indiretamente manifestam. Junto a Jesus aparece como protetora que através da caminhada, destina bênçãos e graças aos fiéis.

Na Paixão de Cristo, Nossa Senhora sofre aos pés da cruz. Para Ana Lúcia a cruz, são os sofrimentos da vida ordinária e tal como esteve com Jesus, Nossa Senhora deve estar na companhia dos devotos. Já Dona Deolina “se coloca no lugar” da Virgem Maria, mãe que presenciou a morte escandalosa do filho, enquanto normalmente, não se tolera ver um filho sofrer sequer um “um tapa”. Identificou-se e por isso se aproximou, é o que se presume.

¹⁵⁹ REDELVINO, 2014, entrevista.

¹⁶⁰ ANA DE FÁTIMA, 2014, entrevista.

¹⁶¹ EDNA, 2014, entrevista.

¹⁶² REDELVINO, 2014, entrevista.

3.5.1 O Beijo de Nossa Senhora

Os cruzeiros da Caminhada Santa Cruz são ornamentados. Na descrição dos cruzeiros estão bem detalhados, mas são usados fitas, papéis, flores, tanto na cruz como nos pés dela, ao gosto do “dono do cruzeiro”. Cada um enfeita o seu. Esse gesto faz parte da devoção à cruz no interior de Minas Gerais. Os devotos acreditavam que Nossa Senhora vinha beijar as cruces enfeitadas uma por uma:

Mantendo a tradição secular, na véspera do dia de Santa Cruz, os moradores de Tiradentes e outras cidades mineiras, enfeitam as cruces e colocam nas portas de entrada da casa. Durante a madrugada, segundo a lenda, Nossa Senhora passa visitando a casa que enfeitou a cruz, abençoando a família. As cruces são enfeitadas com papel crepom, papel de seda, fuxico, flores de papel, feitas de material reciclado, como latinhas, ou mesmo de flores naturais. No dia 3 de maio todas as cruces ficam enfeitadas¹⁶³.

Perguntei aos devotos sobre os enfeites:

Aqueles cruzeiros, eu vejo que eles tem um ornamento, uma flor uma fita...você leva alguma coisa pra enfeitar?

Leva um dia antes nos arruma um enfeite e enfeita, mais assim num pode pôr por que a chuva né, aí seca acaba com tudo. Mas quando tá ali por perto, cada um que é dono sempre tem um povo que mais perto né, aí nos leva e enfeita.

Pra festa?

É pra festa de Santa Cruz

Mas vocês fazem isso sempre e de vez em quando se quiser ir leva...

Pode ir. Pode levar pode rezar... Muitas pessoas vai reza, deixa a vela, que ela apaga né, a velinha fica lá¹⁶⁴.

E enfeita todo ano ou o enfeite já fica lá? Eu vejo que tem rosas, que tem fitas, tudo bonito...

Quando a gente vai visitar leva flor lá, né. Mas mais é no dia da Santa Cruz, que vai coloca...¹⁶⁵

Deixa eu falar com o senhor. Eu vejo os cruzeiros todos enfeitados. Quem é que enfeita, é o povo, vocês que levam alguma coisa ou ele já fica daquele jeito pra festa?

Cada um tem seu carinho com sua cruz. O meu da canastra é eu que enfeito. Se eu quiser enfeitar, eles troca, ou deixo ele do jeito que tá. Aqui eles faz de outro modelo; a Diola capricha nesse aqui, de Ana Lúcia aqui. Lá de Delvino, é ele que faz o dele do gosto dele. E roça a estrada. Eu nunca rocei¹⁶⁶.

¹⁶³ CRUZ, 2015.

¹⁶⁴ GUIOMAR, 2014, entrevista.

¹⁶⁵ DEOLINA, 2014, entrevista.

¹⁶⁶ ZÉ DE MARINHO, 2014, entrevista.

Porque que você gosta de levar flor?

É porque a gente tem que enfeitar lá né, ficar bonitinho!¹⁶⁷

Quando subiu nos cruzeiros, você já levou algo material?

Não, eu não. Tem vez que a gente pega assim uma flor do campo e coloca lá.

Porque você deposita flores aos pés da cruz?

Eu acho que é assim, no meu modo de pensar seria um agradecimento por ter chegado até ali¹⁶⁸.

Aquela ornamentação, quem enfeita? O senhor já levou alguma coisa para enfeitar?

Sim, leva flor, papel pra enfeitar pra festa, uma fita pra ficar mais bonito... então...¹⁶⁹

Como esse estava aqui vocês ornamentaram, fizeram as rosas pra festa? Colocaram as rosas...

É. Hanhan. Isso¹⁷⁰.

Não mencionaram conhecer ou estabeleceram qualquer relação do gesto de enfeitar o cruzeiro na festa de Santa Cruz, e a lenda do Beijo da Virgem. Ainda assim, ornamentam, levam flores no dia da festa, mas não souberam dizer muito bem qual o sentido. O sentido pode estar naquilo que algumas falas encerravam: no carinho com a Cruz.

As práticas aqui mencionadas, nos surpreendem com gestos carregados de “superstição”, “lendas ingênuas”, nas palavras de Edênio Valle, mas com bastante sentido para o povo; práticas que transitam entre o místico e “a alegria da festa e dos rojões, às comidas abundantes, ao encontro com parentes e amigos”¹⁷¹

Depois de trazer neste capítulo, a apresentação do conteúdo das falas dos devotos, das respostas nos questionários, e descrição metodológica, no capítulo seguinte, as interpretações que ousar fazer; uma leitura dos depoimentos, e com ajuda dos autores selecionados, o que pude apreender.

¹⁶⁷ EDNA, 2014, entrevista.

¹⁶⁸ ANA DE FÁTIMA, 2014, entrevista.

¹⁶⁹ REDELVINO, 2014, entrevista.

¹⁷⁰ JOSÉ CLÓVIS, 2014, entrevista.

¹⁷¹ VALLE, Edênio. *Santuários, romarias e discipulado cristão*. Revista Horizonte, v. 4, nº8, p. 31-48, jun. 2006.

IV

FIM DO CAMINHO...

*...pois aceito a mais amorosa dor da cruz,
para assemelhar-me a ti, aqui...*

A devoção à cruz no Brasil, relaciona-se à devoção a Jesus Cristo no contexto da espiritualidade e teologia católica popular sob várias representações, tal como destaca Riolando Azzi: 1) Devoção ao Cristo sofredor; 2) Devoção ao Coração de Jesus; 3) Devoção à Cristo Rei; 4) Cristo Libertador.¹⁷²

As práticas devocionais se voltavam, no período colonial para o Cristo Sofredor, em meados do século XIX ao Coração de Jesus, nos anos 1920, para o Cristo Rei e nas últimas décadas do século XX, para o Cristo Libertador.

O Bom Jesus foi cultuado no Brasil sob os fundamentos do ciclo da paixão, cujos eventos representam o drama do calvário. O Cristo Flagelado e Coroado, é lembrado pela

¹⁷² AZZI, Riolando. *Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador*. Um aspecto da Evolução da Teologia e da Espiritualidade católica no Brasil. Perspectiva Teológica. Nº 18. 1986. p. 215-233.

imagem do Bom Jesus da Cana Verde, onde ele aparece coroado de espinhos coberto com um manto roxo e tem na mão um pedaço de madeira; o *ECCE HOMO*; o Caminho do Calvário, na imagem do Senhor dos passos: Jesus com a cruz às costas; Cristo no calvário é representado no crucifixo. É o Senhor do Bom Fim.

A descrição é de Riolando Azzi. Além disso, o autor enfatiza a mentalidade popular, povoada pelo drama da Paixão, que é rememorada na Semana Santa; não somente veem, mas vivem com Cristo a paixão. Acrescenta a imagem do Senhor Morto, cuja devoção tem vigor, sobretudo no interior do país, como afirmou.

Uma imagem do Senhor Bom Jesus da Cana Verde é cultuada no Brasil desde 02 de Novembro de 1647, em Iguape:

Segundo narram as crônicas antigas, a mesma imagem confirmou por uma série de milagres a intenção de receber culto naquela localidade. [...] segundo a lenda, a estátua foi retirada da água do rio Paraíba pelos pescadores. A primitiva capela foi fundada em 1669 por Baltazar Costa Veiga e sua esposa Maria de Mendonça, neta de Amador Bueno da Silveira¹⁷³.

O Bom Jesus da Cana Verde, o Senhor Flagelado, foi cultuado como Bom Jesus de Pirapora (1724). O Senhor dos Passos também devotado, era lembrado na Semana Santa com a celebração da procissão dos passos, que tem origem em Portugal no século XVI. Em Minas Gerais, o Bom Jesus de Matozinhos; Na Bahia, o Bom Jesus da Lapa e o Senhor do Bom Fim, em Salvador.

O devoto do Bom Jesus, é um cristão cheio de piedade e compaixão, que sofre, espera, aceita o sofrimento e se compadece do sofrimento do outro. Assim imita o Cristo, caminha com ele e como ele: [...] na devoção ao Senhor do Bom Fim, a idéia de estar ao lado de Jesus na caminhada pela vida aparece expressamente, bem como sua compaixão divina para com os pobres. A vida é uma caminhada, os sofrimentos são as cruzes que o Jesus Sofredor ajuda a carregar. Azzi afirma e esta pesquisa pode testemunhar, que uma espiritualidade pautada pela perspectiva do Jesus Sofredor, alimenta ainda a fé de inúmeros católicos, sobretudo nas regiões rurais, ou nas camadas da população pobre que vivem nas áreas suburbanas¹⁷⁴, de caráter leigo e social, tal como aconteceu no medievo, quando a igreja se identifica com a sociedade católica.

¹⁷³ AZZI, 1986.

¹⁷⁴ AZZI, 1986.

O Bom Jesus também é cultuado na Caminhada Santa Cruz, numa das formas mais antigas de culto, no cruzeiro, e singularmente na caminhada. Os relatos revelam uma identificação com o Jesus sofredor, seja imitando ou por gratidão pelo ato extremo, gratuito de salvar a humanidade por sua morte:

Hoje você tem alguma coisa que você lembra da cruz no seu dia-a-dia?

Lembro. Quem diz: cada um de nós tem uma cruz, né. Cruz pra carregar assim, né. Aí Jesus carregou uma cruz e nós todos temos uma cruz pra carregar também, né¹⁷⁵.

E porque todo mundo continua participando?

É por que é uma devoção que Deus deixou plantado né. É onde que Deus morreu na cruz, né. Pra nos salvar, né. Deus ajuda e aumenta a fé de cada um. E é um dia que vou te falar, que todo mundo da comunidade tá reunido. Eu tenho porque acho que a gente tem que seguir a caminhada que Jesus deixou no mundo, né. Jesus andou no mundo e nós temos que fazer o mesmo, né¹⁷⁶.

A representação do devoto está em consonância com uma teologia da paixão, centrada em “aceitar”, o sofrimento, e se compadecer do sofrimento do outro. Tal representação pode ter sido forjada no contexto social onde estão inseridos. A realidade do sertão, seco isolado, carente de recursos de toda ordem, esquecidos tanto pelo Estado como pela Igreja, tendo que conviver e enfrentar o mal: a seca, a doença, as estradas perigosas, o demônio perturbador. O sofrimento de levar a vida, o casamento, os filhos, o trabalho. Como concebe Chartier, as representações dos devotos foram construídas a partir da realidade que vivenciam, e estão inscritas nas práticas que produzem. Do contrário, uma universalização empobrece e limita a leitura a uma mera descrição, demonstração sem levar em conta os condicionamentos, uma vez que as representações culturais não se encontram desvinculadas da vida concreta que as forjou¹⁷⁷.

O sentimento religioso do devoto foi expresso nas entrevistas, guarda um desejo de imitar o Cristo que morreu por nós; “não adoramos a cruz, mas Cristo que morreu nela”; conformar-se: cada um tem sua cruz e tem que carregá-la, como Jesus fez. Participar da caminhada garante uma vida tranquila e organizada, do ponto de vista do ordinário. Guiomar dizia que deve dar graças a Deus que os seus não ficam doentes. Atribui à sua fidelidade à

¹⁷⁵ EDNA, 2014, entrevista.

¹⁷⁶ DEOLINA, 2014, entrevista.

¹⁷⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1988. (Tradução de Maria Manuela Galhardo)

caminhada. Deste modo, construíram uma realidade que os identifica e garante determinada ordem.

A coexistência de elementos do catolicismo oficial e popular pode ser encontrada na Caminhada. Ao mesmo tempo que expressam uma prática antiga, autônoma refletindo o distanciamento da hierarquia eclesiástica, as sementes podem ser vistas, uma vez que a catequese ainda que mínima, foi lançada, nos depoimentos revelaram terem recebido formação católica no seio familiar, mas também receberam a catequese oficial, destinada aos sacramentos como o do Batismo, a primeira comunhão, o matrimônio. Questionados sobre o significado da cruz para eles, as respostas demonstravam um conhecimento da doutrina católica oficial, se comparadas com as dimensões da cruz delineadas nas palavras de um sacerdote.

No dia 03 de Abril de 2012, procurei o Monsenhor Geraldo Tolentino na sede da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, no Bairro Jardim Panorama em Montes Claros, para falar sobre o sentido da cruz para a Igreja Católica e na vida do cristão. Numa conversa informal, ele me respondeu à única pergunta que lhe fiz: Qual o significado da cruz para o cristão católico?

Enfatizou que uma celebração dedicada à cruz acontece oficialmente, no calendário católico, em 14 de setembro, e na devoção popular acontece no dia 03 de maio em alusão à “Invenção da Santa Cruz”. Disse que em alguns lugares no Norte de Minas, no contexto do catolicismo popular, a cruz se personifica. Contou que os devotos levam a cruz no andor, atribuindo o caráter de “Santa”, Santa Cruz e como tal deve ser carregada em andores:

“Em Serranópolis a cruz era venerada como uma santa: Santa Rita, Santa Terezinha; colocavam a cruz no andor e carregavam: Viva a Santa Cruz!” Não é adoração da cruz, mas do Cristo que morreu na cruz. Posso ficar em frente a um “rolo” de pano azul, verde e cuspir nele, pisar... mas, se o faço num pano com o formato da bandeira nacional posso ser preso. O pastor que chutou a imagem; quis afrontar! Ele sabia o valor dela. Não é como chutar uma lata na rua”.

E para responder à minha pergunta, ele mandou que eu tomasse nota e ditou:

Sobre as dimensões da cruz para a doutrina da Igreja Católica:

MALDIÇÃO: para os judeus a cruz significava maldição, pois todos os malfeitores, para os homens e Deus, eram pregados na cruz.

REDENÇÃO: Cristo, que morreu para nos redimir.

MEMORIAL: lembrança do ato que Jesus realizou por nós; o Concílio Vaticano II ordena que a cruz fique em lugar de destaque no altar e bem visível como memorial do Cristo.

ADORAÇÃO: do Cristo e não do madeiro

MÍSTICA: símbolo do sofrimento de Cristo por nós.

IDENTIFICAÇÃO: do cristão; nos templos indica que este/aquele é um templo cristão, católico.

O conteúdo das respostas dos devotos, revela uma mística de consonância ao credo católico regimentado. Os pontos convergentes: cruz como sofrimento, carregar a cruz à imitação de Jesus, que ao final remete à “lembrança do ato que Jesus realizou por nós” como memória da paixão. O Cristo é adorado, e não o madeiro.

O termo “cruz” tem 25 referências no texto do Catecismo da Igreja Católica, conforme o índice analítico¹⁷⁸. No texto a cruz tem vários sentidos. É concebida como caminho de santidade, perfeição, já que o fiel percorre, progredindo espiritualmente através das ascetes e mortificações, que no final conduzirão o fiel à paz e alegria.

O item 1816, menciona a imitação de Cristo. O cristão deve declarar abertamente sua adesão, proposta da *Encíclica Lumem Gentium*, nº 42:

Todos devem estar prontos a confessar Cristo perante os homens e segui-lo no caminho da Cruz, entre perseguições que nunca faltam à Igreja. O serviço e o testemunho da fé são requisitos da salvação: “Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos céus. Aquele, porém, que me renegar diante dos homens também eu o renegarei diante de meu Pai que está nos céus”. (Mt 10,32-33)

¹⁷⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

O catecismo da Igreja Católica foi aprovado pelo Papa Joao Paulo II, em 11 de outubro de 1992, e apresentado através da Constituição Apostólica *Fidei Depositum* (O Depósito da Fé). Depois das controvérsias na interpretação e aplicação das determinações do Concílio Vaticano II no mundo, o Papa convocou, em 1985, um Sínodo para avaliar os 20 anos de Concílio. Como resultado, os Bispos pediram ao Papa um novo catecismo para a Igreja. Em 1986, o Cardeal Joseph Ratzinger presidiu uma comissão de 12 Cardeais e Bispos para a redação do documento. Participaram também sete Bispos especialistas em catequese. Nas palavras do Papa: “Um Catecismo deve apresentar, com fidelidade e de modo orgânico, o ensinamento da Sagrada Escritura, da Tradição viva na Igreja e do Magistério autêntico, bem como a herança espiritual dos Padres, dos Santos e das Santas da Igreja, para permitir conhecer melhor o mistério cristão e reavivar a fé do povo de Deus. Dever ter em conta as explicações que, no decurso dos tempos, o Espírito Santo sugeriu à Igreja. É também necessário que ajude a iluminar, com a luz da fé, as novas situações e os problemas que ainda não tinham surgido no passado” (FD). Tradicionalmente o Catecismo é dividido em quatro partes: 1 – O Credo, que são os dogmas básicos da nossa fé; 2 – a Sagrada Liturgia e os Sacramentos; 3 – o agir cristão (moral católica) e os Dez Mandamentos; e 4-a oração cristã, centrada no Pai-nosso. O primeiro data do século XVI, aprovado pelo Papa São Pio V, após o Concílio de Trento. Vigorou por 429 anos. AQUINO, Felipe. O Catecismo da Igreja Católica. Lorena, SP: Editora Cléofas, 2011. Disponível em: <http://cleofas.com.br>. Acesso em 19 de Janeiro de 2016. O termo cruz, referente ao Sinal da Cruz, aparece cinco vezes no texto.

A cruz é sinal de redenção; após o sofrer humano tal como Jesus, podemos alcançar a sua natureza, sem pecado e sem condenação (Cristo ressuscitado).

Por sua paixão e morte na cruz, Cristo deu um novo sentido ao sofrimento, que doravante pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua paixão redentora¹⁷⁹.

A vitória sobre o pecado e a morte manifesta-se na Páscoa. O sacrifício pascal só é entendido no contexto da morte de Jesus Cristo, que dá a vida pela redenção do homem, liberta-o do pecado e da morte. A liberdade do cristão, que se põe a imitar a Jesus Cristo consiste no ato de confiança, que após sofrer, morrendo, ressuscitará; o sofrer é temporário. Tendo ele mesmo ido ao encontro da morte demonstrou para com Deus, o Pai, fidelidade aos desígnios e a total confiança, já que caminhou para o calvário com suas próprias pernas, arbitro de si mesmo. O paradoxo que caracteriza o fundamento cristão:

A morte de Cristo é ao mesmo tempo o *sacrifício pascal*, que realiza a redenção definitiva dos homens pelo cordeiro que tira o pecado do mundo, e o *sacrifício da Nova Aliança*, que reconduz o homem à comunhão com Deus, reconciliando-o com ele pelo “sangue derramado por muitos para remissão dos pecados”¹⁸⁰.

Cristo venceu o mal pela morte, e morte na cruz. No texto do Catecismo, ela é concebida também como representação do triunfo do Reino de Deus por que Jesus derrotou o reino de Satanás por sua morte; dessa forma a cruz derrota o demônio, por que sinaliza o mistério (paradoxal) da morte de Jesus.

O advento do reino de Deus é a derrota do reino de Satanás: “Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós” (Mt 12,28). Os *exorcismos* de Jesus libertam homens do domínio dos demônios. Antecipam a grande vitória de Jesus sobre “príncipe dos demônios”. É pela Cruz de Cristo que o Reino de Deus será definitivamente estabelecido: “*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou do alto do madeiro”.

Um aspecto a se destacar da Caminhada Santa Cruz é o caráter de exorcismo da oração recitada nos cruzeiros. Os devotos manifestam um imaginário da cruz como defesa contra o demônio, que pode ter relação com a catequese recebida formalmente ou do contato com grupos de oração da Renovação Carismática Católica, onde se recitam orações semelhantes.

Alma minha põe seu gênio forte,

¹⁷⁹ CIC, 1505, p. 413

¹⁸⁰ CIC, 613-614, p. 175.

Aguentarei o golpe da morte.
 Que no campo Jesus achaste
 Os inimigos da Santa Cruz,
 Encontrarás e te dirás:
 Foge e arreda Satanás!
 Parte de mim tu não terás.
 Porque no dia da Santa Cruz
 Cem vezes me ajoelhei,
 Cem vezes me persignei,
 Cem vezes o chão beijei,
 Cem vezes te reneguei e renego,
 Cem ave-marias rezei,
 Cem vezes me levantei.

Mas buscando suas origens, encontrei uma fórmula do século XVIII na região das Minas. Meynardo Rocha Carvalho chamou de “Ladainha de Santa Cruz”, que era recitada, utilizando-se de bagos de milho durante a reza, com todos ao redor de uma mesa, passando de mão em mão repetindo: Jesus, Maria, José, minha alma Vossas é. E rezavam a ladainha:

Arreda e afasta satanás,
 Porque essas almas não são suas.
 Ao dia de Santa Cruz
 Direi mil vezes Jesus

Outra referência importante neste estudo é a “*Revista Lusitana*¹⁸¹”, publicada em 1943. No artigo intitulado “*Textos Religiosos do Folk-Lore Madeirense*¹⁸²”, o autor Eduardo

¹⁸¹ O número 38 foi publicado em 1943. Uma nota no fim da edição, explica que a publicação atrasada, foi interrompida em razão do falecimento do professor José Leite de Vasconcelos, organizador da obra, ocorrida em 17 de Maio de 1941. O professor era aposentado da faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, diretor do Museu Etnológico, conforme informa a revista. No texto de apresentação da edição, ele diz que o objetivo do projeto é divulgar “estudos de Etnologia, língua e literatura nacionais”. VASCONCELOS, José Leite de. (Org) *Revista Lusitana*. Arquivos de Estudos filológicos e etnológicos relativos à Portugal. Vol. 38, nº 1-4. Lisboa, 1943. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt>. Acesso em 21 de dezembro de 2015.

¹⁸² Ao final do artigo, o autor Eduardo Pestana deixa o seguinte registro: “À publicação dos Textos Religiosos do Folk-Lore Madeirense seguir-se-hão, *Deo Volente*, a do *Romanceiro* e a do *Cancioneiro* do mesmo. Trata-se de material recolhido, in loco, de 1912 a 1920, ao mesmo tempo que se fez a colheita do *Vocabulário*, publicado já nos fascículos 4-18 do volume 5º da extinta revista *A Língua Portuguesa*, da direção do Professor Rodrigo de Sá Nogueira. Publicando-se estes Textos em grafia que pretende traduzir a pronúncia local, há que explicar, das transformações que os fonemas do português normal sofreram no dialecto madeirense, aquelas que se nos depaeram no decurso deste trabalho, para sua mais fácil compreensão. Eis a razão destas notas.”

Pestana resgata uma coletânea de orações, recitadas na Ilha da Madeira. Os textos, em sua maioria, exaltam e suplicam ao Bom Jesus, à Santa Cruz, aos santos. Oração a Santa Helena (do achamento da cruz) e à Nossa Senhora, mãe de Jesus.

I — *De manhã, ao levantar.*

Cum Di me deito,	b) 'Xtrêla da manhã,
Cum Di m'al'vanto,	lembrai-vui d'mim, ó Maria.
ca d'vina graça	Mê sagrad'Coração d'Jasus,
do Espírito-Santo.	é vos of'reç'o q'ê fizer
	durant'êste dia.

Fonte: Revista Lusitana, p. 07

XII — *Ao deitar o pão no forno.*

Assim crêças tu aí,
 cuma Dês está sobre ti;
 assim crêças tu no forno,
 cum' à graça de Dês sob' nós todos;
 assim crêças tu na massa,
 cuma Dês creceu in Graça.

N. — Enquanto esta oração se recita, faz-se, com a pá,
 uma cruz na porta do forno.

Fonte: Revista Lusitana, p. 16

III — *Depois das refeições.*

a) Graças a Dêes!	b) Gráçai Vui dou, mê Dêes,
Bemdito sejás!	que me désti de comer,
Ê nada mereço	sem ê mercêr!
e Vós tudo me dás!	Depôi desta vida,
	dai-m'o ceu!

Fonte: Revista Lusitana, p. 08

No conjunto de orações, procurei semelhanças, aproximações, e verifiquei que se diferenciavam por alguns termos, agregados e suprimidos, substituídos em sua pronúncia por outros constituintes do dialeto local. Num exercício, de comparação, percebi que tem as mesmas finalidades, porém recitadas em momentos distintos. A oração com indicativo “para a

hora da morte”, é a oração da Caminhada com finalidade exorcista, enquanto outras orações na revista indicam “combate espiritual” com os demônios.

XI – Para afugentar os demônios.

Est’ é a crui de San Domino

Fugi/da parte/ da versa

D’vice/d’veu/ atrevo

De Judas/ redadau

àlaloia, àlaloia.

A cruz é utilizada pelo devoto na defesa contra o demônio através da prática de persignar-se, ao deitar, levantar, sair para o trabalho. É exposta em locais de acesso nas casas e verbalizada nas orações. A oração para a hora da morte é a que mais se assemelha à oração da Caminhada.

X – Para a hora da morte

Ò alma, põe-te em forte,

Que vás passar a hora da morte

Passarás

Nan morrerás

Pelo campo – Judai fora

O demônio encontrarás.

Tri vezes le dirás:

Arreda cão,

Arreda cão,

Arreda cão, Satanaz.

Se tu és o que m’atentes,

Parte em mim tu não terás.

Amén.

Outras formas, com mesmo conteúdo, manifestam a criatividade e adaptação presentes nas práticas de devoção, por parte daqueles que se apropriaram das linguagens e as reverteram em favor de suas necessidades.

Durante a entrevista perguntei sobre outras orações à cruz, de preferência dos devotos no seu dia-a-dia. Ana de Fátima disse ter aprendido com a mãe uma oração semelhante à encontrada na revista portuguesa:

Você tem uma oração específica que faz em devoção a Cruz no seu dia-a-dia?

Tem uma, ela é bem pequeninha, mas quando eu passo por uma cruz eu falo assim: “Deus te salve, cruz bendita! Por ti me salve quem em ti me redimiui!” Essa oração que eu faço no meu dia-a-dia!

Quem te ensinou essa oração?

Minha mãe já falava nela e eu aprendi num livro também né, o livro “Abra a porta” tem ela. E quando passo perto duma igreja também: “Deus te salve casa santa, onde Deus fez a morada, onde mora o cálice bento e a hóstia consagrada”¹⁸³.

V – Ao avistar-se uma igreja.

Dês te salv', igreja.	e a Hostia cõnsagrada.
Por Di fostes õrdenada;	Os anjos q' vos acumpanho
on' 'tá o cáli bento	m'acumpânhin a minh'alma

Fonte: Revista Lusitana, p. 08

A conclusão é que, de fato vivemos a herança portuguesa com as devidas variações, ora por parte do povo, ora pela Igreja. Certo é que esses textos continuam sendo posse do povo.

A solidariedade é uma característica presente entre os devotos, e impulsionou o início da segunda fase da festa; demonstra a comoção de toda a comunidade, diante do sofrimento alheio. Está relacionada à solidariedade de Cristo por todo homem pecador, que assim deverá agir, a fim de imitá-lo. Foi atribuída à Santa Cruz, a restituição da saúde do Clóvis, depois que o senhor Redelvino fez promessa de fincar a cruz no alto da serra e subir para rezar.

¹⁸³ ANA DE FÁTIMA, 2014, entrevista. Sobre o livro “Abra a Porta – Cartilha do Povo de Deus”, Azzi denominou manual de piedade popular. AZZI, Riolando. *Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador*. Um aspecto da Evolução da Teologia e da Espiritualidade católica no Brasil. Perspectiva Teológica. Nº 18. 1986. É composta por textos bíblicos, cânticos, catequese produzidos para as comunidades de base.

Luis Weckman escreveu “*La herencia medieval del Brasil*”¹⁸⁴ e publicou na década de 1990. Na obra ele diz que o Brasil é uma “Terra de Santos” desde a colonização. “Santos protetores eram invocados contra os tipos de enfermidades ou perigos, ou para obter um remédio para muitos problemas pessoais [...]” Evoco esta afirmativa de Weckman e vou a Hilário Franco Junior para quem “nenhum diagnóstico – portanto, nenhum prognóstico – do Brasil será possível sem considerar a herança medieval que ainda age sobre nós. Dentro de nós¹⁸⁵.” Ele reforça a evidência de um “sistema de valores medievais no Brasil”, embora esclareça que não se deve tomar por uma ótica classificatória, pontual: medieval no Norte/Nordeste e moderno no Sul/Sudeste, mas analisando amplamente, o Brasil se constitui por uma identidade resultante de “regiões de medievalidade com enclaves de modernidade e regiões de modernidade com enclaves de medievalidade”. Quando trata do campo religioso brasileiro identifica algumas práticas religiosas ou fenômenos religiosos como fruto de uma mentalidade medieval fundamentadas no contratualismo, segundo ele “troca de serviços humanos por favores divinos”, em que os santos são então invocados de várias maneiras conforme as necessidades humanas. O Deus que cuida; por isso me apego e me assemelho, por que também, ele se assemelhou a mim. Uma aliança que mantém o devoto nesse laço que o sustenta, no universo em que os bens temporais são ameaçados. Por isso a troca, na promessa, a fidelidade diante do milagre e a repetição da prática, diante da experiência religiosa.

Na verdade, a promessa e o milagre dão sustento ao devoto; demonstraram fidelidade ao Jesus Sofredor através da assiduidade na caminhada. Gratidão e súplica se aglutinam na prática. Mary Del Priore, diz que:

o milagre une o povo, as “gentes” a Deus, por meio do encanto e do maravilhamento. Essas situações insólitas ficavam marcadamente registradas na memória popular, como algo parecido com uma aliança entre Deus e o povo¹⁸⁶.

Perguntei nas entrevistas, se eles levavam algo para o cruzeiro. O senhor Redelvino disse que leva foguetes para o alto do cruzeiro para pagar promessa.

O senhor já levou alguma coisa para o cruzeiro?
De promessa às vezes, só foguete, né¹⁸⁷.

¹⁸⁴ WECKMAN, Luis. *La herencia medieval del Brasil*. México: Fundo de Cultura Econômica, 1993.

¹⁸⁵ FRANCO JUNIOR, Hilário. *Raízes medievais do Brasil*. Revista USP, São Paulo. N. 78, p 80-104, 2008

¹⁸⁶ DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹⁸⁷ REDELVINO, 2014, entrevista.

Nas festas religiosas em Portugal, os foguetes pretendiam o “arrebatamento do espectador”, nas palavras de Jeaneth Xavier¹⁸⁸. As festividades tinham caráter de espetáculo e os fogos eram um espetáculo muito apreciado em Portugal e na América Portuguesa. Tem status de arte os fogos de artifício, pelo deslumbramento que causam. A autora termina dizendo que os fogos são a mais efêmera das artes, e não tem muito a dizer sobre ela.

Ao que é referente às práticas de pedir chuvas, alguns dados comprovam que são antigas e recorrentes na cultura religiosa européia. Em Portugal, procissão para pedir chuva foi notícia no jornal *Gazeta de Lisboa Occidental*¹⁸⁹. No dia 13 de fevereiro de 1738, em Santarém das 09:30h às 13:30h:

Experimentando-se nesta vila, e nos campos circunvizinhos uma seca universal por alta de chuvas, e havendo-se feito várias procissões de preces para pedir a misericórdia de Deus um socorro tão preciso para a subsistência dos habitantes, o senado da câmara em nome da mesma vila se ajuntou com o clero, e convieram em pedir licença ao Ilustríssimo Cabido da Sé de Lisboa Oriental, para poderem trazer em procissão pela vila o Santíssimo Milagre, que há 504 anos se conserva com grande devoção dos fiéis na Igreja Paroquial de Santo Estevam da mesma vila, por haver experiência, e tradição, que no ano em que sai em público é fértil e abundante.

Otto Maria Carpeaux escreveu o que ele mesmo designou de tentativa de resgate histórico e compreensão de estilos da música ocidental entre o Medievo e o Século XX. Fez memória das produções do medievo, evocando o canto litúrgico para tratar das origens da música no ocidente, que se deu através do canto gregoriano, domínio da Igreja Romana (até a Reforma, que ele também discute em seguida). Em algumas páginas faz menção a Orlandus Lassus. Foi regente de coros na França, Itália e na capela de Munique, “centro do catolicismo romano na Alemanha do Sul”, de 1560 até sua morte em 1594. Carpeaux destaca vários *motetes*¹⁹⁰ de autoria de Lassus e dentre eles uma canção para pedir chuva aos céus¹⁹¹:

[...] e o mais famoso de todos, *Gustate et videte*, do qual conta a lenda: foi escrito em Munique, para procissão que pediu chuvas depois de longo

¹⁸⁸ ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. *Os Artífices do Sagrado e a Arte Religiosa nas Minas Setecentistas: Trabalho e vida cotidiana*. São Paulo: Annablume, 2013.

¹⁸⁹ Este fragmento foi transcrito do texto final resultado da pesquisa de Jeaneth Xavier de Araújo, na *História Social da Arte*. ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. *Artífices do Sagrado e a Arte Religiosa nas Minas Setecentistas. Trabalho e vida cotidiana*. São Paulo: Annablume, 2013. De acordo com o texto, o *Gazeta de Lisboa Occidental*, era um periódico que circulava noticiando as conquistas do Império Português e a vida cotidiana da corte e dos nobres. E ainda: “Para a América Portuguesa, era importante veículo de informação para os funcionários régios em missão, atuava principalmente como informe *oficioso* da administração portuguesa. [...] Encontrou-se referência a esse periódico na documentação da Câmara Municipal de Vila Rica no que dizia respeito às festividades religiosas, como também aparece mencionado na documentação relativa às encomendas de livros e material impresso a ser adquirido em Lisboa”;

¹⁹⁰ Formas musicais religiosas, curtas, cantadas a várias vozes.

¹⁹¹ CARPEAUX, Otto Maria. *O livro de Ouro da História da Música*. Da Idade Média ao Século XX. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

período de seca; e comoveu de tal maneira o céu que a chuva logo começou a cair.

Sinaliza uma prática na Europa daquele século (XVI) de forma significativa a ponto de compor as produções musicais. Revelam que as praticas religiosas estão no cotidiano, fazem parte dele e não foram ignoradas. Nesse sentido, na Caminhada Santa Cruz se reproduz um elemento que a conecta ao passado, à herança de uma prática européia que, por conta da história da colonização do Brasil, não poderia ser diferente.

Os pontos que se destacam no levantamento mudanças na festa são de naturezas diversificadas. Nas descrições orais, referem-se ao modo de rezar, ao local onde se reza e sobre a relação entre as pessoas, que é um fator bastante significativo para eles. Afirmam que nesta fase da Caminhada, os devotos se dedicam com mais amor, mais fervor e um espírito de unidade.

O senhor Teodomiro diz que as mudanças que pode perceber, é que a Caminhada atualmente, trouxe “lucro.” Para ele o lucro não é financeiro, mas é fruto da amizade reforçada, na quebra da rotina e ainda caminhar e rezar. Na caminhada a partilha é predominante no rezar, no caminhar e no comer mesmo não tendo contribuído; todos comem e bebem; em todas as casas entram sem cerimônia.

Também pode ser observado, a presença do grupo Emaús. Sinaliza para mudanças na religiosidade local, porque o referido grupo está ligado à Renovação Carismática Católica em Montes Claros. Acontece anualmente um encontro do grupo Emaús com as comunidades, seja em Lages ou Pedregulho. Pode-se dizer que, por essa razão, em alguns momentos durante a caminhada, as orações, os gestos dos devotos, lembram uma influência carismática. Não é a única. Revelaram nas entrevistas que têm o hábito e até aprenderam a rezar ouvindo ou vendo a programação da rede católica Canção Nova de Comunicação, acompanharem a Novena do Perpétuo Socorro veiculada pela Rede Vida. Assistem missa pela televisão, por não ter com frequência, celebrações na igreja local.

Dentre as questões desta pesquisa, de tudo que foi realizado até aqui, entendo que alguns caminhos se abriram para as respostas. Pude construir com os devotos um registro que considero ter dimensionado a “Caminhada Santa Cruz”, mas a história integralmente demanda um aprofundamento e acompanhamento do processo, porque continua a ser construída, ressignificada. Por um viés antropológico, busquei as fontes e explorei, estabelecendo com elas um diálogo, observando e extraindo o todo suficiente para uma análise mais detida,

descrevendo e detalhando densamente para compor uma leitura dos significados no universo deste fenômeno cultural religioso¹⁹².

A origem da Caminhada pode enfim ser levantada, bem como as motivações, práticas e representações. O significado da cruz para o devoto, foi analisado segundo os pontos convergentes e divergentes no âmbito do catolicismo popular e catolicismo oficial, lembrando as implicações como a catequese mínima evidente, os produtos oriundos das relações dos devotos com outros segmentos no interior da Igreja Católica, como grupos de oração e pastorais. A representação da cruz do devoto está relacionada ao sofrimento inerente do viver cotidiano, lutar pela vida no trabalho, na família, na comunidade com tudo o que implica.

Então a cruz pra nós não é a cruz de pau, a cruz pra nós ela representa o próprio cristo, é a nossa vida. E a vida é o sofrimento, a cruz é sofrimento né, o dia-a-dia que a gente tem que superar. [...] Lembro. Quem diz: cada um de nós tem uma cruz, né. Cruz pra carregar assim, né. Aí Jesus carregou uma cruz e nós todos temos uma cruz pra carregar também, né¹⁹³.

A gente tem assim como exemplo, da cruz por que foi aonde Jesus morreu pra nos salvar, e representa assim muito respeito a cruz. No dia que a gente casa, o sacerdote vira e fala toma sua cruz e siga-me. Jesus falou toma sua cruz e siga-me. Então o dia que agente casa, eu acho que a gente recebeu também uma cruz, que é a mulher e os filhos. E a mulher recebeu uma cruz os filhos e o marido. Agora eu acho que e uma coisa que a gente tem que levar muito em consideração assim¹⁹⁴.

Concebendo a cruz sob essa ótica, o devoto fez da Caminhada, o modo como manifesta a representação. Entendo que a prática se mantém viva, se for analisada (todo o seu conteúdo de significados) na perspectiva da “tradição seletiva”, conceito proposto por Raymond Willians¹⁹⁵. A tradição como processo cultural dinâmico, que se utiliza dos elementos do passado e o reconfigura, garantindo um elo forte e uma identidade composta de significados e práticas selecionadas como significativas, conforme o interesse do grupo particular.

Lo que debemos comprender no es precisamente “una tradición”, sino una *tradición selectiva*: una versión intencionalmente selectiva de un pasado configurativo y de un presente preconfigurado, que resulta entonces poderosamente operativo dentro del proceso de definición e identificación cultural y social.

¹⁹² GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

¹⁹³ ANA LÚCIA, 2014, entrevista.

¹⁹⁴ SEBASTIÃO, 2014, entrevista.

¹⁹⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y literatura*. Barcelona: Ediciones Península, 1988.

A Caminhada porta o *status* de elemento integrador, resistente, “poderoso”. Todas as atividades diárias são interrompidas para a realização da Caminhada, momento de religiosidade e de sociabilidade. As práticas autônomas, a identificação com um espaço próprio, que não aquele delimitado pelos regimentos do catolicismo oficial, expresso no ato de sair de dentro da capela de Santa Rita tão logo deixaram lá a imagem da Mãe Rainha e continuar o seu caminho para o cruzeiro no espaço de fora.

Mesmo após a leitura, concluo ressaltando que os elementos de um catolicismo popular de herança portuguesa com raízes medievais, convivem neste fenômeno com práticas que resultam das mudanças no campo religioso atual, sendo que as primeiras são pressionadas pelas últimas, demonstrando a vulnerabilidade da tradição seletiva, conforme Raymond Williams. E compondo o conjunto, práticas que sinalizam uma catequese de ordem sacramental, católica tradicional, recebida pelos devotos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob as luzes de um viés histórico e antropológico, busquei encontrar elementos que apontassem para as representações e práticas de devoção à Cruz na “Caminhada Santa Cruz”, norte de Minas Gerais, que motivaram uma prática essencialmente rural mas que se mantém expressiva atualmente. Qual o significado da cruz para os devotos que rezam de cruzeiro em cruzeiro, deixando para trás um tempo ordinário que não os aprisiona. O caminho foi construir um histórico da devoção à cruz, situar sua origem, como teria chegado ao Brasil e qual característica teria assumido e se espalhado pelo imenso território do qual separei apenas o Norte de Minas para estudo. O caminho foi construir a história da festa e falando com os devotos, e “caminhando” com eles poder desvendar o imaginário da cruz que permeia as práticas da devoção na Caminhada. Com *status* de festa, acontece anualmente à revelia do cotidiano e suas adversidades mas também a despeito do catolicismo romano e suas autoridades eclesásticas.

Depois de levantar um histórico da devoção à cruz, sua origem pode estar no século IV, na conversão do Imperador Constantino ao cristianismo – e todo o império – e no achamento de partes de madeira por Helena, sua mãe, que afirmou ser do madeiro da Cruz de Jesus Cristo. Impulsionou as peregrinações aos lugares santos; “Partes” da cruz se espalharam pelo mundo, como relíquias do Santo Lenho, criando uma rede de devotos.

A devoção foi marcante na Europa Medieval, e entrou muito viva na era moderna no reino de Portugal, permanecendo até hoje. Desembarcou no Brasil das naus dos colonizadores

no século XV, trazendo o modo como aconteciam algumas práticas na metrópole: na religiosidade popular, na forma de procissões, festas, construção de cruzeiros, e nas irmandades como a confraria da *Santa Cruz*, de Braga, do século XVI. Predominam elementos do catolicismo romano, oficial evidenciado na preocupação com os sermões selecionando seus pregadores, com o decoro e a decência nas celebrações e todas as práticas. De qualquer modo, a Paixão de Cristo era o fundamento.

No contexto de fragilidade da governança eclesiástica no Brasil do século XVII, o catolicismo popular ganhou força, mesclando elementos de uma “catequese” mínima, com elementos de uma cultura religiosa própria das populações nativas, contrariando os objetivos da coroa portuguesa. Uma de suas faces são as devoções.

A devoção à cruz no norte de Minas se desenvolvera, nesse contexto de abandono da Igreja, que encontrou na extensão territorial do sertão norte-mineiro um grande obstáculo. Foi com o propósito de pedir chuva que a “Caminhada Santa Cruz” nasceu há cem anos na Fazenda Canastra, com o senhor Sebastião Cardoso.

No norte de Minas a procissão pra pedir chuva é uma prática que faz parte da cultura religiosa de muitos povoados e comunidades. As procissões são esporádicas, duram tanto tempo quanto dure a seca. Outras formas acontecem no Brasil, mas não conheço outra semelhante a Caminhada Santa Cruz, sobre a qual me debrucei. Por isso a relevância deste trabalho para a comunidade científica e para a memória da população norte mineira, em particular para as comunidades de Lages, Santa Rita de Santa Cruz e Machados; A preservação da memória sobre a Caminhada era uma preocupação dos devotos evidenciada nas entrevistas.

A caminhada expressa uma atitude de negação e resistência por parte dos devotos. Tanto do devoto na sua individualidade, que enfrenta a vida eivada de sofrimentos, como do coletivo de devotos que mesmo tendo sido “abordados no meio do caminho” pelo catolicismo oficial, não se rende e mantém vivos os hábitos regulares de uma religiosidade própria, há um século.

A representação da cruz, tem sinais do medievo tal como se deu em Portugal e chegou ao Brasil no século XV. Os relatos revelaram um imaginário da cruz ligado ao sacrifício de Cristo. Sacrifício que foi identificado pelo devoto com o sofrer humano que caminha nesta terra; mesmo que essa representação para alguns seja restrita ao espaço-tempo da festa e no dia-a-dia outras devoções são praticadas. Tem na cruz tanto uma lembrança do Cristo morto “por cada um de nós” mas também como símbolo de defesa contra o mal, pois com a morte e ressurreição de Cristo, a cruz passou de uma simples trave presa a uma outra transversal, onde

se penduravam malfeitores, para o sinal da vitória contra o mal maior, a morte. O paradoxo é expresso em palavras como “*sofrimento e alegria*” repetidas nas entrevistas. O mal que superado pelo bem se torna fonte de bênçãos.

Hoje, no século XXI, é deste modo que o devoto enfrenta a seca, a estrada, a doença, o demônio. A faixa etária não é fator determinante quanto a participação. As fotografias evidenciam a presença de crianças, adolescentes, jovens e adultos. A doença a violência e o trabalho nas lavras são limitantes e determinam ausência na festa.

Descortinamos a origem da caminhada e as motivações, e o que impulsionou também o seu retorno no século XXI. A festa existe e há mais de um século e foi mantida por conta de uma consciência identitária; na visão dos devotos é uma tradição a ser preservada como memória de uma experiência religiosa que ele tem dos antepassados, que “pediam” e “recebiam” cada vez que iam ao cruzeiro.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína; FERRERO, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 7ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ANSHELM, Thomas. *Les Bibliothèques Virtuelles Humanistes*. Disponível em: <<http://www.e-codices.unifr.ch/fr/csg/0196>>. Acesso em: 21 jan. 2016.
- ANSHELM, Thomas. *Liber de Laudibus Sanctae Crucis*. Disponível em: <<http://www.e-codices.unifr.ch/fr/csg/0196>>. Acesso em: 21 jan. 2016.
- BIBLIOTHÈQUE VIRTUELLE DES MANUSCRITS EM SUISSE. Disponível em: <http://www.e-codices.unifr.ch/fr/csg/0196/38>
- BORBOREMA, Valéria. Episcopado de Dom Geraldo Magela de Castro. In: SILVA, Franscino Oliveira; JÚNIOR, Dorival Souza Barreto (Org.) *História e Memória: aspectos sociais, políticos e religiosos do catolicismo norte-mineiro*. Belo Horizonte, Fumarc, 2012. p. 135-153.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. *Os Artífices do Sagrado e a Arte Religiosa nas Minas Setecentistas: Trabalho e vida cotidiana*. São Paulo: Annablume, 2013.
- AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- AZZI, Riolando. *Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador*. Um aspecto da Evolução da Teologia e da Espiritualidade católica no Brasil. *Perspectiva Teológica*. Nº 18. 1986. p. 215-233.
- AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Aspectos Históricos. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BAUER, Johannes B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1984.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Uma introdução à teoria e métodos. Porto: editora do Porto, 2010.
- BRITO, Altair Gomes. *As montanhas e suas representações através dos tempos: buscando significados*. 2008. (Dissertação de mestrado em Geografia) — setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- BROVETTO, Constante et al. *A Cruz: teologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- CAMINHA, P. Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear*, de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. São Paulo: Humanitas, 1999.
- CARPEAUX, Otto Maria. *O livro de Ouro da História da Música*. Da Idade Média ao Século XX. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

- CARVALHO, Meynardo Rocha de. *O culto à Santa Cruz em Minas do Ouro: religiosidade popular no Bispado de Mariana – 1745/1830*. Disponível: <http://www.descubraminas.com.br/upload/biblioteca/0000114.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2015.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. 12ª reedição. Edições CNBB.
- CRUZ, Luiz. *Cruzes e Cruzeiros*. Disponível em: <<http://saojoaodelreitransparente.com.br>>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DESCUBRA MINAS. [Devoção a Santa Cruz e ao Bom Jesus], 2016. Disponível em: <<http://www.descubraminas.com.br/Biblioteca>>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.
- EDITORA AVE MARIA. *Bíblia Sagrada*. Edição Claretiana. 176ª ed. São Paulo: 2007. p.1134.
- FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Org.). *Dicionário da Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FONSECA, Ana Ivânia Alves. *Agricultura Familiar como sustentabilidade: estudo de caso do Planalto Rural de Montes Claros –MG*. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro,SP. 2012. Tese (Doutorado em Geografia).
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Raízes medievais do Brasil*. *Revista USP*, n. 78, p. 80–104.
- GAIO SOBRINHO, Antônio. [Distinção entre cruz e cruzeiro]. Disponível em: <http://saojoaodelreitransparente.com.br>>.
- GARCIA, Carmem Gomez. *Disposición del Pãno de pureza em la escultura del Cristo Crucificado entre los siglos XII y XVII*. 2007. Tese de doutorado — Universidad Complutense de Madrid.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GUIMARÃES, Rose Lane et al. O Geoturismo em espaços sagrados de Minas Gerais. *Espeleo-Tema. Sociedade Brasileira de Espeleologia*, Campinas, v. 20, n. 1/2, p. 49–58, 2009.
- HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário de símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994 (Tradução João Rezende Costa).
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- HILL, Jonathan. *História do Cristianismo*. São Paulo: Rosari, 2008.
- INSTITUTO SECULAR DAS IRMÃS DE MARIA DE SCHOENSTATT. *Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt*. Atibaia: O Instituto, 2011.
- LEITE, Marcos Esdras. Aspectos físicos e sociais de Minas Gerais. In. QUEIROZ, Antônia; PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; LEITE, Marcos Esdras. *Geografia de Minas*. Montes Claros: Unimontes, 2012.

- LÉON-DUFOUR, Xavier. (et al) *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013 (Tradução de Frei Simão Voigt).
- LUCENA, Célia Toledo. *Memórias de Famílias migrantes: imagens do lugar de origem*. *Projeto História*, São Paulo: EDUC, n. 17, nov. 1998.
- MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: *História da Vida Privada no Brasil*. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PASSARELLI, Gaetano. *O ícone da Crucificação*. São Paulo: Ave Maria, 1996.
- PONDIAN, Juliana Di Fiori. *A forma da palavra: poesia visual sânscrita, grega e latina*. 2011. Dissertação (mestrado em Letras Clássicas) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. *Projeto História*, São Paulo: EDUC, n. 10, 1997, p. 23–32.
- PRADO, Adélia. *Bagagem*. 33. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SANCHIS, Pierre. *Arraial festa de um povo: As romarias portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. (Tradução de Madalena Mendes de Matos).
- SILVA, Elsa Liliana Antunes da. *As festas da confraria de Santa Cruz de Braga no século XVIII*. Universidade do Minho, Braga, 2013.
- SILVA, Franscino Oliveira. Sincretismo religioso nos festejos do catolicismo norte-mineiro: uma abordagem. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 27. Natal, 2013.
- STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (p.14)
- TINHORÃO, José Ramos. *Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão ao teatro no círio*. São Paulo: ed. UNESP, 2012.
- TORRES-LONDOÑO, Fernando. Introdução do sagrado cristão nas crônicas sobre a cristianização do Brasil. In: QUEIROZ, José J. et al. *Interfaces do Sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: PUC-SP, 1996.
- VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 2008.
- VAN DER POEL, Francisco. *Dicionário da Religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa cultura, 2013.
- VASCONCELOS, José Leite de. (Org) *Textos Religiosos*. Revista Lusitana. Arquivos de Estudos filológicos e etnológicos relativos à Portugal. Vol. 38, nº 1-4. Lisboa, 1943. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt>. Acesso em 21 de dezembro de 2015.
- WECKMAN, Luis. *La herencia medieval del Brasil*. México: Fundo de Cultura Econômica, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y literatura*. Barcelona: Ediciones Península, 1988.

XIDIEH, Osvaldo Elias. *Narrativas populares*. Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo. São Paulo: Itatiaia, 1993.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea*: vida de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

■ FONTES ORAIS

ANA DE FÁTIMA. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (16min). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

ANA LÚCIA. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (17m43). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

DEOLINA. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (12min). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

DONA HELENA. Comunidade Lages, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (18m07). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Farias Dias em barracão comunitário.

EDNA RODRIGUES SILVA. Comunidade Santa Rita, Bocaiúva, MG, 1º de março de 2014. Arquivo de mp3 (16m14). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Farias Dias em barracão comunitário.

GUIOMAR. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (14m53). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

JOSÉ CLÓVIS. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (13m22). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

LAIANE. Comunidade Lages, Bocaiúva, MG, 28 de março de 2015. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Faria.

MARIA DE FÁTIMA DIAS. Montes Claros, MG, 26 de fevereiro 2014. Arquivo de mp3 (30m). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Farias Dias em sua residência.

MARIA INÊS. Comunidade de Machados, Bocaiúva, MG, 28 de março de 2015. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Faria.

MARIA NILZA. Comunidade Lages, Bocaiúva, MG, 3 de maio de 2015. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Faria.

NILMA MONY. Comunidade Lages, Bocaiúva, MG, 3 de maio de 2015. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Farias.

RAMONE. Comunidade Lages, Bocaiúva, MG, 28 de março de 2015. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Faria.

REDELVINO. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (12m54). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

SEBASTIÃO. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (15m26). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

STEFANY AMARAL DE OLIVEIRA. Comunidade Machados, Bocaiúva, MG, 28 de março de 2015. Questionário respondido a Juliana Aparecida Silva Dias Faria.

TEODOMIRO. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (15m58). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

TIÃO. Comunidade Santa Rita de Santa Cruz, Bocaiúva, MG, 1º de março 2014. Arquivo de mp3 (13m22). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Dias Faria em barracão comunitário.

ZÉ DE MARINHO. Comunidade Santa Rita, Bocaiúva, MG, 1º de março de 2014. Arquivo de mp3 (12m18). Entrevista concedida a Juliana Aparecida Silva Farias Dias em barracão comunitário.

APÊNDICE A

Termo livre de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

Nome da pesquisa: Cruz de Deus, Cruz do povo. Concepções e práticas de devoção à cruz na “Caminhada Santa Cruz”, Norte de Minas Gerais

Responsável pelo projeto: Juliana Aparecida Silva Farias Dias

Orientador: Prof. Dr. João Edênio Reis Valle

Programa de Estudo Pós – Graduados em Ciências da Religião – DINTER PUC/SP-UNIMONTES

Eu, _____

RG n. _____, abaixo assinado, concordo em participar deste estudo, tendo recebido informações sobre os objetivos, as justificativas e os procedimentos que serão adotados durante sua realização, assim como os benefícios que poderão ser obtidos.

Autorizo a publicação das informações por mim fornecidas com a segurança de que não serei identificado e de que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com minha privacidade.

Tendo ciência do exposto acima, assino esse termo de consentimento.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE B

Questionário para os devotos

QUESTIONÁRIO

Cruz de Deus, Cruz do povo. Concepções e práticas de devoção à cruz na “Caminhada Santa Cruz”, Norte de Minas Gerais

Prezado(a),

Sou aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC em parceria com a Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, e desenvolvo um trabalho de pesquisa que resulte em texto sobre a “Caminhada Santa Cruz”. O objetivo é verificar as representações e práticas de devoção cruz neste evento religioso.

Ficarei muito grata se você puder colaborar respondendo a este questionário.

Atenciosamente,

Juliana Aparecida Silva Farias Dias

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____

Local onde nasceu: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

Estado civil: () Casado; () Solteiro; () Viúvo; () Separado; () Outros

Tem filhos? _____ Quantos? _____

1) O que significa para você a “Caminhada Santa Cruz?”

2) Há quantos anos você participa?

3) Todos em sua família participam? Por que?

4) Como você conheceu a “Caminhada Santa Cruz”?

5) Quais os motivos que levaram você a participar da “Caminhada Santa Cruz”?

6) Você já levou ou leva sempre alguma coisa material para o cruzeiro? Por que?

7) Você tem um altar em casa com a cruz? Por que?

8) No seu dia-a-dia você se lembra da cruz? Como?

9) Você tem o hábito de traçar a cruz sobre si, beijar a cruz...? Por que?

10) Faz no seu dia-a-dia orações invocando o poder da cruz, como na “Caminhada”? Por que?

11) Escreva aqui sua oração preferida.

12) Usa algum objeto com figura da cruz, ou a traz com você a cruz numa corrente no pescoço, na bolsa, no bolso?

13) Você já viveu alguma experiência marcante com a cruz? Conte a sua experiência.

14) O que a cruz representa para você?

15) Você tem outra devoção? Qual? (é devoto da Virgem Maria, ou um santo).

16) Guarda imagens de santos em casa?

17) Fale sobre sua formação religiosa; você sempre foi católico? Recebeu catequese na Igreja Católica? Praticou outra religião?

18) O que mais você gostaria de lembrar aqui sobre a história da “Caminhada Santa Cruz”: pessoas, momentos marcantes na sua opinião? Escreva nas linhas abaixo.

APÊNDICE C
Carta de cessão

CARTA DE CESSÃO

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO –
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC/SP**

Projeto: Cruz de Deus, Cruz do povo. Concepções e práticas de devoção à cruz na “Caminhada Santa Cruz”, Norte de Minas Gerais.

Pesquisador: Juliana Aparecida Silva Farias Dias

Orientador: Prof. Dr. João Edênio Reis Valle

Eu, _____,
_____, inscrita no RG nº _____,
pelo presente termo, autorizo Juliana Aparecida Silva Farias Dias, aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, a publicar a entrevista realizada em ____/____/____, na cidade de _____, no texto da tese de doutorado, em conformidade com a legislação vigente, cedendo-lhe, a título gratuito e definitivo, os direitos de divulgação no referido trabalho exclusivamente para fins educacionais.

Por ser verdade, firmo o presente.

Montes Claros, 01 de Março de 2014.

Assinatura do entrevistado

APÊNDICE D

Roteiro para entrevistas com os organizadores diretos da “Caminhada Santa Cruz”

ROTEIRO DE ENTREVISTA (festeiro)

Nome: _____
 Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____
 Local onde nasceu: _____
 Profissão: _____
 Escolaridade: _____
 Estado civil: () Casado; () Solteiro; () Viúvo; () Separado; () Outros
 Tem filhos? _____ Quantos? _____

- 1) O que a “Caminhada Santa Cruz” significa para o senhor?
- 2) O senhor traz a cruz consigo?
- 3) E em casa, tem altar com cruz, cruz na parede... onde dentro da casa?
- 4) Em sua família todos participam?
- 5) O senhor tem o hábito de fazer o sinal da cruz, beijar a cruz...?
- 6) Eu pretendo com este trabalho contar a história da Caminhada. Conte para mim o que o senhor conhece sobre ela.
- 7) Quem são os fundadores?
- 8) Por que se realiza a festa em 03 de Maio?
- 9) Como se organiza? A escolha dos festeiros/organizadores, o custeio da festa com camisas, lanches, almoço... sempre foi da mesma forma?
- 10) Quem fincou as cruzeiras no alto do morro?
- 11) Que nome é dado aos cruzeiros? Ouvi dizer que se chama cruzeiro da canastra...
- 12) Os padres participam da festa? Sempre participaram?
- 13) Algum político participa da festa? Como?
- 14) O que mudou na festa desde que o senhor começou a participar?
- 15) As músicas e orações que fazemos durante a caminhada, sempre foram as mesmas?
- 16) O senhor poderia recitá-las?
- 17) Quem ornamenta os cruzeiros?

- 18) O que o senhor leva para os cruzeiros de coisas materiais? Por que?
- 19) Quantos cruzeiros são visitados?
- 20) O senhor sabe se todos os participantes são católicos?
- 21) O senhor sempre foi católico? Recebeu catequese da Igreja Católica?
- 22) Sempre foi devoto da cruz?
- 23) Alguma pessoa se destaca na história da festa?
- 24) O que o senhor gostaria de falar mais sobre a festa?

APÊNDICE E

Perfil dos participantes da pesquisa

Perfil dos participantes da pesquisa

Ana de Fátima Neves Fernandes – Lavradora, 59 anos; natural de Clementina, Estado de São Paulo e reside hoje na Comunidade de Curral. Coursou todo o ensino médio, é casada e tem 03 filhos. É esposa do Senhor José Clóvis.

Deolina Ferreira Veloso – Lavradora, nascida em Itacambira/MG no dia 02 de dezembro de 1936. Hoje aos 77 anos é viúva e reside em Curral. Teve 11 filhos. É uma das devotas mais antigas. Conforme testemunhou, não possui nenhum grau de estudo.

Edina Rodrigues da Silva – Dona de casa, natural do município de Itacambira/MG, reside hoje na Fazenda Canastra é casada com o Sr. Redelvino. Mãe de 04 filhos, tem 56 anos e estudou até a 4ª série. É cozinheira na Caminhada. (Esposa do Senhor Zé de Marinho)

Guiomar Alves Ferreira – Lavradora, natural do município de Itacambira/MG. Tem 51 anos é casada e tem 02 filhos. É cozinheira da equipe responsável pelos festejos de Santa Cruz em 03 de maio. Reside em Lages. (Irmã do Sr. Redelvino)

Laiane das Neves Saturnino – Estudante, cursando o 3º ano do Ensino Médio. Nasceu em Bocaiúva/MG, é solteira, tem 18 anos e reside hoje na comunidade de Lages. Há seis anos participa da Caminhada.

Maria de Fátima Dias – Secretária da Cúria Arquidiocesana de Montes Claros, solteira. Acompanhou a Caminhada por aproximadamente 10 anos, estando na ocasião ao lado de Dom Geraldo Magela de Castro, hoje bispo emérito. Nasceu e reside em Montes Claros/MG.

Maria Helena Ferreira Neves – Agricultora, nasceu e reside em Lages, é viúva há 28 anos, tem 11 filhos sendo um deles adotivo. Tem hoje 75 anos e durante 30 anos participou da Caminhada; nos últimos anos esteve ausente por problema de saúde. Coursou o Ensino Fundamental no “Projeto Nota 10” do governo federal.

Maria Inês de Oliveira – Auxiliar de Educação, natural de Machados. Coursou todo o Ensino Médio, é casada e tem dois filhos. Tem 43 anos e afirma ter participado da Caminhada por 23 anos.

Maria Nilza das Neves Saturnino – 46 anos, casada e tem três filhos. É lavradora, e estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Há oito anos participa da Caminhada; nasceu e reside atualmente na comunidade de Lages.

Nilma Mony Ferreira – 25 anos, casada, natural de Bocaiúva/MG, lavradora, estudou até a 8ª série do ensino fundamental. Há oito anos participa da Caminhada. Reside atualmente na comunidade de Lages.

Ramone Ferreira das Neves – Balconista, natural de Bocaiúva/MG. Cursando o Ensino Superior, tem 20 anos, é solteira e reside na comunidade de Lages. Há sete anos participa da Caminhada.

Stefany Amaral de Oliveira – Estudante do 8º ano do Ensino Fundamental. Natural de Bocaiúva/MG, solteira, tem 13 anos e participa da Caminhada há 2 anos.

Organizadores

Ana Lúcia da Silva Marques – Professora, 49 anos, casada e tem quatro filhos. Natural de Terra Branca – distrito de Bocaiúva/MG - reside atualmente em curral. Tem curso superior, habilitação em Normal Superior. Nos últimos anos vem se dedicando à Caminhada Santa Cruz, tentando construir registros em fotografias e organizando em CD's de forma amadora, para preservar a memória do evento. A cada ano (desde 2011) ela produz um destes. (ANEXO) Também fez a ata da Caminhada pela primeira vez em 2014, contendo assinatura dos presentes, mas não tive acesso. Seus relatos constituem uma fonte primorosa para a história da Caminhada.

José Clóvis Fernandes – Lavrador, natural da comunidade de Ribeirão, reside hoje na comunidade de Curral. Aos 48 anos é casado e tem 03 filhos. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental.

José Maria Cardoso – Lavrador aposentado, casado, 68 anos, tem 12 filhos. Natural da Fazenda da Canastra, (onde reside atualmente) município de Bocaiúva/MG, estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Reside atualmente na fazenda. (Zé de Marinho)

Redelvino Maria da Silva – Lavrador, casado e tem 04 filhos; 54 anos, reside na comunidade de Machados. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Há 12 anos organiza a Caminhada Santa Cruz.

Sebastião Cardoso de Oliveira – Lavrador, natural do distrito de Terra Branca, reside hoje na comunidade de Curral. Tem 58 anos, é lavrador e segundo os relatos ele não estudou. É casado e tem 06 filhos.

Teodomiro Ferreira da Silva – Lavrador, natural de Curral.

APÊNDICE F

Transcrição das entrevistas

E1 – Ana de Fátima

(...) na época era um lugar só que eles faziam rezava numa cruz só. Nesse tempo dela. No tempo de Zé de marinho esse pessoal aí que contou. Nós fazia, rezava só numa cruz rezava cem vezes, tudo junto. Aí depois quando nós chegamo, quando eu cheguei, eu mudei pra cá em 85, eu vim com ela né, eu era solteira na época. Ai a gente começou foi várias vezes, que era lá em cima só na casa de Catarino. Ai depois o Catarino morreu, a família dele mudou, a esposa dele mudou, ficou só um filho casado aqui e os outros foram morar em Montes Claros, aí ficou um tempo sem celebrar, sem rezar. Aí depois que começou de novo e foi quando começou e aí não parou mais, ta aí até hoje. Tio Zé Cardoso eles tinha essa devoção e ela passou pra mim isso daí, essa devoção. Meu pai também era muito devoto.

Você aderiu pela fé mesmo?

Pela fé mesmo. Eu acredito assim que a pessoa se sente muito bem mesmo participando. Eu tenho muita devoção a todos os santos, mas aqui agora a Santa Cruz. Confio muito em Nossa Senhora Aparecida, Mãe Rainha, aqui a gente faz o movimento Mãe Rainha...

Então além da devoção à cruz você tem outra devoção. Qual o seu santo de devoção?
São Sebastião.

Quantos anos tem que começou a devoção aqui com a caminhada?

Que começou eu não sei não. Ana Lucia sabe mais do que eu. O pai dela né... Eu só sei a partir de 85 pra cá, que foi quando eu cheguei aqui. 1985 que eu mudei pra cá. A partir de 85 que eu comecei a participar.

Quanto depois de você começar a participar que deu essa parada e sua mãe contava que existia a devoção?

Contava.

Ela falava sobre as orações, sobre algumas promessas?

Não. Era mais só isso mesmo de juntar o pessoal no dia 03 de maio, rezar diante duma cruz essa cem ave-marias. Que são várias coisas que faz; aí fala: “Cem vezes me ajoelhei e aí ajoelha. Cem vezes eu persignei, aí faz o sinal. Cem vezes o chão beije e beija o chão... e vai fazendo né. Cem ave-maria rezei, aí reza as ave-maria; cem vezes te reneguei e renego e cem

vezes me levantei. Aí ela falava mas na época a gente não dava muita importância e depois que chegou que eu...

Você depois começou a participar porque você quis, ou por causa de sua mãe ou por ter recebido alguma graça, enfim, tem um motivo pelo qual você começou a participar da caminhada?

Eu confio muito. Graças a Deus eu confio muito. Principal mente porque o pessoal antigo assim, eles não tinham estudo mas eles tinham visão das coisas, né em relação a isso. Então minha mãe, meu [?]. Olha, eu devo ter participado assim uns quatro anos. Aí depois deu uma parada. Foi quando esse Catarino faleceu, que rezava na frente da casa dele no cruzeiro lá em cima, aí ele faleceu e como a família foi embora parou um tempo. Ai depois que retornou agora foi 2002, 2001 um por aí, que eles começaram novamente, né. Eu falei “ô gente, primeiro rezava a Santa Cruz agora parou, vamos dar continuidade, né. Aí o pessoal animou de dar continuidade, e os meninos tinham feito essa promessa pro meu marido que tinha sofrido acidente, aí a gente retornou a fazer de novo. Só que eu não participei... tinha criança pequena, né não dava pra ir. Tive um problema serio no tornozelo aí eu não andava todos os cruzeiros. Ano passado que eu comecei de novo ir em todos. Deus me ajudou; eu pedi tanto a Deus pra me dar a força, um remédio pra mim sarar porque eu tinha medo de ir e dar mais trabalho nesse tornozelo, mas graças a Deus consegui.

Chamou a minha atenção a oração que se faz no cruzeiro. Quero saber quem começou, de onde vem a oração, você sabe?

Não. Já rezava.

O que significa essa festa para você?

Eu acho que é assim uma devoção que a gente tem com a Santa Cruz.

E você há quanto tempo então que você participa?

Tem 27 anos que eu moro aqui. Então acredito que uns 19 anos eu participei.

Todos na sua casa participam?

Participam. Meu marido, meus filhos...

Eles vão porque vocês vão ou tem uma motivação particular?

Eu acho que... eles é mais jovem... não só devoção assim, mas tradição.

Quando subiu nos cruzeiros, você já levou algo material?

Não, eu não. Tem vez que a gente pega assim uma flor do campo e coloca lá.

Porque você deposita flores aos pés da cruz?

Eu acho que é assim, no meu modo de pensar seria um agradecimento por ter chegado até ali.

Você tem a cruz na sua casa?

Com Jesus tem. Só a cruz só não tem não.

Onde você mantém ele, na parede...

Na porta da sala.

Porque você pôs na porta da sala?

Não o motivo eu não sei. Eu acho que seria uma proteção pra gente ter, pra casa da gente. Pra família da gente, pra deus ta ajudando para não seguir outros caminhos...

Você tem uma oração específica que faz em devoção a Cruz no seu dia-a-dia?

Tem uma, ela é bem pequenininha, mas quando eu passo por uma cruz eu falo assim: Deus te salve, cruz bendita! Por ti me salve quem em ti me redimiui!” Essa oração que eu faço no meu dia-a-dia!

Quem te ensinou essa oração?

Minha mãe já falava nela e eu aprendi num livro também né, o livro “Abra a porta” tem ela. E quando passo perto duma igreja também: “Deus te salve casa santa, onde Deus fez a morada, onde mora o cálice bento e a hóstia consagrada”

Quando foi que você começou e por que passando em frente a cruz você faz essa oração curtinha?

Minha mãe e meu pai sempre foram muito católicos, eles sempre ensinou pra gente. Na época que eu era pequena a gente morava na roça. Eles levavam a gente pra assistir a missa participar da missa. Eu não sabia o que era mas eu gostava de ir. Semana Santa... ele fazia toda sexta-feira a hora santa, meu pai e minha mãe, iam os dois juntos a cavalo, pra fazer essa hora santa. Ai depois que eu cheguei aqui, que eu levei mais a sério a religião na minha vida. Eu acho que eu passei a entender.

Você tem o hábito de traçar a cruz, de beijar a cruz..

Sim.

Tem algum canto que você gosta de “adoração da cruz”?

Não. Da cruz mesmo não tem não. Agora que eu tô lembrando, não.

Você carrega a cruz com você?

Eu sempre troco, ponho o escapulário... outra hora eu tiro isso aqui e ponho Nossa Senhora das Graças.

E por que você quer trazer com você a cruz?

É um modo de proteção.

Você teve alguma experiência de milagre com a caminhada?

Eu tive por causa desse negócio que eu tive no pé. Eu devo ter ficado assim uns cinco anos sem ir, só vinha daqui pra cá porque eu achava que não agüentava subir aqueles outros dois lá e descer, né. aí eu ficava em casa triste, mas ...”não vou por que eu sei que vou dar problema pros outros”. Aí graças a Deus... eu só pensava comigo: “esse ano eu vou. Esse ano eu vou.” E graças a Deus com fé eu fui. E acredito que agora eu vou continuar a ir.

Então, finalizando: o que a cruz representa para você?

Quando eu vejo a cruz eu penso assim: ali alguém sacrificou uma vida, né por mim, meus irmãos minha família...

Você gostaria de falar algo que é um registro seu, marcante, sobre a festa?

Eu tenho um irmão que é evangélico. Mas quando dá a Santa Cruz ele quer vir. Eu tive até na casa dele, mas ele ta evangélico mesmo; batizou na igreja evangélica... apesar de que ele quando era mais jovem ele era Mariano que antigamente tinha, né. Mas depois ele foi embora pra São Paulo e ficou uns tempo por lá e mudou muito a cabeça dele. E até então ele só falava que ia ser evangélico e minha sempre tirando da cabeça dele. E aconteceu com ele quando ele tinha uns doze anos ele dava ataque epilético. E minha mãe fez promessa pra Nossa Senhora Aparecida de levar ele lá em Aparecida. Daí passou um tempo ele não deu mais, minha mãe fez o maior esforço da vida e conseguiu levar ele lá, nos pés de Nossa Senhora. E sempre a gente conta essa história pra ele, mas ele... mudou. Aconteceu que agora ele ficou muito ruim, ele ficou doente, teve quase morto; ta com uma doença chamada de cirrose hepática e tem que fazer um transplante. Aí, mês de outubro, minha sogra sempre reza o terço. Só que ele veio ele participou e esse dia ele tava muito ruim. Esse dia parece que foi num sábado. Quando foi na segunda-feira ele amanheceu pior. Eu tive que levar o SAMU pra levar ele pra Montes Claros. E esse dia eu não acompanhei ele; no SAMU não pode ir, aqui não tem mais carro. De manhã tem carro mas de tarde cê não acha carro. E na hora que ele saiu, eu pedi Nossa Senhora pra acompanhar ele. Embora agora ele não acredita muito, né mas eu sei que ela acompanhou ele. Aí ele chegou quando foi na quarta-feira que ele recobrou o sentido. Aí ele ta fazendo o tratamento com acompanhamento médico, graças a Deus, melhorou 70% do que ele tava. E Ana teve lá agora e chamou ele pra festa e ele falou: “eu vou Ana, eu vou.”

E2 – Ana Lúcia

Na verdade reúne aqui né?

É aqui ... eu acabo entrando no meio auxiliando

Mas quem é mesmo é o meu marido. Eu não tenho fama de ser não. É meu marido que é.

Quem é o seu marido?

José Itamar.

Então é ele que faz parte da organização. Muitos... faziam lá em casa então acabava eu trabalhando e ele ficava lá segurando a barra. Então é ele que é da organização e eu acabo sendo por isso. Tudo eu dou opinião...

Então Ana eu queria saber onde começou, quem começou a caminhada, como se propagou, quais os motivos?

A Santa Cruz, como cê já sabe aí, o povo já falaram, ela é antiga nossa, né. Foi nosso bisavô, fizeram uma reza, uma oração que é uma crença nossa não sei nem de onde, então ela é antiga. Meu vô pai de meu pai, né ele fazia na Canastra todo ano.

Onde que era o cruzeiro da canastra?

É esse aqui. (aponta para fotografia) Então era lá que ele fazia.

Eu fui nele.

Foi. Chega naquela casa que sobe lá “emcimão”, perto daquela casa que tem o rio, tem aquela grama...

O mais alto... (da casa de Zé de marinho e Edna)

É. Aquele lá que é o da canastra. Era lá que meu vô morava. Meu pai morava lá...

Porque chama cruzeiro da canastra?

Porque lá é a canastra.

A serra?

A Fazenda Canastra. Como meu vô morava lá, ele começou lá, que a gente sabe, né. Depois ele fez um aqui, meu vô. Fez um no curral, curral que agora não é curral mais né. Agora é santa Rita e santa cruz. Meu vô que fez aquele lá. Aí eles vinham...rezar aqui

Como é que é o nome do seu avô?

Sebastião Cardoso.

Sebastião Cardoso então iniciou essa devoção né?

Que a gente sabe, mas isso ele já herdou. Não foi ele que iniciou não que já é antigo. Ele herdou então ele já sabia já fazer.

Aí sim, com a morte dele, meu pai continuou. Aí meu pai começou fazer essa oração em Machados.

Então seu avô era Sebastião Cardoso e depois que ele faleceu...

Sebastião Cardoso das neves.

Depois seu pai Jose Cardoso das neves. Então depois de seu avo seu pai continuou... porém noutro lugar...

É. Em machados. Machados era povoado né. É tanto que eu sabia assim: ele ia quando ele era pequeno ele ia. Aí rezava lá na cruz. Na frente da igreja muitos, muitos anos. Com o tempo, meu cunhado chamado Catarino, colocou essa cruz aqui ó. (apontou para foto) foi colocada por Catarino e começou a fazer a Santa Cruz. Já na casa dele e começou a rezar lá então deixou machados e começou aqui. Aí pra lá quietou e ficou só aqui. Com o tempo, meu cunhado morreu. Não morreu não. Ele deu derrame e foi embora aí a Santa Cruz quietou. Meu pai tava muito idoso, né. Rezava mas quase que morto. Ai meu irmão ficou rezando, Zé João. Ele ia lá em Machados e rezava, mas assim a devoção ficou quase que morta. Aí minha irmã vai e entra em depressão. Maria Edileusa. Entrou em depressão, foi tratando, tratando não conseguiu, foi pra Belo horizonte, foi pra Montes Claros...

Em que época, você sabe?

Depois vou falar mais ou menos... aí quando foi um dia minha irmã foi e casou. Aí ela falou assim com minha irmã: que ninguém ouvia o que ela falava. Não. Aí nisso, como ela entrou em depressão minha irmã que é crente, pos na cabeça dela pra passar a crente. Já pensou: ela com depressão e agora pra passar a crente. Aí foi quando esse meu irmão casou. Ela foi e falou assim, que ninguém ouvia ela. Mas ouvia eu por que eu era professora, né. Aí falei: Oh, Lindaure agora aí já não é de Deus. Aí nisso eu peguei e fui pra Canção Nova. Quando chegou em Canção Nova, Padre Roberto tava lá na época, muito animado... ele foi e fez a procissão de Nossa Senhora de Lourdes com a vela acesa. Ele foi e falou assim: toda vez que fizesse a adoração com o Santíssimo após a missa e com a vela acesa e com lencinho de Nossa Senhora, todas as graças que pedir...

Aí falei assim: Ah, Nossa Senhora vou pedir a cura da minha irmã. Eu fiquei 8 dias lá fazendo ...não sei se o céu desceu, se o céu subiu... foi muito lindo. Eu sei que nossa senhora me ensinou não sei como, que eu trouxesse pra ela uma imagem dela. E pegasse uma cruz, e colocasse... crucifixo né, e colocasse no pescoço do meu cunhado e pra minha cunhada. Quando eu cheguei, - aqui não tinha luz não – eles tavam colocando a luz. 12 homens. Aí eu fui a cozinheira. Aí fiquei sem poder ver ela. E querendo vê-la.

Quando foi um dia assim de tardinha, domingo, daquele domingo 8 dias, o encontro de Emaús, ia ir em Pedregulho pela primeira vez. Eu fui pra canção Nova com o grupo de Emaús. Eu fui e falei que precisava muito, que aqui uma comunidade muito precisada de Deus, né. Aí com isso elas vieram em Pedregulho. Eu peguei nesse domingo falei: oh ... eu tenho que ir na comadre ... aí nos descemos, ele foi jogar né tinha um campo lá em Lages, eu fui na casa de Lindaure e meu cunhado Dim, eles moravam lá ainda, nos corremos na casa dessa minha irmã. Quando eu cheguei lá: Oh comadre... cê foi pra Belo Horizonte, pra Santos, cê falou assim que – ela faz exame né – fizer exame queria que ela passasse a crente. E eu que enchi a cabeça dele e deixei. Só que eu nem tinha visto o marido dela. Não fui eu. Mas agora... pra não deixar você passar pra crente. Peguei o crucifixo, coloquei no pescoço dele do jeito que nossa Senhora falou, né, o rosário eu não dei. Aí falei com ela assim: dia domingo vai ter encontro lá em Pedregulho e eu vim cá te convidar. Aí vim embora. Quando cheguei meu marido tava me gritando, de longe, me gritando, gritando...aí falei assim: êh graças a Deus confessou. Aí eu vim toda feliz. Aí quando eu cheguei aqui no outro dia, domingo, na segunda-feira, né, depois que eu fiz almoço pros home era férias, aí ela queria que eu fosse levar ela no médico. Cheguei lá em mãe ela falou assim que tava catando pequi pra vender. Falei assim: oh. Lá perto de casa tem se você quiser ir eu vou com você. Quando chegou lá ela contou um sonho que Matias tinha sonhado um sonho que nossa senhora tava lá em casa, nem lembro o sonho mais, sabe. Só sei que ela tava impressionada com esse sonho.

Ela que sonhou?

Não. Matias tinha sonhado um sonho e contou que nossa senhora tava lá em casa... nem lembro mais... Aí eu fui não achei pequi vim embora; vim fazer janta pros home, aí fui na igreja, a igreja era aqui ó. Todo dia eu vinha na Igreja. Aí eu cheguei na igreja, aí falei assim: ô nossa senhora de Lourdes, aquilo que pedi de Lourdes eu quero é hoje. E assim: é pra ela me chamar para ir na igreja hoje. Fui embora fazer a janta, né fiquei esperando ela e ela nada. Aí minha menina era pequenininha tinha uns três anos na época mais ou menos. Falou assim: Mãe, adivinha quem tá aqui? Eu falei: Quem? Era Lourdes. Ela era meninona sabe, agora ela é casada né, bem simples. Ela tava quebrando coco e falou assim: oh eu vim cá pra vc me arrumar uma peça pra moto. Ah, é só Benet. (mentira, né!) Só benet. E fiquei ansiosa e aí não agüentei não eu mesma chamei ela pra igreja. Falei vamo na igreja? Fui. Aí peguei a oração de renúncia, ela já tava crente, crente, crente. Aí vim fazer a oração nos pés do santíssimo e ela lá atrás né. Aí quando eu comecei a rezar ela veio pra frente. Aí rezei a oração fui

louvando a Deus, aí peguei falei pra minha menina: corre lá e trás água benta. Joguei água benta nela. Fui louvando a Deus, louvando a Deus... louvando a Deus, louvando a Deus... aí lembrei e falei assim: oh, nossa senhora, na imagem que a senhora falou pra mim dar pra ela, eu tenho certeza, - tava lá em casa né, de manhã quando ela foi catar pequi ela olhou pra imagem não falou nada não – que ela não vai querer levar né. Como eu vou fazer pra ela levar? Menina, nesse momento, nesse momento – eu tava com uma blusa assim de alcinha sabe – joelhada no santíssimo assim com ela sabe, sabe aquele vento, aquele fogo de novo, como se eu estivesse na canção nova de novo; e me deu uma vergonha de tá com a roupa assim, sabe, que eu não peguei o manto pra enrolar...

Porque era do altar....

É. Naquele momento ela falou assim: - minha irmã que falou- não, não filha não se preocupe. E foi falando tanta coisa pra mim, sabe. Aí falou assim que Lourdes estava procurando Deus no lugar errado. Falou tanta coisa pra mim, eu tenho ela escrito, sabe. Ta até comigo aqui tudo o que ela falou sabe. Só sei que aí nos louvamos tanto a Deus sabe, e ela saiu dali curada. Pegou a imagem de nossa senhora levou para casa, quando foi no domingo ela tava já lá em pedregulho, foi libertada pra glória de deus, né. E aí nossa senhora começou a passar mensagem pra gente. Ficou assim muito difícil pra gente por que Dom Geraldo morava longe sabe, a gente ficou assim sabe, muito longe sem ter contato... nós teria que ter uma pessoa pra ajudar a gente né, pra saber o que era e o que não era, e a gente... foi tudo muito novo...

E isso... onde? Em pedregulho?

Tudo aqui.

Tudo aqui? E Dom Geraldo era o diretor espiritual?

Nosso pároco. A gente chegou a falar com ele e tal... quando foi um dia, nossa senhora falou assim que a gente pegasse – aí minha menina de três anos, naquela época nós rezava o rosário de joelho e ela rezava prostrada, e minha menininha rezava prostrada também Cristiane; e nossa senhora começou dar visão pra ela sabe, pra menininha de três anos. Mas ela foi assim: quando eu tava de 6 meses grávida dela, nós tinha um pároco aqui e foi embora, padre Silvano. Ai dom Geraldo entrou. Quando dom Geraldo entrou mais Fátima, eles achou que ele era bispo! (risos) E aí padre Silvano era assim, aquele padre que era pai. Ele chegava assim na sua casa queria saber se você tinha água se vc não tinha, entendeu? ele queria resolver seu problema de água, de dinheiro...

Tudo.

É. Ele: vou levar oces pra aprender os cantos, vou levar vocês para organizar, pra reunir as mulheres pra resolver os problemas das mulheres, reunir os homens, se tinha alguém sabe? Ele era muito dinâmico. Aí nisso, quando Dom Geraldo chegou ele chegou assim com panca de Bispo. Ele celebrava a missa e carro. E o povo ficou... E eu fui a primeira né, que eu morava lá em frente...Cheguei pra Fátima e falei: Fátima eu quero um retiro. E ela falou assim: ah, tem um lá em Montes Claros. Aí me inscreveu, né. E nisso com padre Silvano... eu morava em Santos, né e um dia uma carismática foi dar uma palestra pra nós na escola, era grupo de jovens né. Quando chegamos lá toda entusiasmada, né nós era cheia de Deus, tudo jovens, mais de 200 jovens fizeram excursão né pro retiro. Cheguei: irmã, foi um grupo lá... falei com ela o que que é né... e na semana que vem ele vai lá na portuguesa, nos convidou nos tamo indo. A irmã fez questão: ces quiser ir ces vai mas ces num volta mais. Ai nos falou: Ah, então nós num vamo não... e lá foi revelado a Cristiane... Quando ela tava com seis meses de idade, ela mal mal falava mamãe, muito mal falado; meus meninos falam com 9 meses. Com 3, 6 meses não. Aí um dia 6 horas eu tava indo embora para a casa de minha mãe, meu

marido não tava, Dete tava comigo e eu tava com ela no colo. Todo dia sempre fui na igreja, mostrei pra ela as imagens mostrei nossa senhora, essa é a mãe de Deus, sempre evangelizando. Quando eu to saindo com ela, quando chegou bem ali na frente ela falou assim: mãe, mãe, mamãe do céu; quando ela viu que eu não via, ela pegava assim ó e jogava meu corpo aí eu segurava ela e ela gritava sabe, e mostrava mamãe do céu falava direitinho; ela não sabia falar. ela não sabia falar e falava direitim mamãe do céu, mamãe do céu. O que que ela não via, eu fui caminhando com ela até que ela perdeu a visão sabe. Aí quando ela tava... nessa época eu não sei se ela tava com 3 anos ou 6 anos foi quando ela começou a ter essas visão de novo. Aí numa dessas visão tanto ela via como eu não via; e eu e Lindaura, inclusive é plano de Deus que a gente vesse né, só que a gente não conseguiu, porque ainda não dava. A nossa comunidade tava com muita briga na época, porque a gente queria mudar de igreja... mudar de igreja não; fazer essa igreja e dom Geraldo tava muito distante, ele ficava sem saber, não tinha muito tempo.. por que assim: muitas coisas é de Deus mas tem coisa que não é. Por que se você não tiver... cê tem que ter um agente espiritual, cê tem que saber. Hoje não. Hoje eu sei de muitas coisas, mas naquele tempo não. E numa dessas, nossa senhora mandou que a gente pegasse e fizesse uma caminhada com todo mundo, entendeu? Pegasse de Lages com esse meu cunhado Zé João, vestido com uma bata branca com vários anjinhos; meninos vestidos de anjos e ele com a cruz. Que agente saísse de lá e fosse lá na cruz. nessa cruz aqui.

O seu cunhado?

É. Nessa cruz aqui.

Que era a única que tinha?

Não. Toda tinha essas outra.

Já tinha antes as que percorrem hoje.

Já. Que nos fosse lá. Aí nos fomos no dia.

Ele vestiu, caracterizou...

É vestiu. Tudo que nossa senhora falava com nós... Nós fomos, fomos... e por coincidência, que eu fiquei tão preocupada porque o sol tava quente, que esse dia amanheceu chovendo. Chuva fininha mas mesmo assim cheinho de gente. Saímos de lá cedinho e fomos lá nessa cruz. Lá é a coisa mais linda; lá dentro tem uma gruta. Debaixo tem uma gruta, daqui cê não vê; debaixo daqui é uma gruta, coube todos nós porque tava chovendo. Ai chegamos lá e eu não sabia, nem eu sabia, eu nunca tinha ido lá, nós tinha ido aqui em cima. Aí nos foi, rezou – já tinha a cruz lá em cima né. – rezamo lá debaixo dessa cruz, e prá nós cabou né. Aí nesse mesmo ano...

Em que ano que era?

Eu tenho escrito, depois vou tentar achar. Aí depois nessa mesma época, esse meu primo, Clóvis, Zé Clóvis, tinha levado acidente de moto tava inválido na cama; inválido mesmo, né. Aí esse meu primo né, o Redelvino que é o cabeça deles tudo, fez uma promessa de colocar uma cruz na serra se ele sarasse.

Não tinha...

Não, naquela serra lá não. Colocaria uma lá e colocaria uma na canastra, que a da canastra tinha caído e a devoção com a canastra tinha morrido, ninguém ia na canastra mais não. A gente ia nessa aqui, meu pai sempre usou essa aqui. A de lá tinha mas morta. Eles colocaram uma lá e colocaram uma lá.

Então foi na mesma época a de Redelvino com essa visão que você teve de ir na do Catarino.
É. Que nem foi eu foi minha irmã.

Sua irmã...

Junto com a gente. E no mesmo tempo o filho de Zé de Cleomar, tinha ido numa cachoeira ali, ... ele tava quase morrendo, fez uma promessa de visitar uma cruz. E foi. E aí aconteceu de pagar as promessa e com isso surgiu a santa cruz. Aí foi quando eles... vão fazer assim, vamo pegar começar lá e aí lá eu dou café, depois passa lá, passa lá... depois vem nessa e vem nessa e vai lá e reza a santa cruz, né. E eles faz o almoço comunitário aqui, que seria lá em casa né que ajuntaria, todo mundo ajudaria, aí foi, né. Aí cada vez mais foi aumentando, aumentando, hoje já é reconhecida, na comunidade no dia já não tem aula por que já faz do dia... e cada vez aumenta muita gente. E o mais bonito desse dia, é que esse dia cê não tem medo de nada, cê não tem raiva de nada, cê não vê ninguém com raiva de ninguém e aquela multidão de pessoas cantando, rezando e conversando coisas boas...

Não tem briga, não tem problema nenhum.

Não cê não vê. É um dia assim que cê tem aquela paz... é um dia que parece um dia do céu, entendeu? é um dia de festa de Santa Cruz... Aí quando passou, dom Geraldo, nós conversamos com dom Geraldo ele foi resolveu de celebrar a missa, foi bem depois. Ele foi e celebrou a missa; Celebrou só uns dois dias, uns dois anos.

Ana, quando dom Geraldo veio, vocês receberam catequese dele, ele Du palestra, falou alguma coisa sobre a cruz, sobre a caminhada?

Sim.

O quê que ele falou?

Do valor da cruz, né.

No sentido da igreja?

É. O valor da cruz.

E as pessoas escutaram e entenderam?

Sim.

Vocês já conheciam...

No caso nos já conhecia, nós somos da cruz né, eu sou... Eu vou na cruz todos os dias. Eu e minhas meninas. Naquela cruz ali.

No cruzeiro?

É. Meu pai ia, pra quando... chover, né. Tinha eu, minhas irmãs a gente sentia essa necessidade de ir na cruz.

Então vocês vão no cruzeiro todo dia?

É, nós vamos. A gente faz novena direto.

E faz novena de que, da cruz?

Faz. Qualquer novena a gente faz.

Vai lá pra rezar... (a novena)

É. Por que lá é uma paz, cê precisa ir. Se cê não for lá, cê não... sabe? Aquela cruz ali.

Eu chego lá sofrendo. Nossa... tem dia que eu tô assim: oh, vou morrer agora... aí cê vai lá, aquilo tudo acaba, a coisa mais linda que tem lá. Teve uma menina ela morreu, chama Rosira, era do grupo de Emaús. Ela veio com o grupo de Emaús aqui, né e aí ela falou assim que sentiu vontade de nó ir no lugar que nós íamos, nos pés do santíssimo. Aí nos fomos lá na cruz. Aí ela falou assim que lá o lugar é consagrado a Nossa Senhora da Paz, né e qualquer graça que você pedir lá, cê consegue.

Aonde? No cruzeiro?
Ali. Naquela cruz ali.

Ela falou que lá é consagrado?
É, nossa senhora. Que a presença de nossa senhora da paz muito forte. Pediu que a gente fizesse uma capelinha para nossa senhora da paz, rainha da paz sabe?

Rainha da paz.
E realmente lá é uma paz mesmo.

Rainha da paz é a de Fátima?
Não, rainha da paz é de Medjugorge.

Medjugorge?
É. Só que a gente não fez ainda porque é muita coisa assim sabe. Tem coisa que no dia mesmo ela falou que Deus ia dar um pastor para nós cuidar de lá, daquele lugar. Nós era tão inocente que nós achamos que ela mandou fazer um jardim lá...nós plantamos na época, deu flores... depois a gente não conseguiu continuar. Então a gente pensou que era assim, né... mas não era.

Era um padre...
É muita coisa, que hoje, depois de muitos anos, cê dá risada assim... não é do jeito que a gente pensa. E provavelmente como foi nossa senhora que conversou com a gente assim, muitas coisas né, a gente viu tudo.

Ana o que mudou da festa do seu avô pra cá, do seu pai pra cá, o que você percebe que mudou... as pessoas: houve uma diferença na caminhada, da fé, das intenções de ir...
Oh, hoje tudo mudou. A fé das pessoas acabaram, né. Então cê vê padre, cê vê bispo, cê vê todo mundo caído, né. Quem não caiu ta caindo. Aqui por exemplo nós não tínhamos padre nós não tínhamos nada, não tinha bíblia, ninguém sabia ler... a nossa devoção era com o terço. E assim a Santa Cruz. Então o povo, eles viviam com a cruz e com o terço. Ah, depois de um tempo, alguém tinha um rádio que eles ouviam, meu pai mesmo tinha um rádio a gente ouvia as missas da Aparecida, né; 3 horas da tarde a gente ajoelhava fazia a consagração a Nossa Senhora... então assim era essa a nossa devoção: do terço e da cruz. A cruz sempre foi o nosso principal, o que faltava mesmo era a cruz. Então assim: a devoção com a cruz aqui é muito seria.

Você tinha a cruz na sua casa, seu pai tinha e ajoelhava, rezava...
Ia, rezava com a cruz. Nós íamos, levava um crucifixo... toda casa tinha que ter esse crucifixo. Nos levava o crucifixo na frente, era maior carinho com a cruz.
E porque ele levava a cruz na frente?
É porque Deus tem que estar na frente, né. Deus tem que ta na frente. Então assim, o respeito que as pessoas tinham né. Então assim, meu pai ele...cobra mordida, ele dava o remédio... - eu

mesmo a fé recebida dele - nos era muito menino, médico aqui... deus me livre, não existia. Tudo que tinha com nós minha mãe falava assim: “vai lá que seu pai benze”. “Oh, pai meu dente tá doendo, benze?” não e eu que curo não menina é Deus. Que cê tá sentindo no dente? E colocava a mão sabe...rezava baixinho, mandava rezar o Pai-Nosso, “Deus te cura”; sabe?

Passava...

E era cobra, era tiro. Tio Alvino que teve aqui mesmo ele foi atirado, foi caçar e a espingarda disparou... então assim, era a fé do povo. Aí o que eu quero comparar é isso, que hoje em dia esse povo não tem essa fé.

O pessoal mesmo os que vão participar da caminhada não tem essa fé?

Quero dizer assim: cê não vê essa fé mais. Mas na caminhada...

Vai por tradição?

Eu to falando assim: em lugar nenhum mais cê vê esta fé mais na caminhada agente sente essa fé ainda.

Você observa que as pessoas preservam essa fé?

Mas nessa caminhada... por exemplo: o nosso terço acabou. O povo não vai mais no terço.

Mas vai na caminhada...

Mas vai na caminhada. E assim, eles tem aquela devoção. Todo mundo que taáaqui na caminhada, cê não vê ninguém que ta aqui por que quer comer, embora tenha muita comida, cê não vê ninguém que ta aqui por que quer comer. E nem ninguém que veio aqui pra encontrar com alguém. Então cê vê a fé das pessoas a gente canta, a gente reza e na hora da oração as pessoas tem aquela fé.

O povo vai porque alcançou graça, alguma coisa assim?

É, Isso. Graça sim. Porque tem certeza, graças mesmo. A gente consegue graças mesmo. Quando eu vou na cruz, a gente vai na cruz, realmente, a gente tem certeza que tudo o que cê pede a Jesus na cruz, pelo poder de sua cruz, né, porque a cruz a gente sabe que é uma coisa que pode ser adorada, né, como o próprio dom Geraldo falou a única coisa que pode ser adorado é Jesus e a cruz dele; a cruz dele pode ser adorada porque caiu sangue dele neles.

Depois que dom Geraldo veio falar sobre a cruz, mudou alguma coisa? O comportamento das pessoas mudou a respeito da cruz?

Não, por que já aumentou né, aumentou mais.

Aumentou a fé das pessoas... a partir desse momento?

É. Embora ele não viesse antes, era difícil quando ele vinha, na nossa festa, que ele mais vinha. Às vezes não vinha pelo motivo de ser longe, ele já falava; acabava que ... Sempre assim, a gente foi muito apegado com a cruz, aí é tanto que ele falou que aqui seria, a comunidade de santa Rita e de Santa Cruz.

E porque é dia 03 de maio?

Por que é dia de Santa Cruz, e não sei por que não. A tradição diz que 03 de maio é dia de santa cruz. Embora na igreja é outro dia né.

A exaltação... É 14 de setembro...

É, é outro dia. Mas nós aqui, os antigos falava que é 03 de maio e eles não muda nem que a vaca tussa, entendeu? aquelas pessoas, eles acham que a santa cruz é esse dia, então é esse

dia. Pode dar segunda, pode dar sexta, pode dar o que for... eles deixam tudo, e nesse dia eles não fazem nada e vem pra cá adorar a cruz sabe. Então é respeito total com a cruz.

E deixa eu te falar: o nome dos cruzeiros: quem deu os nomes?

Não, o nome dos cruzeiros não tem é o nome do lugar. O lugar de Delvino... é o cruzeiro do Delvino... é porque é perto de Delvino. O cruzeiro da canastra porque é a canastra.

Porque era a fazenda da canastra.

O curral aqui da igreja, né, que é esse aqui, que aqui tem dois né que era da igreja, e o de lá de cima que também chama de curral, né. Que é o que eu te falei, que é dali.

Que é de Catarino?

Não de Catarino, não. De Catarino é o 5º é o último. São cinco cruzeiros: o de Delvino, o da canastra, o da igreja, o de curral que é lá de cima, e o de Catarino.

Entendi.

Aí Catarino, por causa do nome dele, né, que ele pôs. Aqui da igreja é da igreja, e de curral porque era curral, agora não fala mais curral né, é santa Rita de Santa Cruz.

E você sabe por que esse desenho foi escolhido?

Foi... nós pensamos, né. Foi até minha menina que desenhou esse aqui. Então assim, nos pensamos aí na época quem inventou mesmo ficou na frente foi meu cunhado, Jose Augusto ele tá até com derrame, foi ele que animava, que tinha carro, ele que fez as primeiras camisas então ele pediu minha menina que desenhasse uma cruz. Aí ela desenhou a cruz.

As orações. Eu vejo por exemplo, rezar o credo, “levanta-se Deus, intercedendo a bem aventurada Virgem Maria, o Ofício de Nossa Senhora e aquela oração específica de Santa Cruz. Como é essa oração, você sabe ela de cor?

Sei.

É a da santa cruz... “levanta-se deus, pela intercessão da bem aventurada virgem Maria, já foi bem nova, né” ela não é tradição velha não, nós aprendemos com o grupo de Emaús.

Essa “levanta-se deus...”

“levanta-se deus, pela intercessão da bem aventurada virgem Maria, já foi bem nova, né” é nova.

A outra:

E o ofício de nossa senhora é velho né, a gente tem o maior respeito, maior carinho.

Mas reza sempre na caminhada? e porque que reza o ofício e o credo?

Por que assim: o credo por que a gente reza o terço. E canta o ofício a gente reza justamente por isso, por que a gente vem cantando; a gente canta a estrada toda. Cantos de Maria... E quando chega na cruz de delvino, aquela descida a gente aproveita pra cantar o ofício de nossa senhora, porque nos pés da cruz tem nossa senhora. A gente só consegue carregar nossa cruz com nossa senhora. Nós sabemos que cruz não é fácil para ninguém. E sabemos que pra ir pro céu tem que ter a cruz porque senão Jesus não teria passado por ela. E se ele deixa nós passar pó ela, se Deus pai nos ama tanto e deixa nós passar por ela, é por que sabe que é necessário. Assim como quando um filho da gente tá doente, tem que tomar vacina, tem que fazer cirurgia, CE tá vendo que tá doendo e você deixa... então o caminho é da cruz. Então a cruz

pra nós não é a cruz de pau, a cruz pra nós ela representa o próprio cristo. E a nossa vida. E a vida é o sofrimento, a cruz é sofrimento né, o dia-a-dia que a gente tem que superar. E aí nós sabemos que o maior inimigo da cruz é o inimigo mesmo, né o satanás que não ama a cruz e quer que a gente fica na boa.

Aquela oração fala isso.

Exatamente. Então, quando rezava aquilo ali pra mim, sabe, eu tinha certeza que o satanás tinha ido embora! (risos) eu tenho certeza, que assim quando eu rezo, e tanto assim eu fosse trabalhar eu tinha certeza que eu tinha que rezar.

Rezava ela no dia-a-dia?

Não. Ela é rezada só no dia de Santa Cruz

Só no dia da santa cruz no pé do cruzeiro?

Não. É com a cruz. Eu se eu fosse trabalhar e não rezasse o tempo todo, eu tinha que rezar né.. hoje na minha cabeça eu sei que não precisa sempre, pra Deus... né, que é mais assim a tradição.

Mas eu rezo:

“Alma minha, põe teu gênio forte
Agüentarei o golpe da morte

mas é pesada né?

Alma minha, põe teu gênio forte
Agüentarei o golpe da morte

Que no dia de santa cruz

Que no campo onde achar os inimigos da Santa Cruz

Encontrarás e tu dirás

Vade retro satanás

Parte em mim tu não terás

Por que no dia de santa cruz

Cem vezes me ajoelhei

Cem vezes me persignei

Cem vezes o chão beijei

Cem ave marias rezei

Cem vezes te reneguei e renego”

Então ela é muito forte. Porque exatamente cê tá renunciando a Satanás, cê num tá... Porque nos sabemos que Deus deu um presente pra gente: a liberdade. E nem Deus nem o demônio pode entrar na gente, na vida da gente se a gente não querer. Só que Deus respeita, Satanás não; ele vai nos induzindo. Quantas vezes cê vai e cai na dele, né. E nos sabemos que a cruz, quando eu ponho a cruz em mim, quando eu visto a cruz, eu quero dizer: eu sou de Jesus, eu tô assumindo ele, é o meu sinal, tá lá na bíblia, né. Eu sou batizada, eu sou crismada, eu tenho o sinal. Mesmo que às vezes eu nem carregue a cruz; às vezes mas quando eu não to com ela que eu sempre gosto de tá com ela, ou o padre não tá com ela, eu sou devota da cruz, quando eu não tô com ela eu falo: satanás afasta de mim porque a cruz está em mim. É porque ela tá gravada em mim, porque Eu sou batizada e crismada. E a cruz é a luz né. Então quando cê fala da cruz, cê não precisa ter medo de nada, né. Tudo cai por terra, com certeza por que essa é nossa fé.

Ana, você acha que todas as pessoas que vão na caminhada tem esse mesmo pensamento?
 Às vezes. Às vezes assim, tem várias pessoas novatas né, como te falei. A nossa cultura, não é mais, o nosso Brasil não é mais... rezador.

Aqui ao redor as pessoas conhecem e vão...

Mas nós aqui continuamos. Continuamos nesse sentido, cê vê todo mundo sabe. Novos e velhos, mulher, seja lá quem for a vida particular, mas aqui todo mundo, sabe... cê num vê ninguém com gracinha, sabe...

Respeita um ao outro...

Todo mundo que ta participando ali, CE vê que ali ta com sinceridade.

Minha querida, na sua casa você tem um altar de adoração da cruz, onde as pessoas vão e têm este mesmo hábito, no dia-a-dia vai e toca...

Sim.

Você guarda essa devoção mesmo fora da festa, né.

Sim. Minha casa....

Aqui perto tem casa de umbanda, candomblé?

Não. Só fora.

Na região, não existe?

Graças a Deus.

Todos que participam aqui são católicos?

É. Católicos.

Nunca veio ninguém de outra religião?

Não. Não...

Não tem aqui, né?

Não. Graças a Deus.

Única pessoa que participou aqui de fora foi duas pessoas de bocaiúva né, que veio, achou bonito e veio participar aqui, mas é que mexe com a Emater, que mexe com a água aqui, eles vieram aqui. Eu esqueci o nome deles agora...um é até advogado.

Um é Pascoal e o outro Zé Américo. Não sei se cê conhece. Eles mexe aqui com a Emater, eles vieram , participaram, gostaram... mas eles vieram assim por acaso, mais é com nós mesmo aqui. Na realidade é curral todinho e Lages todo, e aí vem alguns e outros de outras comunidades, mas nós né... outro dia nós fez separação das comunidades quem é de curral quem é de Lages; aí assim, vinhas as outras comunidades.

(Agradecimentos)

Por falar em criança, eu queria depois conversar com Renata por que parece que ela fez uma promessa e a criança foi abençoada, né?

Olha tantas graças, muitas graças que a gente já conseguiu.

Através da ...

Da Santa Cruz. Agora mesmo eu to pedindo a santa cruz um milagre de eu aprender a andar de moto que eu tenho trauma mesmo, trauma.

Você tá pedindo sempre na caminhada?
É eu to pedindo a Santa Cruz direto né.

Você vai no cruzeiro e pede?
Tô pedindo essa graça porque eu preciso

Você precisa da moto pra trabalhar?
Pra trabalhar, pra evangelizar, e aí ta faltando... aí eu to pedindo essa graça e a libertação do meu filho que ta bebendo muito, muito, muito...
Deus vai abençoar.

Você tem algum registro nesse caderno? O que você trouxe de registro?
Nesse caderno eu tenho assim, exatamente, o que eu te contei. O que eu te contei ta tudo escrito, entendeu?

Depois eu quero ler.
Aí no caso aqui é o que te falei, o que eu tô te falando...

Das revelações de nossa senhora, pra poder ir na cruz, vestido de branco?
É isso aqui.

Você registrou tudo?
É. Tudo que ela falava com a gente, a gente pegava e...

E tem alguma coisa que no pé da cruz foi revelado, quando você tava nas orações...
Nossa! Muito...

Na caminhada?
Nas caminhadas, nas vezes que a gente vai lá...
Todas as vezes se você quiser, cê pode ta com seu problema desesperada, se ocê chegar lá fazer silêncio adorar Jesus na cruz, assim a resposta não vem no ouvido, não vem em lugar nenhum, vem no coração. Nossa, se eu fosse falar pra você as graças, por que é tudo, tudo. Eu não sei fazer nada sem não ir na cruz, entendeu? Se eu to com problema, se eu to com qualquer coisa, se eu to muito alegre...nossa! Aqui mesmo olha, quando a nossa comunidade tava brigando né, por causa da... uns queriam que fosse pra lá, outros pra cá, ia lá nos pés da cruz pra nossa senhora e Jesus, colocava no coração da gente o que que nos tinha que fazer, e tudo foi dando do jeito que eles falavam pra gente, sabe? Nossa, lá é muito bom. Quando cê vai lá umas 6 horas que o sol... nossa! Cê fica sem saber se subiu lá no céu ou se o céu desceu. É muito bom. Um dia cê tem que vir um dia pra nós ir lá. Lá sabe, é a adoração da cruz pessoalmente...

Quando chega lá, cê...
As meninas vai, minhas netas, chora aquela pequenininha, chora, chora mesmo pra ir lá: "Oh, vó que quero ir na cruz". Chega lá beija a cruz, reza, ajoelha, prosta por terra... Minha menina ela fez uma promessa pra passa de série, ela não gosta muito de estudar não, só Deus na causa... Pois ela passou e ela foi lá numa...

Ela foi pedir e foi agradecer, né?
Foi, ela fez a promessa que tinha de subir, né, uma parte lá de joelho e foi, entendeu?

Nossa, são tantas graças... tudo que você pedir a santa cruz cê consegue.

(Agradecimentos)

E3 - Deolina

Isso vem de véio. Meu tio, irmão, tio do meu pai já rezava a Santa Cruz. É uma coisa que evem de muitos anos, né. Mas só que o povo não introduzia assim.

E por que seu esposo tinha criado e depois ninguém quis assumir?

???

Ele tomou conta muito tempo e depois ninguém quis assumir?

Não. O meu tio, irmão do meu pai ele rezava a Santa Cruz né, e depois eu nem conheci, ele morreu, acabou. Meu esposo foi que continuou a santa cruz.

Ele punha uma pessoa com caroço de milho, contando, contando... com caroço de milho.

Rezando? Rezava as ave-marias com caroço de milho?

Ele ia com uma pessoa contando com caroço de milho, depois ele comprou um rosário só pra ele. Ele ta nos pé de Santa Rita ali, ó. (aponta para a igreja, onde está a imagem de Santa Rita)

Foi a senhora que colocou lá, ou foi ele mesmo?

Os meninos. Hoje em dia cada um ta com um rosário, hoje todo mundo já faz, todo mundo sabe a Santa Cruz.

Esses anos todos a senhora participa?

Todos. Só o ano passado que não participei.

Todo mundo na sua casa participa?

Todos.

E porque todo mundo continua participando?

É por que é uma devoção que Deus deixou plantado né. É onde que Deus morreu na cruz, né. Pra nos salvar, né. Deus ajuda e aumenta a fé de cada um. E é um dia que vou te falar, que todo mundo da comunidade ta reunido.

Pra participar?

Pra participar.

Agora a senhora tem algum motivo especial para participar da caminhada?

Eu tenho porque acho que agente tem que seguir a caminhada que Jesus deixou no mundo né. Jesus andou no mundo e nós temos que fazer o mesmo, né.

A senhora já levou alguma coisa para o pé do cruzeiro?

De material, a não ser as suas orações seus pedidos, a senhora já levou?

Não. Só assim, a gente leva flor, ou quando fazia, dia de quando tava um solão que a gente não agüentava... Pai, quando n tava chovendo, quando tava sol, pai ia fazer a penitência; panhava agua aqui e levava pra jogar lá e a pedra. Se a gente levava uma pedra de cá, punha no pé do cruzeiro e trazia a outra e jogava dentro d'água. E se ninguém fosse com ele ia sozinho.

Ele ia só pra fazer penitência, levava a pedra...

Ele ia se ninguém fosse com ele ia sozinho. Um dia eu tava pra Bbocaiúva e ele foi, tava trabalhando e sol tava muito quente, muitos dias sem chover, não era um mês, dois como tá agora não né, e ele largou o serviço e foi. Chegou lá, antes dele chegar em casa a chuva choveu. Antes de terminar a novena... é a novena.

Ah, entendi, era uma novena...

Nove dias, um litro d'água e se ninguém fosse mais ele, ele ia sozinho.

Aí ele levava a água e a pedra...

A água e a pedra.

Isso ele fazia, a novena, pra pedir chuva?

Era.

E ia no pé do cruzeiro?

No pé do cruzeiro.

Eu subi nos cruzeiros e vejo que eles estão todos ornamentados. quem é que ornamenta? Ornamenta pra festa ou eles já estão tudo lá...

Já tão tudo lá. É porque lá... Esse que eu casei com ele, ele era viúvo, a primeira mulher dele, com o solão que tava ela fez um voto: se São Sebastião ajudasse que chovesse, ele mandava assentar um cruzeiro lá. Ele sentou o cruzeiro. Até o cruzeiro que ele assentou, da promessa que ela fez, até hoje tá o pedaço dele lá, ele foi e pôs outro. Aquele outro apodreceu, ele mais meu filho, Antonio Augusto pôs outro lá, simples, né.

Depois Clóvis juntaram aí, fizeram outro cruzeiro e botaram lá.

E enfeita todo ano ou o enfeite já fica lá? Eu vejo que tem rosas, que tem fitas, tudo bonito...

Quando a gente vai visitar leva flor lá, né. Mas mais é no dia da Santa Cruz, que vai coloca...

Não sobe em outra época não? Ou se alguém quiser sobe?

Eu não agüento ir lá por causa de minha perna. Até que eu tô fazendo o propósito que quarta-feira de cinzas eu vou lá, se Deus quiser.

A senhora tem em casa um altar com a cruz? A senhora tem a cruz na sua casa?

Eu tenho o crucifixo com Jesus.

A senhora põe aonde?

Dentro do meu quarto.

Dentro do seu quarto?

É.

Porque a senhora põe no quarto?

Porque meu esposo pôs lá e ficou.

E a senhora sabe por que ele pôs lá... porque às vezes põe na sala, na cozinha, põe na porta, né. E ele quis por no quarto. A senhora preservou por conta do gosto dele?

Por conta dele. Meu esposo morreu com noventa e oito anos. Velhinho. Ele envergou ate ficou envergadinho. Aí quando ele arruinou, adoeceu, nos foi mexe com o tratamento dele, ele ficou na cama ele faleceu 29 de outubro, agora esse ano passado ta completando um ano...

Ah, foi agora?

É ta com um ano e 4 meses, né.

O que ele falava da cruz que a senhora tomou de exemplo assim? Por que parece que ele gostava muito né...

Gostava muito. Porque ele tinha aquela devoção, aquela fé que Jesus morreu na cruz, né...

A senhora já tinha essa devoção, ou foi com ele que a senhora...

Toda vida eu tive. Porque era coisa que meu pai já tinha né, meus tios já tinha.

No dia-a-dia a senhora lembra da cruz, traça o sinal da cruz, beija a cruz, a senhora tem alguma...

Tenho. Não deito sem fazer o sinal da cruz, sem fazer minhas orações, rezo o ofício de nossa senhora todo dia.

Então também a senhora tem a devoção a nossa senhora?

Tenho, graças a Deus.

e quando vai pro cruzeiro a senhora também clama por nossa senhora?

Nossa senhora, rezamos o terço, né...

Por que a senhora também lembra de nossa senhora no cruzeiro e não só de Jesus?

Nossa Senhora é a mãe de Jesus que morreu na cruz, ela tava do lado da cruz, estendeu ele o braço, né.

É bonito, né? É bonito mas a gente sabe que é dor...

É triste. Ver Nossa Senhora vendo ele sofrer, aquela caminhada toda, aquelas chicotadas, aquele sangue saindo e ela firme ali calada, né. Qual é a mãe que agüenta isso? Mãe nenhuma hoje em dia. Se der um tapa num filho a mãe ta explodindo, né...

A senhora no dia-a-dia, faz as orações, porque eu percebi que tem umas orações, durante o trajeto que eu não consegui acompanhar, [...] quem inventou essa oração, como que reza ela? Eu peguei ela mas não sabia como que era a oração, porque se reza “essa” oração?

A que reza no pé da cruz? É assim ó:

“Alma minha põe teu gênio forte

Agüentarei o golpe da morte

Que no campo Jesus achasse ...

Os inimigos da santa cruz

Encontrarás e tu dirás:

Foge a redá, Satanás!

Que parte de mim cê não terás

Que no dia da Santa Cruz

Cem vezes me ajoelhei

Cem vezes eu persignei

Cem vezes o chão beijei

Cem vezes eu levantei

Cem ave-marias rezei”.

Por isso, olha, de primeiro só meu esposo sabia, hoje todo mundo sabe. Hora que tá rezando a Santa Cruz, cada um tá com o rosário rezando, contando, outro tá contando nas pedras pondo dentro do chapéu.

Eu vi isso também. Todo mundo reza e ninguém aprendeu no papel. Foi só de ouvir?
Só de ouvir.

E de onde seu esposo tirou essa oração?

Acho do antigo né, que já tinha. Meu tio, ele rezava ainda era cantada. Quem que ia agüentar? Meu pai - eu não conhecia não, meu pai que falava – que ele falava: (e ela cantou)

“Foge arreda, Satanás!

Que parte de mim cê não terás

Que no dia da santa cruz

Cem vezes me ajoelhei...

Quanto tempo levava? “

Ficava lá o dia inteiro! É por que era ele sozinho né?

Era ele sozinho, e um filho ali perto, né?

A senhora continua fazendo essa oração, por exemplo, mesmo se a senhora não tiver na festa, na caminhada, a senhora faz essa oração, outro dia, no seu dia-a-dia, a senhora faz alguma oração invocando o poder da cruz?

Não.

A senhora tem uma oração preferida?

Eu tenho oração preferida: pecadores, creio em deus pai, a de morte, ofício de nossa senhora, estrela do céu, “Maria da leme”...

Tudo de ouvido, ninguém... todo mundo reza assim tudo de ouvido, ninguém veio aqui dar catequese?

Não.

A senhora sempre foi devota?

Meu pai rezava todo dia. Aí meu filho, comprou um livro numa missão na Terra Branca, na caíçara e ele comprou um livro. Meu irmão quer dizer, esse que tava aqui agora; comprou um livrinho. E ele rezava, meu pai rezava a gente respondia: ele tinha que rezar a primeira parte a gente a segunda parte todinha, e a gente tinha que responder e era cantado. Era cantado, não era falado, não. Todo dia de madrugada, e aí depois que comprou o livro, com ele eu acabei de aprender direitinho. Não tinha esse negócio de escrever, alguém tá ensinando não. Mas hoje minha idéia acabou. Tinha uma oração que eu aprendi no rádio, Nossa Senhora Aparecida, eu aprendi no rádio. Hoje tem uma oração de Mãe Rainha que nós faz, eu falei: “gente se fosse a tempo passado eu já sabia até essa oração. É um clamor que faz assim recebendo ela com amor e carinho. Mas já era pra saber ela de cor, mas a gente vai ficando véio a idéia vai acabando.

A Senhora sempre foi católica?

Graças a Deus!

Todo mundo?

Hoje em dia não. Hoje em dia eu tenho uma filha que mora em Montes Claros que é crente, da Assembléia, minha filha mais velha que mora em Terra Branca, é crente, e tem ela lá. A família todinha só tem uma fia mais véia dela que num segue nada, nem crente nem católico.

A senhora já recebeu algum milagre indo na caminhada de Santa Cruz?

Ah, eu recebo tudo, né! Todas as graças!

Eu já recebi missa na quarta-feira na missa na canção nova, por que é na quarta-feira a missa da cura né. Eu alcancei milagres, eu ... adoeci fiquei cinco anos doente. Minha filha Maria Joana que é crente, ficou comigo treis mês. Eu ficava sentada assim, ó; só olhando pras coisa. Aí ela também adoeceu; era uma dor no estômago e o tempo todo em pé. Uma dor no estomago terrível. Aí fez o tratamento todo. A endoscopia deu gastrite crônica nervosa. Quando foi um dia assistindo a missa, eu pegava com Deus todo dia, o padre Edmilson falou assim: “Jesus tá curando uma pessoa com um a dor no estomago.” Oh, graças a Deus! Pedro, mora lá em Montes Claros. Ele trabalha com o grupo de Emaús. Já ouviu falar?

Já! É perto de minha casa! No Major?

Pois é. Aí ele veio em Pedregulho com o encontro. Aí na hora, meu estômago tava só um dolorimento, né. Na hora eu fui repousada no Espírito Santo e depois veio Jorge falou assim: “Jesus ta curando uma pessoa que sofreu uma dor no estomago, fosse uma faca cortano” ficou o dolorimento mas Jesus ta curando” Graças a Deus! Eu como pimenta... laranja? chupo laranja azeda com sal! Depois quando eu fui consultar, o medico pediu exame e falou: senhora num chupa laranja não, senhora come!a senhora tem o intestino preso.

Obs.: A entrevista foi interrompida por familiares, que vieram buscar Dona Deolina que não podia passar muito tempo no local, por questão de saúde.

E4 - Edna

Edna, tem quanto tempo que você participa da caminhada?

já tá com 8 anos.

Porque que voce foi participar?

Por que já começou la em casa, né. Começou lá e a gente vai vem pras casa pra cá.

Quem é seu esposo?

Redelvino

Ah, foi ele que começou?

É, começou lá em casa.

Ele falou que teve um problema com o Clóvis, né?

Foi.

Aí começou na sua casa. Você foi, você vai por devoção?

Devoção.

Voce ajuda na festa...

É. Lá em casa nós dá café, de lá vem. Quando chega aqui, enquanto eles passam as cruzeiras, aí nós vem e faz almoço.

Na sua caminhada, você foi outras vezes...

Já. Eu fui três vezes.

Você levava alguma coisa para pé do cruzeiro?

Agente levava flor.

Porque que você gosta de levar flor?

É porque a gente tem que enfeitar lá né, ficar bonitinho!

E o que significa esta festa pra você hoje?

Significa que é uma coisa muito boa, né. Por que ter vindo da herança nossa, deixar pros nossos filhos, né. Nossos filhos nossos netos, já vai em geração da família, né.

Na sua família todo mundo era católico?

Todo mundo.

E todo mundo tinha devoção à cruz?

Todo mundo.

E voce conhece outra devoção a cruz que não seja essa?

Não. Dessa aí, só conheço essa mesmo.

Voce tem na sua casa alguma cruz?

Tem.

Tem um altar, fica na parede... onde é que está?

Lá tem uma cruz na área, assim onde que recebe o pessoal né. Tem uma cruz com o Bom Jesus na área.

Logo na entrada?

É na entrada.

Porque que você pôs fora da casa e não dentro da casa?

É porque é o lugar que mais movimenta, né. Aí quando chega o pessoal né, o café reparte naquele lugar, sabe. Aí a gente faz, que a devoção da gente é naquele lugarzinho ali né. Então já fica exposta ali, né.

E você acha que faz diferença ele estar lá fora?

Não, não faz diferença não, mesma coisa né, tá lá em casa né. Dentro de casa é a mesma coisa né. Na fé, né.

E você tem fé na cruz por que?

A Cruz foi que Jesus morreu na cruz né, então a gente tem devoção na cruz por que foi Jesus.

Seus pais tinham essa devoção?

Tinha. Principalmente minha mãe. Quando eu era pequena já tinha a Santa Cruz, mas era lá em Terra Branca, sabe. Aí minha mãe ia. Saía lá de Itacambira pra ir em Terra Branca na Santa Cruz.

Em cortejo também?

É. Caminhando sabe. Agente ia pra dormir pra no outro dia participar da Santa Cruz.

Então em Terra Branca tinha a festa...

Tinha.

Tinha uma caminhada também?

É. Sempre reunia né, o pessoal reunia pra fazer a Santa Cruz.

Mas fazia igual aqui também?

Aí eu não lembro, eu era pequena, né. Aí ia minhas irmãs mais velhas sabe.

E você ficava por que era a menor?

Eu era menor e ficava.

Mas eu lembro que sempre eles iam pra Terra Branca.

E você conheceu assim...

Foi.

A caminhada dessa forma?

É.

Hoje você tem alguma coisa que você lembra da cruz no seu dia-a-dia?

Lembro. Quem diz: cada um de nós tem uma cruz, né. Cruz pra carregar assim, né. Aí Jesus carregou uma cruz e nós todos temos uma cruz pra carregar também, né.

E o que seria essa cruz pra você, um sofrimento...

Um sofrimento e alegria, né.

Você tem o hábito, por exemplo de fazer uma oração da cruz, o ofício da santa cruz, Você conhece, o ofício da Santa Cruz?

O ofício eu rezo. Eu não tenho decorado de cabeça assim. Tem o de Nossa Senhora e tem o da cruz, né.

Mas de Nossa Senhora tem ofício, ne. Mas voce não tem o habito de rezar não, né?

Não, da cruz não.

Aquela oração, você reza no seu dia-a-dia, sem ser um dia que você vai pra caminhada, num outro dia voce reza aquela oração?

Não. Só recito na Santa Cruz mesmo.

No dia da Santa Cruz?

É, da Santa Cruz.

O que que aquela oração representa assim pra você?

É uma coisa boa, né. É uma oração que a gente tem de Deus, né. Uma oração forte assim, né.

A gente sente uma coisa boa, né.

Você tem o hábito de traçar o sinal da cruz sobre você?

Tenho.

Em que momentos?

Ah, é toda vida!!

E tem algum outro hábito em relação à cruz?

Não. Só tem... ajoelhar, e também assim a cruz, às vezes eu passo por uma cruz aí eu faço o nome do pai também, né.

Por que?

É por que a gente tá com uma coisa que protege a gente, né.

A cruz é uma coisa que protege.

Você então enxerga a cruz como proteção?

É a proteção.

E porque que ela é proteção pra você?

É por que a cruz é uma coisa que vem de deus, né.

É uma proteção...

É uma proteção. Eu, qualquer cruz que eu passo, que sei que é de deus eu faço o nome do pai ali perto dela.

Você acha que ela tem poder de te livrar do mal?

É, de todo mal.

Você traz a cruz no seu pescoço no bolso, na bolsa?

É eu tenho na bolsa, tenho o rosário e tem a cruz que eu carrego, todo lugar que eu vou eu carrego ela.

E você segura na sua mão, como você usa?

No pescoço, né, na mão, no bolso... carrego no bolso mesmo que eu viajo, carrego ela direto.

Voce recebeu alguma graça especial fazendo a caminhada de Santa Cruz?

Já.

Um milagre?

Não. A graça assim né, eu tinha essa dor no joelho né, era muito forte, na época eu cai mesmo, machuquei, machucou muito, assim sabe. Ai eu falei assim: ô meu deus como é que algum dia eu vou voltar ainda na santa cruz? E por que aqui tem uma cruz em cima dessa serra aqui, eu ainda aguentei ir lá, em cima da serra.

Voce tem devoção a outro santo?

Eu tenho. São Sebastião.

Tem um altar na sua casa com São Sebastiao?

Eu tenho imagem em casa e nossa igreja é de São Sebastião também.

E você reza a oração de São Sebastião?

Rezo.

Todo dia?

É todo dia. Sempre tem reza, né. Rezo a oração, descanso, né. De São Sebastião.

E nossa senhora, tem na sua casa?

Tem.

Você tem devoção a Nossa Senhora?

Tenho. Eu tenho Nossa Senhora de Fátima, tenho Nossa Senhora de Lourdes. É... Santa Rita de Cassia, Nossa Senhora Aparecida... eu tenho em casa.

E você vai à aparecida do norte?

Fui.

E na Lapa?

Na Lapa fui. Esse ano eu vou, se Deus quiser!

O povo todo vai da comunidade?

Não. Não é todos unidos, né. Às vezes vai uma família, outro ano vai outra...

E sai o ônibus daqui mesmo?

É de Montes Claros. Quem vai, pega o ônibus em Montes Claros...

Então você conheceu a festa só nessa fase nova, a antiga você não conheceu não, né?

Não.

E nem os fundadores...

Não.

E aquelas orações, você aprendeu com quem, da santa cruz?

Agente rezava aqui mesmo né, eu aprendi quando eu vim participar ne, eu aprendi rezando com eles.

Você tem alguma pessoa que você lembra que se destacou na festa e porque se destacou na festa, na caminhada?

Ô moça! teve assim: igual esse pessoal de fora sempre vem, né. Pra ajudar a gente, vem muita gente, né. As comunidades de fora.

Eles ajudam na cozinha, na coisa prática assim, eles vem e ajudam?

É muitos vem. Igual Pedregulho mesmo, muitas pessoas que ajuda a gente aqui né. Mas a gente chama eles só pra participar, né.

Oh, edna, são parentes de voces ou fica sabendo da festa e vem?

Agente coloca na rádio.

Ah, não sabia disso não!

É, nós publica na rádio.

E o povo vem porque escutou na rádio?

Comunica na radio e muitas pessoas vem e fica aqui. No ano passado um pessoal de lá veio participar também.

Então a rádio que divulga...

Ai divulga que tem a festa de Santa Cruz. E antes de começar, antes do dia 03 né, a gente manda já divulgar já na rádio.

E desde quando voces divulgam?

Ah já tá com uns 4 anos já.

De divulgação na radio, né?

É.

E tem outra forma de divulgar?

Não.

É só boca a boca?

É só boca a boca.

Parentes, amigos...

Durou quanto tempo essa caminhada, por que antigamente ia por exemplo a cavalo... voces sempre foram a pé?

Sempre. Só assim, uma época que tinha menino pequeninho, né, aí agente colocava eles no animal né, pra num ficar muito difícil de carregar né. Mas só que agora ...muito ruim né, ai já vai todo mundo a pé. O pequenino carrega no colo.

Fiquei com medo...

Tem lugarzim lá que era ruim. Principalmente naquela descidinha naquela barroquinha, ali é perigoso demais.

Mas uma caminhada assim nossa! É bom demais... todo mundo reunido...

Você notava assim, (eu vejo nas pessoas), você nota alguma emoção, nas pessoas, alguma coisa especial, você já notou?

Não. Até que isso aí não vi não. Vejo todo mundo alegre. Todo mundo unido, naquela alegria, reparte a comida, todo mundo brincando um com o outro...

Já começou a preparação né?

Já compra as coisas pra fazer, né...

Quanto tempo antes que vocês começam a comprar as coisas?

Ah, gente vê assim... uma semana antes né. Aí tem sempre... um dá uma coisinha, um doa o ovo, um dá o trigo, dá a goma... pra fazer o pão, biscoito e vai fazendo...

É a gente mesmo que faz.

E em alguém de fora e traz alguma coisa?

Traz. Nós temos gente que ajuda. Um dá um refrigerante, outro dá os copos, dá prato, pratinho pra ajudar né.

E vocês quando anunciam na rádio, pede ajuda ou eles trazem porque querem?

Não. É por que eles querem; muita gente ajuda por que quer, ne... é família da gente mesmo, né. A gente quer fazer assim, reunia e todo mundo pedia um pouquinho primeiro ne, pra ajudar. Ai todo mundo reunia, dava um pouquinho, outro dava outro. Nós fazia com nos mesmo né, a gente comprava e fazia, mas aí os cunhados, lá, meus irmãos, os irmãos de meu marido tudo ajuda também. Aí cada um dá um pouquinho.

Voce sabe como é o texto do anúncio da rádio, qual rádio que é?

De Itacambira. Igual, tem o vereador Romário que ajuda a gente aqui, as vezes a gente consegue pedir ele pra ta anunciando na radio de Bocaiuva, né?

E os politicos que vem são devotos, né?

São.

E participa, já participava antes de ser politico ou vem pedir voto?

Não. Sempre eles vem e antes da política ele ajudava igual Romário. Antes de ser vereador dava ajuda a gente também.

(Agradecimentos)

E5 – Guiomar

Você também faz parte da comissão que organiza a festa?

Faço.

Vocês são quantos?

Nós somos... assim as cozinheiras são mulheres mas ele ajudam, aqueles que querem.

Você é cozinheira na festa?

Eu sou... ajudo rezer e cozinhar.

Mas você vai nos cruzeiros?

Vou. Eu venho aqui um dia antes, e ajudo cozinhar desde quando iniciou. Assim né, que nós fazemos a comida, faz a comida, nos cozinha tudo, organiza tudo um dia antes. Eles matam o boi. No dia de matar o boi eu não venho não, né. Eu tenho medo! Ai agora pra cozinhar sou eu e uma cunhada minha só que ela... não deu pra ela vir não. Então é nós duas. As outras fazem uma participação né. Mas quem são as tutoras mesmo da cozinha, sou eu e uma cunhada minha.

As outras vem porque gostam, porque vocês convidam...

Por que elas gostam né, eles são muito bons. Aqui...

E participam da festa também?

Demais! Cumadre Ana Lúcia, essa ali, a casa dela é nossa! Que ela trabalha na escola, né. De toda vida, começou a casa nós fala assim... que nos somos família sabe. Nós assim... aqui filha o que não é irmão, é sobrinho, é tio, é cumpadre... é tudo da família... nos somos família. Em mutirão aí de... vamos supor: vem 200, duzentos e tanto da região de pedregulho, lá de machados, nos todos ó e tudo família. Olha lá que não tem um que não é. Ali ó, ele mesmo nós somos primo carnal, né. Eu mas cumpadre Beneti. O marido de Ana Lucia. E aí vem essa família toda, é casado com sobrinho, é tudo família.

Quem é seu esposo?

Meu esposo é Vicente ele não tá aqui não. Ele ficou em casa.

Participa da festa também?

Participa. Todo mundo participa, todo mundo.

As suas netas foram?

Na caminhada? Foram...

Eu tenho duas. Essa, não tem uma que tá com o cabelo assim? Essa é netinha minha. E tem ela novinha tá com... agora ela tá com um ano e seis meses mas no ano passado ela tinha... não tinha acho que 8 meses não.

Então, as crianças não reclamam não?

Não. Adoram! Eles fica tudo... falam ó que dia que chega o dia de nos ir?

Qual menina da renata?

É a da Renata é...

Ela tava no colo. Tem até o pai dela né. Eles fizeram uma promessa, né.

O que significa pra você a caminhada de Santa Cruz?

Eu acho que é uma importância. Uma religião muito importante que nós temos, dos mais velhos né e criou com meu irmão né, e cumpadre Zé de marinho que já deu a entrevista, foi muito importante. E pra mim como eu sou devota né, eu acho que pra mim é uma importância. E a caminhada ali aquele dia é de santa cruz pra nos. E através, depois que dom Geraldo celebrou a missa o padre entrou e continuou celebrando, né aqui. No ano passado foi o encerramento aqui na igreja. Dom Geraldo vinha assim, no meio e nós seguia né. E o padre pediu que nos fosse e terminasse aqui.

E ele veio e celebrou né?

Veio. Veio e celebrou muito bonito.

Há quanto tempo você participa da festa, da caminhada?

Eu nunca falhei. Desde 2002 eu nunca falhei.

Todo mundo em sua casa participam?

Todos participam. Igual eu to falando, o dia ... só a menina né. O primeiro ano que ela estudava, ela vinha, depois que ela passou a trabalhar... agora esse ano ela falhou. Esse ano ela vem.

Vem porque são devotos?

Não. Eles são devotos.

Usam a cruz?

Usa a cruz;

Faz orações,

Faz orações...

Adoram a cruz?

Ele gostam...

De vez em quando sobe no cruzeiro ou só na caminhada?

Não, de vez em quando gosta de ir.

Você também sobe de vez em quando sem ser na festa

Subo.

Vai lá fazer alguma coisa ...

Fazer oração... agente pede... inclusive ela mesmo... quem mora na cidade, se na roça é perigoso, na cidade é... né... vai lá agradecer aquele pedido que faz a nosso senhor, né. Vai lá e agradece as graças recebidas.

Nos pés da cruz, pra Jesus.

Isso, pra Jesus.

E como que você conheceu a caminhada?

Foi através deles né. Nós...Esse moço que tava aqui, que é o José Clovis, ele teve um acidente, e meu irmão fez uma promessa e fez nos todos pagarmos. O cruzeiro tinha caído, e aí nos foi eles pediu eu para eu ir rezar o terço. Nós fomos seguindo aos poucos, lá no Zé de marinho. Chegou lá eles falaram: gente vamos continuar fazendo a santa cruz? Tinha antigamente mas eu não lembro. Né mas não era assim não, era diferente, né.

E o que mudou?

O que mudou é por que agora, nos fazemos vinte em cada cruzeiro né.

E antes não tinha...

E antes era só num cruzeiro só. Se rezava era lá em Catarino, só no Catarino. E agora não, nos começamos lá fazendo cinco cruzeiros. No decorrer do dia nos vem nos cinco cruzeiros.

Quem veio fincando os outros quatro?

Foram eles também. Uns já tinham, né, e os outros nós... dia de domingo, da quaresma, aquele da entrada...

Domingo de ramos...

Domingo de ramos, aquele ali que nos colocamos ele. Dia de domingo de ramos. Pegou La no Zé de marinho e... viemos e colocamos ele lá.

Os outros já tinham e só trocava a madeira....

Os outros já tinha. Ai só colocava, né assim, já tava muitos anos né, já tava muito estragado né, aí renovava. O de lá foi colocado dia de são Sebastião. O da casa de Delvino.

Aquele lá não tinha?

La foi colocado dia de são Sebastião.

E o de Zé de marinho foi dia de Sr. Bom Jesus da lapa.

Esse qui é de Jose Cardoso, né?

Esse aqui é de Jose Cardoso né, na porta da igreja.

Esse aqui do Bom Jesus é qual?

De Zé de marinho, lá no alto da casa de Zé de marinho, Zé Cardoso, que eles falam, né.

Então esses dois é que não tinham.

É. Os que não tinham. O daqui também não tinha não. Foi colocado dia Domingo de Ramos.

Como é o nome desse cruzeiro?

Eu não sei como é o cruzeiro... Ele deve ter um nome, eu não sei não.

Então os outros, alguns já existiam, dois que foram fincados, foram esses dois aqui né, que vocês fizeram, aí juntou os cinco.

Aquele que tem lá na outra serra, que seria outro cruzeiro, quem colocou ele lá, você sabe?

Na serra lá em cima?

Na serra lá em cima...

Foi meu marido.

Ele já existia lá?

Não. Aquele lá foi colocado. Aquele foi colocado numa quinta-feira de Agosto. Primeira quinta-feira de Agosto, é dia da celebração de Corpo de Cristo não... dia de Adoração do Santíssimo, na quinta-feira eles colocaram ele, foi meu irmão, meu filho e Clóvis que é sobrinho dele.

Eles colocaram lá porque? Para adoração da cruz?

E. Eles fizeram assim. Então quando dá 06 de agosto nos vamos lá também.

E por que dia 06 de agosto?

É por que assim: eles falam que celebra na Lapa, né. Então nos vamos lá.

A celebração da lapa?

É.

Que é do Bom Jesus também.

É. cê ta entendendo?

Lá que o cruzeiro chama "Cruzeiro do Bom Jesus"...

É.

Quem trouxe essa devoção da Lapa? Vocês vão lá também?

Vamos. Todo ano tem romaria né. Tem na Lapa e na Aparecida do Norte.

Ai vocês vão. A comunidade junta e vai...

A pessoa vai... só que é mais difícil né, é muito longe né...

Por que você continuou participando da caminhada ?

Não eu acho assim: só de Deus dá nos saúde né... Graças a Deus eu tenho muita saúde. Eu tenho muito que agradecer a Deus. Meus filhos nunca deu problema nenhum... minhas netinhas... eu acho que eu tinha que agradecer não é só no dia 03 de maio e todo dia do ano eu agradeço, mas eu acho que ainda falta...

Você leva alguma coisa para o pé do cruzeiro, algo material?

Assim quando eu levo eu gosto de levar uma vela, umas florzinha e saio levando e ponho lá.

Você tem altar em sua casa?

Eu tenho. Acho que por eu ser uma pessoa muito devota. Todo mundo gosta de me dar um santinho. Eu tenho uma sobrinha que trouxe...agora eu mandei benzer ele, ela falou: “tia, não é benzedo”. Um São Sebastião deste tamanho. Eu são Sebastião, Sagrada Família, eu tenho o Senhor Bom Jesus da Lapa... aí um dia um amigo meu... eu falei assim: todo mundo gosta de me dar um santinho; ele falou: procura aquilo que a pessoa é. Você é muito devota, todo mundo vai te dar.

A cruz, você tem neste altar?

Tenho... nossa !!

E você tem uma oração especial que você faz para a cruz todo dia ou outra hora...

Eu tenho.

Aquela oração que a gente faz no cruzeiro, você tem costume de fazer no dia a dia?

Não. Aquela oração eu tenho um dia especial. Mas assim lembra que ela é muito importante, aquela oração é igual o ofício. O ofício é sábado. Nós porém gostamos de fazer o terço da Mãe Rainha todo sábado na casa da família nos reza o terço. Porque é uma oração de Nossa Senhora, é uma oração que ele defende o mal. Então é igual aquela também da Santa Cruz.

Você reza ela outro dia?

Rezo. Pode rezar outro dia.

Você acha que ela tem poder...

Eu acho. Ela tem. O demônio... muita coisa...

Você já teve alguma experiência assim que você rezou...

Já. Eu já. Eu já tive por que a família e grande então... né... eu tive com sobrinho, com outras pessoas, a gente rezou e viu o milagre de Deus...

Você já recebeu milagre por meio dessa devoção?

Demais, demais. Da santa cruz.

E você acha então que esse poder é da Cruz?

É.

Na sua casa você tem a cruz, na parede, algum lugar?

Tenho. Eu tenho, coloquei na porta da sala. Todo mundo que entra...Ela tá com o crucifixo.

E por que você colocou na porta da sala?

Eu pus assim, por que ali na porta da sala vai passar todo mundo então eu acho que todo mundo que passar ali... coisa ruim não entra dentro de minha casa. E tem o anjo da guarda também. Tem do lado, e aqui no meiozinho tá o crucifixo com a cruz e o anjo da guarda.

Você tem o hábito de carregar a cruz, rezar, fazer o sinal da cruz?

Tenho. Eu tenho.

Quando?

Em tudo. Se eu vou trabalhar...

Então você invoca o poder da cruz na defesa do mal?

Isso. É pra isso.

Quando você passa na porta da igreja você faz o sinal da cruz?

Faço.

Por que?

É porque assim... ali tá Jesus, né... me abençoar, abençoar minha família...

Você tem alguma oração preferida?

A oração sim, ao deitar e ao levantar, né. A oração mais preferida minha é o pai –nosso, o pai-nosso ao deitar e ao levantar depois as outras orações, mas a oração preferida é essa.

Você usa algum objeto com cruz, traz no pescoço ou carrega na bolsa?

Todo lugar que eu ando eu carrego o terço. O meu terço eu não deixo ele.

O que a cruz representa pra você, quando vê a cruz qual o sentimento tem?

Eu acho assim, que ela representa uma coisa muito importante. Por que eu acho que através da cruz, a cruz pra mim é tudo; ela defende de todos os males, de mim de minha família toda.

Você disse que tem outros santos em casa. Tem outro santo de sua devoção? Que você recorre?

Eu tenho vários. Mas sou muito apegada com Nossa Senhora da Boa Viagem e Santa Rita de Cássia. Por que Dom Geraldo falou que naquela hora que for de mais precisão, aquelas coisas mais impossíveis pede santa Rita de cássia. Então Santa Rita é Santa Rita dos impossíveis.

E Nossa Senhora da Boa Viagem... é que nós anda muito, a família nossa anda, ela livra nos de todos os mal... é Nossa Senhora da Boa Viagem...

Mas eu sou muito devota de São Sebastião.

Você sempre foi católica?

Sempre fui católica.

Fez primeira comunhão, crisma...

Sua família toda? Fez tudo aqui na região?

Todinha. Tudo aqui na região.

Na sua família ninguém tinha outra religião?

Na minha família mesmo não. Mas hoje em dia mais longe tem. Mas os mais apegados, irmãos, sobrinhos, não. Eu não tenho não.

Aqui na região não tem outra religião a não ser católica?

Não.

Igreja evangélica...

Em machados tem. Machados é, tem igreja evangélica.

Você já ouviu falar que tenha algum centro, espírita, não tem aqui perto não, né?

Não. Aqui praticamente todos são católicos né.

Você gostaria de lembrar de alguma coisa importante, falar sobre algo marcante da história...

Aqueles cruzeiros, eu vejo que eles tem um ornamento, uma flor uma fita...você leva alguma coisa pra enfeitar?

Leva um dia antes nos arruma um enfeite e enfeita, mai assim num pode pôr por que a chuva né, aí seca acaba com tudo. Mas quando tá ali por perto, cada um que é dono sempre tem um povo que mais perto né, aí nos leva e enfeita.

Pra festa?

É pra festa de Santa Cruz

Mas vocês fazem isso sempre e de vez em quando se quiser ir leva...

Pode ir. Pode levar pode rezar... Muitas pessoas vai reza, deixa a vela, que ela apaga né, a velinha fica lá.

Eu ouvi falar que tinha alguém enterrado no cruzeiro...

É os anjinho, né. Eu já ouvi falar que aquela cruz de lá, quando passa muito tempo sem chover se a gente for lá jogar e jogar um aguinha... Diz que lá tem sete anjos enterrados. Mas não é do meu tempo eu não lembro.

Já vi falando. Muito menino morria antigamente levava as crianças e enterrava lá.

E não explicavam por quê que enterrava lá não?

Por que não tinha cemitério minha filha. Há muito tempo atrás.

E botava no cruzeiro?

No cruzeiro.

Por causa da cruz?

Por causa da cruz.

(Agradecimentos)

E6 – José Clóvis

Todos os que vieram aqui agora são da organização?

Sim. [...]

Escolaridade:

Até o 4º ano. Na época o lugar nosso aqui era...

Aqui não tinha...

Não, não tinha... a professora aqui que naquela época, dava aula pro 4º ano estudou até o oitavo. Era abandonado mesmo. Quem fizesse o 4º ano tinha que sair pra fora.

Casado, 3 filhos.

O que a caminhada de santa cruz significa para o senhor?

Pra nós hoje significa muita coisa, tudo, né? Por causa que era uma tradição antiga que, eu desde menino tinha. Depois aí o povo abandonou, num fazia mais a Santa Cruz. Aí eu tive um acidente muito sério fiquei três anos e seis meses andando de muleta; esse Delvino fez uma promessa que se eu caminhasse nos ia por um cruzeiro lá em cima do morro. Aí eu melhorei, agüentei caminhar ele falou assim: Ó Clóvis, fiz uma promessa pro'cê, pra nos por um cruzeiro lá em cima do morro. Ai eu falei: tá bom. Um dia nós fecho 32 ou 33 pessoas, nos foi colocar o cruzeiro lá, colocou, rezou... aí quando nós viemos de lá pra cá... nós: ó gente sabe, vamo todo ano fazer a Santa Cruz? Vamos todo mundo continuar com a Santa Cruz? Vamo uai. Aí começou mais pouca gente e foi aumentando e nós... naquele ano nós fez, foi nós só num fez almoço pra ninguém, ninguém mais fez, né. Aí no próximo ano nós já fez. Já comprou uma vaca, nós era 12 de frente aí essa vaca era assim: nós foi obrigado a pagar a vaca.

Era só homem?

Era. Só homem. E aí nós só foi os homem só. Quando chegava lá que ia falar quanto que deu a festa, de gasto, aí todo mundo queria ajudar. Juntava; foi tanto que ficou; aí uns anos aí, o máximo que agente pagava da festa aqui era dez reais cada um.

Aí já ia mulher?

Aí já tinha mulher.

Família já ia...

Ia. Ia tudo. Todo mundo. Aí, já de uns quatro anos pra cá, quando termina lá, um fala: "Oh, o ano que vem a vaca é minha." Termina no outro ano... agora mesmo nos tava conversando ali e brincando! Tem 3 vacas! Meu irmão doou uma, ta lá em casa já. O ano que vem já tem uma que o sobrinho dele doou, e no outro ano já tem uma que um cara que foi candidato a vereador diz que vai doar outra... Até 2015, 2016 já tem vaca pra festa.

Os políticos vem pra festa ou eles vem esse ano fazem a campanha e vão embora ou por que são devotos?

Não. Quase todo ano tá vindo.

São devotos?

São devotos. Tá vindo e promete. Tem vez deles virem e até refrigerante eles doarem. Quando não doa, aí nos compramos o refrigerante, nós mesmo paga. Nós vem porque pra nos que somos católicos é uma devoção que deixa saudade. A gente faz e aí nós... quando é do meio do ano pra frente: tá chegando, né?

Fica com saudade por que?

Por causa que... duas coisas: uma que é um grupo grande rezando né. Muito bom. E vem muita gente de fora, vem os amigos, ali a gente reza, a gente bate papo, conversa e tudo... e

aquela turma reunida... nós mesmo reuni aqui é três dias antes. É pra apanhar lenha, esse ano nós apanho lenha, nos fez isso aqui tudo (apontou para as melhorias que fizeram nos fundos do local onde fazem e servem a comida no dia da festa), esse ano. Isso aqui não era feito não; e reuniu a turma toda fez a casinha. Então a gente fica com saudade... é a devoção e essa união. E cada ano que passa, mais gente tá indo.

Porque que o senhor acha que as pessoas tão indo mais, elas têm um motivo especial para ir?
Eu acho que... sabe que nessa região nossa o povo gosta muito de rezar, né. É, gosta muito de rezar. Então aí e a reza, é uma reza mesmo, não é uma farra, com gole.

É pela fé mesmo?

É pela fé. Nos não aceita gole. Um ano um rapaz que ficou sabendo encostou o caminhão pra vender cerveja no dia, nos foi lá pediu ele: Oh filho, eu vim te pedir ocê, num vem por causa que as vezes a pessoa vem pra rezar e toma um golinho, né. E como antigamente a Santa Cruz aqui, terminava na ultima casa ali tinha uma venda e depois terminava ia pro boteco o povão. Ia beber daí a pouco arrumava um problema lá.

Entendi. Então vocês retiraram a bebida por conta da confusão...

Retirou. Aí nós... “Ó nós vamo pedir oce, ce não vende, e pedir oce que nunca cê pisa na Santa Cruz nem ocê nem ninguém com negócio de gole.

Por causa de beber, por causa do motivo religioso, da fé das pessoas.

O povo vem mesmo é só por fé, da reza mesmo.

O senhor tem algum testemunho assim... o senhor alcançou outra graça, uma graça, que o senhor foi buscar por meio dessa penitência, de caminhada?

Ah, eu acho que tudo o que agente faz pela Santa Cruz, recebe a graça todo dia né. Vou dizer, que tudo que agente acha que for fazer dá tudo certo, então já é uma graça.

Às vezes vai fazer aqui, nos num tem vazia, vai atrás pedir emprestado, todo mundo doa com bom coração, né. Gente usa, no outro dia os cabeça vem tudo, nós mesmo areia entrega tudo, e tudo é uma graça né.

O senhor traz, carrega no pescoço, no bolso, o senhor tem o uso da cruz?

Eu é... só dentro da carteira que eu uso um santinho né?

Da cruz?

Da cruz. Foi até Dom Geraldo que me deu, uma cruzinha branquinha assim, com quatro cantinho, cada cantinho dela tem um santinho. E no meu carro eu tenho um rosário pequeninho pendurado no vidro direto.

E em sua casa tem um altar com a cruz?

Tem, tem uma mesinha lá, tem na parede, com Nossa Senhora Aparecida.

É sua devoção também?

E.

Tem outro santo?

Aliás, pra mim quase todo santo, todo santo [...] Santo Expedito é um grande santo, muito religioso...

Agora na sua casa nas paredes, você tem onde o crucifixo?

Dentro de casa mesmo na parede não tem não.
A Sagrada Família, o Bom Jesus...

E o senhor tem o hábito no dia a dia de fazer o sinal da cruz, de beijar a cruz...
Tenho. Não deito sem rezar e não levanto sem rezar.

Sem fazer o sinal da cruz?

Não. As vezes [...] mas deitar eu não deito não. Aliás tanto se eu deitar e não rezar eu não durmo.

Porque a festa é dia 03 de maio, o senhor sabe me falar?
É que é o dia mesmo da santa cruz, né.

É o dia de santa cruz?
É o dia de santa cruz.

Aqui foi instituído desde os primeiros?
Desde os primeiros.

Por causa do dia 03 de maio mesmo...
Por causa do dia 03 de maio mesmo.

Já era antes né.
Já era antes.

Então, quem fincou a cruz no alto do morro? O senhor falou que desde pequeno sua família já tinha essa devoção de subir no cruzeiro...
Já tinha.

O senhor era criança?
Era criança. É.

Quanto tempo que ficou parado o senhor lembra?
Oh, menina, ficou bem um tempo viu.

Muitos anos? Uns 10 anos?
Muitos anos. Acho que ficou mais.

E o senhor lembra assim, neste cruzeiro que vocês fincaram a cruz de novo é... tinha algum?
Não. Aquele lá, aquele último de lá já tinha. Aquele último de lá já tinha. Esse aqui tinha ele, ele já tava todo estragado, colocou um novo. E lá nesse morro lá que colocou esse que ele fez a promessa trocou; tinha uma também só que ela tava toda quebrada, tinha caído já, apodrecido o pau e tinha caído né, ela tava no chão. Ai nos levô uma nova, fez uma nova, levou e colocou lá.

O senhor falou que quando o senhor era pequeno, quem ia no cruzeiro, o que mudou, ia todo mundo assim, ou ia um ou outro...
Ia muita gente também. Só que dessa vez lá era assim só rezava tudo num cruzeiro só; era 100 ave-maria rezava lá, sabe.

No primeiro lá?

No primeiro lá. Lá que iniciava e terminava lá.

Mesmo as famílias?

As famílias, agora hoje nós já passa nos cinco cruzeiros, já faz a caminhada né.

Desde quando, o senhor lembra? Hoje tem mais cruzeiros?

Que nós faz a caminhada? É tá fazendo doze anos. (...) Essa da fazenda do Redelvino foi ele mesmo que fincou lá. Essa outra lá em cima foi nós, foi eu, ele, Teodomiro, o Zé Maria Cardoso, Tião aqui perto, o Antonio Augusto... esse aí foi nos mesmo que colocou. Se você chegar em Lages, ocê olha naquela pedra láaaaaa no topinho da pedra lá ó, na casa de Dona Helena, ocê chega, pergunta, eles vai mostrar ocê onde é que eu coloquei um.

Ah do outro lado lá?

É. Na altura daquela pedra lá em cima. Cê já viu ele lá já?

Eu acho que já vi, mas foi da outra vez.

É. Aquele lá foi eu que coloquei ele lá. Foi eu, Redelvino, Teodomiro, Vicente.

Por que não faz mais lá?

Sempre nós vamos lá.

Com ele é seis?

Sempre nos vai lá é dia do Senhor Bom Jesus.

Então vai lá pelo menos uma vez no ano?

Vai.

E como chama o cruzeiro lá?

Lá nos fala o cruzeiro da serra.

Então o primeiro foi, já antigo né? Depois Sr. Redelvino foi colocou um depois foram e fizeram outro... e faltam mais dois onde é que tá?

É um de Redelvino, um na porta da igreja né, da igreja que nós colocou aqui, também foi quebrado...

O que?

O cruzeiro que tinha aqui ele tinha quebrado.

Mas já tinha ele aqui...

Ele era ali. (aponta para um monte não muito alto, distante alguns metros da porta da Igreja) debaixo daquela sombra.

Quem fincou ele lá?

[...]

Aí nos fez outro e colocou aqui. Esse aqui nós colocou esse ano, uai.

Eu vi mesmo que tava mexido...

É foi esse ano que nos colocou...

Quem ornamenta os cruzeiros? Vocês que vão lá e ornamentam? Como esse estava aqui vocês ornamentaram, fizeram as rosas pra festa? Colocaram as rosas...

É. Hanhan. Isso.

Então desde lá até agora o que mudou foi o número de pessoas que participam ou ... o que mudou em relação a festa antiga?

O que mudou foi só isso que eu lembro que na época, naquela data não tinha assim, o pessoal não tinha assim o amor. Hoje tem. E o que mudou, que naquela época só rezava uma cruz. E hoje reza a todas.

O senhor já levou alguma coisa para o pé do cruzeiro e deixou lá?

Já levei quando era pequeno. É. que agente fazia penitência para chover. A gente levava água, levava pedrinha, né, colocava lá no pé da cruz, molhava a cruz, que era para chover. Hoje nos fala assim, agente fazia, chovia, parece que a fé acabou ninguém faz uma penitência mais...

E na sua família tinha essa tradição...

Tinha essa tradição...

De subir e deixar para pedir chuva...

Pra pedir chuva.

Sua família, todo mundo é devoto da cruz?

Minha família é.

E todo mundo sobe...

Alguns...aliás os que estão aqui vem, agora os outros que moram fora não deu certo de vir nenhuma vez, canso com eles pra vir, mas trabalha é empregado né, no dia não tem jeito de vir.

Agora o senhor sempre foi católico, sua família também, o senhor fez catequese, 1ª comunhão...

Já fiz.

Mas sempre todo mundo era católico?

Sempre. Meus irmãos todos são católicos meu pai minha mãe tudo católico. Eu só tenho minha vó que era católica [...] pouco tempo, passou a crente. É minha vó ela assistia uma missa lá no vale, ela chorava assistindo uma missa quando foi agora passou a crente.

Hoje o senhor participa da caminhada, porque? o senhor sente alguma coisa especial?

Eu sinto. Eu como vou dizer... gosto muito da caminhada, acho que como vou dizer... é uma devoção e uma tradição, né. É duas coisas uma devoção e uma tradição; uma tradição que, vamos supor, que veio dos antigo e parou, né. Agora o povo já de idade e como vou dizer, ensinando os mais novos também...

Pra perpetuar...

É.

Agora no dia-a-dia o senhor invoca o poder da cruz, alguma oração, ou é só naquele momento da festa?

É. Não sei nenhuma.

É só aquela né.
É só aquela.

Aquela o senhor sabe de cor?
 Quase toda né. Sempre... uma palavra...

Eu não entendi por que falava rápido e eu não consegui gravar.
 E também envolve muito a oração mas...

É longa...
 É. Na hora que Ana Lucia vier aqui ce pode perguntar ela que ela vai falar certinho procê.

A união, do povo.
 A união.

Acho que cada dia chega mais gente, acredito assim que mais o povo ta tendo fé e mais, como vou dizer, pra dar continuidade e mais incentiva a gente. Por causa que, vamos supor...

Na cruz, ou é o povo entende ...
 Fé na Cruz e na oração. Se oce começa fazer uma coisa, hoje vai dez, amanhã vai sete, amanhã vai oito, se for preciso ir só um, pára, num é?
 Se nós começou com 32 pessoas hoje ta dando ai 240, 270 pessoas, então mais animado nós fica, e aí já preocupamos assim se Deus ajudar, nos vamos ter que mata uma vaca não, vamos matar é duas.

[...] a união, a força da oração, porque? (pergunto sobre o aumento do número de participantes)
 É eu acho que junta tudo. Junta a união a força da oração...

E maior quando tem mais pessoas, né...
O senhor torce para que mais pessoas se regenerem na sua fé, voltem pra Deus
É isso mesmo?

E a comunidade mudou o comportamento das pessoas por causa da festa?
 Eu acredito.

Melhorou?
 Eu acho que melhorou, por causa que, sabe, vamo supor: hoje nos uniu fez essa casinha aqui. Qualquer coisa que for fazer pra igreja assim, fala: Ó gente, tal dia nos vamos fazer uma coisa ali, já vem mais gente, já vem mais gente.

Então as pessoas não estão mais distantes, não?
 É. Nós ia matar uma vaca ali, as vezes nós era 2, 3 pra matar, hoje não; vem aquele grupo ajudar matar. Uns ta matando outros ta tirando a carne outros ta cortando.
 As mulher já ta é cozinhando.

E antes não tinha essa união?
 Não tinha essa união; antes nós vinha, mas pouca gente no começo né. Hoje não. Hoje como é que vou dizer, se reunir todo mundo e ficar com boa vontade...

O senhor acha que as pessoas vem por que recebe graça, da cruz ou é esse conjunto?
Eu acredito. Eu acredito que a pessoa vem é a fé. É.

Melhorou a vida...

Eu acho que a fé. É assim, vamos supor: se você não tem fé numa reza pra que ir... é a fé que a pessoa tem de ir lá, de chegar aquele dia e acompanhar. E ce ver todo mundo rezando, todo mundo ajoelhando, todo mundo levantando, né. Jovens crianças, (...) ninguém reclama... então Por causa de comida não é, se fosse assim comia aqui e um bocado ia embora; acompanha a reza até no final, né. Por ai a gente vê assim...

É a fé...

É a fé. Se fosse por causa de comida, falava: nós tem uma vaca pra comer, vamos comer ela. Chegava aqui enchia a barriga e pegava a estrada e ia embora. Não; vai até o final, todo mundo. Costuma às vezes daqui é que tem muitas pessoas de idade que não consegue subir aquele morro lá, fazer a curva, né. Às vezes daqui pra lá inda tem mais gente do que pra cá.

O senhor vai em outro momento, por exemplo, não é dia da festa, da caminhada, o Sr sobe no cruzeiro assim mesmo?

Não; aí é difícil. Por causa que fica muito distante de casa né. Às vezes, quando às vezes agente vai passar ai a gente para lá, né. Mas assim, sair de casa e falar assim: “hoje eu vou lá na cruz...

Hoje as pessoas ainda levam a pedra e fazem oração pra pedir chuva?

Não.

Nem no dia da caminhada?

Não.

E isso mesmo.

(Agradecimentos)

E7 – José Maria Cardoso (ZÉ DE MARINHO)

O senhor hoje é casado, solteiro...

Sou casado, sou casado. Casado, aposentado.

Lavrador aposentado, né.

É.

O senhor tem filhos?

Tenho 12.

O senhor participa da caminhada...

É, participo. Agora é contar a história né?

Isso. O senhor é, hoje, é parte da comissão organizadora?

Sou, sou.

Hoje vocês já estão preparando a festa?

Tamo preparando

O que vocês estão fazendo hoje?

Acontece que hoje tamo fazendo essa reunião que é um prazer nosso... Nós... a caminhada é tradição. Só que nos mudamos. Meu avô chamava Tião Cardoso. Morava nessa fazenda que eu moro nela até hoje. Canastra, neste município. E ele rezava a santa cruz todo ano, mas rezava só na casa dele. Chamava e vinha todo mundo, rezava. Eu me lembro, eu, neto dele, idade de nove anos eu já rezava lá com ele. Gostava, ficava doido pra chegar o dia de santa cruz. Bom. Aí ele afaleceu. Ficou o filho dele que é esposo da Diola; é meu tio e é meu sogro, o Zé Cardoso do Curral.

Sim.

Ele rezada a santa cruz também todo ano.

O senhor é casado com a prima?

Sou casado com minha prima carnal, a Nenzinha, filha do veio Zé Cardoso com a segunda muie. Essa diola não é a mãe dela não. Ela é madrastra dela. Ele teve 24 filhos esse veio, o Zé Cardoso. Então ficou de tradição. Ai esse povo já veio, de idade, já num guentava mais andar... [...] Delvino, esse moreno, o Clovis, o cumpade Clovis, o [...] nós somos vizinhos, tudo vizinho, morador da região, né. E construímos aqui, esse terreno aqui, esse “curral”, essa igreja nos tinha um ranchão de paia(palha), nos já celebramo nele, uma paioasca [palhoça]. Ai um dia nós... falamo assim: ô gente vamo fazer a santa cruz? Vamo. E na época eu... na profissão e mexer com madeira. Os cruzeiro já tinha caído tudo.

Tinha quantos cruzeiros?

Aqui são seis cruzeiros.

Eles já existiam?

É. Só existia um, que era do meu avô Sebastião Cardoso.

Aí eu disse: ô gente eu tenho muita madeira, eu “adou” (doar) proces uma madeira.

Ai foi lá o caminhão e eu mandei pra dois cruzeiro, o daqui do curral e o meu lá de minha casa lá da fazenda que é do meu avô Bastião Cardoso.

Então o primeiro foi de Sebastião Cardoso. Foi de Sebastião Cardoso ou de D. Deolina?

Do Pai dele [do pai do Zé Cardoso]. Chama Morro do Cruzeiro lá;

Entendi. No morro do cruzeiro.

Lá chama morro do cruzeiro. Tá lá o nome.

O Primeiro cruzeiro fincado lá foi Sebastião Cardoso.

O outro aqui no curral. Tá ele lá em frente a Igreja.

Então o primeiro não foi no curral não?

O primeiro não. Aquele foi o segundo.

Esse é o segundo, que foi fincado por Zé Cardoso...O de seu avo é o outro.
Chama morro do cruzeiro, morro alto. [o da canastra]

É o cruzeiro da canastra? Onde é que fica? É o primeiro que a gente subiu, quando começa ali, não?

Não. É o segundo. O primeiro é de Delvino.

Mas o histórico é esse meu da canastra, o que puxou a nossa reunião.
Aí Juliana, nós foi reuniu e ... vamo fazer o seguinte: vamo fazer um churrasco? Vamo.
Aí compreimo uma vaca. [...] Entendeu.

Entendi.

Até hoje nós lembra, dessa região.

Quem quiser adoa, doa, se num doa nos paga. Mas todo mundo come e bebe. E aí matemo um boi; fizemo. Aí falei assim: vamo fazer... vamo partir a caminhada? Trocamos idéia apenas, os homem. Só homem não teve muie no meio não.

A maioria então primeiro, quem começou foram os homens?

Os home. Ai nos trocamos idéia, trocamos idéia ... e vamo fazer o seguinte:
Nós reza um mistério em cada pé [...] 100 gloria ao pai, 100 ave-maria, 100 pai-nosso.
Reza 100 vezes. Nos reza só 10 em cada um cruzeiro.

Vocês decidiram isso?

Decidimo. Que dá o terço, né. É da 100 ave-maria. Aí nos reza um mistério lá no Delvino, reza o outro, segundo mistério no meu cruzeiro lá, e desce. Chega em casa uma hora dessa; chega em casa aí todo mundo leva... a carne ta feita aqui, o almoço ta feito aqui, arroz, feijão, carne, tudo. Refrigerante nos compra, só não tem bebida alcólica, nós num aceita não. Nenhuma. Então chega lá em casa um leva um bolo, outro leva um requeijão, outro leva bolacha, um leva uma garrafa de leite, eu tenho um gado graças a deus faço uma [...] de requeijão. Meu quintal tem laranja demais, muito bonito graças a deus.

Onde chupei laranja?

Foi lá uai. É lá em casa...

Bom demais aquilo, gente.

Aí Chega lá na grama, igual cê viu lá né. Aí desce todo mundo e aí agora eu grito: Oh gente, ces que comê, come, que eu do mesmo; pode comê, pode comê aqui tem fartura, essas muié tudo chia me grita, eu canto pandeiro e rezo e nós aí come. Quando termina... já entra no carro e vem esquentar a comida aqui e nós vem todo mundo caminhando. Nunca montei numa bicicleta nessa caminhada. Tem 4 anos que nós vem a pé e rezando, batendo pandeiro e cantando. Chega aqui nos faz do mesmo jeito e ai almoça. E ai nos vai lá em cima. Quando termina vem a palma da mão: a farofa; o que sobra farinha dentro e põe na mão; um pega um pedaço de osso, outro pega uma sopa e é essa farra. Aí dá saudade.

E aquele é o último?

Não. Aquele e o do veio Zé Cardoso e tem o outro do Catarino lá na...
Nos vai nos 5: no Delvino, no morro do Zé de Marinho, o da igreja esse aqui.

O morro do delvino tem nome?

Tem Não. O cruzeiro do Delvino.

E o da canastra?

O meu é o da canastra.

Delvino da Patrona. Chama da Patrona o Delvino. É primeiro cruzeiro. Nos começa 7 hora da manha lá. Das 7 às 8. Agora vem pra canastra, da canastra vem pra igreja esse aqui. O quarto: Zé Cardoso, do curral. Do meu sogro. O outro o derradeiro, o quinto: Catarino Veloso; aí terminou a caminhada. Entendeu? É isso aí Juliana. Essas madeira tudo eu dei.

Pra colocar os cruzeiros?

Tudo cruzeiro novo. Essa mesmo olha, eu pus ele dia da Santa cruz. Esse aí. É peroba, 50 anos que nos for vivo se nós passar aqui eles estão aí do mesmo jeitinho.

Foi aquele dia que ele foi fincado...

Foi, naquele dia.

Então este cruzeiro da igreja foi fincado no dia 03 de maio de 2013.

E antes disso?

Tinha um mais veio aí.

Nós pôs o novo. A madeira nova. Colocamo a madeira, tem muitos anos, 4 anos, nos reza aí com ele, mas com o veio. Apodreceu nos pos madeira nova.

Lá no alto do morro, se acontecer isso o senhor troca?

Já ta trocado, o do meu avô nós trocou e já pus o novo. Dei a madeira nos fez, nós fez: o Ddelvino, Clovis, Teodomiro nos vai, junta tudo e faz e finca. Aquele dali eu dei a madeira, apodreceu nos pusemos. Só o do catarino que foi o catarino que fez muito bem feito.

Deixa eu falar com o senhor. Eu vejo os cruzeiros todos enfeitados. Quem é que enfeita, é o povo, vocês que levam alguma coisa ou ele já fica daquele jeito pra festa?

Cada um tem seu carinho com sua cruz. O meu da canastra é eu que enfeito. Se eu quiser enfeitar, eles troca, ou deixo ele do jeito que tá. Aqui eles faz de outro modelo; a Diola capricha nesse aqui, de Ana Lúcia aqui. Lá de Delvino, é ele que faz o dele do gosto dele. E roça a estrada. Eu nunca rocei.

Alguém já levou alguma coisa pra por no pé do cruzeiro? O senhor já levou?

Leva. Nós leva pedra, água...

Por que leva pedra e água? O que significa?

A pedra é penitência né. É penitência levar a pedra ao pé do cruzeiro.

De carregar a pedra. Como por exemplo: numa crise dessa meu avô Bastião, esse cruzeiro do meu avô, Juliana se você chegar lá... o Delvino não carrega aquelas pedras na cabeça, uai. Quando dá uma soleira dessa, o que o povo antigo fazia? Hoje ninguém quer fazer mais. Meu avô apanhava a família dele, e apanhava a pedra, minha mãe, punha na cabeça e o litro de água ia lá, molhar o cruzeiro e rezar.

Pra que levava a água?

Pra pedir a chuva. Quando chegava rezava e molhava o cruzeiro. Antes dos nove dias, eles terminava a penitência - chamava penitência- terminava, cuspiam uma chuva. Agora hoje nos tem 4, 5 meses de seca torrando tudo e ninguém quer subir no cruzeiro. Mas quando nos tá na

caminhada, um leva um pedrinha, um leva uma flor, planta flor... a cumadre Ana Lucia plantou umas planta lá, pegou. Nós que plantar aqui, no meu lá... É natural, nasceu um matinho natural, eu não deixo ninguém desmatar ele. Ô Zé de marinho porque cê num roça esse mato? Não... é parar no mato. Eu quero é histórico, é pra ficar histórico. Até minha fazenda lá é histórica, eu quero que fica, é pra ficar no que era do meu avo, não quero que mexe em nada.

Era do seu avô, o senhor herdou isso dele...

Herdei isso dele, é uma herança. Até hoje, graças a Deus, todo santo dia, só se eu tiver trabalhando demais, às vezes mexo com o gado, mas a santa missa eu assisto todo dia, a da Aparecida e a da canção nova. Minha mulher também gosta de rezar. Se ela tivesse aqui ó...

Quantos anos tem de quando Sr. Sebastião fincou o primeiro cruzeiro?

Ah, Juliana deve ter mais de 70 anos isso aí.

É mesmo?

Tem uai, pois eu não era nascido e eu sou de 68. 70 anos, vamos botar 100. Mais de 70 anos que ele subiu o cruzeiro e fincou lá nesse morro...

Ele tinha algum motivo especial pra fazer isso?

Tinha. Religião ele era católico, né.

Era a fé mesmo...

É fé, fé... positiva. Ele era rezador. Quando de primeiro, eles contava aí, o pai contava, minha mãe contava... O capeta vinha aprontar na casa dos casal, ele era o benzedor. Ele vinha e tirava, igual o padre hoje faz, meu avô bastião Cardoso.

Ele era muito religioso...

Muito religioso. Ele entrou numa casa lá, quando ele entrou o capetinha sentou nele um adobe na coluna dele, quase quebrou ele. E minha filha... eles contava esse caso pra nós...

Hoje isso acontece?

Hoje não, hoje não em isso não. Graças a Deus tem não .

Quantos anos tem que o senhor participa então?

Desde a idade de 9 anos, até hoje. Ta com 61 anos né.

Todo mundo na sua família participa?

Todo mundo em minha família participa.

E vão porque?

E por que eu acompanho, né Juliana. conforme a caminhada do pai, conforme o pai cria, é os filhos, né. Se o pai for cachaceiro, cachaceiro; maconheiro, maconheiro, né. Se o pai for lavrador vai plantar. As vezes forma. Minha turma num quis formar não, [...] Mas qualquer um sabe montar um cavalo, sabe trabalhar.

O senhor hoje participa da caminhada por que? A fé a tradição...

Eu participo da caminhada e quanto vida eu tiver agradecer a deus o bem que meu avo deixou pra mim. Foi o dote que meu avo deixou na família. É uma coisa muito maravilhosa a caminhada e dom Geraldo abençoou nos, ficou loco com nos nessa caminhada e pediu: Oh, gente não deixa acabar não. E nós quer sua força pro cê ajudar nos também para num acabar.

Oh, Juliana de três anos pra Ca nos num gasta nada , nos ganha. Ano passado mesmo um vereador de Itacambira chegou [...] nós. Ficou com nós falou: Oh Zé de Marinho, oh delvino, o ano que vem cês caça uma vaca aí dos seu gosto é eu que vou pagar. Chama Rafael lá de Itacambira. Falei tá bom Rafael. Nós começamos pagando, nos só pagou uma.

Voces estão organizando já?

Estamos organizando. Já temos a vaca. O rapaz...

E como é que vocês organizam o povo, o povo já junta tudo aqui no dia?

Organiza não o povo vai ajuntar lá no Delvino,, começa lá no Delvino, As 7 da manhã igual naquele dia lá...

Não tem que sair chamando o povo não...

Não, não. Dia 3 de maio tudo mundo já vem até aquele [...] que estava aqui que mora lá em montes claros, já ta convidado. E louco vem mesmo. Venho pra Ca dia 02, dia 03, 7horas tô lá no cumpadre Delvino, até de noite. E aí nos ganhamos a vaca e comemo.

Quem faz a comida?

Essas muié tudo aí. Nesse fogão. Os tacho era adotado. Nos fazia primerio na casa de Ana Lucia ali; ela recebia nós na casa. Depois cumpade [...] aí nós inteirô: gente, vamo fazer um negócio? Fica sujando a casa da mulher, casa de cerâmica. Vamo fazer um comodozinho pra nós? Vamo. Juntemo e fizemo essa casinha aqui. Agora nós... um tem um tacho outro tem outro. Tras os tacho pra nos cozinhar. No dia firme vem nos, o zelador, os responsáveis vem todo mundo ariar os tacho. Ai nos ária tudo bem ariadim, põe no carro vai de casa em casa e entrega pra quem nos tomô emprestado. Quando foi agora, tem uns 15 dias, nós foi em Montes Claros, numa D20, entramo lá na casa compramos 1300 conto de vasilha.

De que?

De tacho.

É do povo?

É do povo. Da comunidade junto. Nós faz leilão aqui, pega leilão, um doa um bezerro, outro tira do bolso pra dar,

Tudo pra a caminhada.

Tudo em louvor da caminhada. Entendeu. Então já vai criando, graças a deus.

Quais são as comunidades que participam hoje assim mais firme da caminhada?

Aqui é Pedregulho, Lages, comunidade de machado. Essas quatro comunidade é unida com a caminhada aqui. Entendeu. Curral...

Agora sem ser o momento da festa da cruz, outro momento o senhor vai no cruzeiro?

Vou. De vez em quando em vou lá.

Continua a ir...

Continuo.

No dia a dia o senhor lembra da cruz?

Lembro. Dia que eu vou lá, passo lá rezo um bocado...

O que que o senhor reza, o senhor tem o hábito de fazer o sinal da cruz, beijar a cruz.
Tenho uai. Ajoelhar e beijar.

Por que o senhor beija a cruz?

Por que Jesus morreu nela por nós, né. Por que nos beija a cruz porque nos tem amor a cruz, né.

O senhor carrega no pescoço?

Eu tinha um [...] ele perdeu. Sumiu.

Tem dentro de casa, na sua casa?

Tem.

Num altar ou tá na parede?

Não. Lá em casa eu tenho os santo tudo, tenho um santinho, nós faz novena. Agora mesmo nós estamos fazendo o cenáculo terminou sábado agora.

O senhor tem outro santo de devoção?

Tenho. Nossa Senhora Aparecida minha apaixonada, é Nossa Senhora Aparecida minha padroeira. Mas todos os santos eu tenho fé né, mas Nossa Senhora Aparecida é minha protetora.

Eu achei interessante uma coisa: o símbolo da cruz na camisa, quem escolheu esse símbolo?

Foi nós mesmo.

E porque vocês escolheram esse?

É o desenho da cruz, ela é da Santa Cruz é diferente né. Aqui no dia da caminhada, quem quiser participar vem com a camisa da Santa Cruz ai nós manda lá em Belo Horizonte, tem uma menina que é da camisa aqui, ela é costureira lá, ai nós manda, nós pede ela lá 150, 200 camisas, já pega o numero, ai nas camisa vem... a pessoa que é o secretário pega o número das crianças, cada um um numero, sete ano, dez ano, adulto, né. Ai nos faz lá 200,300 camisa... E quando é no dia chega que a pessoa pra vender; as camisas cada um compra.

E esse dinheiro já paga...

Esse dinheiro vai lá para pagar a dona a costureira lá, a alfaiate que é dona do (...)

Mas nós pede o modelo.

Entendi. Foram eles que mandaram esse modelo pro senhor desse desenho?

É. Veio pra todo mundo o mesmo desenho.

Ninguém falou: Faz esse desenho não, fez lá...

Fez lá.

Entendi.

Nós pede com a cruz, né... Manda por escrito e ela faz.

Aquela oração que faz no cruzeiro...lá na caminhada, o senhor faz ela no seu dia dia, um dia qualquer o senhor levanta e faz?

É muito difícil, né.

É só aquela mesmo própria da caminhada...O ofício o credo, essas orações também vocês vão rezando por que, é só fazer o trajeto até o cruzeiro?

Não. Quando nos falha o terço nos reza direto em casa, né. Todo dia nos reza em casa, na minha casa mesmo nos rezamo; nem que nós rezamo até 10, 11 horas mas tem que sentar e rezar o terço.

Quem inventou aquela oração que faz no pé do cruzeiro?

A da Santa Cruz? Oh, minha filha aquela ali eu vou te falar pro'ce isso aí eu já não sei quem foi que inventou.

Mas toda vida tem ela , né...

É. É ela mesmo. Desde meu avô, essa que é a oração, o sogro veio Zé Cardoso, é essa oração, já vi de várias [...] aqui pra fora reza é ela mesmo. [Recitou a oração]

O senhor teve alguma experiência com a cruz, algum milagre que o senhor recebeu de ter subido na caminhada?

Tenho. Tenho. Eu tenho, eu não sei. Tem gente aí que fala que cansa, eu nunca senti nada, não.

O senhor tem outra devoção, que é a Nossa Senhora, né. Lá no dia que a gente faz a caminhada, todo mundo que ta lá o senhor sabe se é católico?

É.

É devoto da Santa Cruz?

É devoto da Santa Cruz.

Tem outro motivo pra subir o morro?

Não, não. É tudo a caminhada da Santa Cruz, rezando direto. O dia inteirinho rezando.

O senhor tem imagens de outros santos em casa? Quais?

Tenho. Tenho. Tem Nossa Senhora Aparecida, tem Santo Antonio, Nossa Senhora das Graças, o Senhor Bom Jesus, tem um quadro de Santos Reis, que eu sou folião de Santos Reis, aprendi a cantar folia da idade de 11 anos já comecei cantar folia.

Os foliões eram daqui?

Tudo daqui.

[...]

E deixa eu falar com o senhor, algum político participa da festa?

Político? Vem.

Pede voto?

Ah, chega a pedir voto, mas isso aí nos num vai por isso, né. Agente recebe...

Mas o senhor considera que é uma tradição?

Uma tradição, isso mesmo. Vereador vem, prefeito já veio em nossa caminhada...

O senhor participa de alguma coisa na igreja, o senhor é membro de alguma coisa na igreja, o senhor vem a missa todo domingo?

Venho, eu gosto do culto venho a missa, mas não sou ministro, não sou... só ajudo a igreja. Eu grito leilão! Sou gritador de leilão aqui!

O que mudou da festa de quando começou até hoje?

Mudou muita coisa. A união, né. O respeito que o povo criou o carinho, um com outro os cumpadre, com as comadre, as cumpade com os cumpadres, mudou muito isso aí todo mundo tá vendo essa graça aí.

Então mais gente tá participando?

Mais gente. Uai, nos começou com 30 pessoas, já teve ano aqui com até 260, graças a Deus, né? Num tá bom?

(Agradecimentos)

E8 – Maria Helena Ferreira Neves

Então D. Helena, quando eu vou falar com as pessoas, eu tenho que pedir permissão para gravar e publicar; o que a senhora tá falando, a senhora permite?

Permite uai.

Eu tenho que identificar e dizer quem são essas pessoas que conhecem, que “caminham” ou “caminharam” e que conhecem...

Todo ano eu tenho minha blusa da caminhada só não tenho uma amarelinha que eu num gostei dela e larguei pra lá. (risos)

O nome completo da senhora?

Maria Helena Ferreira Neves.

Data de nascimento?

Eu nasci no dia 11 de Junho de 1941.

A senhora nasceu aqui?

Não. Mais ou menos aqui mesmo, aqui na região.

Qual a profissão da senhora?

Mexer com roça mesmo, em casa...

Qual a escolaridade da senhora?

Eu estudei no projeto, porque eu não fui pra escola porque meu pai não deixou eu estudar não. Pois eu ajudava nos negocinho da igreja.

A senhora é casada, solteira...

Sou viúva; faz 28 anos que eu sou viúva.

Quantos filhos a senhora tem?

Eu tenho 11 filhos.

Então D. Helena, que a caminhada significa para a senhora e há quanto tempo está na caminhada?

A caminhada pra mim é uma coisa muito boa, né. Mas quanto começou eu já estava com problema e por ordem médica eu não fui; porque não podia.

A senhora falou “quando começou”, mas na verdade teve outra fase antes, não teve? E depois teve uma parada; porque pelo que ouvi das pessoas, foi que ela parou e começou de novo e a senhora falou que não participou.

Mas no José Cardoso eu ia também, só que ele fazia só na casa dele até o cruzeiro, né.

E a senhora ia lá? (no cruzeiro)

Eu ia.

Há quantos anos, senhora lembra?

Faz muitos anos, eu não alembro. Quando eu tinha 28 anos de casada.

Ficou quanto tempo parada? Há trinta anos atrás ainda tinha, né?

Eles pararam eu não sei porque foi; que mexia com isso ele mudou daí né e adoeceu.

Então a senhora participou numa época antiga na fase antiga há trinta anos atrás.

A senhora era devota da cruz?

Graças a Deus! (risos)

O dia que eu não vou na igreja eu fico me sentindo meio assim... quinta-feira passada chegou uma mulher lá em casa e ficou atrasando eu e eu querendo ir, querendo ir...

Toda a sua família participa da festa?

Participa; os que moram longe não. As nora, os neto, os genro, tudo vai.

Como que a senhora conheceu a festa?

Conheceu porque agente já morava aqui quando eles faziam, eles já fazia a caminhada a gente ia né.

Lá no Curral?

Ia lá no curral, com os vizim que juntava tudo e ia, todo mundo ajuda na festa, aí a comunidade dando arroz, feijão... ano passado eles ganharam uma vaca pra fazer!

Por que motivo a senhora ia?

Porque eu gostava né, coisa que é de Deus eu gosto, agora coisa que é de ... eu não gosto não! (risos).

As pessoas levam para o cruzeiro algum objeto de promessa... a senhora já levou algum objeto, algo material para o cruzeiro em razão da sua devoção?

Não. Num alembro

Na sua casa, a senhora tem algum altar onde faz as suas orações, e nesse altar tem alguma cruz ou cruzeiros, na porta da casa ou no peito?

Tem uma cruz que fica no armário, que tem as imagens de Deus então fica bem guardado.

No dia-a-dia a senhora lembra da cruz pelo sinal da cruz ao deitar e ao levantar né. Tem outra forma que a senhora lembra?

Lembro na hora que eu deito eu agradeço a Deus, peço a ele pra poder me abençoar, abençoar minha casa, minha família, abençoar tudo, agente e as pessoas do mundo inteiro, tem tanta coisa que acontece no mundo, né...

A senhora tem alguma oração preferida?

A oração que eu faço todo dia é que eu rezo o Pai-nosso, rezo o terço e que a gente vai nas reza da igreja, nós reza nas casa, nós reza na igreja.

A senhora usa a cruz no pescoço, ou no peito?

Não eu uso uma medalha de Nossa Senhora no pescoço.

Mas a cruz não...

Não. Mas vou comprar uma pra mim. Tem uma que é da minha menina... Dom deu pra minha menina no batizado, porque ele gostava demais da minha menina, que ela era deficiente, eu tenho ela guardada lá em casa.

A senhora já teve alguma experiência marcante com a cruz, ou fez alguma promessa?

Eu queria fazer um pedido de saúde.

Você reza a oração no pé da cruz?

Eu já pedi no pai eterno e nossa senhora aparecida, esses dias eu fui num terço da casa de uma mulher.

A senhora recebeu catequese, e sua família, aqui mesmo?

Não. Toda vida foi em casa...

Da santa cruz a senhora é devota?

Eu sou devota né, eu vou, nem eu não tô aguentando eu quero ir lá um pouquinho participar.

O que que a senhora gostaria de lembrar da História, alguma coisa marcante que a senhora queira divulgar sobre a Santa Cruz?

Incentivou as pessoas a saber que isso é uma devoção, saber que Deus deixou né, Deus morreu na cruz.

E9 – Maria de Fátima Dias

Que se deslocam e vêm para a região de Lages...

E vai para Lages depois vão para encerrar na região de Curral. Chama Curral II.

Fátima, então sobre a festa: Quando foi que você conheceu a caminhada de santa cruz e como aconteceu?

Desde quando nos começamos a trabalhar na comunidade, em 1991, que Dom Geraldo começou a ir nas comunidades, nas comunidades, paróquia São João Batista de Terra Branca, a gente já ouvia falar que havia essa devoção no dia 03 de maio, só que nós nunca tínhamos participado, nunca tínhamos ido, porque Dom Geraldo era o bispo da diocese... era o pároco lá também, mas era o bispo... então ele não tinha um tempo suficiente pra isso. Mas ele nunca deixou de dar aquela... ênfase àquilo, divulgar para eles, falar da importância de venerar a cruz, e ... ele nunca deixou. Sempre ele punha tudo nas alturas para ajudar a comunidade. E isso foi criando... assim: Eles falavam assim: dom Geraldo nós andamos, visitamos sete cruzeiros. Aí começava: Dom Geraldo: como é foram essas visitas? Aí eles começavam a falar: a gente começa de madrugada, às cinco e tanta da manhã, seis horas da manhã e vai até às cinco da tarde. Aí a gente vai passando por vários cruzeiros, rezando, esse dia ninguém trabalha, esse dia é feriado pra todos nós. Então a participação era muito maior. Vinha gente

de Terra branca vinha gente de todas as comunidades ali perto, e quem nos contava mais sobre isso, era um senhor chamado João Gasparino, que já foi vereador na comunidade, que mora em Terra Branca, então ele fazia questão de participara por que ele também morou em Machados. Então ele contava pra Dom Geraldo. Daí quando Dom Geraldo se aposentou, ficou bispo emérito, aí Dom Geraldo falou assim: eu vou vir aqui um dia pra conhecer essa devoção suas da Santa Cruz. E foi aí que ele começou a ir e celebrar ao meio dia pra eles; a missa era impreterivelmente meio dia. Dom Geraldo já estava assim... com a saúde abalada, já tinha dificuldade de ajoelhar mas ele ia lá e via as pessoas o que as pessoas com aquela devoção de bater o joelho no chão, de rezar quantas vezes fosse necessário, levantava, batia o joelho no chão, falava uma oração que até hoje eu não consegui guardar aquela oração. Eu não consegui, nunca consegui não. Até Dom Geraldo me falava mas não procurei guardar não. Mas eu participava da missa, igreja lotada... aí essa participação até foi diminuindo. Porque? O pessoal começou a trabalhar nas lavras. E aí eles tinham que dar conta do trabalho. E a lavra, é “se achar uma pedra” não importa o dia ou a hora, mas se achar uma pedra. Se achar uma pedra, tinha dinheiro para comer no fim do mês, se não achasse não tinha. Então eles valorizavam todos os dias mesmo os dias de santa cruz, como eles falavam, dia 03 de maio, não importava o dia que era, eles vão trabalhar, muitos vão trabalhar. Principalmente os homens, e esta devoção o que mais chamou a atenção de Dom Geraldo foi a participação dos homens, por que era muito homem. Cê percebeu aquele dia que cê foi a participação dos homens. E daí com esse trabalho na lavra, essa participação caiu um pouco; caiu mas continuou e a participação das mulheres, mas os homens era muito mais, isso chamou a atenção de Dom Geraldo.

Você falou uma vez, uma coisa que eu achei muito interessante, assim: Dom Geraldo teria achado ali a oportunidade de evangelizar...

Ele falou mesmo; como é que a gente perde um momento desse: esse monte de gente reunido para venerar, ou até mesmo com uns falavam adorar, mas é mesmo venerar a cruz. Ele falava assim: a cruz, a parte mais importante... e começou a descrever a importância da cruz, na vida. Na vida do povo, a partir de Jesus Cristo né, e na vida da comunidade, a partir disso aí. E ele começava a falar dessa importância da cruz; A cruz que Cristo morreu... nós temos essa responsabilidade, de venerar a santa cruz, fazer da cruz uma coisa, assim de importância, de...

Fátima, você acha que depois de Dom Geraldo ter iniciado essa catequese, você percebeu que houve mudança; se era uma devoção espontânea que nasceu ali e de repente com a catequese, as pessoas entenderam um pouco mais, sobre a devoção, o significado da cruz...

Houve sim. Sim. A devoção à cruz. Aumentou sim. Apesar de ter diminuído o numero de pessoas participantes devido ao trabalho, mas a devoção e a maneira como ela era difundida, isso cresceu muito a evangelização das pessoas. O conhecimento e a religiosidade das pessoas; quer dizer: aquilo não tornou só uma obrigação: “por que eu vou ver lá a Santa Cruz.” Não. Aquilo tornou uma coisa, de fundamental importância na vida da pessoa. Eu vou porque eu tenho fé. A fé aumentou.

Então a devoção ficou mais fundamentada na fé do que na obrigação. Então antes iam mais por tradição...

Por tradição, porque fulano ia... Agora não. A gente percebe que tem aquela fé. Aquilo é importante para mim. Eu só nunca ouvi falando assim, se alguém fez alguma promessa, se conseguiu alguma coisa... Isso nunca ouvi falando mas pode ser que alguém tenha feito algum tipo de promessa e nunca contou pra gente, né.

O quê que as pessoas comentavam da caminhada, assim que chamou sua atenção, quando vocês chegaram ou até depois da “catequese”?

Eles falavam assim: a gente falava: Nossa, esse tanto de quilômetros que vocês andam, a pé subindo morro e descendo morro, não cansa? Não. É normal; é como se agente tivesse andando nessa rua aqui ó. Então o quê que eu atribui a isso? A fé. Eles não vão não é porque querem andar... não. A minha fé me leva a isso e eu não canso por causa dela.

Mas isso muito mais depois que eles receberam a catequese...

As orientações de Dom Geraldo. Mas mesmo antes a gente perguntava né: “Cês num cansam, 7 cruzeiros... cruzeiro não sei aonde, cruzeiro não sei aonde... era distante os cruzeiros que eles iam. Não. A gente não cansa não.

Eles falavam assim: ah, porque a gente já faz isso há muito tempo... Há quanto tempo eles falavam assim? O que você sabe do surgimento disso, antes de vocês conhecerem? Exista algum dado anterior?

Eu não tenho certeza, nunca perguntei. Antes de dom Geraldo assumir lá, no tempo dos outros padres que passaram por lá, se faziam isso. Os últimos que passaram que eu conheci foram Pe. Silvano e Pe. Zé Gabriel. Passaram outros, mas que a gente conheceu foi Pe. Silvano e Pe. Zé Gabriel. Quando o primeiro padre Zé Gabriel saiu veio Pe. Silvano. Pe. Silvano é um padre Italiano, da diocese de Diamantina. Do outro lado do rio já é a diocese de diamantina, da Terra Branca, já é diocese de diamantina. Ali era mais perto para eles darem assistência. E dom Geraldo quando Pe. Zé Gabriel (assumiu), deixou a paróquia, ele sugeriu que Pe. Silvano tomasse conta. Dom Geraldo disse: “Pode uai. Eu acho é bom você dar essa assistência pra mim. Porque aí tá mais perto pra vocês do que eu mandar um padre daqui de Montes Claros pra aí.” Então Pe. Silvano continuou. Quando Pe.. Silvano deixou, que ele foi pra Itália, e tal, foi embora, ele foi e avisou dom Geraldo que não daria mais e que lá na diocese não havia nenhum padre disponível que podia assumir aquelas comunidades daquele lado. Então eu não tenho certeza se no tempo de Pe. Silvano já havia isto. Mas Pe. Silvano era uma pessoa ... Nossa... Talvez assim ele tenha contribuído muito com esse tipo de evangelização. Por que ele era doado mesmo a estes tipo de serviço, às pessoas mais simples, ele dormia na casa de qualquer um, comia na casa de qualquer um... pra ele era normal. Era uma pessoa ... nossa... e tanto. Mas eu nunca perguntei, nunca tinha perguntado se no tempo dele, né? Se foi no tempo dele se foi com o Padre Zé Gabriel, ou de outros padres, ou se assim... eles nunca falaram com nenhum padre, mas tinha a devoção.

E se realmente acontecia com o apoio da igreja...

Ou não.

Ou não. Porque me chamou atenção assim o modo como eles se organizam, né.

É eles são muito organizados.

Eu percebi que não havia nenhuma autoridade da igreja à frente da caminhada. Então desde sempre, eles é que tomaram a frente, organizaram a festa, o almoço...

Dom Geraldo sempre deu apoio mas dom Geraldo nunca foi; dom Geraldo sabia que existia aquilo lá. Mesmo antes ele sabia que existia, e quando ele assumiu a paróquia ele sabia que existia mas nunca falou: “deixa de fazer”, não. Pelo contrário, ele nem foi lá saber como eles faziam mas deu apoio. Aí a partir da hora que ele pode ir pra ver como é que é, aí ele foi 3 anos seguidos. Isso agora tem um padre lá, não sei se o padre celebrou ano passado, que é o padre Fernando. Era até pra perguntar, eu esqueci de perguntar. A última vez que vocês foram, que nós fomos lá, não tinha padre lá, tinha?

Não. O padre viria à tarde.

É o padre chegaria mais á tarde. Pode ter sido que foi. Se foi à a tarde, vamos ver. Esse ano eu não sei como é que vai ser por ser um sábado.

Interessante. Que tem maior possibilidade de não ir.

De não ir. Sabe por que? Por que o sábado nas paróquias é muito cheio de coisas. Por exemplo: o padre tá lá em Olhos d'água; se lá tiver casamento, essas coisas pode ser que ele não vá lá, fica difícil, mas pode ser que dê um jeitinho também de ir. O padre Jorge que agora assumiu Itacambira, tá pertinho, quem sabe padre Jorge pode ir. Então entre eles pode tá conversando isso aí. Mas é entre eles, eu to só assim falando mas não sei se vai acontecer não.

Fátima, existe uma hierarquia, por exemplo: os festeiros, as cozinheiras, os que vão orientar as rezas no cruzeiro... Existe isso no grupo? Você já ouviu falar se existe essa hierarquia, ou eles vão espontaneamente: "eu cozinheiro..." "fulano faz isso..." "esse ano tem o festeiro, o ano que vem é outro..."

Não, existe sim. O festeiro, não é no sentido de ser festeiro não, mas parece que sempre a procissão saía daquela casa que a gente foi, daquele moço parece que ele que é um dos organizadores. Agora quanto à comida sempre foi feita na comunidade de curral II ali na Ana Lucia, sempre foi ali. É o ponto de apoio como se fosse a metade do caminho.

Lá onde a gente estava?

É. Onde houve o almoço.

A igreja e o cruzeiro na frente da igreja?

Sempre foi ali. Ali fazer o almoço. Agora como é que eles faziam a comida. Antes compravam a vaca, matavam, e cada um ali doava uma coisa pra comida. Então era mais ou menos um arroz, feijão, uma farofa, né, a carne e tudo... Aquele ano que nós fomos, foi bem melhorado nisso; a gente percebia. Porque? Uma das pessoas que morava comunidade faz o curso de gastronomia, pode ser? Faculdade de gastronomia aqui em Montes Claros. Que é Noel. CE percebeu que tinha muita salada. CE viu que tinha uma salada umas coisas diferentes. Ele que fazia. Mas sempre foi ali. Agora, tem pessoas de todas as comunidades cozinhando. Então parece-me que tem uma organização.

E há doação de dinheiro?

Eu penso que sim.

Existe por exemplo um político que vem e oferece alguma coisa?

Tem. Já ouvi falar sim. Inclusive eles tinham uma camisa que eu tinha. Uma camisa que foi um político de belo horizonte mas que é da comunidade lá, e que mora em Belo Horizonte e que ia candidatar a vereador pra lá pra belo horizonte, que ele patrocinou as camisetas. Então tem política no meio.

Com certeza.

Entendeu? O ano passado parece que houve também é assim... alguém que facilitou; mas não doou tudo não; tanto é que eles venderam as camisas. As camisas foram vendidas.

Ah, no ano passado...

Aquele ano que nós fomos foi ano passado? Foi ano passado que nós fomos? Sim. Então é assim, vai na casa... "Cê quer a camisa fulano?" aí pega o nome de todo mundo e manda fazer

umas a mais; pode aparecer; eles lembravam que a gente ia: “ah tem que ter a de Dom Geraldo”, a de Fátima, a do motorista...tal.

Sempre teve as camisas? Com ajuda ou não...

Sempre nos anos que nós participamos teve as camisas; cada ano de uma cor. Desse político mesmo que doou, parece-me que era verde. Aquele que nós fomos é abóbora.

Então nesse tempo em que você conheceu, e veio caminhando e vendo acontecerem as coisas lá, nenhum outro padre fez o que Dom Geraldo fez?

Em que sentido? Apoio...

Deu seguimento a esta catequese do povo...

Que eu saiba não, Juliana.

Continua agora de forma espontânea?

Eu penso que o padre Fernando ele deve ta continuando da maneira dele.

Existe alguma coisa que te chamou a atenção, que você disse assim: “isso merece um pouco mais de atenção”, no sentido de catequese mesmo... alguma prática que você considerou excessiva, alguma oração que você considerou que não cabe,

Você percebeu se existe outra devoção junto àquela da cruz?

Eu penso que não, Juliana. Tudo era novo pra mim. É novo. Eu não conhecia aquela espécie de devoção à Santa Cruz. Nesse sentido. Aqueles homens tudo com um terço na mão, bate o joelho no chão, levanta, reza... torna bater de novo... cê viu aquilo lá. Então aquilo era novo. E eu só via enquanto tava ali, porque eu nunca acompanhei. Eu nunca dei conta de acompanhar, né. A gente chegava, tava ali o pessoal reunido rezando o terço naquele cruzeiro em frente à Igreja, depois Dom Geraldo celebrava a missa, e depois da missa o almoço. Aí eles já sabiam rapidamente... isso tudo era rápido não era demorado não. Tanto é que a missa não era demorada e nem podia ser demorada. Se dom Geraldo gastava por exemplo, uma hora e tanta numa celebração, nesse dia lá se ele gastasse 40min era muito pra celebração. Mas ele fazia tudo direito, e a pregação, chamava as pessoas na frente... Tem uma coordenação sim; por que dom Geraldo chamava “quem está a frente?” E tal chamava. Então existe uma coordenação. Mandava bater palmas... então existe uma coordenação sim.

Mesmo sem nenhuma autoridade eclesiástica, eles se organizavam?

Não eles mesmos se organizavam e faziam tudo.

Agora o quê que você sabe sobre aquelas cruze fincadas em tão... Lugares tão distantes, no meio do mato, em cima de duzentos metros de altitude?

Pois é. Aquele em cima do morro...Eu nunca entendi, por que, eu não sei...

Quem fez aquilo?

Eu não sei. Coisa antiga. Coisa antiga. Eles falam “o cruzeiro”.

Muito antes da devoção?

É. Eu não sei se era antes, ou se eles fizeram aquelas cruzeiras para a devoção, mas existe aqueles cruzeiros. Eu so conheço, para ser franca, conheço um em frente a igreja de Lages, em frente à igreja de Machados tem um cruzeiro... em frente as igrejas tem. Eu vi que me chamou atenção, aquele no morro logo depois da casa de Ana Lúcia, indo lá pra frente um pouco assim, em cima do morro. Eu não sei pra que aquele cruzeiro ali.

Nunca tive a curiosidade de perguntar: quem fez? Pra quê que fez?

Eu não vi este.

Vocês foram lá uai... ah, não! Nós voltamos ali... é porque nós voltamos embora, eles continuaram e nós voltamos.

Isso. É .

Então, pra frente um pouquinho, talvez um ... meio quilometro, da igreja onde nós estávamos, seguindo ali em frente, tem a casa de Ana Lucia, depois tem a casa da mãe dela e segue um pouco pra frente ali, tem um cruzeiro em cima do morro. Parece-me que este é o último cruzeiro. Acho que este é o último cruzeiro.

Eu me lembro sim de eles falarem.

Nós não tivemos oportunidade. Mas sábado agora se a gente tiver essa oportunidade, a gente pode ta andando um pouquinho só pra ver. Porque os outros cruzeiros eu não conheço não. Vocês viram e eu não vi.

Exato. Tem um cruzeiro que eu achei assim muito interessante, foi de uma informação de uma devota que falou assim: “aqui tem um irmão meu enterrado”. Mas muito, muito, muito longe... Era o mais alto que nós fomos.

Um irmão enterrado. Tem cercado?

Não é cercado, bão tem nada assim que indica que era um cemitério. Porque é um lugar muito íngreme, tem um lugar plano sim até a gente chegar nele. Depois tem muito barranco.

E ela disse que tem um irmão enterrado lá. Você sabe se esta prática era costumeira?

Não. Eu nunca ouvi falar não. Mas eu sei que naqueles cemitérios que eles faziam nas fazendas sempre tinham um cruzeiro. O cruzeiro ele significa também a morte, porque Jesus morreu num cruzeiro. Então pra eles significa, a devoção deles é isso ai; cruzeiro é morte também.

Então pode ser um indício de que isso está na mente deles....

Se morreu alguém e vai enterrar ali, então finca uma cruz. É o que nós temos no cemitério também, tomo mundo tem uma cruzinha no cemitério, não é mesmo?

Mas eu nunca soube que lá tinha essa prática não.

Fátima, uma última questão: o que você considera assim importante fazer referência a essa devoção. Na sua percepção

O quê que é importante que a gente faça referência no trabalho a respeito dessa devoção, seja na representação do povo, seja como a igreja recebeu isso: existiu algum retaliamento, ou essa devoção ela foi sempre tranquila na visão da igreja? Como eu havia falado pra você: eu não conhecia essa devoção, nunca ouvi falar, né Não sei se algum padre tenha falado alguma ou ter ido contra não. Tanto é que lá em Januária, né eu tive oportunidade de ouvir do bispo, da boca do bispo que tomou posse lá, ele chegou e falou assim, teve aqui em Moc foi na cúria né e falando da importância da Santa Cruz, por que a praça lá é da santa cruz, o palácio é da Santa Cruz... E ele falou assim: “olha, eu cheguei lá em Januária, assumi – eu até não tinha falado nada dessa devoção pra ele não - e quando eu vi, um monte de gente na praça rezando na frente do cruzeiro. E esse povo rezava e cantava e ajoelhava e tornava rezar e tal... e eu lá da minha casa, vendo aquilo, chamei os padres e fui perguntar pra eles, o que era aquilo.” Aí eles falaram comigo que era uma devoção à santa cruz, uma festa de Santa cruz, que o povo fazia, o povo; era uma coisa do povo fazia, mas que ninguém nunca foi lá. Ai ele perguntou assim: Mas nenhum de vocês padres nunca foi lá? Não. Eles nunca convidaram, Dom Anselmo que era o bispo lá nunca mandou e nunca foi. Então eles fazem isso e agente respeita

essa devoção deles também. Ele falou: mas vocês perderam essa oportunidade de evangelizar? Ah, não! Eu não vou deixar isso não, ano que vem não vou deixar isso não; eu vou estar no meio deles; eu vou estar com eles!” Parece que ele assumiu isso lá na diocese. Aí eu falei com ele: pois é dom Geraldo aqui nas comunidades dele tem essa devoção, mas só depois que ele deixou de ser bispo, que era paróquia dele também, é que ele foi dar assistência, participar igual o senhor está falando. Ele disse que era um momento de evangelização que não podia perder.

(Agradecimentos)

E10 – Redelvino

[...]

Um amigo nosso, Clóvis teve um problema numa batida aí, que eu cheguei na casa dele ele nem caminhar ele tava caminhando. E aquilo eu fiquei com uma dó, agente era muito amigo... nem que não seja mas nesse momento a gente fica com dó. Eu, naquela segunda cruz lá, ela tinha até caído, tinha um pauzim veio lá, falei assim: ó gente, se esse rapaz der de caminhar, quando Deus ajudar que ele ficar bom, eu vou chamar ele pra nos carregar aquela cruz, e pôr lá de novo, renovar ela. Aí, pá de lá, pá daqui, ele ficou bom. Não tinha nem comentado antes; falei com ele: Ó Clóvis, eu fiz essa promessa, e nós pega, corta um pau lá e fazer a cruz e levar e pôr lá. E aí... bom e rezar um terço. E aí nós foi. Fizemo, rezamo o terço. E aí logo em seguida, eu tenho uma sobrinha também que tem problema... a í fiz uma promessa e nós fomo lá de novo. Aí nós passamo na casa de Zé Maria Cardoso, aí ele ia mais nós. Ai quando nós veio, eu falei: “gente, Deus é tão bom, a gente ta vendo tanto milagre... Clóvis tava com nós também. Clóvis tá curado a menina também então nós podia fazer uma visita aos cruzeiro. Antigamente tinha a Santa Cruz eu nem sabia, nunca tinha ido. Eu... mais de trinta ano de idade talvez...

E o senhor era católico?

Sou...

Sempre foi né... sua família...

Sempre fui.

Mas não tinha essa devoção?

Não, não tinha. Aí eu falei vamo fazer as cinco cruz. Aí fizemo, vamo convidar mais uns. Aí um convidou: Vamo almoçar aqui em casa. Aí nós fizemo, chegamo na casa dele almoçamos, chegamo na casa de Dona Diola nós tomamo café, fizemo. Quando foi no outro ano, aí era 30, 35 pessoas. Aí eu falei:ó esse ano nos vamo fazer diferente, vamo começar de cima e fechar lá em casa. Fizemo. Aí nós almoçamos aqui na Dona Diola... fomo lá nas cruz primeiro, duas cruz. E nos pegamo um sol de 3 hora da tarde, uma ladeira... não tinha condições. Aí chegamo em casa... Aí já era umas noventa pessoa. Aí surgiu a idéia: agora tem que fazer uma despesa que vai só crescendo e essa despesa tá ficando cara. E até hoje, no caso era eu, cumpade Beneti, Antônio Augusto, Tiãozinho e os demais, né pra que nós pudesse pagar aquela despesa né. Quando foi no outro ano eu falei: nós vamo cozinhar aqui no curral. Aí o primeiro

boi nós matamo, deu cinco arroba. Era um bezerro, né e aí fizemo o almoço. Mas naquelas altura já vinha mais de cento e tantas pessoa, umas cento e cinqüenta pessoa. E aí na hora de pagar lá que era nós oito... ó gente a despesa hoje... todo mundo: não, não, vamo ajudar pagar, divide isso aí. Dividiu e foi uma michariazinha pra cada um. Aí continuamo, aí já aumentou mais. Aí nós já começou com uma banda da vaca. Aí um dia, num deu mesmo... a metade já não dava, né... Quando a gente volta, sobra o resto da comida, aí nós mexe faz aquele mexidão, aí... gente, ó não tem prato, já é a palma da mão...aí que é importante, aí o mutirão de gente que chega, criancinha, pessoa de todo lado, ninguém tem problema de pôr na mão né aí nós reparte. Aí já não deu uma banda, nos compra uma vaca. Aí a turma vem continuando. Aí quando chegava no último cruzeiro lá, aí... e a despesa? Ah, ficou tanto. Então vamo dividir. Olha esse dia mesmo tinha 32 famílias, 2007...

O senhor guarda tudo?

Olha nós começamos em 2002 eu guardo todas. Ultimamente, aí já uns 4 anos, nós já recebe doação. Aí, graças a Deus o dia da Santa Cruz, todo mundo gostou, aí vem a doação: “ah eu vou doar uma vaca”, aí doa aquela vaca, aí nós contribui com as outras coisas que precisa, também já ganha, os guaraná o pessoal já doa também... aí não tem mais despesa pra pagar. Tem a mão de obra, né. Aí vem continuando. Esse ano mesmo nós já tem, até 2016 nós temo a vaca!

O que a caminhada significa para o senhor?

Aquela fé, né. Aquela fé que Deus e Nossa Senhora vai proteger a gente, muitos e muitos anos de vida e saúde e mais reunião com os amigo, um dia de festa pra nós...

O que a cruz significa para o senhor?

Ah, quando eu vejo a cruz já penso: Ô gente, a cruz a gente tem que adorar muito, por que até a gente tem mania de falar: mas eu to com uma cruz pesada. Então a cruz é uma grande coisa que a gente carrega mesmo, né.

O senhor tem a cruz em casa, num altar, na parede, o senhor usa a cruz assim?

Tem, tem sim.

Onde que o senhor coloca a cruz?

Eu coloco no quarto, né.

Por que o senhor coloca no quarto?

É por causa que fica mais bem guardada ainda. Mais localizada ainda pra...

Adoração?

É. Tenho a santa também em casa, né.

O senhor tem outros santos?

Tem, tem. Aqui nessa igreja do curral, tinha Santa Rita quando era uma igreja mais pequena, aí teve várias colaboração, ajudamo, ajudamo... quando foi um dia, eles me deu ela.

O senhor já alcançou algum milagre indo pra caminhada de Santa Cruz?

Assim; só da gente viajar, fazendo essas curva, né, morro, a cavalo, a gente nunca vê uma pessoa desmaiada, nunca vê uma pessoa caída ali, né. Quer dizer, o acidente ele acontece com todo mundo, né. E nós nunca viu isso, então pra mim é um milagre da Santa Cruz, né. E todo

mundo vai com aquela fé, aquela força e Deus ajuda que retorna em casa sem problema nenhum.

Quantos anos tem que o senhor participa da Santa Cruz?

Tá com dez anos.

E o que o senhor sabe sobre a história?

Acontece que foi apresentada pra nós pra comunidade e agora apresentar pro mundo inteiro, né!

Porque a data é 03 de maio? Alguém escolheu a data?

Isso é uma coisa que quando a gente nasceu, já tinha.

E o senhor sabe por que?

E aí pra trás, e aí eu não sei o que era. 03 de maio sempre foi comemorado o dia de Santa Cruz. As pessoa até pediram... às vezes dá meio de semana, né. Aí pediram: vamo fazer só final de semana. Não. Se é dia 03, nós vamos fazer dia 03. Como já fazia antes...

Quando o senhor começou a caminhar de novo, tinha parado há quanto tempo?

Ah, já tinha muitos anos. Já tinha mais de 15 anos.

O senhor sabe quem fincou as cruzeiras no Morro?

A primeira foi nós mesmo. Eu e meus irmão. Agora a segunda... a primeira que eu ouvi falar foi um tal de Bastião, não sei... e essa da igreja também foi nós, né. já aquela lá de cima nós já tornamo pôr outra, mas acho que foi Zé Cardoso. Já existia; lá em cima foi o Catarino; já morreu. O pessoal dele participa com nós também.

O senhor sabe me dizer o nome que foi dado para os cruzeiros?

O primeiro agente sabe que é de São Sebastião, usava o nome de santo. O segundo é de Bom Jesus. O primeiro é da Patrona.

E o segundo bom Jesus?

Por que deram esses nomes? É porque a gente faz uma promessa, né.

Faz a promessa e dá o nome do santo?

Pro santo, São Sebastião, faz a penitência e põe o nome daquele santo ali.

Tem outros três, né.

Tem esse aqui que é o de Santa Rita, né. Da igreja.

E o quarto?

O quarto eu não sei, não mas eu acredito que ele é do Bom Jesus também. E o quinto é o que tem mais na frente. Mas esse pode pôr também que ele é de São Sebastião também. Ou então que é a Santa Cruz mesmo, né.

Agora... os padres participam da festa?

Foi... Dom Geraldo, três vezes, a gente convidava ele participou três vezes.

Antes dele não veio ninguém?

Não. Antes dele ninguém.

O que mudou da festa, da caminhada, da primeira até hoje?

Só o movimento, que era menos pessoas e agora vem só aumentando...

Começou a vir tanta gente a partir de ... 2007, quando o senhor prometeu subir com seu amigo Clóvis?

Não. Foi em 2002.

Na caminhada, quem faz as orações, puxa os cantos... por que aquelas orações e aqueles cantos?

É uma homenagem a Santa Cruz; vai rezando, cantando...

E quando chega no cruzeiro já é outra oração?

É outra oração.

Aquela oração quem foi que ensinou ela?

Quem ensinou eu não sei, mas nós aprendemo ela com Zé Cardoso. Um homem muito devoto, ele era muito religioso.

E tem um motivo por que se reza aquela oração? E não outra?

Só aquela reza mesmo. De primeiro rezava 100 em cada um e hoje reza 20 e completa 100.

Aquela ornamentação, quem enfeita? O senhor já levou alguma coisa para enfeitar?

Sim, leva flor, papel pra enfeitar pra festa, uma fita pra ficar mais bonito... então...

O senhor já levou alguma coisa para o cruzeiro?

De promessa... às vezes só foguete, né.

O senhor vai lá mesmo se for um dia qualquer?

Vou. Vou lá e depois da caminhada a gente vai e vai muito.

Sempre foi visitado assim os cinco cruzeiros?

Sempre.

Eu ouvi dizer que tem outro do lado de lá também, que não visita mais né.

Tem. Esse é do Senhor Bom Jesus, e foi nós que colocamo também. Esse a gente vai também no dia 06 de agosto, e aí depois... lá é muito pesado também e a turma começou a esmorecer e não ta indo.

É muito alto?

É muito alto.

O senhor sabe se todos os participantes são católicos?

São.

As pessoas aqui tiveram catequese, freqüentou a igreja para fazer primeira comunhão?

Sim, fizeram.

O senhor sempre foi devoto da cruz ou só começou...

Não, sempre eu fui. A gente sempre fazia, minha mãe, “menino vamo lá na cruz fazer uma penitência”, levava uma pedra na cabeça. Isso aí eu fiz muito. Levava uma garrafinha d’água jogava na cruz e sempre recebia as graças.

No dia-a-dia o senhor lembra da cruz, faz o sinal da cruz...

Sim...

A oração que faz no cruzeiro, o senhor faz essa oração?
Só rezo no cruzeiro.

Tem uma oração preferida?
O pai-nosso, deita e levanta...

Esse desenho, a pessoa que fez... vocês escolheram e pediram pra fazer assim? Nós escolhemo. Tem a camisa da santa cruz tem que ter a cruz.

Porque esse desenho e não outro com a cruz mais fina?
É bonita... Tem uma que não tem desenho...

O que o senhor gostaria de lembrar sobre a história da caminhada?
Meu amigo, como ele ta ai hoje, bom e participando forte... eu sempre falo: gosto de fazer a promessa mas não gosto de ficar revelando... o cruzeiro lá já tava ruído...

No morro do cruzeiro tem gente enterrada lá?
Uai diz que tem.

O senhor sabe quem é?
Não, não. Deve ser essa turma que morava por ali... ah ele tá aqui é Tião ele pode saber.

Tinha esse costume aqui?
Eu acho que nem tinha ... ia carregando daqui e enterrava.

Carregava daqui pra onde?
Daqui pra Terra Branca. Pesava muito pegava e enterrava na chapada aí...

Tem festa da Mae Rainha aqui direto?
Não.

Só quando chega a imagem?
Sim

Ela circula aqui nas casas?
Circula nas casas todo mês

Além da devoção a Santa Cruz existe outra?
Não na região é só esta.

(Agradecimentos)

E11 - Sebastião

A gente começou andar com os pais da gente, ver os pais indo, a gente ia também né? E aí aquilo foi colocado dentro da gente essa história da cruz. Então quando chegou um tempo aí, a gente tem muito amigo, muita amizade, graças a Deus, então surgiu um problema de um acidente com um rapaz de vermelho que entrou aqui, Clovis e aí a gente ficou... Naquele ... demais. Aquilo chocou a gente. Que ele é uma pessoa da gente, toda comunidade, amigo... alguém aí, um outro fez um voto pra Santa Cruz e tal... que ia pôr uma cruz lá em cima do morro, rezava um terço para o Senhor Bom Jesus, pro Senhor Bom Jesus para ele sarar, um menino novinho, né. Aí quando foi, Deus teve misericórdia, nós não tinha mais, esperança nele mais e Deus retornou, ele voltou pra nós de novo, pra ficar conosco, e tá sempre conosco... aí a gente foi cumprir aquela promessa né, com Senhor Bom Jesus. Apanhou a lenha, mais ele, ele já tava bom, meio ruim mas já tava andando, que é melhor, e foi cumprir essa promessa. E agente achou bom, um tiquinho de gente, depois no outro ano a gente já começou a fazer uma coisa diferente, né. Ai já foi aumentando né, aí já aumentou mais... a gente falou: É... a gente tem fazer uma coisa melhor, o pessoal... Agora: vamos rezar mais? Vamos continuar? Vamos. Ai nós já começou fazer... rezar nos outros cruzeiros. Ai nos fizemos algo melhor, tinha cinco cruzeiros, aí nos já dividimos a Santa Cruz pra cinco... são cem ave-Maria, né. Então a gente dividia por cinco, né, então dava... rezamos 20 ave-maria em cada cruzeiro, por que aqui, que é a comunidade de Curral que é a nossa aqui, hoje... chamava aqui curral II, né, mas hoje, por honra e respeito a Dom Geraldo, a gente... Dom Geraldo pediu quem sabe nós colocava é... Santa Rita de Santa Cruz. E Dom Geraldo foi uma pessoa especial na nossa vida, que viveu conosco muitos anos, 20 ou 21 anos aqui, né, aí a gente foi e mudou, adotou. Não é curral II mais.

É Santa Rita?

Santa Rita de Santa Cruz.

E por que ele pediu para por santa Rita de Santa Cruz? Por causa dos cruzeiros e por que existia a festa?

É porque Dom Geraldo ele teve aqui, rezou um dia conosco, ai nós foi e convidou ele vir na Santa Cruz, que ia ser daí 3 dias. Aí... pois ele veio, para assistir conosco e ai gostou demais... Aí ele falou essa palavra e por respeito a ele, aí nos colocamos... colocamos.

E ele sabe?

Sabe. E ele continuou vindo. Toda Santa Cruz Dom Geraldo tava aqui, almoçava conosco, né.

Agora o senhor falou que quando o senhor tinha seis anos, seus pais iam...

Ia.

E fazia, levava alguma coisa?

Não. Não levava nada não.

Ia só rezar o terço?

Rezava o terço, rezava numa cruz, né.

Seus pais faziam alguma promessa, alguma penitência?

Fazia penitência sim. Num tava chovendo, tava aquele solão, aquele sol que tremia, aí fazia penitência, levava água pra cruz, levava pedra, colocava nos pezinhos da cruz... todo cruzeiro

tem um tanto de pedra, aí era a penitência; a gente levava, eles levavam uma pedra na mão, levava um vidrinho d'água, um litro que seja, já rezava e despejava e cantava, né...

Quais eram as músicas, o senhor lembra?

[...] que morou lá na serra [...] bom Jesus manda chuva cá na terra... Cantava isso aí...

E sua mãe, seus pais, eles demonstraram, tiveram um momento na vida um motivo especial para poder ir no cruzeiro, sem ser pra pedir chuva?

Tinha. O dia na cidade que tinha festa da Santa Cruz eles vinham participava... Eu perdi minha mãe com idade de 11 anos e meu pai, tem nove anos que meu pai faleceu, minha mãe faleceu com 33 anos e meu pai com 87. Casou de novo, construiu outra família.

Todos na sua família participam da festa de santa cruz, da caminhada?

Não. Não todos, de irmão não. Outros sim, outros não. Hoje inclusive eu tenho até irmão que é evangélico, né. Mora fora. A maioria mora fora, os que moram aqui na região todos vem...

São todos católicos?

Católicos, né.

Agora, Belo Horizonte tem uns dois lá que são evangélicos. Passou a evangélico há pouco.

Você então conheceu a caminhada desde criança, na verdade né, depois parou um tempo.

Por que você disse que só voltou agora quando o menino teve o problema...

É. Aí voltou, já começou a virar, aí virou a tradição. Já temos como tradição.

E você é devoto da cruz, tem altar com cruz na sua casa?

Eu tenho meu terço.

Só o terço? Tem cruz na parede?

O terço que eu rezo. Não a cruz na parede eu não tenho.

Carrega no bolso...

Tenho, mas tá tudo dentro da minha bolsinha lá em casa que eu guardo na bolsinha; e viagem, eu carrego meu terço...

Tem uma cruz dentro?

No terço, no terço.

Na sua casa não tem nenhum altar que o senhor pôs a cruz, ajoelha reza...

Não, não.

Outro dia você vai nos cruzeiros a não ser o dia da festa?

Vou toda vez que eu passo. Às vezes eu não to indo diretamente. Mas eu chego, eu faço minhas orações, eu respeito o cruzeiro.

Você tem essa pratica de fazer essa oração, elevar uma oração a Jesus na cruz, ou à cruz, ou à Santa Cruz?

Não. Assim... eu vou dizer francamente, eu não tenho assim um específico. Só que eu não deito sem rezar, não levanto sem rezar...

Você faz o sinal da cruz?

Faço. Quando vejo possível eu participo da novena do padre...

Aquele do pai eterno?

É. Padre Robson. Eu participo da novena dele... participo do terço todo dia domingo de manhã participo da missa, participo do... eu faço, eu tenho dois, três momentos de oração dentro do quadro de um mês: eu recebo Mãe Rainha, Mãe Rainha me visita uma vez ao mês e Jesus misericordioso me visita uma vez, de quinze em quinze dias fica comigo dois dias né, a gente rezando o terço, né da misericórdia então a gente tá mais ou menos assim.

Então você tem outros santos de devoção também, né?

Tenho também.

E aquela oração que agente faz lá no pé da cruz, você sabe, você reza ela todo dia?

A gente sabe assim... eu não vou dizer tudo ok, por que ninguém, a gente nunca aprende tudo né, eu já esqueci... Eu não lembro da oração, algumas partes se eu lembrar... por que ela é difícil...Ela é um pouquinho longa e agente confia muito nas pessoas que estão na frente, e num faz um pouquinho mais de atenção, de aprender sozinho,né? Eu não me lembro assim, sei que ela é grande e tinha umas palavras assim é...eu não sei a sequência...

Eu aprendi na sequência que fala assim:

“alma minha ... forte, agüentarei o golpe da morte

Que num campo Jesus achasse os inimigos de Santa Cruz

Cem vezes eu joelhei

Cem vezes eu me persignei

Cem vezes eu o chão beijei

Cem vezes eu me reneguei e renego

Cem ave-maria rezei”

Reza a Ave-Maria, né, Santa Maria...Cem vezes eu levantei”

Você, se chegar num cruzeiro, tem o hábito de ajoelhar beijar, rezar...assim, você faz isso?

Tenho.

O que mais você faz assim?

Ajelho, rezo...

Você faz alguma oração invocando o poder da cruz?

Rezo assim: por que sempre a gente reza assim... por uma pessoa. Quando você chega lá na cruz, você lembra de uma pessoa que foi falecido, então ali se tá rezando por ela.

Então a cruz; o que a cruz representa pra você, só ela? Quando você olha para a cruz qual o sentimento que você tem?

A gente tem assim como exemplo, da cruz por que foi a onde Jesus morreu pra nos salvar, e representa assim muito respeito a cruz. No dia que a gente casa, o sacerdote vira e fala toma sua cruz e siga-me. Jesus falou toma sua cruz e siga-me. Então o dia que agente casa, eu acho que a gente recebeu também uma cruz, que é a mulher e os filhos. E a mulher recebeu uma cruz os filhos e o marido. Agora eu acho que e uma coisa que a gente tem que levar muito em consideração assim.

Você teve algum milagre uma coisa sua assim, que você recebeu, uma graça muito grande, participando da caminhada?

Eu recebi sim, por que a gente... só que Deus dá a gente a graça da gente no primeiro dia que eles foram fazer a primeira a caminhada, eu não tava; tava doente, tava pro hospital. E aí graças a Deus vim, depois passei a participar montado numa mulinha, acompanhando montado numa mulinha, não guentava subir a ladeira. Eu sou portador da doença de chagas, e já fiquei. Já tive como criança na fralda, ai deus me ajudou que eu sarei, não 100% mas 80% , subo esses morro tudo acompanhando, faço parte ai de todo os eventos que eles fazem ai da santa crus, eu to agarrado, sou um dos consideráveis aí graças a deus.

E você participa por causa disso também, desse milagre?

Também. Deus me ajudou eu tava preso dentro do hospital das clinicas não tinha mais esperança; e vim deixei minha esposa, meus filhos e operado eu falei: eu vou morrer mesmo” Fui e pedi a Deus: pelo amor do Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora, que fizesse com que eu saía dali. Que se eu “panhasse” um espaço livre na minha vida, eu era por que eu queria ser solto como os pássaros voando, andava mesmo igual os aleijadinho que ta lá na rua, nas muleta, mas eu queria sair dali. Peguei com Deus e Deus... e fiz uma jura, um voto pra mim assim: eu gostava muito de passarinho e gosto, falei: ó se Deus me dar a graça de eu ir na minha casa ver minha mulher e meus filhos, vou soltar todos os meus passarinhos. Cheguei e soltei tudo pelo espaço e mais nunca eu preendi, nem prendo e brigo também se no meu terreno [...] um passarinho, não aceito, não. A liberdade que eu precisava, eu quero que ele tenha. E não prendo. E tenho passarinho nas minhas roças, pra todo ladougar que eu ando eu vejo passarinho e voa... amo os passarinhos... se prender eu brigo!

Você também é devoto de Nossa Senhora né, Tião?

Nossa Senhora Aparecida.

Sua família toda é católica?

É católica.

Você tem alguma coisa marcante da festa que você gostaria de falar, da caminhada?

Da caminhada de Santa Cruz eu gostaria muito da união das companhias, dos amigos, por que eu sou homem mas eu misturo junto com as mulher na cozinha. Esse cidadão que teve aqui sabe, também nós junta os homens e as mulheres trabalhando. Nós começa trabalho 3 dias, 4 dias antes preparando estrada, preparando os lugar, preparando as fornalhinhas, e nos já tem então uma equipe que organiza as camisa, pra fazer encomenda, trazer entregar em casa, né. E já tem aquela pessoas para poder correr atrás das mercadorias das despesas, o boi né, pra poder matar, pra receber o pessoal, fazer aquela organização bonita, né acompanhar e nós ainda tem a cozinha e né... e ai se faltar um, se faltar um o outro vai buscar! Mais os fundadores né, agora os outros todo mundo que vim e bem vindo.

Tem mais alguma coisa da historia da santa cruz, da caminhada aqui, antiga?

Fundadores, pessoas que botaram a cruz lá em cima, o cruzeiro, quem foi o primeiro...

Ó, quem colocou a primeira cruz lá eu não lembro, né a gente vê falar. Quem colocou aquela ali, a 2ª cruz foi Zé Cardoso. A terceira eu já pus minha mão para ajudar, foi o Catarino Veloso era genro de Zé Cardoso ali, ele rezava ali, né. Depois que Zé Cardoso começou, ai os filhos tiveram assim meio desentendimento, né e ficou assim já meio sem graça, já parou uns dias, uns tempos de rezar. Aí o Catarino ele passou a tomar conta da folia, ser o chefe de folia, aí ele pediu uma missa para benzer a fazenda dele, aí e colocou um cruzeiro e é dia de Santa Cruz. Aí veio um padre chamado Pe. Pedro, lá de Turmalina. Veio celebrar, eu lembro participei da santa missa.

Foi que dia Tiao?

Dia de santa cruz.

Dia três?

No Dia 03 de Maio, e ele levou a cruz, eu ajudei levar a cruz. Ajudei subir os materiais tudo na corda, para por lá em cima do morro. Você já foi lá?

Nesse de cá não. Só fui no de lá.

Ai colocou essa cruz lá, né.

Lá no catarino?

La no catarino Veloso. É a última que tem, fica em cima duma montanha...

É das últimas do dia?

E a última. De lá desce passa num riozinho e vem embora. A primeira que foi colocada mesmo, foi o Manoel Cardoso; essa lá acabou. E aí essa lá foi feito... já foi fazendo outra. Ela ta lá os pedaços.

Quem botou outra lá?

O Redelvino.

E lá da casa do Delvino, a primeira lá, foi ele que colocou, a primeira vez.

E aquela dali, foi Zé Cardoso, mas já acabou, nos colocamos outra, fizemos outra e colocou no lugar. La no Vando, lá no Catarino Veloso, isso foi dia de santa cruz, isso tem um bocado de ano, mas eu não lembro quantos anos tem.

E sempre foi dia 03?

Dia 03. E a última foi essa aqui, que era ali mas acabou né, a igreja era ali, aí nos fizemos a Igreja ali, e aí nos colocamos ela.

O senhor sabe porque que sempre foi dia 03 de maio? Os primeiros faziam dia 03 também?

É. Dia 03 de maio.

(Agradecimentos)

Questionários

Q1 - Laiane

1)Significa muito, uma forma de fé, diálogo, diversão, relembrar o sofrimento de Jesus por nós.

2)Há 7 anos. Sim. Porque gostamos e é uma forma muito gostosa de orar e agradecer a 'Deus' por tudo de bom em nossa vida.

3)Conheci a partir de familiares e amigos; que mim influenciou à ir participar com eles.

4)A questão de lembrar um pouco do sofrimento de Jesus, além de tudo adorando a Santa Cruz.

- 5)Sim o rosário. Para mim poder acompanhar certinho o terço em cada cruz.
- 6)Com a cruz não, mas com alguns Santos.
- 7)Sim. Pelo rosário que eu carrego no pescoço.
- 8)Traçar a cruz sim. Pois é um gesto muito bonito que nos foi deixado para lembrar do que Jesus passou na cruz por nós.
- 9)Não.
- 10)Pai nosso...
- 11)Sim no pescoço.
- 12)Não.
- 13)Morte e ressurreição de Jesus, que padeceu por nós, morreu por nosso amor, doou sua vida para cuidar de nós.
- 14)Sou devota de NOSSA SENHORA APARECIDA.
- 15)Sim.
- 16)Sim. Sim. Não. Sempre fui católica.
- 17)Lembrar de momentos inesquecíveis que sempre tem nas caminhadas. E nunca mim esquecer de um dos homens que era o organizador principal da santa cruz, e que hoje vive em cima de uma cadeira de rodas e não pode mais participar com a gente ;”DUDE” hoje vive só de lembranças da caminhada, ele sofre com um “derrame”, mas que nunca se esquece do povo e da caminhada.

Q2 - Maria Inês

- 1)Memória do Caminho de Jesus. Hoje: confraternização, união, fé.
- 2)Participou há 23 anos. Não trabalho (dia de semana)
- 3)Zé Cardoso–fundador–24 anos atrás já rezavam. Hoje organizaram; união das comunidades.
- 4)Devoção.
- 5)Não.
- 6)Quadro do Bom Jesus; Sinal do Cristão.
- 7)Ao levantar sinal da cruz.
- 8)Venerar o sinal da redenção.
- 9)Avó ensinou; levantar rezar 3 vezes a oração: “Cruz de Cristo, fazei em mim; Nossa Senhora seja por mim. Vivos e mortos fujam de mim” Proteção.
- 10)Pai-nosso... Consagração a Nossa Senhora das Graças.
- 11)Carrega terço.
- 12)Não.
- 13)Entrega de Jesus; Viver a nossa cruz dia-a-dia.
- 14)Nossa Senhora das Graças.
- 15)Santa Rita, Bom Jesus.
- 16)Católica. Avó contribuiu muito. Devota do Espírito Santo.
- 17)União. 25 anos.

Q3 - Maria Nilza

- 1)Significa uma forma de expressar a fé.
- 2)8 anos. Sim Porque gostam de rezar e a união que há em todos os participantes.
- 3)Através de uma promessa feita a um rapaz que sofreu acidente e corria risco de ficar paraplético.
- 4)A união, a paz, o fervor da fé de todos os participantes.

- 5)Levo o rosário. Porque com ele faço as minhas orações e principalmente conto as ave-marias.
- 6)Não.
- 7)Sim. Rezando o terço.
- 8)Sim. Porque é uma forma de me proteger das tentações do dia a dia.
- 9)Sim. Porque acredito que Deus ouve todas as vezes que clamamos por ele.
- 10)Pai-nosso...
- 11)Sim. Na bolsa.
- 12)Não me lembro de nenhuma.
- 13)Representa que Jesus morreu ali, pela nossa salvação.
- 14)Sim. Mãe Rainha.
- 15)Sim.
- 16)Sempre fui católica, recebi a catequese de meus pais. Nunca pratiquei outra religião.
- 17)Me lembro de um senhor, inclusive ele é que começou a fazer as camisas da caminhada e sofreu um AVC, hoje está em uma cadeira de rodas e não pode mais participar, seu nome é José Augusto.

Q4 - Nilma

- 1)A caminhada é de fé e muita devoção á cruz.
- 2)8 anos. Nem todos. Porque uns não aguentam.
- 3)Através da comunidade Santa Rita.
- 4)Eu gosto das união das pessoas e acho muito importante a reza e gosto da caminhada de cruz em cruz.
- 5)Não. Porque eu gostaria de leva um câmara eu não tenho, para filmar.
- 6)Não. Porque tem a igreja perto.
- 7)Lembro fazendo o sinal da cruz todos os dias.
- 8)Sim. Porque é o sinal da nossa fé e devoção.
- 9)Não. A da caminhada só no dia. Porque eu não aprendi a oração de cor.
- 10)Pai nosso...
- 11)Uso o rosário na bolsa que tem a cruz.
- 12)Ajoelha cem veze e levanta cem veze.
- 13)Represento o amor de Deus por nós.
- 14)Sim. Nossa Senhora Aparecida.
- 15)Sim.
- 16)Meus avós eram católico meus pais e eu nasci católica. Sim. Recebi a catequese. Não
- 17)Pessoas que gostavam de participar que morreram outros adoeceram e não aguenta ir mais com nós. Momentos que Dom Geraldo celebrava a missa, e hoje em dia não celebra mais.

Q5 – Ramone

- 1)A caminhada santa cruz é o momento em que me faz relembra a crucificação de Jesus Cristo.
- 2)Há 6 anos. Nem todos apenas alguns. Porque nem todos estão disponíveis para participar e outros nem moram aqui.

- 3)Através dos familiares e amigos que em todos os anos se juntavam para participar.
- 4)A caminhada é o momento em que amigos, familiares se reúnem em um dia para estar adorando a santa cruz o instrumento que se dá como a salvação de Jesus Cristo.
- 5)Não.
- 6)Não.
- 7)Sim. Ao me deitar e ao levantar; quando faço o sinal da cruz.
- 8)Sim. Porque eu tenho a cruz como um símbolo de salvação.
- 9)Oração não. Eu tenho o costume de fazer apenas o sinal da cruz no dia-dia.
- 10)Pai nosso...
- 11)Sempre trago o santo rosário.
- 12)Não exatamente a cruz, mas sem o santo rosário do qual eu tenho o objeto da cura dos meus males.
- 13)A cruz representa para mim como um instrumento de salvação de santidade e o símbolo revelador da vitória de Jesus Cristo.
- 14)Sou devota á nossa Senhora.
- 15)Sim.
- 16)Sou católica fui batizada na igreja católica, e tenho um amor enorme com a minha igreja. Viver na igreja católica é viver em Cristo.
- 17)O que mais é marcante nessa longa historia da santa cruz é a fala de ver tantos irmão de toda região para estar adorando o símbolo da salvação de Jesus Cristo a Santa Cruz.

Q6 – Stéfany

- 1)Aproximação comunidades aumento da fé encontrar amigos.
- 2)2 anos. Não.
- 3)Parentes colegas
- 4)Curiosidade; (1ª vez) importância para a vida.
- 5)Não.
- 6)Mais frequente igreja aos domingos 5º feira adoração.
- 7)Imagens dentro de casa; Mãe Rainha – dia 24 do mês.
- 8)Não sempre. Ao acordar, em situações divíceis. Conforto, Jesus ao lado; proteção; coragem.
- 9)Da santa cruz.
- 10)Pai-nosso... Ave-maria ...
- 11)Cruz no pescoço
- 12) ?
- 13)Sinal de alegria, gesto de Jesus; sentimento de culpa por ser pecador.
- 14)Nossa Senhora da Graças.
- 15)Sim. Guarda-roupas. Anjo; Santa Luzia.
- 16)Sim. Influência da família. (mãe)
- 17)Primeira vez que participou. A vista muito bonita.

ANEXO

Capa de DVD com imagens da Caminhada produzidas pela
devota Ana Lúcia

